



N.º 1 DO NEW YORK TIMES

JODI
PICOULT
SAMANTHA
VAN LEER

Entre as Linhas

UM PRÍNCIPE ENCANTADO. UMA LEITORA APAIXONADA.
PODERÃO SER FELIZES PARA SEMPRE?



BERTRAND EDITORA



Jodi Picoult é autora de mais de vinte livros, muitos dos quais chegaram ao número 1 de vendas do *New York Times*.

Samantha van Leer é estudante universitária de Psicologia e Desenvolvimento Humano. É coautora de *Entre as Linhas* e *Off the Page* com a sua mãe, Jodi Picoult.

Jodi e Samantha têm quatro cães: Alvin, Harvey, Dudley e Oliver, que deu o nome ao príncipe desta história.

Título original: Between the Lines
1.ª edição em papel: março de 2017
Autoras: Jodi Picoult & Samantha van Leer
Tradução: Rita Carvalho e Guerra
Revisão: Miguel Freitas
Design da capa: Marta Teixeira

© 2012 by Jodi Picoult and Samantha van Leer
Copyright das ilustrações de página inteira © 2012 by Yvonne Gilbert
Copyright das ilustrações do miolo © 2012 by Scott M. Fischer
Publicado por acordo com o editor original, Simon Pulse/
/Emily Bestler Books/Atria Books, uma chancela da Simon & Schuster, Inc.
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3427-7



Para Ema,
Que será sempre a heroína
da minha história.
Com amor,
Sammy

Para Tim,
Porque por vezes
os contos de fadas
tornam-se *mesmo* realidade.
Com amor,
Jodi

Uma Nota de Jodi Picoult

Estava em digressão por Los Angeles com um dos meus livros quando o meu telefone tocou. «Mãe», disse a minha filha, Sammy. «Acho que tenho uma ideia bastante boa para um livro.»

Não se tratava de algo extraordinário. Dos meus três filhos, Sammy sempre fora aquele cuja imaginação não tinha paralelo. Enquanto os outros miúdos brincavam com animais de peluche, Sammy espalhava os brinquedos pela casa e criava cenários elaborados — o ursinho de peluche estava ferido e preso no cimo do monte Everest e era preciso enviar um cão de resgate para subir até ao topo e salvá-lo. Na segunda classe, o professor de Sammy pediu-me que escrevesse no computador um conto dela. Aparentemente tinha quarenta páginas. Enviou-mo para casa com a minha filha e eu estava à espera de ler um fluxo desconexo de palavras — em vez disso, acabei por ler uma história francamente coesa sobre um pato e um peixe que se encontram num lago e se tornam melhores amigos. O pato convida o peixe para jantar e o peixe diz que adoraria ir. No entanto, o peixe começa a sentir algumas dúvidas: *E se eu for o jantar?*

A isso, minhas senhoras e meus senhores, chama-se CONFLITO, e é algo que não se ensina. Ou se nasce um contador de histórias ou não, e a minha filha — aos sete anos — parecia ter um sentido intrínseco de como criar tensão literária. A criatividade de Sammy continuou a florescer à medida que ia crescendo. Os seus pesadelos eram tão vívidos que poderiam rivalizar com os romances de Stephen King. Durante a adolescência, escreveu poesia que me fez vasculhar o fundo do baú em busca dos meus velhinhos diários poéticos — apenas para descobrir que ela era muito melhor escritora do que eu alguma vez fui nessa fase.

Por isso... quando Sammy me disse que tinha uma ideia interessante para um livro, ouvi-a atentamente.

E sabem que mais? Ela tinha razão.

E se as personagens de um livro tivessem vida própria depois de virada a última página? E se o ato de ler não fosse mais do que essas personagens a participarem numa peça, uma e outra vez... mas

essas personagens não deixassem de ter sonhos, esperanças, desejos e aspirações para lá dos papéis que desempenhavam, diariamente, para o leitor? E se uma dessas personagens desejasse desesperadamente sair do livro?

Melhor ainda: e se um dos seus leitores se apaixonasse pela personagem e decidisse ajudá-la?

«Mãe», disse Sammy, enquanto eu me arrastava pelo trânsito de Los Angeles. «E se escrevêssemos o livro juntas?»

«Está bem», respondi-lhe, «mas isso significa que *nós* vamos escrevê-lo. Não eu.»

O que se seguiu foram dois anos de fins de semana, férias escolares e tardes passadas lado a lado, ao meu computador, arquitetando diligentemente uma história. Acho que Sammy ficou surpreendida pelo trabalho árduo envolvido em estar sentada e imaginar durante horas a fio; pelo meu lado, aprendi que, se acham que é difícil convencer a vossa filha a limpar o quarto, é ainda mais difícil convencê-la a manter-se concentrada e a terminar um capítulo quando o tempo está agradável lá fora. Escrevíamos à vez e dizíamos literalmente todas as falas em voz alta. Eu dizia uma, depois Sammy avançava com a seguinte. Os momentos mais divertidos eram aqueles em que nos atropelávamos uma à outra e descobríamos que estávamos a pensar a mesma coisa — era como se estivéssemos a ter o mesmo sonho, de tal maneira que, no ato de escrever, éramos telepáticas.

Por vezes, quando estou a ler um grande livro, penso: «Uau, quem me dera ter sido eu a imaginar esta narrativa.» Tem sido uma honra ter a mesma reação quando a narrativa foi concebida pela minha própria filha. Quando Sammy me telefonou com a sua ideia, achei que era espantosa. Espero que, ao ler *Entre as Linhas*, também ache o mesmo.



O INÍCIO

Era uma vez, numa terra muito, muito distante, um bravo rei e uma bela rainha, que estavam tão apaixonados que, onde quer que fossem, as pessoas paravam o que estavam a fazer só para os ver passar. As mulheres dos camponeses, que discutiam com os seus maridos, esqueciam de súbito o motivo da sua zanga; os rapazinhos, que prendiam aranhas nas tranças das rapariguinhas, tentavam antes roubar-lhes um beijo; os artistas choravam, pois nada do que pudessem criar na tela se aproximaria da pureza do amor entre o rei Maurice e a rainha Maureen. Diz-se que, no dia em que descobriram que iam ter um filho, um arco-íris mais brilhante e grandioso que alguma vez se avistara ergueu o seu arco sobre o reino, como se o próprio céu agitasse uma bandeira de alegria.

Mas nem todos estavam felizes pelo rei e pela rainha. Numa gruta na extremidade mais distante do reino, vivia um homem que repudiara o amor. Quando nos queimamos uma vez no fogo, não saltamos de novo para as chamas. Certa vez, Rapscullio esperara viver o seu próprio conto de fadas, com o seu final feliz, com uma rapariga que olhara para lá do seu rosto marcado e dos seus membros retorcidos e lhe mostrara simpatia quando o resto do mundo não o fazia. Na sua mente, revivia o dia em que fora rudemente empurrado para a lama pelos colegas da escola — descobrindo, em seguida, a mais esguia das mãos brancas estendida para o ajudar a levantar-se. Como se agarrou a ela, àquele anjo, imaginando-a a sua tábua de salvação! Passara dias a compor poesia em sua honra e a desenhar retratos que nunca faziam justiça à sua beleza, esperando pelo momento certo para confessar o seu amor — apenas para a descobrir nos braços de um homem que ele jamais poderia ser: um homem alto, forte e destinado à grandeza. Rapscullio tornara-se, então, a cada dia que passava, mais sombrio e mais retorcido pelo ódio que sentia. Os retratos que pintava da sua amada deram lugar a planos intrincados de vingança contra o homem que, sozinho, arruinara a sua vida: o rei Maurice.

Certa noite, um rugido ergueu-se no exterior dos portões do reino, um som diferente de todos os sons alguma vez ouvidos. O chão tremeu e uma língua de fogo cortou o céu, queimando os telhados de palha da aldeia. O rei Maurice e a rainha Maureen correram para o exterior do castelo e viram uma monstruosa besta negra de asas cobertas de escamas do tamanho das velas de um navio, de olhos vermelhos como brasas. Atravessava furiosamente o céu noturno, sibilando o seu bafo sulfúrico e cuspidando chamas. Rapsclullo pintara um dragão numa tela mágica e o demónio ganhara vida. O rei fitou os rostos em pânico dos seus súbditos e virou-se para a sua mulher que, em sofrimento, se deixara cair de joelhos.

— O bebé — sussurrou ela. — Vai nascer.

Dividido entre o amor e o dever, o rei sabia o que tinha de fazer. Beijou a mulher, deixando-a deitada na sua cama, com as aias a assisti-la, e prometeu regressar a tempo de conhecer o seu filho. Depois, com uma centena de cavaleiros de armaduras de prata brilhante, ergueu bem alto a espada e cavalgou sobre a ponte levadiça do castelo montado numa onda de coragem e paixão.

Mas matar um dragão não é um feito fácil. Enquanto observava os seus leais soldados a serem arrancados das suas montadas e lançados para a morte pela besta de fogo, o rei Maurice soube que tinha de ser ele a resolver a situação. Tomou na mão esquerda a espada de um cavaleiro caído e, segurando com a direita a sua própria espada, avançou para desafiar o dragão.

À medida que a noite se tornava mais profunda e a batalha prosseguia violentamente fora das muralhas do castelo, a rainha lutava por trazer ao mundo o seu filho. Como era tradição nos nascimentos reais, as fadas do reino chegaram trazendo presentes, no preciso instante em que o recém-nascido vinha ao mundo. Pairavam, brilhantes, sobre a rainha, que estava louca de dor e preocupação pelo marido.

A primeira fada lançou sobre a cama salpicos de luz, tão brilhantes que a rainha teve de afastar o olhar.

— Eu dou a esta criança sabedoria — disse a fada.

A segunda fada libertou um jorro de calor, rodeando a rainha que permanecia deitada.

— Eu dou a esta criança lealdade — prometeu.

A terceira fada planeava oferecer ao bebé real coragem, pois todas as crianças da realeza precisam de uma dose saudável de coragem. Mas, antes que pudesse fazer a sua oferta, a rainha Maureen sentou-se de súbito na cama, os olhos muito abertos com uma visão do marido no campo de batalha nas garras do feroz dragão.

— Por favor — gritou. — Salvem-no!

As fadas olharam umas para as outras, confusas. O bebé jazia no colchão, silencioso e

imóvel. Tinham assistido a muitos nascimentos em que o bebê nunca chegava a inspirar pela primeira vez. A terceira fada esqueceu a coragem que planeava dar à criança.

— Eu dou-lhe vida — disse ela, a palavra rodopiando amarela dos seus lábios para a palma da mão. Com um beijo, lançou-a para a boca do recém-nascido.

Diz-se no reino que, no preciso momento em que o príncipe Oliver chorou pela primeira vez, o seu pai, o rei Maurice, dava o seu último grito.

Não é fácil crescer sem pai. Aos dezasseis anos, o príncipe Oliver nunca tivera uma verdadeira oportunidade de ser criança. Em vez de jogar à apanhada, tivera de aprender dezassete línguas. Em vez de lhe lerem histórias de embalar, teve de memorizar as leis do reino. Ele amava a mãe, mas parecia-lhe que, independentemente do que fizesse, jamais seria a pessoa que ela queria que ele fosse. Por vezes, ouvia-a nos seus aposentos, a conversar com alguém, e quando entrava não estava ninguém com ela. Quando ela olhava para o seu cabelo negro e os seus olhos azuis, e comentava como ele estava a ficar alto e parecido com o pai, parecia estar sempre à beira das lágrimas. Tanto quanto lhe era possível ver, havia uma diferença crítica entre si mesmo e o seu falecido e heroico pai: a coragem. Oliver era inteligente e leal, mas uma absoluta decepção no que dizia respeito à bravura. Num esforço para fazer a mãe feliz, Oliver compensava por excesso, passando os anos da sua adolescência a tentar fazer bem tudo o resto. Às segundas-feiras, presidia ao tribunal para que os camponeses pudessem apresentar-lhe as suas disputas. Concebeu uma maneira de alternar as colheitas no reino, de tal modo que os armazéns se mantinham sempre cheios, mesmo nos invernos mais duros. Trabalhava com Orville, o feiticeiro do reino, para criar uma armadura resistente ao calor, para o caso de ocorrer mais algum ataque com um dragão (ainda que quase tivesse desmaiado de ansiedade quando tivera de testar a armadura, atravessando com ela uma fogueira). Tinha dezasseis anos, idade mais do que suficiente para ocupar o trono, no entanto, nem a mãe nem os seus súbditos pareciam ter pressa de que isso acontecesse. E quem os poderia culpar? Os reis protegem os seus países. E Oliver não tinha pressa nenhuma de entrar em combate.

Ele sabia porquê, claro. O seu próprio pai morrera empunhando uma espada; Oliver preferia manter-se vivo, e as espadas não faziam parte desse plano. Tudo teria sido diferente, se tivesse um pai que lhe ensinasse *como* lutar. Mas a mãe nem sequer permitia que ele pegasse numa faca de cozinha. A única recordação de Oliver de violência fingida era de, aos dez anos de idade, fingir lutar contra dragões e piratas no pátio, com um amigo chamado Figgins, o filho do padeiro real, mas certo dia Figgins desapareceu. (Oliver

sempre se perguntou se a mãe não estaria por detrás de tal desaparecimento, num esforço para o impedir sequer de *brincar* às guerras.) O único amigo que Oliver alguma vez tivera depois disso fora, na verdade, um cão vadio que aparecera na mesma tarde em que Figgins desaparecera. E embora *Frump*, o cão, fosse um ótimo companheiro, não podia ajudar Oliver a praticar as suas habilidades com uma espada. Assim, Oliver cresceu alimentando um segredo colossal: estava encantado por nunca ter partido para uma batalha ou combatido num torneio, nem mesmo esmurrado alguém durante uma discussão... porque, no fundo, sentia-se aterrorizado.

Este segredo, contudo, duraria apenas enquanto reinasse a paz. O facto de o dragão que lhe matara o pai ter desaparecido para lá das montanhas e ficado adormecido durante dezasseis anos não significava que não estivesse a planear uma nova visita. E, quando isso acontecesse, todas as leis que Oliver decorara e as línguas que falava de nada serviriam sem a lâmina afiada de uma espada para as apoiar.

Certo dia, quando o tribunal de disputas se aproximava do fim, *Frump* começou a ladrar. Oliver deslizou o olhar pelo comprimento do grande salão e viu uma figura solitária, envolta da cabeça aos pés num manto negro. O homem caiu de joelhos à frente do trono de Oliver.

— Vossa Majestade — suplicou —, salvai-a.

— Salvar quem? — perguntou Oliver. *Frump*, que sempre fora bom a avaliar o carácter dos homens, mostrou os dentes e rosnou. — Calma, rapaz — murmurou Oliver, e estendeu a mão ao homem para o ajudar a levantar-se; por um momento, o homem hesitou, e depois agarrou-se como se se estivesse a afogar. — Qual é o vosso problema, bom cavalheiro? — perguntou Oliver.

— A minha filha e eu vivemos num reino muito distante. Ela foi raptada — sussurrou. — Preciso de alguém que a possa salvar.

Tratava-se de algo muito diferente do que Oliver normalmente ouvia — que um vizinho roubara a galinha de outro, ou que os vegetais no canto sul do reino estavam a crescer mais depressa do que os do canto norte. Oliver teve uma breve visão — ele, envergando uma armadura e cavalgando para salvar a donzela em apuros — e de imediato sentiu que ia vomitar o almoço. Aquele pobre homem não podia saber que, de todos os príncipes do mundo, escolhera o maior cobarde.

— Decerto haverá um outro príncipe mais adequado para a tarefa — disse Oliver. — Afinal de contas, sou uma espécie de noviço.

— O primeiro príncipe com quem falei estava demasiado ocupado com uma guerra civil no seu reino. O segundo príncipe ia partir em viagem para conhecer a sua noiva. Vós sois

o único que se mostrou, sequer, disposto a ouvir-me.

A mente de Oliver corria veloz. Já era suficientemente mau que *ele próprio* soubesse que era tímido, mas e se a notícia da sua cobardia se espalhasse para lá do reino? E se o homem regressasse à sua aldeia e dissesse a todos que o príncipe Oliver mal era capaz de lutar contra uma constipação... quanto mais contra um inimigo?

O homem tomou o silêncio de Oliver por hesitação e retirou do manto um pequeno retrato oval.

— Esta é a Seraphima — disse.

Oliver nunca vira uma rapariga tão bela. O seu cabelo era tão claro que cintilava como prata; os seus olhos tinham o tom violeta dos trajes reais. A sua pele brilhava como o luar, colorida apenas por um ténue rubor nas faces e nos lábios.

Oliver e Seraphima. Seraphima e Oliver. Tinha uma bela sonoridade.

— Descobri-la-ei — prometeu Oliver.

Frump olhou para ele e ganiu.

— Preocupar-me-ei com isso mais tarde — murmurou-lhe Oliver.

O homem retrocedeu com gratidão e, por um brevíssimo instante, o seu manto abriu-se o suficiente para que Oliver visse um rosto retorcido e marcado, e para que *Frump* voltasse a ladrar. Enquanto o pai da rapariga saía do salão recuando, Oliver deixou-se cair no seu trono, a cabeça escondida nas mãos, perguntando-se com que raio teria acabado de concordar.

— De maneira nenhuma — disse a rainha Maureen. — Oliver, o mundo lá fora é perigoso.

— O mundo aqui dentro também — realçou Oliver. — Eu podia cair das escadas do castelo. Podia morrer envenenado com comida estragada no jantar de hoje.

Os olhos da rainha encheram-se de lágrimas.

— Isto não tem piada, Oliver. Podes morrer.

— Não sou o pai.

Mal Oliver o disse, arrependeu-se. A mãe baixou a cabeça e limpou os olhos.

— Fiz tudo o que pude para te manter em segurança — murmurou. — E estás disposto a deitar tudo isso a perder por causa de uma rapariga que nem sequer conheces?

— E se for *suposto* eu conhecê-la? — indagou Oliver. — E se eu me apaixonar por ela como a mãe se apaixonou pelo meu pai? Não valerá a pena correr o risco por amor?

A rainha ergueu o rosto e fitou o filho.

— Há algo que tenho de te contar — disse.

Durante a hora seguinte, Oliver permaneceu sentado, enfeitiçado, enquanto a mãe lhe contava a história de um rapaz chamado Rapsclullo e do homem mau em que se tornara; enquanto lhe falava acerca de um dragão e três fadas; sobre os dons que lhe tinham sido oferecidos aquando do seu nascimento, e do dom que não o fora.

— Há anos que temo que Rapsclullo regresse um dia — confessou. — Que leve de mim a última prova que tenho do amor do teu pai.

— Prova?

— Sim, prova, Oliver — explicou a rainha. — *Tu*.

Oliver abanou a cabeça.

— Isto não tem nada que ver com Rapsclullo. Apenas com uma rapariga chamada Seraphima.

A rainha Maureen tomou a mão do filho na sua.

— Promete-me que não vais lutar. Contra nada nem ninguém.

— Ainda que eu quisesse, provavelmente não saberia como. — Ele abanou a cabeça, sorrindo. — Ainda não descobri propriamente um plano para o sucesso.

— Oliver, foste abençoado com muitos outros talentos. Se há alguém capaz de ter sucesso, esse alguém és tu. — A mãe levantou-se, erguendo as mãos para uma tira de cabedal que lhe envolvia o pescoço. — Ainda assim, deves levar isto contigo.

Do corpete do vestido, puxou um minúsculo disco circular que pendia da ponta do fio e entregou-o a Oliver.

— É uma bússola — disse ele.

A rainha Maureen acenou com a cabeça.

— Pertencia ao teu pai — disse ela. — E fui eu quem lha ofereceu. Está na minha família há várias gerações. — Ela olhou para o filho. — Em vez de apontar para norte, aponta para casa. — Ela sorriu, perdida nas suas memórias. — O teu pai costumava chamar-lhe o seu amuleto da sorte.

Oliver pensou no pai, corajoso e arrojado, a partir para combater o dragão com aquele objeto preso à volta do pescoço. Sim, levara-o para casa, mas não vivo. Engoliu em seco, perguntando-se como raio seria capaz de salvar aquela rapariga, sem ter sequer uma espada ao seu lado.

— Suponho que o pai nunca tivesse medo — murmurou.

— O teu pai costumava dizer que ter medo significava apenas que se tinha algo para que valia a pena regressar — disse a rainha Maureen. — E costumava dizer-me que tinha medo a toda a hora.

Oliver beijou o rosto da mãe e pôs a bússola em redor do pescoço. Enquanto deixava o grande salão, resignou-se ao facto de que a sua vida estava prestes a ficar muito, muito complicada.

OLIVER

Só para que saibam, quando dizem «era uma vez»... estão a mentir.

Não era uma vez. Nem sequer duas. São centenas de vezes, uma e outra vez. Sempre que alguém abre as páginas deste livro velho e poeirento.

— Oliver — diz o meu melhor amigo. — Xeque-mate.

Sigo o olhar de *Frump* e olho para o tabuleiro de xadrez, que na verdade não é de todo um tabuleiro de xadrez. São apenas quadrados traçados na areia da Praia da Eternidade, e um monte de fadas simpáticas que não se importam de fazer as vezes de peões, bispos e rainhas. Não existe um tabuleiro de xadrez na história, por isso temos de nos arranjar com o que temos, e, claro, temos de limpar todas as provas quando acabarmos, não vá alguém supor que há mais na história do que aquilo que sabem.

Não me lembro quando é que percebi pela primeira vez que a vida, tal como eu a conhecia, não era real. Que este papel que eu desempenhava uma e outra vez era apenas isso — um papel. E que, para que eu o pudesse desempenhar, tinha de haver uma terceira parte envolvida — nomeadamente um daqueles rostos grandes, redondos e planos, que obscurecem o céu sobre nós de cada vez que começa a história. As relações que veem nas páginas nem sempre são o que parecem. Quando não estamos a desempenhar os nossos papéis, somos livres para fazermos o que quisermos. Na verdade é bastante complicado. Eu sou o príncipe Oliver, mas *não* sou o príncipe Oliver. Quando o livro se fecha, posso parar de fingir que estou interessado em Seraphima ou que estou a combater um dragão, e em vez disso posso passar o meu tempo com *Frump* ou a provar os pratos que a rainha Maureen gosta de imaginar na cozinha, ou mergulhar no oceano com os piratas que, na verdade, são muito boas pessoas. Por outras palavras, todos temos vidas fora das vidas que representamos quando um Leitor abre o livro. Para todos os outros, esse conhecimento é suficiente. Sentem-se felizes a repetir a história incessantemente e a permanecer presos no palco, mesmo depois de os Leitores terem partido. Mas eu... eu sempre me perguntei. Dita a razão que, se eu tenho uma vida fora desta história, também os Leitores cujos rostos flutuam sobre nós a têm. E eles não estão presos dentro do livro. Então onde estão? E o que é que eles fazem quando o livro está fechado?

Certa vez um Leitor — um muito jovem — derrubou o livro e este caiu aberto numa página que não falava de mais ninguém a não ser de mim. Durante uma hora, vi o Outro Mundo a passar. Estes gigantes empilhavam blocos de madeira com letras gravadas dos lados, criando edifícios monstruosos. Mergulhavam as mãos numa mesa funda cheia com o mesmo tipo de areia que temos na Praia da Eternidade. Erguiam-se em frente a cavaletes, como o que Rapsclulio gosta de usar quando pinta, mas estes artistas usavam um estilo único — mergulhavam as mãos na tinta e espalhavam-na pelo papel em remoinhos de cor. Por fim, um

dos Outros, que parecia tão velho como a rainha Maureen, inclinou-se e franziu o sobrolho. «Crianças! Isto não é maneira de tratar os livros», disse, antes de me fechar.

Quando contei aos outros o que vira, eles limitaram-se a encolher os ombros. A rainha Maureen sugeriu que visitasse Orville por causa dos meus sonhos estranhos e lhe pedisse uma poção para dormir. *Frump*, que é o meu melhor amigo tanto dentro da história como fora dela, acreditou em mim. «Que diferença é que faz, Oliver?», perguntou. «Porquê perder tempo e energia a pensar num lugar e numa pessoa que nunca serás?» Arrependi-me imediatamente de ter falado no assunto. *Frump* nem sempre fora um cão – foi inscrito na história como Figgins, o meu melhor amigo de infância, transformado por Rapsclulio num cão comum. Tratando-se apenas de uma analepse no texto, a única vez que é lido, é visto como um cão – razão pela qual mantém essa forma mesmo quando saímos do palco.

Frump come a minha rainha.

– Xeque-mate – diz.

– Porque é que me vences sempre? – suspiro.

– Porque é que deixas sempre? – pergunta *Frump*, e coça-se atrás da orelha. – Pulgas estúpidas.

Quando estamos a trabalhar, *Frump* não fala – só ladra. Segue-me como, bem, como um cachorro fiel. Jamais se imaginaria, quando ele está a atuar, que na vida real está sempre a dar ordens a toda a gente.

– Acho que vi um rasgão no cimo da página quarenta e sete – disse eu, no tom mais casual possível, embora não conseguisse pensar em mais nada a não ser voltar lá para investigar desde que o vira pela primeira vez. – Queres ir lá espreitar?

– Sinceramente, Oliver. Outra vez não. – *Frump* revira os olhos. – Pareces um burro velho.

– Chamaram-me? – *Socks* trota para mais perto. Ele é o meu corcel de confiança e, uma vez mais, um excelente exemplo de que o que veem nem sempre é verdade. Embora relinche e bata os cascos com a confiança de um corcel nas páginas do nosso mundo, quando o livro está fechado não passa de uma pilha de nervos com a autoconfiança de um mosquito.

Sorrio-lhe, porque, se não o fizer, ele vai achar que estou zangado com ele. Ele é assim tão sensível.

– Não, nós não...

– Ouvi claramente a palavra *burro*...

– É apenas uma expressão – diz *Frump*.

– Bem, agora que estou aqui, digam-me a verdade – continua *Socks*, virando-se num meio círculo. – Esta sela faz com que o meu rabo pareça gordo, não faz?

– Não – respondo imediatamente, ao mesmo tempo que *Frump* abana vigorosamente a cabeça.

– És só músculo – diz *Frump*. – De facto, ia perguntar-te se tens feito exercício.

– Só estão a dizer isso para me fazer sentir melhor. – *Socks* funga. – Eu *sabia* que não devia ter comido aquela última cenoura ao pequeno-almoço.

– Estás com ótimo aspeto, *Socks* – insisto. – Sinceramente. – Mas ele agita a crina a afasta-se, amuado, para o lado oposto da praia.

Frump rebola até ficar de costas.

– Se tenho de ouvir aquele cavalo idiota a lamentar-se mais uma vez...

– É precisamente disso que estou a falar – interrompi. – E se não tivesses de ouvir? E se pudesses estar em qualquer lado, ser o que quisesses?

Eu tenho um sonho. É um pouco tolo, mas vejo-me a descer uma rua que nunca vi antes, numa aldeia que não consigo identificar. Uma rapariga passa por mim apressada, o cabelo preto agitando-se atrás dela como uma bandeira e, na sua pressa, choca comigo. Quando

estendo a mão para a ajudar a levantar, sinto uma centelha que se incendeia entre nós. Os seus olhos são da cor do mel e não consigo deixar de olhar para eles. *Finalmente*, digo, e quando a beijo ela sabe a menta e a inverno e a nada que se pareça com a Seraphima...

— Sim, pois — diz *Frump*, interrompendo-me. — Que oportunidades de carreira existem para um *basset hound*?

— Só és um cão porque te descreveram assim — digo. — E se pudesses mudar isso?

Ele ri.

— Mudar isso. Mudar a história. Sim, essa é boa, Ollie. Já agora, porque é que não transformas o oceano em sumo de uva e fazes voar as sereias?

Talvez ele tenha razão, talvez *seja* só eu. Todos neste livro parecem perfeitamente felizes com o facto de fazerem parte de uma história; de terem sido escravizados de modo a fazerem e a dizerem as mesmas coisas uma e outra vez, como uma peça representada para toda a eternidade. Provavelmente pensam que as pessoas no Outro Mundo têm o mesmo tipo de vida que nós. Acho que tenho dificuldade em acreditar que os Leitores se levantam todos os dias à mesma hora, comem o mesmo pequeno-almoço todos os dias, se sentam na mesma cadeira durante horas, têm as mesmas conversas com os pais, vão para a cama, acordam e fazem tudo outra vez. Acho mais provável que eles tenham vidas incríveis — e por incrível quero dizer: com livre-arbítrio. Estou sempre a perguntar-me como seria: sentir o livro abrir-se e, no entanto, não implorar à rainha que me deixe partir na minha demanda. Evitar ser apanhado na armadilha das fadas e andar sempre atrás de um vilão. Apaixonar-me pela rapariga cujos olhos são da cor do mel. Ver alguém que não reconheço e cujo nome não sei. Não sou esquisito, a sério. Não me importava de ser um talhante em vez de um príncipe. Ou de nadar pelo oceano e ser saudado como um atleta lendário. Ou de começar uma discussão com alguém que se atravessa à minha frente. Não me importava de fazer *qualquer* coisa, menos as mesmas coisas que tenho feito desde que me lembro. Acho que tenho apenas de acreditar que há mais no mundo do que o que existe dentro destas páginas. Ou talvez seja apenas uma questão de *querer* desesperadamente acreditar nisso.

Olho de relance para os outros. Entre leituras, as nossas verdadeiras personalidades revelam-se. Um dos *trolls* está a criar uma melodia numa flauta que fez com um pedaço de bambu. As fadas fazem palavras-cruzadas que o capitão Crabbe cria para elas, mas não param de fazer batota, procurando as respostas na bola de cristal do feiticeiro. E Seraphima...

Lança-me um beijo e obrigo-me a sorrir.

Ela é bonita, suponho eu, com o seu cabelo prateado e os olhos da cor das violetas do prado junto ao castelo. Mas o tamanho dos seus sapatos é maior do que o do seu QI. Por exemplo, ela acredita piamente que só porque a salvo uma e outra vez, como parte do meu trabalho, tenho de facto sentimentos por ela.

Vou ser sincero, não é um dia de trabalho assim tão duro beijar repetidamente uma rapariga bonita. Mas, passado algum tempo, começa a parecer tudo muito igual. Sem dúvida que não amo Seraphima, mas esse pequeno pormenor parece ter-lhe escapado. O que me faz sentir culpado sempre que a beijo, porque eu sei que ela quer mais de mim do que alguma vez lhe vou dar depois de fechado o livro.

Ao meu lado, *Frump* solta um longo e choroso uivo. Essa é a segunda razão por que me sinto tão culpado ao beijar Seraphima. Desde que me lembro que ele tem uma paixão por ela, e isso torna as coisas ainda piores. Como deve ser terrível assistir dia após dia enquanto eu finjo que me apaixono pela rapariga pela qual ele é louco.

— Lamento, amigo — digo-lhe. — Quem me dera que ela soubesse que é só a fingir.



– A culpa não é tua – responde ele, tenso. – Só estás a fazer o que tens de fazer.

Como se ele a tivesse conjurado, surge de súbito uma luz ofuscante e o nosso céu abre-se ao longo de uma costura.

– Aos vossos lugares! – grita *Frump*, frenético. – Malta! Assumam as vossas posições! – Ele corre a ajudar os *trolls* a desmantelarem a ponte, apenas para a poderem voltar a reconstruir.

Agarro na minha túnica e no meu punhal. As fadas que eram as nossas peças de xadrez erguem-se como centelhas e escrevem as palavras ATÉ LOGO no ar à minha frente, um rasto de luz à medida que desaparecem no bosque.

– Sim, e mais uma vez obrigado – digo educadamente, determinado a correr para o castelo para a minha primeira cena.

O que aconteceria, pergunto-me, se eu chegasse atrasado? Se me demorasse ou parasse para cheirar os lilases junto ao portão do castelo, de tal maneira que não estivesse no meu lugar quando o livro se abrisse? Permaneceria este fechado? Ou a história começaria sem mim?

Experimentalmente, abrando o passo, arrastando os pés. Mas de repente sinto um puxão magnético na parte da frente da minha túnica a impelir-me através das páginas. Estas correm enquanto eu salto entre elas, as minhas pernas movem-se ao dobro da velocidade enquanto as fito, impressionado. Consigo ouvir *Socks* a lamuriar-se na sua baia, nos estábulos reais, e o *splash* das sereias quando mergulham de volta ao mar e, de súbito, estou de pé onde deveria estar, à frente do trono real, no grande salão, durante o julgamento das disputas.

– Já não era sem tempo – murmura *Frump*. No último instante, uma brilhante tira de luz abre-se por cima de nós e, em vez de afastar o olhar como costumo fazer, desta vez ergo os olhos.

Consigo ver o rosto da Leitora – um pouco desfocado nas pontas, como o Sol visto a partir do oceano. E, tal como quando olhamos para o Sol, não consigo afastar o olhar.

– Oliver! – silva *Frump*. – Concentra-te!

Por isso, afasto o rosto daqueles olhos, exatamente da mesma cor que o mel; daquela boca, cujos lábios se afastavam ligeiramente como que prestes a dizer o meu nome. Viro a cabeça e aclaro a garganta, e pela centésima milionésima vez na minha vida digo a minha primeira fala na história.

Salvar quem?

Não escrevi as falas que pronuncio; foram-me atribuídas muito antes de me lembrar. Os meus lábios desenham as palavras, mas o som está na cabeça do Leitor, não sai da minha garganta. Da mesma maneira, todos os movimentos que fazemos são como se representássemos uma peça que se desenrola na imaginação de outra pessoa. É como se a ação e o som, no nosso minúsculo palco distante, estivessem a ser transmitidos para os pensamentos do Leitor. Não tenho a certeza de alguma vez ter aprendido esta informação – é algo que sempre soube, da mesma maneira que sei, quando olho para a relva e lhe associo uma cor, que essa cor é o verde.

Deixo que Rapsclullio me convença de que é um nobre de um reino muito distante, cuja filha adorada foi raptada – um discurso que já ouvi tantas vezes que, ocasionalmente, murmuro as palavras juntamente com ele. Na história, claro, ele não tem filha alguma. Está apenas a lançar-me uma armadilha. Mas não é suposto que eu o saiba, embora já tenha representado esta cena mil vezes. Por isso, enquanto ele fala sem parar sobre os outros príncipes que se recusam a salvar Seraphima, eu penso na rapariga que nos está a ler.

Já a vi antes. Ela é diferente dos nossos Leitores comuns – estes ou são maternais, como a rainha Maureen, ou suficientemente novos para se sentirem cativados por histórias

de princesas em perigo. Mas esta Leitora parece... bem, parece ser mais ou menos da minha idade. Não faz sentido. Decerto sabe — tal como eu — que os contos de fadas são apenas histórias. E que os finais felizes não são reais.

Frump percorre o chão de mármore polido preto e branco, a cauda a abanar vigorosamente enquanto desliza, e para ao meu lado.

De súbito, ouço uma voz — distante, através de um túnel, mas suficientemente clara: «Delilah, já te disse *duas* vezes... vamos chegar atrasadas!»

De tempos a tempos, ouço os Leitores falarem. Normalmente não leem em voz alta, mas de tempos a tempos ocorre uma conversa enquanto o livro está aberto. Aprendi bastante por ser um bom ouvinte. Por exemplo, *Dorme com os anjos* é, ao que parece, uma maneira comum de dizer boa noite, mesmo entre famílias que parecem não ser muito religiosas. Aprendi sobre coisas que o Outro Mundo tem e nós não; televisão (que é algo de que os pais não gostam tanto como de livros); *Happy Meals* (aparentemente, nem todas as refeições são felizes, apenas as que vêm em sacos de papel com pequenos brinquedos); e banhos (algo que se toma antes de dormir e deixa a pessoa encharcada).

— Deixa-me só acabar — disse a rapariga.

— Já leste esse livro mil vezes, já sabes como é que acaba. *Agora é agora!*

Já ouvi esta Leitora falar com a mulher mais velha. Pelas suas conversas, calculo que seja a sua mãe. Ela está sempre a dizer a Delilah para guardar o livro e sair. Dar uma volta e apanhar ar fresco. Falar com um amigo (porém, quantos amigos poderão estar assim tão perto?) e ir ao cinema (o que quer que isso seja). Repetidamente, espero que ela acate as indicações da mãe — mas a maior parte das vezes ela arranja uma desculpa para continuar a ler. Por vezes ela sai, mas abre o livro e começa a ler outra vez. Nem imaginam como isto é frustrante para mim. Aqui estou eu, a definhar dentro de um livro do qual desejo escapar, e ela só quer ficar na história.

Se ao menos eu pudesse falar com esta rapariga, Delilah, e perguntar-lhe por que raio trocaria ela um segundo que seja do mundo onde está por aquele onde me encontro preso.

Mas já tentei falar em voz alta com outros Leitores. Acreditem, foi a primeira coisa que tentei quando comecei ativamente a sonhar com a vida no Outro Mundo. Se eu conseguisse que uma das pessoas que segura o livro reparasse em mim, talvez tivesse uma oportunidade para escapar. No entanto, a pessoa que segura o livro só me vê enquanto decorre a história e eu sou obrigado a seguir o guião. Mesmo quando tento dizer algo como «Por favor! Ouvi-me!», acabo por anunciar «Estou a caminho para salvar a princesa!» como uma espécie de marioneta. Se alguma vez tivesse um motivo para acreditar que um Leitor me conseguia ver como sou — não por quem represento na história —, eu faria, bem, qualquer coisa. Gritaria com toda a força. Correria em círculos. Imolar-me-ia. Qualquer coisa, para que ele continuasse a ver-me.

Conseguem imaginar como seria saber que a vossa vida ia ser uma série de dias sempre iguais, repetições? Como príncipe Oliver, podem ter-me oferecido a vida... mas nunca me deram a oportunidade de viver.

— Já vou — diz Delilah por cima do ombro, e eu expiro pesadamente, soltando a respiração que não percebera estar a sustentar. A ideia de não ter de fazer tudo de novo... é uma dádiva, uma verdadeira dádiva.

A gravidade rodopia de forma estonteante, enquanto o livro se começa a fechar, algo a que já todos nos habituámos. Agarramo-nos aos pormenores: ao candelabro e às pernas da mesa e, em alguns casos desesperados, à cauda pendurada de uma letra como o *g* ou o *j*, até as páginas se fecharem por completo.

— Bem — digo, largando os cortinados a que me agarrara. — Parece que tivemos sorte desta...

Antes que consiga terminar, contudo, dou por mim a voar, de pernas para o ar, enquanto as páginas são rapidamente folheadas e o nosso mundo reabre precisamente no final da história. Como que por magia, Seraphima surge ao meu lado, cintilando no seu vestido tremeluzente. *Frump* tem as alianças presas a uma fita prateada em redor do pescoço. Os *trolls* seguram os pilares de um caramanchão nupcial, os duendes teceram fitas de seda que o envolvem e ondulam sob a brisa do mar. As sereias reúnem-se nos baixios do oceano, observando-nos amargamente enquanto casamos. Olho para baixo e, de súbito, entro em pânico.

O tabuleiro de xadrez. Ainda aqui está. As fadas que representavam as peças partiram, é certo, mas os quadrados que desenhei com um pau – a prova de que existe vida neste livro quando ninguém o está a ler – ainda estão gravados na praia.

Não sei porque é que o livro não o corrigiu. Nunca comete erros como este; sempre que somos lançados para uma nova página, constatamos que estamos prontos, com os fatos certos, com todos os adereços necessários no seu lugar. Quem sabe se isto não aconteceu antes, sem que eu tenha reparado. Contudo, dita a lógica que, se eu reparei, mais alguém poderá ter reparado.

Como um Leitor.

Delilah.

Respira fundo, Oliver, digo a mim mesmo.

– *Frump* – silvo.

Ele rosna, mas eu compreendo-o perfeitamente: *Agora não*.

Está bem, Oliver, digo a mim mesmo. Não é um desastre. As pessoas leem os contos de fadas pelo final feliz, não em busca de um tabuleiro de xadrez quase invisível, desenhado na areia, na última página. Ainda assim, tento puxar Seraphima para junto de mim, numa tentativa de esconder o tabuleiro sob o tecido do seu vestido ondulante. Seraphima, contudo, confunde as minhas ações com um desejo de me chegar, de facto, mais perto dela. Inclina o queixo e os seus olhos cerram-se, trémulos, esperando o meu beijo.

Estão todos à espera. Os *trolls*, as fadas, as sereias. Os piratas com as correntes das suas âncoras fortemente apertadas em redor de *Pyro*, o dragão, para o manter subjugado.

A Leitora também espera. E se eu lhe der o que ela quer, fechará o livro e será o fim.

Oh, *seja!*

Inclino-me e dou um beijo a Seraphima, enfiando as mãos no seu cabelo e puxando o seu corpo contra o meu. Consigo senti-la a derreter sob o meu toque, a apoiar-se em mim. Ela pode não fazer o meu género, mas, afinal, não há qualquer razão para que eu não me possa divertir no trabalho.

– *Delilah!*

Quando a rapariga se inclina, o céu escurece por cima de nós.

– Que estranho – murmura.

O dedo dela desce sobre nós, empurrando os limites do nosso mundo, dobrando o cenário onde nos encontramos. Sustenho a respiração, pensando que ela me vai encurralar, mas em vez disso toca precisamente no local onde o tabuleiro está gravado na areia.

– Isto – diz – nunca aqui esteve antes.

DELILAH

Sou esquisita.

Todos o dizem. Suponho que seja porque, enquanto outras raparigas de quinze anos estão a conversar sobre o melhor *gloss* para os lábios e que estrela do cinema é mais escaldante, eu prefiro enroscar-me com um livro. A sério — já *foram* a um liceu recentemente? Porque é que uma pessoa sã haveria de querer interagir com jogadores de hóquei Cro-Magnon, ou passar por entre as duas filas de raparigas maldosas que se encostam aos cacifos como se fossem polícias da moda, criticando os meus ténis bota desbotados e as minhas camisolas em segunda mão? Não, obrigada; prefiro fingir que estou noutro sítio e, sempre que abro as páginas de um livro, acontece isso.

A minha mãe preocupa-se comigo porque sou uma solitária. Mas isso não é inteiramente verdade. A minha melhor amiga, Jules, compreende-me perfeitamente. A minha mãe só se pode culpar a si mesma por não ser capaz de ver para lá dos alfinetes de ama que Jules enfia nas orelhas e da sua moicana cor-de-rosa. O melhor de passar tempo com Jules, contudo, é que, quando estou com ela, ninguém olha para mim duas vezes.

Jules compreende a minha fixação pelos livros. Sente o mesmo em relação a filmes de terror alternativos. Sabe todas as falas de *Fluido Mortal*. Refere-se às raparigas populares da nossa escola como Clones das Vagens.

Eu e Jules não somos populares. De facto, pode-se dizer que estou proibida de ser popular ou, já agora, de me aproximar a menos de trinta metros de alguém que seja popular. O ano passado, enquanto jogávamos *softball* no ginásio, bati com o taco no joelho esquerdo de Allie McAndrews, a líder da claque. Allie teve de ficar fora do topo da pirâmide durante seis semanas e de aceitar a sua coroa de rainha do baile de finalistas de muletas.

O pior é que nem sequer acertei na bola. Qualquer pessoa que não me odiasse antes da lesão passou a ter uma razão para me ignorar, ou para me sorrir com desprezo, ou para me empurrar contra



um cacifo quando passava pelos corredores. Exceto Jules, que se mudou para cá uma semana depois de tudo ter acontecido. Quando lhe contei a razão de ser uma pária social, ela riu-se. «É uma pena que não lhe tenhas partido os dois», disse ela.

Eu e Jules não temos segredos. Eu sei que ela é viciada em telenovelas e ela sabe que a minha mãe trabalha a dias. Só há uma coisa que não contei a Jules: que, durante a última semana, a razão por que a tenho evitado é por me sentir envergonhada pela minha escolha de material de leitura.

Um conto de fadas escrito para miúdos da primária.

Se acham que é suicídio social deixar, literalmente, a líder da claque de joelhos, deviam experimentar ler um livro para crianças à vista de todos num liceu. Se lerem Dostoiévski, serão esquisitos mas inteligentes. Se lerem banda desenhada, serão esquisitos mas estão na moda. Se lerem um conto de fadas, serão simplesmente totós.

Descobri esta história há um mês, enquanto comia calmamente o meu almoço na biblioteca da escola. Estava sentada, a mastigar uma sanduíche de manteiga de amendoim e *marshmallow*, quando reparei que um dos livros na prateleira à minha frente estava de pernas para o ar e com a lombada para trás, como se tivesse sido ali entalado. Achando que podia ajudar a senhora Winx, a bibliotecária, levantei-me para corrigir a situação e fui atingida por um enorme choque elétrico na ponta dos dedos.

O livro estava esfarrapado e a sua lombada mal se aguentava — seria de esperar que já tivesse encontrado o seu caminho para a feira anual, onde se podem comprar romances antigos por dez cêntimos. Era ilustrado — claramente um conto de fadas —, mas tinha sido arrumado junto aos livros de não ficção sobre a Primeira Guerra Mundial. E o mais estranho de tudo: não tinha um código de barras para ser requisitado.

— Senhora Winx — perguntei —, já leu este?

— Oh, há muito tempo — disse-me ela. — Na verdade, é especial. A autora pintou à mão as ilustrações e mandou encaderná-lo.

— Deve valer uma fortuna!

— Nem por isso — disse a senhora Winx. — A escritora era conhecida pelos seus romances policiais. Isto foi uma espécie de experiência para ela. Um protótipo que nunca evoluiu. De facto, não voltou a escrever outro livro depois deste. Eu era uma grande fã dos seus outros romances e não pude deixar escapar este quando o vi numa venda de caridade. Assim, por cinco cêntimos, tornou-se propriedade da escola.

Olhei para a capa — *Entre as Linhas*, de Jessamyn Jacobs.

Requisitei-o logo nesse primeiro dia e, enquanto estava na aula de Ciências, escondi o conto de fadas dentro do meu manual e li-o de ponta a ponta. É sobre um príncipe, Oliver, que parte numa busca para salvar uma princesa que foi raptada pelo maléfico Rapsullio. O problema é que Oliver, ao contrário da maior parte dos príncipes dos contos de fadas, não é grande adepto do risco. O seu

pai morreu em combate e, no que dizia respeito a Oliver, mais vale prevenir do que remediar.

Acho que foi isso que me levou a continuar a ler. A primeira coisa que ficamos a saber sobre Oliver é que não é fácil crescer sem um pai. Era como se as palavras tivessem saído diretamente da minha boca. O meu pai não morreu em combate, deixou a minha mãe quando eu tinha dez anos e arranjou uma nova família, melhorada. Nesse ano, ela chorou todas as noites. Eu era uma aluna de 20 — não porque gostasse da escola, mas porque não queria ser mais uma pessoa a dececionar a minha mãe. Tivemos de mudar-nos para uma casa mais pequena e a minha mãe teve de trabalhar com afinco a limpar as casas das raparigas que me tratavam como lixo.

Hora das confissões: o Oliver é mais giro do que qualquer rapaz da minha escola. É verdade que é bidimensional e ilustrado. Não me critiquem — vão ver o Wolverine dos *comics* dos X-Men e digam-me que ele não é um espanto. Com o cabelo preto como azeviche e os olhos claros, Oliver parece estar a sorrir da página diretamente para mim. Obviamente, qualquer rapariga normal encararia isto como um sinal de que precisa de sair mais vezes. Mas eu, bem, não tenho muitos sítios para onde ir.

Além disso, ele é inteligente, ultrapassa um obstáculo após o outro — não com a sua espada, mas com a sua inteligência. Por exemplo, quando é capturado por um trio de assustadoras sereias loucas por rapazes, promete-lhes sair com elas em troca de um saco de provisões — destroços e lixo arrastados para o oceano depois dos naufrágios. Ele usa essa tralha — o lixo de algumas pessoas — para se salvar das garras do feroz dragão que matou o seu pai. Não é um príncipe típico, está fora do seu elemento, um pouco como eu. É o tipo de rapaz que não se importaria de ler, lado a lado, numa saída romântica. E sabe beijar, ao contrário de Leonard Uberhardt, que quase me tentou engolir inteira atrás do parque infantil no sétimo ano.

Nessa primeira semana, li o livro tantas vezes que decorei as palavras; conhecia a disposição das imagens nas páginas. Sonhei que estava a ser perseguida por Rapsclullo ou obrigada pelo capitão Crabbe a andar sobre a prancha. Todas as semanas, levava o livro de volta à biblioteca, porque essa era a política da escola. Tinha de esperar até que ele fosse devolvido à sua prateleira, um dia depois, dando a outras pessoas a oportunidade de o lerem. Mas que outros alunos do nono ano querem saber de contos de fadas? O livro estava sempre à minha espera, pelo que podia voltar a requisitá-lo e a reafirmar o meu lugar como o Maior de Todos os Falhados.

A minha mãe estava preocupada. Porque é que uma rapariga como eu, que lia com facilidade romances para adultos com mil páginas, andava obcecada com um livro para crianças?

Eu sabia a resposta, não que o fosse admitir a quem quer que fosse.

O príncipe Oliver compreendia-me melhor do que qualquer outra pessoa no mundo.

É verdade, nunca o tinha conhecido. E é verdade, não passava de uma personagem ficcional. Mas também era aquilo que as pessoas precisavam que ele fosse: um herói deslumbrante, um pacificador bem-falante, um ilusionista arguto. Por outro lado, o príncipe Oliver nunca existira em qualquer outro

lugar que não numa página e no cérebro de uma qualquer autora. Não sabia o que era ser enfiado num cacifo pelas meninas da claque e deixado no seu interior até que alguém da limpeza me ouvisse gritar.

Hoje, ao acordar e fixando os olhos no teto, decido que vai ser diferente. Primeiro, vou devolver o livro à biblioteca. No meu diário de Inglês, vou escrever que tenho andado a ler *The Hunger Games* para o trabalho de leitura externa (como 98 por cento do nono ano) e vou explicar porque é que prefiro Peeta a Gale. Vou dizer a Jules que devíamos ir à maratona de *Rocky Horror*, no cinema de preço reduzido, este fim de semana. Depois, em Ciências, vou finalmente ganhar coragem para falar com Zach, o meu parceiro de laboratório *vegan* que insiste em dar migalhas de tofu à dioneia da turma e que provavelmente salvará baleias antes de fazer vinte e um anos.

Sim, hoje é o dia em que tudo vai mudar.

Levanto-me, tomo banho e visto-me, mas o conto de fadas está pousado na minha mesa de cabeceira, onde o deixei antes de dormir. *Deve ser esta a sensação de se ser viciado*, penso, tentando lutar contra o impulso de uma última leitura rápida. Sinto uma comichão nos dedos que os atrai para a capa e, por fim, com um suspiro de arrependimento, agarro no livro e abro-o, lendo avidamente a história. Mas desta vez algo parece errado. É como uma comichão entre as sobrancelhas, uma ruga na mente. Franzindo o sobrolho, percorro o diálogo que decorre tal como devia. Olho de relance para a ilustração: o príncipe sentado num trono, o cão à espera ao seu lado.

— Delilah, já te disse *duas* vezes... vamos chegar atrasadas!

Fito a página, os meus olhos semicerram-se. O que é que está errado?

— Deixa-me só acabar...

— Já leste esse livro mil vezes, já sabes como é que acaba. *Agora é agora!*

Folheio o livro até à última página. Quando o vejo, nem acredito que nunca reparei nisto antes. Logo à esquerda do cintilante vestido da princesa Seraphima, desenhado na areia, está uma grelha. Uma espécie de cartão de bingo. Ou um tabuleiro de xadrez.

— Que estranho — digo baixinho. — Isto nunca aqui esteve.

— DELILAH EVE!

Quando a minha mãe usa o meu nome do meio, significa que está *mesmo* zangada. Fechei o livro e enfiei-o na mochila, depois corri escada abaixo para tomar o pequeno-almoço antes de ser deixada na escola.

A minha mãe já ergue a sua chávena de café, enquanto eu agarro numa fatia de pão torrado e o barro com manteiga.



— Mãe — pergunto —, alguma vez leste um livro e ele... mudou?

Ela olha por cima do ombro.

— Bem, claro. A primeira vez que li *E Tudo o Vento Levou*, quando Rhett deixa Scarlett, tinha quinze anos e achei que todo aquele amor não correspondido era loucamente romântico. Da segunda vez que o li, o verão passado, achei-a uma tolinha e a ele um porco egoísta.

— Não é a isso que me refiro... Isso és *tu* a mudar, não o livro. — Dou uma dentada na torrada e empurro-a para baixo com sumo de laranja. — Imagina que leste uma história algumas cem vezes e que esta sempre decorreu num navio. E depois, certo dia, lêes a história, e ela passou a decorrer no faroeste.

— Isso é ridículo — responde a minha mãe. — Os livros não mudam à frente dos nossos olhos.

— O meu mudou — digo.

Ela vira-se e olha para mim, a cabeça inclinada como se estivesse a tentar perceber se estou a mentir, se enlouqueci ou ambos.

— Precisas de dormir mais, Delilah — anuncia ela.

— Mãe, estou a falar a sério...

— Viste, simplesmente, algo em que não tinhas reparado antes — diz a minha mãe, e veste o casaco. — Vamos.

Mas não é algo em que não tinha reparado antes. Tenho a certeza.

Durante todo o caminho até à escola, levo a mochila pousada no colo. Eu e a minha mãe falamos de coisas que não importam — a que horas vai voltar do trabalho; se estou preparada para o meu teste de Álgebra; se vai nevar — quando tudo aquilo em que consigo pensar é num ténue tabuleiro de xadrez gravado na areia da praia, na última página do conto de fadas.

O nosso carro para em frente ao edifício.

— Tem um bom dia — diz a minha mãe, e eu dou-lhe um beijo de despedida.

Passo a correr por um miúdo agarrado aos auscultadores e pelas raparigas populares que se apinham como uvas. (A sério, alguma vez veem só *uma* delas?)

O atual casal da moda na escola, Brianna e Angelo — ou BrAngelo, como são conhecidos —, estão nos braços um do outro à frente do meu cacifo.

— Vou sentir saudades tuas — diz Brianna.

— Também vou sentir saudades tuas, querida — murmura Angelo.

Por amor de Deus. Até parece que vai partir para uma viagem à volta do mundo. Vai só à sala de orientação.

Não me apercebo de que falei em voz alta, até os ver aos dois a olhar para mim.

— Arranja vida própria — diz Brianna.

Angelo solta uma gargalhada.

— Ou pelo menos um namorado.

Eles vão embora, abraçados, as mãos enfiadas no bolso de trás das calças de ganga um do outro.

O pior é que é verdade. Não conheceria a sensação de um amor verdadeiro nem que levasse com ele na cara. Tendo em conta a experiência da minha mãe com o romance, nem me devia preocupar — mas há uma parte de mim que se pergunta como será ser a pessoa mais importante para outro alguém, sentir-se sempre como se faltasse um pedaço quando ele não está por perto.

Ouçoo uma pancada no metal do cacifo ao lado do meu e ergo os olhos, vendo Jules a bater com a mão contra ele, numa tentativa de me chamar a atenção.

— Ei — diz Jules. — Terra chama Delilah? — Hoje está vestida com um véu preto e uma minissaia por cima de umas *leggings* que parecem ter sido rasgadas com uma lâmina. Parece-se com uma noiva-cadáver. — Onde é que te meteste a noite passada? — pergunta. — Mande-te umas mil mensagens.

Hesito. Escondi de Jules a minha obsessão pelo conto de fadas, mas, se há alguém capaz de acreditar em mim quando digo que um livro mudou diante dos meus olhos, esse alguém é a minha melhor amiga.

— Desculpa — digo. — Fui para a cama cedo.

— Bem, as mensagens eram todas sobre o Sojas.

Corei. Às três da manhã, da última vez em que dormimos em casa uma da outra, confessei-lhe que achava que o Zach da minha aula de Ciências talvez tivesse o que era preciso para ser meu namorado no futuro.

— Ouvi dizer que ele foi sair com a Mallory Wegman no fim de semana passado.

Mallory Wegman já físgara tantos rapazes da nossa turma que a alcunha dela era a Pescadora. Deixei que a notícia assentasse, e o facto de ter pensado em Zach esta manhã, antes de ler o meu livro, algo que parecia ter acontecido há mil anos.

— Ele anda a dizer a toda a gente que ela lhe deu à socapa um hambúrguer a sério em vez de um vegetariano e que isso lhe sobrecarregou o sistema. Que não se lembra de ter feito o que quer que seja com ela.

— Devia ser uma carne muito boa — murmuro. Por um segundo, tento lamentar a perda de Zach, a minha potencial paixoneta, que agora tem alguém de verdade, mas só consigo pensar em Oliver.

— Tenho de te dizer uma coisa — confesso.

Jules olha para mim, subitamente séria.

— Estava a ler um livro e ele... parece que mudou.

— Compreendo perfeitamente — responde Jules. — A primeira vez que vi *O Ataque dos Tomates Assassinos* soube que a minha vida nunca mais seria a mesma.

— Não, não fui *eu* que mudei, foi o livro que mudou. — Enfio a mão na mochila e agarro no conto de fadas, folheando diretamente para a última página. — Olha.

O príncipe? Sim, de pé, onde se encontra normalmente.

A princesa? Idem.

O *Frump*? A abanar alegremente a cauda.

Tabuleiro de xadrez?

Desapareceu.

Estava ali há menos de meia hora e, de súbito, desapareceu.

— Delilah? — pergunta Jules. — Estás bem?

Sinto-me inundada de suores frios. Fecho o livro e volto a abri-lo; pestanejo rapidamente para limpar os olhos.

Nada.

Volto a guardar o livro na minha mochila e fecho o cacifo.

— Eu, hum, tenho de ir — digo a Jules, passando por ela apressadamente ao mesmo tempo que a campainha toca.

Só para que saibam, eu nunca minto. Eu nunca roubo. Eu nunca falto às aulas. Em suma, sou a aluna perfeita.

O que torna aquilo que estou prestes a fazer ainda mais chocante. Viro no sentido oposto e começo a andar em direção ao ginásio, embora devesse estar na aula de orientação.

Eu, Delilah McPhee.

— Delilah? — Levanto os olhos e vejo o diretor mesmo à minha frente. — Não devias estar na aula de orientação?

Ele sorri-me. Também não está à espera de que eu falte às aulas.

— Hum... A senhora Winx pediu-me que fosse buscar um livro ao professor de ginástica.

— Oh — diz o diretor. — Excelente! — Faz-me sinal para continuar.

Por um instante, fico simplesmente a olhar para ele. Será realmente assim tão fácil tornar-me alguém que não sou? Depois começo a correr.

Não paro antes de chegar aos balneários. Sei que estarão vazios a esta hora da manhã. Sentada num banco, tiro o livro da mochila e volto a abri-lo.

Os verdadeiros contos de fadas não são para os fracos de coração. Neles, as crianças são comidas por bruxas e perseguidas por lobos; as mulheres ficam em coma e são torturadas por parentes maldosos. No entanto, toda essa dor e todo esse sofrimento valem a pena quando se chega ao final: felizes para sempre. De súbito, já não importa que tenhas tido um B no teste de Francês ou que sejas a única rapariga na turma que não tem par para o baile de primavera. Felizes para sempre sobrepõe-se a tudo isso. Mas e se o *para sempre* pudesse mudar?

Foi assim com a minha mãe. A certa altura, ela amou o meu pai, caso contrário não se teriam casado — mas, agora, ela nem sequer quer falar com ele quando ele me telefona nos anos e no Natal. Da mesma maneira, talvez o conto de fadas não seja correto. Talvez a primeira linha deva ser algo do género *As aparências enganam*.

Continua a não haver nenhum tabuleiro de xadrez na areia.

Começo a percorrer furiosamente as páginas. Em quase todas elas, o príncipe Oliver está acompanhado por algo ou alguém — o seu cão, o vilão Rapsclullo, a princesa Seraphima. Mas há uma ilustração onde ele está completamente sozinho.

Na verdade, é a minha preferida.

Surge perto do final da história, depois de ter levado a melhor sobre o dragão *Pyro* e ter deixado o animal entregue aos cuidados do capitão Crabbe e dos piratas. Em seguida, enquanto os piratas levam o dragão para bordo do seu navio, Oliver é deixado sozinho na costa, a olhar para o penhasco sobre o qual se ergue a torre onde Seraphima é mantida prisioneira. Na imagem da página 43, ele começa a subir.

Aproximo o livro do rosto, para poder ver Oliver com mais clareza. Está desenhado a cores, o seu cabelo preto como azeviche agitado pela brisa, os braços tensos, enquanto trepa a parede de rocha nua. A sua túnica verde-garrafa está esfarrapada: queimada pelo bafo ardente de *Pyro* e rasgada pela sua fuga dos grilhões no barco pirata. Tem o punhal preso entre os dentes, para se poder agarrar à saliência seguinte. O rosto está virado para o oceano, onde o navio desaparece à distância.

Acho que a razão pela qual gosto tanto desta ilustração é a expressão estampada no seu rosto. Seria de esperar, por esta altura, que já tivesse sido tomado por uma determinação feroz. Ou talvez por um amor radiante pela princesa próxima. Mas em vez disso parece... bem... que lhe falta qualquer coisa.

Quase como se preferisse estar a bordo do navio pirata. Ou em qualquer outro lado que não onde está, na face do penhasco rochoso.

Como se estivesse a esconder algo.

Inclino-me para a frente, até o meu nariz quase tocar na página. A imagem turva-se quando me aproximo, mas, por um instante, tenho a certeza de que os olhos de Oliver se afastaram do oceano e se viraram para mim.

— Quem me dera que fosses real — sussurro.

Pelo altifalante do balneário, ouço a campainha a tocar. Isso significa que a aula de orientação terminou e tenho de ir para a de Álgebra. Com um suspiro pouse o conto de fadas no banco, o livro ainda aberto. Abro a mochila e volto a pegar no livro.

E arquejo.

Oliver continua a trepar pela face rochosa. Mas o punhal que tinha preso entre os dentes está agora na sua mão direita. Aço contra pedra, a sua ponta grava a mais ténue das linhas brancas no granito escuro, e depois outra e uma terceira.

A

Esfrego os olhos. Não se trata de um *Nook*, de um *Kindle Fire* ou de um *iPad*, apenas de um velho livro comum. Sem animações, sem efeitos especiais. Sustenho a respiração, toco no papel,

naquele preciso lugar, e ergo de novo o dedo.

Duas palavras surgem na superfície da parede rochosa.

AJUDA-ME.



PÁGINA 11

Vendo pelo lado positivo, compreendeu Oliver, as hipóteses estavam a seu favor, pois a sua suposta noiva não se encontrava em coma, nem tinha uma corda de cabelo pela qual ele teria de subir para a salvar. No entanto, ia partir para a demanda às cegas — nada sabendo sobre o local onde a rapariga poderia estar.

Tinha selado o seu corcel, *Socks*, e agora hesitava no exterior das muralhas do castelo. Olhando de relance para *Frump*, que trotava ao lado do seu mestre, falou em voz alta.

— Para que lado, rapaz? — perguntou Oliver. Era extremamente difícil salvar uma princesa, percebeu, quando se tinham muito poucas pistas para começar.

Frump ladrou, espetando o focinho na direção da Floresta Encantada.

Oliver estremeceu. Embora esse fosse o caminho mais rápido para a cabana do feiticeiro Orville — a pessoa no reino com maior probabilidade de descobrir pistas para a demanda de Oliver —, também estava repleto de perigos. Havia raízes nas quais o cavalo poderia tropeçar ao galopar; havia ramos baixos. Algumas partes da floresta eram tão densas que não se via a um passo de distância. E, como o bosque estava enfeitado, os caminhos que o percorriam eram labirintos que mudavam constantemente; a estrada seguida da última vez nunca era seguida duas vezes.

Fechou os olhos, imaginando a princesa Seraphima, que seria condenada a uma vida inteira de miséria com um vilão se ele não a conseguisse salvar.

Por outro lado, ela não estava a *contar* com a chegada de Oliver...

Levou a mão à bússola que trazia ao pescoço, pensando na sua casa, que ficava apenas a alguns passos atrás de si. Talvez a sua mãe tivesse razão; talvez valesse mais prevenir do que remediar. No entanto, antes que se conseguisse convencer a voltar sobre os seus passos até à segurança das muralhas do castelo, uma luz minúscula surgiu diante do seu rosto. Terríveis criaturinhas alimentavam-se de mentiras e intrigas. Eram famosas por adormecer homens adultos e roubar todos os segredos da sua mente. Oliver agitou a

mão à frente do rosto, como quando tentamos afastar um inseto, mas a fada subiu, brilhando, e depois mergulhou, mordendo *Socks* com força nos quartos traseiros.

O corcel empinou-se e correu para a Floresta Encantada. Oliver fez o que pôde para se manter agarrado e esperou que *Frum* os conseguisse acompanhar.

Puxando pelas rédeas, o príncipe Oliver conseguiu, finalmente, parar o cavalo.

— Está tudo bem, rapaz — disse para o acalmar, olhando à sua volta para se situar.

Estava demasiado escuro para ver. E, de súbito, surgiu um pontinho de luz. E depois outro. Um terceiro. Se semicerrasse os olhos, conseguia ver as longas pernas magras das fadas iluminadas contra os halos das suas asas agitadas.

Uma fada pairava à frente do seu rosto, enfeitando-o. O cabelo dela era uma crina de centelhas em constante transformação, que crepitavam quando ela se movia. Quase translúcida, a sua pele brilhava no escuro, como a face da Lua. Os dentes, quando sorriu, eram pontas de punhal perfeitas. Num piscar de olhos, ela voou para o seu pescoço e mordeu-lhe a pele.

— Ai! — gritou Oliver, enxotando-a, enquanto ela lambia o sangue dele dos seus lábios.

— Ele sabe a realeza — disse a fada. — A vinho e riqueza.

— Sou um príncipe — respondeu Oliver. — Vou a caminho de salvar uma princesa.

A segunda fada aterrou-lhe na mão e mergulhou os dentes afiados no polegar de Oliver, fazendo-o gritar.

— Ele está a mentir — respondeu a segunda fada. — Sinto o sabor do medo.

A terceira fada aterrou delicadamente na ponta do nariz de Oliver.

— Medo? Já sei quem é este rapaz. — Olhou diretamente para os olhos de Oliver. — Este é o filho da rainha. Sou a Sparks. A fada que te deu a sabedoria.

A primeira fada pairou ao lado dela.

— Sou a Ember. Dei-te a lealdade.

— Sou a Glint — disse a segunda fada. — Dei-te a vida.

— Obrigado a todas por isso — disse Oliver educadamente, porque um príncipe tem de ser sempre educado. — Mas gostaria muito que me deixassem atravessar a floresta.

— Não podes — disse Sparks. — É demasiado perigoso.

Ember acenou com a cabeça.

— Um rapaz sem coragem não deve correr riscos.

— Glint — disse a primeira fada —, morde o cavalo outra vez, para que ele galope para casa.

— Não! — gritou Oliver. — E se eu vos desafiar?

Sabia muito pouco sobre fadas — na verdade ninguém sabia muito sobre elas.

Conseguiam, de alguma maneira, descobrir os segredos dos humanos sem deixarem escapar qualquer segredo seu. Mas Oliver vira os mais fortes cavaleiros a serem carregados de volta para o castelo pelos seus pares depois de um enxame faminto de fadas lhes ter arrancado da mente todas as memórias escondidas. Eram destrutivas e impulsivas, e nunca se arrependiam de nada.

— Se vos vencer no vosso próprio jogo — disse Oliver, pensando rapidamente —, será prova suficiente da minha bravura?

— Num jogo? — perguntou Sparks, o cabelo tremeluzindo de excitação.

Ember pousou-lhe no ombro e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Mas nós definimos as regras.

Glint pousou num ramo à frente de Oliver, chamando as suas irmãs para mais perto. Quando se reuniram, os seus cabelos tornaram-se mais brilhantes, como chamas que se unem. Por fim, Glint afastou-se.

— Tens de tentar lançar um brilho com maior alcance do que qualquer uma de nós.

Oliver não hesitou um segundo.

— Feito — aceitou.

As fadas olharam umas para as outras.

— Humanos idiotas — disse Ember. — Eles não conseguem brilhar.

— O que é que recebemos se ganharmos? — perguntou Sparks.

Oliver pensou.

— Todos os meus segredos — disse num tom sério. — Até ao último.

As fadas bateram palmas, criando uma chuva de brilhantes.

— Primeiro eu — cantou Glint, e estremeceu de tal modo que um halo de luz prateada se ergueu em redor do seu corpo. A floresta iluminou-se, num arco de seis troncos de profundidade, antes de desaparecer de novo na escuridão.

— Amadora — fungou Ember. Girou num círculo apertado, estendendo as asas como pás de um helicóptero, e um quente brilho de bronze envolveu a área onde Oliver se erguia. Como o da fada que a antecederia, o círculo de luz cresceu e cresceu, desta vez até atingir dez árvores de profundidade, antes de se apagar.

— Vejam e aprendam, meninas — disse Sparks. Enroscou-se numa bola apertada, ficando tão pequena que mal passava da cabeça de um alfinete, e depois, com um súbito estalido, libertou uma coroa de luz dourada.

O brilho era mais feroz, mais quente, mais largo — mas também mais rápido a desaparecer na escuridão.

— É a tua vez — disse Glint, erguendo uma sobancelha prateada.

— Esperem. Se eu ganhar — respondeu Oliver —, quero que me garantam passagem

em segurança.

As fadas, cintilando agora intermitentemente, sussurraram entre si.

— Passarás em segurança — concordaram.

Oliver levou a mão aos alforjes de *Socks* e retirou o embrulho com a refeição que o cozinheiro real lhe dera antes de partir. No interior, encontravam-se dois ovos cozidos, algum queijo e um pedaço de pão. Também estava um saquinho de corda com tempero.

Soltando o fio que o fechava, Oliver soprou suavemente para o pequeno monte de pimenta, o que criou uma nuvem em redor das fadas.

Glint, Sparks e Ember espirraram em uníssono e, ao fazê-lo, clarões de luz explodiram como fogo de artifício, iluminando toda a Floresta Encantada.

— Bem — disse Oliver, saltando de novo para a sela. — Acho que é óbvio que eu...

Antes que conseguisse terminar a frase, *Socks* deu também um espirro enorme. Esticou as patas traseiras, escoiceando inadvertidamente Glint, que o mordeu para se defender.

Uma vez mais, Oliver agarrou-se como podia, enquanto o seu corcel desgovernado atravessava velozmente a Floresta Encantada. Por fim, emergiram da espessa folhagem, mesmo a tempo de Oliver reparar que se aproximavam de um penhasco. A uma velocidade alarmante.

— *Uou!* — gritou, puxando com força as rédeas.

Faltavam menos de dois metros de chão antes da beira do precipício. Menos de um metro. De meio metro. Milagrosamente, *Socks* estacou abruptamente mesmo no limite.

— Graças a Deus — disse Oliver.

Aparentemente, falou cedo demais.

Porque embora *Socks* tivesse parado, Oliver não parou. Voou sobre a cabeça do cavalo, para lá da beira do penhasco, e mergulhou no oceano revolto em baixo.

OLIVER

Há apenas uma página no livro em que estou sozinho, onde não existe qualquer outra personagem cujo diálogo tenho de suscitar ou cujos movimentos tenho de seguir.

Por isso, por vezes, testo os meus limites no momento imediatamente antes de um Leitor começar a ler.

Posso cantar com todas as minhas forças.

Ou empurrar os limites da história, sentando-me no chão e esperando que o livro me puxe para o penhasco.

Por vezes, tento chegar ao limite do penhasco, ao local onde a rocha tem um vinco, no local onde alguém dobrou o canto da página há vários anos.

Ocasionalmente, trepo até ao ponto mais alto para espreitar para o outro lado dos limites esborratados da ilustração.

Nada disso importa, porque nunca ninguém repara no que estou a fazer e sou puxado de novo para o fluir do conto de fadas.

Até hoje.

Mal me apercebi de que Delilah reparara no tabuleiro de xadrez na areia – algo que nada tem que ver com a história –, comecei a perguntar-me se ela não seria a tal.

Aquela que seria capaz de reparar *noutras* coisas que, aparentemente, não fazem parte da história.

Nomeadamente, em mim.

Pelo menos, não podia deixar passar a oportunidade sem tentar. Por isso, talhei nas rochas as palavras «AJUDA-ME», e ela viu-as. Eu sei que ela as viu.

Agarro-me com força à parede rochosa e sustenho a respiração, porque tenho medo de que ela vire a página, tal como todos os outros.

Só que ela não o faz.

– Como? – diz ela e, muito lentamente, viro-me de modo a olhar diretamente para ela.

Aclaro a garganta, tentando falar em voz alta. Já há muito tempo que a minha voz não é projetada para outro lugar que não a mente do Leitor, e falar exige grande concentração para alguém que não está habituado a fazê-lo.

– Consegues... consegues ouvir-me? – pergunto.

Ela arqueja.

– És britânico?

– Desculpa?

– Tens sotaque – disse ela. – Quando te estava a ler, nunca ouvi qualquer sotaque... – De súbito os olhos dela arregalaram-se muito. – Oh, meu Deus, enlouqueci. O livro não está apenas a mudar, está a falar comigo...

— Não... quem está a falar sou eu... — O meu coração corre veloz e os pensamentos são rápidos e furiosos. A rapariga, esta Delilah, acabou de responder à minha pergunta. Ela ouviu-me.

Ela inspira fundo.

AJUDA-ME

— Muito bem, Delilah, controla-te. Talvez estejas com febre. Isto passa se tomares um *Tylenol*...

Delilah começa a fechar o livro e, com todas as minhas forças, grito:

— Não! Não feches!

— Não compreendes — disse ela. Tem as faces rosadas e os olhos desvairados. — As personagens dos livros não são reais. — Ela bate na testa. — Por que raio é que estou a explicar isto em voz alta?

— Porque eu sou real — suplico. — Sou tão real como *tu*. — Fito-a. — E tu foste a única Leitora a reparar.

Nesse momento, os lábios de Delilah apartam-se ligeiramente. Dou por mim a pensar naqueles lábios, que parecem macios e doces, e infinitamente mais interessantes de beijar do que os de Seraphima. Ela afasta-se, de tal maneira que, em vez de captar apenas um grande plano do seu rosto, consigo ver o cabelo escuro, a *t-shirt* cor-de-rosa, o medo.

— Por favor — digo baixinho. — Dá-me uma oportunidade.

Vejo que ela está a hesitar, a pensar se deve fechar o livro ou ouvir-me. Por isso salto da beira do precipício.

— Como é que fizeste isso? — arqueja ela. — Onde estão as pilhas?

— Pilhas? Garanto-te que ninguém andou a empilhar nada — digo, endireitando-me de novo.

— Mexeste-te — acusa ela, apontando um dedo na minha direção.

— Tu também — respondo. Decido agitar um pouco as coisas e corro para o lado da página, de modo a poder subir pela sua borda e dar um mortal para trás. — Viste isto?

— Sim, mas...

— Então e isto? — Agarro-me à parede rochosa e trepo-a como um macaco. Quando chego ao cimo, dou um salto pelo ar e envolvo com um braço a cauda de uma letra *g*, balançando para trás e para a frente.

— Ora, isso já é exibicionismo — diz Delilah.

Rio-me.

— Faz-me um favor — peço. — Vira o livro de lado.

Ela fá-lo e eu largo a letra de modo a pousar suavemente no lado mais comprido da página e deslizo por ele até à ilustração no fundo.

— Isso é espantoso — sussurra Delilah, voltando a endireitar o livro. — Como é que te mexes?

— Da mesma maneira que tu, suponho eu.

Hesitante, ela ergue uma mão à frente do livro.

— Quantos dedos vês?

— Três.

— Então também me consegues ver?

— Eu sempre consegui ver — digo. — E é uma imagem bastante agradável.

Vejo o seu rosto enrubescer.

– Já li centenas de livros. Porque é que isto nunca aconteceu antes?

– Não sou como as outras personagens, suponho eu – digo lentamente. – Todos os outros parecem satisfeitos com o facto de as suas vidas já estarem planeadas e de terem de fazer o que lhes mandam. Mas eu nunca me enquadrei bem. Sempre me perguntei como seria ser alguém... diferente.

Os olhos de Delilah arregalaram-se.

– Sempre me perguntei o mesmo.

Animando-me, sorrio-lhe.

– Olha para tudo o que já temos em comum.

Ela dirige-me um sorriso amarelo.

– Pois. Por exemplo, eu estou a falar com um livro e tu achas que estás vivo. Somos os dois loucos.

– Ou muito, muito evoluídos...

– Talvez tenha sido qualquer coisa que eu comi – diz Delilah, levantando-se e andando de um lado para o outro. – Talvez o leite que pus nos cereais estivesse estragado, ou talvez tenha tomado uma dose excessiva de vitaminas e agora esteja a alucinar...

– Isto outra vez, não. – Suspiro. – Já não tínhamos determinado que não sou fruto da tua imaginação?

– Não podes ser real – murmura Delilah.

– Quem diz? – pergunto eu. – Achavas mesmo que uma história só existe enquanto a estás a ler?

– Hum – diz Delilah. – Bem, sim.

Pouso as mãos nas ancas.

– Quando vais dormir, à noite, deixas de existir?

– É óbvio que não...

– E como é que sabes que *tu* não és parte de um livro? Que alguém não está a ler a *tua* história neste preciso momento?

Ela olha para mim, à medida que se apercebe das implicações.

– Mas tu fazes parte de um conto de fadas.

– Exatamente. Faço *parte* de um conto de fadas. O que sugere que há mais em mim do que parece ao Leitor comum. Alguma vez pensaste que aquilo que estás a ver possa não ser realmente verdade? Vê o *Socks*, por exemplo. Na verdade, por favor, vê o *Socks*. Não é nenhum corcel destemido... é um corcel desesperado. E o Rapsclullio... na verdade, é um tipo bastante simpático! Coleciona borboletas e é um pasteleiro bastante bom nos tempos livres! E a Seraphima...

Delilah suspira.

– Eu sempre quis ser a Seraphima...

Fungo.

– Talvez seja *melhor* reveres os teus objetivos de vida, nesse caso. Ela tem a capacidade intelectual de um pepino-do-mar.

Apercebo-me de que gosto bastante desta rapariga. Não é apenas o facto de ela ser tão bela que as palavras voam da minha mente antes de conseguirem sair pela minha boca – é que enquanto conversamos sinto que a conheço desde sempre. É tão fácil falar com ela como com *Frump*. Apercebo-me de que já há muito tempo que não faço um bom amigo.

– Posso perguntar-te uma coisa? – digo. – Porque é que estás sempre a ler esta história?

– Eu... eu não sei bem – admite Delilah. – Por causa daquela frase, acho eu. Aquela frase sobre crescer sem um pai. – Ela afasta o olhar. – Gostei da ideia de que mais

alguém soubesse como é.

Sinto uma pontada ao compreender que, o que quer que eu tenha passado na história, não é nada em comparação com o que ela teve de sofrer na vida real. Afinal de contas, eu nunca conheci o rei Maurice; para mim, ele não passa de palavras numa página.

Delilah passa a mão pelos olhos.

– Quer dizer, não tenho razões de queixa. Muitos miúdos não têm ninguém que se preocupe com eles. E a minha mãe, ela é ótima. Ama-me loucamente. Faria qualquer coisa por mim.

Franzo o sobrolho.

– Mas ela não quer que leias este livro, embora ele te faça feliz.

Delilah olha para mim, confusa.

– Oh, não – diz, encolhendo os ombros. – Ela apenas acha que eu leio demasiado, em geral. Quer que eu saia mais.

– Posso perguntar-te uma coisa? – digo. – Porque é que lêes livros, quando podes andar por aí a viver um milhão de aventuras diferentes todos os dias?

– Porque podemos sempre contar com um livro para se manter igual. Tudo o resto muda, quando menos se espera – responde, amargurada. – As famílias separam-se e nada dura para sempre. Nos livros, sabemos sempre o que vem a seguir. Não há surpresas.

– E porque é que isso é uma coisa boa?

– Se há alguém que pode perceber o porquê de eu não querer correr riscos és tu..

Franzo o sobrolho.

– Isso é apenas um papel que desempenho na história. Se eu pudesse, faria qualquer coisa para não saber o que me reserva o dia de amanhã.

– As pessoas no mundo real seriam capazes de matar por um final feliz, e tu estás disposto a deitá-lo fora?

Afasto o olhar dela.

– Dificilmente se pode considerar um final feliz quando se está constantemente a voltar ao princípio. Nunca experimentei «final» algum.

De súbito, ouço uma outra voz no Outro Mundo.

Delilah McPhee, o que é que estás a fazer fora da aula de orientação?

– O que é uma «aula de orientação»? – pergunto.

– Cala-te! – diz ela entredentes.

Desculpe, menina McPhee, será que acabei de a ouvir mandar-me calar?

– Não, treinador Farnsworth. Eu jamais diria algo assim, treinador Farnsworth..

– Acabaste de o fazer – faço notar, sorrindo.

De imediato, ela fecha o livro com um estrondo.

A escuridão é absoluta. Desta vez, apanha-me desprevenido. Embora ouça as restantes personagens a descerem das suas cenas para se misturarem uns com os outros e se dedicarem às suas ocupações, semicerro os olhos e espero.

De facto, ela volta a abrir o livro.

– Vamos lá a ver – digo, em tom autoritário. – É muito rude terminar uma conversa sem te despedires convenientemente. Podes pedir desculpa. Agora.

Ela funga.

– Tu podes pedir desculpa primeiro! O que é que estavas a tentar fazer, arranjar-me uma suspensão?

Não faço ideia do que seja uma suspensão. O que sei é que nunca no curso da história alguém falou assim comigo. Afinal de contas, eu sou um príncipe. Algo que parece não interessar minimamente a esta rapariga.

E, em vez de me sentir zangado, estou intrigado.

– O que é uma suspensão?

– É... não interessa – diz. – Olha, não podes falar quando estão outras pessoas por perto.

– Acredita em mim, elas não me vão ouvir. Nunca ninguém me ouve.

– Bem, vão-me ouvir a *mim* e as pessoas normais não falam em voz alta com os livros.

Sorrio.

– Nesse caso, fico feliz por não seres normal.

– *Nem* fazes ideia. Falar em voz alta com personagens ficcionais é apenas a ponta do icebergue.

– Personagem ficcional.

– Bem – diz ela. – Podes ser real, mas continuas preso num livro.

– É por isso que preciso da tua ajuda.

– Não estou a perceber...

Olho calmamente para os seus olhos castanho-claros.

– Quero que me ajudes a sair.

DELILAH

Muito bem, antes de mais nada, isto não está a acontecer.

A minha mãe tem razão. Preciso de dormir mais. Já é suficientemente mau que esteja a falar com um livro, quanto mais a considerar a hipótese de encontrar uma maneira de tirar dele uma personagem.

— Não me parece que as coisas funcionem assim — digo. — Não é como tirar alguém da cadeia.

— Dificilmente me podem considerar um criminoso!

— Não, és uma ilustração bidimensional, com dois centímetros e meio de altura — realço. — Se conseguisses sair, o que farias? Viverias numa caixa de sapatos? Serias o novo Flat Stanley?

— Quem é o Flat Stanley?

— Uma outra personagem ficcional — digo. Tenho uma súbita recordação da segunda classe, quando o meu professor nos pediu para levarmos os recortes do Flat Stanley numa viagem pelo mundo durante as férias da primavera. Eu e a minha mãe tirámos fotografias com ele em Boston, a comer sopa de amêijoas e a acenar às focas no aquário.

Por isso, talvez Oliver não seja a primeira personagem ficcional com ânsia de viajar.

— Não sabes se permanecerei deste tamanho. Talvez cresça à escala para me adequar ao teu mundo, se tiver a sorte de chegar até ele.

— Porque é que estamos sequer a discutir isto? — expludo. — Não é possível tirar uma personagem de um livro!

— Como é que sabes? Alguma vez tentaste?

— Não, mas não me parece que a Cinderela esteja a trabalhar no Starbucks...

— Cinderela? Starbucks? — diz Oliver.

— Exatamente, não sobreviverias dez segundos neste mundo — digo-lhe. — Há tanto que não conheces!

— Conheço-te a *ti* — insiste Oliver.

Da maneira como ele olha para mim, quase esqueço que tudo isto não passa de imaginação minha.

— Mal me conheces. Estamos a falar há vinte minutos.

— Estás enganada — diz Oliver. — Sei que o teu quarto está pintado de cor-de-rosa. E que mordes o lábio na parte onde Rapsclullo e eu lutamos. E que dizes boa noite ao teu peixinho dourado, sem falhar. E que, por vezes, quando te vestes de manhã, danças ao som da música que sai daquela caixinha estranha...

— Já me viste a vestir pela manhã?

Ele dirige-me um sorriso rasgado.

— *Tu* é que deixaste o livro escancarado.

— Nem sequer sabemos se isto não é um evento único — digo. — É possível que eu feche o livro e tu desapareças para sempre.

Oliver dá um passo em frente.

— Experimenta.

— Experimento o quê?

— Fechar o livro.

— Mas e se... — Apercebo-me de que não quero que ele desapareça. Posso não estar plenamente convencida de que ele é real; posso não compreender porque é que o consigo ouvir a falar comigo... mas até que gosto. Gosto de saber que, entre todas as pessoas do mundo, sou aquela que ouve o que ele tem para dizer. Faz-me sentir que fomos feitos um para o outro. Que é como as coisas funcionam nos contos de fadas, não na minha vida comum e entediante. — Tens a certeza? — sussurro.

Oliver acena com a cabeça. Começo a fechar o livro, mas depois ouço-o gritar e abro-o de novo, abruptamente.

— Não se vá dar o caso — diz ele, os seus olhos fixos nos meus. — Não se vá dar o caso... de não funcionar. Quero que saibas, Delilah. Foste já a maior aventura da minha vida.

Encosto suavemente o dedo no espaço branco ao lado de Oliver. Ele estende o braço na direção da minha mão e abre a sua, encostando-a à barreira transparente que nos separa. Consigo sentir a pressão do seu toque, a temperatura da sua pele.

Antes que perca a coragem, fecho o livro.

Inspiro fundo. Repito mais uma vez. Soletro M-I-S-S-I-S-S-Í-P-I. Depois folheio o livro até regressar à página 43.

Lá está o penhasco e o mar ao longe. Lá está a gravilha que se encontrava por baixo dos pés de Oliver. Mas Oliver desapareceu.

Sinto-me como se tivesse levado um murro. As lágrimas enchem-me os olhos, e pergunto-me



como é que posso estar transtornada por ter perdido algo que nunca tive.

Nesse preciso momento, Oliver espreita detrás de um pedregulho.

— Foi só uma brincadeira — diz, rindo.

— *Não* teve piada. — Preparo-me para fechar o livro.

— Espera! Espera, desculpa. A sério!

Deixo que as páginas se voltem a abrir.

— Ficas a dever-me uma — murmuro.

— Prometo que te vou compensar — jura Oliver. — Mal saia deste livro.

— Mas tenho mesmo de ir — digo-lhe. — Se não for a Álgebra, vou ter problemas.

Oliver acena com a cabeça.

— Claro — diz, e depois hesita. — Álgebra fica muito longe?

Refreio um sorriso.

— Anos-luz — respondo. — Vólto mais tarde.

— E ajudas-me a sair daqui?

— Não sei...

— Prometes? — pergunta Oliver.

Não me lembro de mais ninguém que se tivesse sentido desesperado pelo meu regresso. A maior parte dos miúdos da escola estão desesperados por me ver partir e os restantes são totalmente indiferentes. Há Jules, claro, mas ela não precisa de mim. Pelo menos não como Oliver precisa.

— Sim — digo. — Prometo.

Sobrevivo à aula de Matemática e Inglês e a um embaraçoso momento em Estudos Sociais quando o professor Uwenga me pergunta o nome do secretário de Estado e eu respondo «Oliver». Depois, finalmente, tenho um período livre. Eu e Jules encontramos-nos sempre à mesma mesa na cantina. É a mesa onde se reúnem os totós. Provavelmente, Jules podia anunciar que é filha de uma relação amorosa entre o presidente Obama e uma gata, e eles não levantariam os olhos dos seus manuais de Cálculo.



Ela desliza para uma cadeira ao meu lado, com o tabuleiro quente do almoço, suspirando.

— Quatro horas, trinta e seis minutos e doze segundos até escaparmos ao purgatório e começar o fim de semana.

— Talvez mais tarde — murmuro, continuando distraída pelos acontecimentos anteriores.

— Vá, deixa que te mostre como funciona uma conversa. Eu digo qualquer coisa e depois tu dizes qualquer coisa que esteja, de facto, relacionada com aquilo de que eu estava a falar, como se estivesse minimamente interessada.

— Hum? — digo, virando-me para ela. Abano a cabeça. — Desculpa. Hoje estou um pouco ausente.

— O que é que se passa? — Ela enfia uma uva na boca. — O Uwenga atirou-vos com mais um teste surpresa? E se atirou, podes dizer-me o que é que saiu para eu não chumbar?

Quero desesperadamente contar a Jules a verdade sobre o que aconteceu. Quero que ela veja por si mesma, porque, se ela também acreditar, isso significa que não estou louca. Afinal de contas, se há alguém que me vá ouvir, sem me julgar ou chamar maluca, é a minha melhor amiga. Por isso, viro-me para ela.

— Alguma vez te perguntaste o que é que acontece quando fechas um livro?

Jules para de mastigar.

— Hum. Fica fechado?

— Não. Estou a falar das personagens no seu interior.

Jules inclina a cabeça para o lado.

— São apenas palavras. — Ela olha para mim com atenção. — Isto é alguma cena do curso de Inglês?

— Não. São palavras, mas são mais do que palavras. Elas ganham vida na tua cabeça, certo? Então como é que sabes que isso não continua quando paras de ler?

— Da mesma maneira que os miúdos pequenos acham que os seus peluches acordam e brincam quando eles adormecem?

— Sim... exatamente!

Jules ri.

— Certa vez, peguei na câmara de vídeo do meu pai e deixei-a a gravar a noite toda enquanto estava a dormir, porque achei que podia apanhar os meus brinquedos em flagrante. Estava convencida de que o meu Elmo de peluche era um assassino de machado que se escondia no roupeiro. — Ela encolhe os ombros. — Se era, a câmara não o mostrou.

— Eu tenho algo melhor do que uma gravação — digo. Olho para os dois totós sentados à nossa frente. Estão completamente mergulhados nas suas matrizes e calculadoras gráficas; eu e Jules até podíamos estar na Lua, no que lhes diz respeito. Por isso, tiro o livro da mochila e abro-o na página 43. — Preciso de te mostrar uma coisa — digo. — Vê com atenção.

Estalo um pouco a lombada para que o livro fique aberto.

— O que é isto? — pergunta Jules, rindo. — Roubaste-o aos últimos miúdos de quem tomaste conta?

— Lê-o — digo.

Jules ergue as sobrancelhas mas começa a ler em voz alta:

— *Oliver agarrou-se a uma raiz que saía da parede rochosa e içou-se um pouco mais no penhasco. Com o punhal preso entre os dentes, ergueu um braço e depois o outro, trepando pelo granito nu, impelido pela força da sua determinação.* Seraphima, *pensou*, vou a caminho.

— Pouco provável — digo eu.

— Disseste alguma coisa? — pergunta Jules.

— Continua a olhar — digo-lhe.

Fitamos ambas a ilustração. Depois Jules toca-me no ombro.

— Delilah? De que é que estou à procura, exatamente?

Embora o livro já esteja aberto há trinta segundos, Oliver ainda não se mexeu, nem falou, nem indicou de qualquer maneira que é mais do que uma ilustração na página.

— Diz qualquer coisa — murmuro.

Jules olha para mim, baralhada.

— Hum, é um parágrafo engraçado?

O facto de Oliver não estar a falar connosco faz-me sentir o estômago às voltas. Tanto quanto sei, estive a enganar-me. Se lhe digo agora que estive a conversar com um príncipe de um conto de fadas que quer a minha ajuda para sair da sua história, Jules vai arrastar-me até à enfermaria ou chamar um psicólogo. Jules, que compreende tudo sobre mim, não ia compreender *isto*... e não posso arriscar perder a única amiga de verdade que tenho.

— Continuo à espera. Ele vai saltar da página e atacar-me com aquela faca?

Se tu soubesses, penso. Finjo que Jules fez a mais engraçada das piadas.

— Ora, isso seria *absolutamente* ridículo. Eu só te queria mostrar... a descrição. Esta escritora é do outro mundo, não é? É como se, quando lês as palavras, estivesse mesmo... a acontecer!

Rio mais uma vez, uma grande gargalhada falsa, para jogar pelo seguro. Jules olha para mim como se me tivessem nascido três chifres na testa.

— Estiveste a snifar canetas de feltro outra vez? — pergunta ela.

Enfio o livro na mochila.

— Esqueci-me completamente... tenho de ir fazer um teste de treino com a professora Borgnoigne. — Praguejo silenciosamente contra Oliver por me ter feito parecer ainda mais tola do que o normal. — Ligo-te depois das aulas — digo, e saio a correr da cantina.

Não tenho por hábito esgueirar-me para a casa de banho dos professores. Na verdade, é algo que

nunca pensei sequer fazer; por outro lado, nada do que fiz hoje é algo que alguma vez tenha pensado fazer. A questão é que preciso de ficar sozinha com este livro e, na casa de banho dos professores, posso trancar a porta e não tenho de me preocupar com raparigas bisbilhoteiras que poderiam correr a denunciar a um professor a rapariga maluca que fala com um conto de fadas.

Volto a abrir ligeiramente o livro na página 43, inclino-me sobre a história e sussurro.

— Olá?

Quando Oliver sorri, sustenho a respiração.

— Voltaste. Disseste que voltavas... e voltaste.

Controla-te Delilah, digo a mim mesma.

— O que é que foi aquilo?

— O que é que foi o quê?

— Porque é que não falaste quando te pedi?

— Pensei que não querias que eu falasse quando há estranhos por perto!

— E não quero! — afirmo.

— Estou a ter alguma dificuldade em acompanhar-te... Estás zangada porque eu fiz o que me pediste que fizesse?

— Estou zangada porque a Jules não é nenhuma estranha.

— Para mim, é como se fosse — diz Oliver. — Ela não me teria ouvido nem que eu gritasse com toda a força.

— Como é que sabes isso? Nem sequer tentaste.

— Há anos que ando a tentar... foste a primeira pessoa a reparar em mim.

Suspiro.

— Mas se falasses com a Jules... se ela te pudesse ouvir... — A minha voz arrasta-se.

— Não te sentirias tão louca? — pergunta Oliver gentilmente. — Porque é que não acreditas em mim, se eu acredito em ti?

— Não sei em que hei de acreditar — digo, sendo absolutamente sincera. — Nunca me tinha acontecido nada disto.

Oliver senta-se no chão.

— E a mim nunca me tinha acontecido *nada*.

Olho para ele, resignado a uma vida interminável, encurralado no enredo de outra pessoa. Conheço essa sensação. Se eu tivesse escrito a minha própria história, o meu pai nunca nos teria deixado e a minha mãe não precisaria de trabalhar até estar tão cansada que cai na cama todas as noites ainda antes do jantar. Se eu tivesse escrito a minha própria história, não teria partido a rótula da líder da claqué e virado toda a escola contra mim de uma assentada só. Se eu tivesse escrito a minha própria história, teria aqui alguém como Oliver que me amasse.

Por outro lado, talvez eu *possa* mudar a minha própria história. Ou pelo menos tentar.

— Acho que preciso de fazer um teste — digo.

— Não compreendo.

— E se eu te cortar do livro e tu parares de respirar? E se o único oxigénio que funciona para ti se encontrar nestas páginas?

— *Cortar?* Quem é que falou em cortar...

— E se *conseguir*es vir para este mundo, mas ficares tão pequeno que caibas no meu bolso? — A minha voz torna-se aguda, enquanto penso em tudo o que poderia correr mal.

— Então por *teste* — diz Oliver lentamente... cheio de esperança —, queres dizer que me vais ajudar a sair daqui?

— Sim. E vamos começar com uma experiência. Encontramo-nos na página vinte e um. — Hesito.

— Também consegues ver os números nas páginas, certo?

— Se esforçar a vista — diz Oliver. — Estão muito lá em cima nos cantos.

— É a parte em que tu e o *Frum*p percorrem a floresta... Sim! Vamos experimentar primeiro com o cão! — digo.

Oliver abana a cabeça.

— Com o *Frum*p? Não podes fazer isso!

— É só um cão, Oliver. Provavelmente nem se dará conta.

— Só um cão! — Oliver levanta-se, furioso. — Esse «cão» fala três línguas e é um brilhante jogador de xadrez, para além de ser o meu melhor amigo. Ou esqueceste-te de que ele costumava ser humano?

— Suponho que possa ter saltado essa parte — confesso, embora preferisse morrer a admitir que, muitas vezes, salto as páginas onde Oliver não é mencionado. — Se não podemos experimentar com o *Frum*p, então o que recomendas? Ou até as bactérias no teu livro estudam ciência espacial nos tempos livres?

— Podia dar-te a minha túnica — sugere Oliver.

— Deixa-te ficar vestido, meu. Acho que seria melhor vermos o que acontece com algo que esteja vivo e a respirar, não te parece?

— Dá-me um momento. — Oliver desloca-se de um lado da página para o outro, desaparecendo por breves instantes na lombada e reaparecendo em seguida com um sorriso no rosto. — Posso arranjar-te um peixe da página quarenta e dois.

— Não sei... Não devias tentar algo que não pertença ao oceano? Assim, se não sobreviver intacto... não podemos atribuir as culpas à falta de pulmões.

— Tens toda a razão. — Oliver suspira. Bate na parte de trás do pescoço, depois sacode a mão à frente do rosto. — Maldita aranha.

Preparo-me para lhe perguntar de onde veio, fascinada pela mecânica do que aparece e desaparece neste mundo, mas depois apercebo-me de que podem existir variadíssimas coisas

microscópicas que os leitores ignoram — tabuleiros de xadrez na areia, aranhas, até príncipes.

— Espera! — Inclino-me para mais perto. — Oliver, mataste essa aranha?

— Ela *picou-me*!

— É a amostra perfeita para um teste — digo-lhe.

Ele anima-se.

— Claro. E se não sobreviver, eu terei algo para festejar. — Cai sobre as mãos e os joelhos e começa à procura do inseto. — Encontrei-a — diz Oliver e estende a mão aberta. No meio da palma da mão contorce-se uma aranha gorda.

— E agora? — pergunto.

Oliver pestaneja.

— Bem. Suponho que tenhas de pegar nela.

Estendo suavemente os dedos, tentando tirar a aranha da página, mas não acontece nada. Há uma barreira entre nós, mais fina do que seda e incrivelmente sólida.

— Não está a funcionar.

— Esqueci-me da muralha — diz ele. Senta-se, perdido nos seus pensamentos.

— A muralha? — pergunto.

— É o que nos mantém em segurança, suponho eu, caso um Leitor mexa nas páginas sem grande cuidado ou dobre uma mesmo a meio de uma ilustração. É como uma bolha. Suave, mas impossível de atravessar, por muito que se tente. — Ele ergue os olhos. — E acredita em mim, já tentei.

— Então precisas de algo com que possas abrir um buraco nela...

Oliver leva a mão ao punhal que tem no cinto e corre diretamente na minha direção, saltando com tamanha violência que dou por mim a tapar o rosto com as mãos, como se pudesse atravessar as páginas e aterrar diretamente à minha frente. Mas, quando espreito entre os dedos, vejo-o caído de costas, a olhar para o céu.

— Ai — murmura.

— Descoberta número um — digo. — Não consegues quebrar a barreira entre nós.

Ele senta-se, esfregando a testa.

— Não — responde ele —, mas talvez *tu* consigas.

— Queres que espete uma faca no livro?

— Não — diz Oliver. — Tens de rasgar o livro.

Arquejo.

— Nem penses! Isto é um livro da *biblioteca*!

— Só *podes* estar a brincar comigo — murmura Oliver. — Vamos, Delilah. Só um rasgãozinho para que eu te possa passar a aranha.

Quando ele me dirige de novo aquele sorriso — o que me faz sentir como se fosse a única pessoa no seu universo (ainda que neste caso provavelmente seja) — fico completamente perdida.

— Está bem — digo com um sorriso.

Hesitante, pego na página entre os dedos e faço o rasgão mais pequeno, mais diminuto, infinitesimal.

— Delilah — diz Oliver —, eu não conseguiria espremer um protozoário por aí, muito menos uma aranha. Importas-te de tentar outra vez? Agora um rasgão menos imaginário?

— Está bem.

Seguro o cimo do papel entre os dedos e dou-lhe um bom e forte puxão. O papel rasga-se.

— *Tinha* de ser no cimo da página, não tinha... — Oliver revira os olhos e fita, cansado, o penhasco que se ergue à sua frente.

— Costumas fazê-lo pela Seraphima — realço.

— Muito engraçada. — Segurando a aranha no punho fechado, ele olha para cima. — E esperas que eu segure esta coisa *e* trepe? — Com uma careta, Oliver abre a boca e atira a aranha para a língua.

— Isso é nojento! — grito.

— *Mmffphm* — diz Oliver, mas os seus olhos dizem tudo.

Oliver começa a trepar pela parede rochosa, tornando-se cada vez mais rápido à medida que se vai aproximando do topo. Chega-se para a direita, para a parte da página que eu rasguei.

Abrindo a mão à frente da boca, cospe.

— Isto — diz — foi *nojento*. — Ele olha de relance para mim, por cima do ombro. — Estás pronta?

— Sim — digo.

Sentindo-me tola, levo o dedo ao rasgão no papel.

Oliver estende a mão. A aranha começa a percorrer os nós dos dedos, o anelar, o mindinho, depois chega ao final da sua pele; com as patas procura apoiar-se e descobre o corte no papel.

E, de súbito, tenho na palma da mão um pequeníssimo ponto preto.

É quase invisível e desconfortavelmente quente e húmido. Perante os meus olhos, começa a crescer, a expandir-se assumindo a forma familiar de oito patas arrepiantes, irrequietas.

— Oliver! — digo, espantada. — Acho que resultou!

— A sério? — Oliver salta novamente para o chão e fita-me ansioso. — Então, tens a aranha?

Olho de relance para o pequeno aracnídeo. Mas agora que o vejo com mais atenção, reparo que algo não está certo. O que eu julgava serem patas são letras, que se enrolam e desenrolam. Acho que consigo distinguir um *a*. E o *r*.

Não é uma aranha de verdade. É a *palavra* «aranha» a assumir a forma do inseto e a passear na minha mão.

Antes que consiga dizê-lo a Oliver, contudo, sou sobressaltada por alguém a bater à porta da casa de banho. Sacudo a palavra-inseto da mão sobre a guarda do livro e fecho-o com força.

— É só mais um minuto — digo em voz alta.

Hesitante, volto a abrir o livro. Não há inseto algum. Em vez disso, cuidadosamente escrita na guarda do livro, num ângulo diagonal bizarro, leio: *aranha*.

— Oliver — murmuro, embora as páginas continuem fechadas e ele provavelmente não me consiga ouvir. — Acho que precisamos de voltar à estaca zero.





PÁGINA 27

A última coisa de que Oliver se lembrava era do chape. Agora caía de pernas para o ar, afundando-se nas profundezas do oceano. Duas enguias entrelaçaram-se e rodopiaram, a água crepitava com a corrente elétrica de cada vez que se esfregavam uma na outra. Oliver sentiu os pulmões a arder, a ponto de rebentar, e perguntou-se se seria assim a sua morte — não às mãos do vilão que raptara Seraphima, mas simplesmente consumido pelo oceano. De súbito, lembrou-se da bússola que trazia ao pescoço. Casa, prometera a mãe. Era um escape à prova de idiotas. Deixou que a corrente deslizasse pelos dedos e, com a energia que lhe restava, estendeu a mão para a agarrar, mas, antes que o pudesse fazer, foi-lhe arrancada da mão.

— Nãooo! — gritou, a água enchendo-lhe os pulmões; fechou os olhos imaginando o pior.

Dedos deslizaram sob a sua nuca. Uma boca suave fechou-se sobre a sua e ele sentiu um estremecimento através do peito.

— Seraphima — murmurou Oliver, espantado por compreender que conseguia falar e respirar. Pestanejou e descobriu uma mulher nos seus braços.

A sua pele era azul, coberta por uma rede de escamas. O seu cabelo era uma selvagem nuvem negra, com algas entrelaçadas nas suas madeixas, fluindo por detrás de orelhas translúcidas e espinhosas. Dois conjuntos de guelras ondulavam nas suas faces e por baixo da caixa torácica emaciada estendia-se uma cauda musciosa com barbatanas que refletia cintilações de cobre e ouro. Não tinha cana do nariz, apenas duas narinas profundas que se abriam sobre a caverna do seu sorriso sem dentes.

— Quem é a Seraphima? — perguntou a rapariga, com os seus olhos azul-claros a faiscarem num tom de vermelho profundo. — Eu sou a Marina.

Aterrorizado, Oliver agitou-se, tentando libertar-se do seu abraço.

— Irmã — disse outra voz feminina. — Não fiques com ele só para ti. — Oliver ergueu

os olhos e viu uma segunda sereia, que usava a bússola do seu pai à volta do pescoço.

E, depois, ouviu uma terceira voz.

— Oh, sim, este é aquele por quem temos esperado.

Oliver conseguiu desferir um rápido pontapé na cauda de Marina, mas o cabelo da segunda sereia contorceu-se até formar uma enguia de bronze que se enrolou em volta do tronco dele, imobilizando-o e puxando-o para mais perto dela.

— Diz às minhas irmãs que estás aqui por mim, Ondine — disse ela.

Oliver tentou fechar os dedos em redor da bússola que pendia do pescoço dela, mas ela beijou-o tão profundamente que ele começou de novo a perder a consciência.

Uma mão provida de membrana interdigital bateu no rosto de Oliver, arranhando-lhe a face com as unhas compridas e pontiagudas. Foi levado pela terceira sereia, que o embalou nos braços compridos.

— Porquê preocupares-te com uma ninharia como aquela — cantou-lhe ao ouvido —, quando podes ter alguém como eu, Kyrie?

— Minhas senhoras — disse Oliver, com o coração a bater violentamente. — Com três escolhas tão belas, não podem estar à espera que me decida assim tão depressa.

Se ao menos se conseguisse libertar das suas garras durante instantes suficientes para pensar com clareza, conseguiria recuperar a sua bússola. E, uma vez recuperada, sabia que seria capaz de escapar e encontrar *Frump* e *Socks*. Recuou de maneira a poder ver as suas salvadoras e dirigiu-lhes um sorriso encantador. O cabelo negro de Marina abriu-se nas águas, em câmara lenta, enquanto os olhos dela regressavam a um azul-real, profundo. O pescoço esguio estava coberto de contas e conchas e a sua cauda cintilante oscilava na água atrás dela. Ondine e Kyrie nadavam atrás da irmã. Quando uma das sereias estendeu de novo os braços para Oliver, Marina bateu-lhe na mão e silvou tão alto que a água embateu contra os tímpanos de Oliver.

— Nesse caso, tens de ficar para o jantar — disse Kyrie.

E se eu for o jantar?, perguntou-se Oliver.

— Não consigo pensar em melhor maneira de passar a noite — disse ele.

Ondine e Kyrie enrolaram os cabelos nos pulsos dele, puxando-o para a corrente. Marina inclinou o pescoço e beijou-o mais uma vez. O beijo era nauseabundo e sabia a peixe, mas encheu-lhe os pulmões com oxigénio.

Chegaram a uma caverna profunda, com mandíbulas de estalagmites e estalactites que beliscaram as pernas de Oliver quando as sereias o puxaram para o seu ventre. Ele estremeceu quando o sangue lhe escorreu pela canela. Este ondulou na água como fumo carmesim e, antes que Oliver pudesse gritar de dor, apercebeu-se de um movimento

súbito, quando um grande tubarão prateado avançou velozmente na sua direção. Ondine soltou o cabelo do pulso de Oliver e virou-se para o tubarão, os seus olhos a brilhar, vermelhos, e todas as escamas que lhe cobriam o corpo eriçadas. As guelras abriram-se, ela gritou e todos os peixes que nadavam por perto fugiram. Quando o tubarão mergulhou e nadou para longe, as escamas de Ondine alisaram e os olhos esmoreceram, agora calmos e roxos.

— Vem — sussurrou ela e, por um momento, tudo o que Oliver conseguia fazer era fitar aquela criatura que o arrastava atrás de si.

A atração principal da gruta era uma gigantesca mesa de pedra, ou talvez fosse um altar, sobre o qual Oliver estava destinado a ser sacrificado. No fundo da gruta, uma porta redonda de madeira dos naufrágios escondia outra divisão; do outro lado, estava um baú dourado com um enorme cadeado, parcialmente enterrado na areia.

Oliver olhou para um objeto e para o outro. Era possível que o baú guardasse riquezas que poderia usar para subornar quem quer que tivesse levado Seraphima. Mas também era possível que não tivesse a oportunidade de deixar aquela gruta com vida.

— Um banquete de casamento — gritou Marina. — E eu serei a noiva!

— Não, irmã — gritou Ondine. — Falas cedo demais.

— Estão ambas enganadas — disse Kyrie. — Agora é a minha vez.

Agora?, pensou Oliver. Quantos outros homens do reino teriam caído para uma morte aquosa às mãos daquelas vis criaturas? Tinha de descobrir e depressa, porque estava a começar, uma vez mais, a ver estrelas nos limites da sua visão.

Kyrie envolveu os ombros dele com os dedos compridos e beijou o ar de volta aos seus pulmões.

— Vês, meu amor — sussurrou ela. — Precisas de mim, tanto quanto eu preciso de ti.

Se o amor era aquilo, talvez não valesse a pena o trabalho. Oliver crescera com uma mãe que perdera metade do coração e nunca fora capaz de o substituir. Aquelas sereias tinham sido igualmente quebradas pelo amor, ainda que de maneira diferente.

— Dificilmente se pode considerar que esteja vestido para um casamento — objetou Oliver.

— Temos precisamente aquilo de que precisas — disse Ondine.

Esta nadou em direção à porta de madeira flutuante e abriu o ferrolho. Quando a porta oscilou nas suas dobradiças, um monte de esqueletos — centenas, empilhados e atirados uns sobre os outros, alguns ainda com a carne putrefacta a descolar dos ossos — deslizou para a gruta. Oliver gritou, recuando contra Kyrie, que lhe afagou o cabelo e beijou o pescoço.

— Não sejas tímido — disse ela, empurrando-o para a frente.

As sereias nadaram para junto de um dos cadáveres, que estava envolto nas mais finas vestes reais brancas, cosidas com fio de ouro. Oliver, contudo, quase não conseguiu ver tais pormenores. O seu olhar estava colado ao rosto do homem morto, ainda imobilizado numa expressão de horror.

— Acho — disse Marina — que vai servir na perfeição.

Atrás dele, Kyrie guinchou.

— Tira isso! — gritou. — É meu.

Oliver virou-se e viu-a lutar com Ondine por um pedaço de véu esfarrapado. As unhas das sereias rasgaram por completo o tecido fino enquanto discutiam.

— Minhas senhoras — disse Oliver. — Não amo nenhuma de vocês.

As sereias viraram-se, os seus olhos tornaram-se vermelhos em unísono.

— Como te atreves? — cuspiu Ondine.

Marina cruzou os braços.

— Achas que és bom demais para nós?

— Não — limitou-se a dizer Oliver. — Mas acho que vocês também não me amam. Não é isso que deve ser o romance verdadeiro? Encontrar a pessoa que seja a nossa alma gémea. Alguém com quem sonhamos à noite. Alguém cujo nome está nos nossos lábios quando acordamos pela manhã.

Seraphima, pensou Oliver.

— Não sou o vosso destino. Sou apenas alguém que, por acaso, caiu no oceano.

Marina encolheu os ombros.

— Os noivos são escassos e não aparecem frequentemente — disse. — Não nos podemos dar ao luxo de sermos esquisitas.

— E se eu pudesse prometer a cada uma de vocês um noivo fiel? Um que ficasse tão encantado com a vossa presença que jamais partisse?

Os olhos de Kyrie tornaram-se verdes de curiosidade.

— Como poderias encontrar tais homens?

— Bem — disse Oliver. — Para começar, preciso da minha bússola.

As sereias reuniram-se em círculo, criando um pequeno redemoinho enquanto sussurravam, com as cabeças inclinadas.

— Precisamos de ter a certeza de que estás a dizer a verdade — disse Marina.

— Tens a minha palavra — jurou Oliver. Começava a ficar sem oxigénio. O que quer que fosse acontecer, teria de acontecer depressa.

— Precisamos de algo um pouco mais concreto.

O cabelo de Kyrie envolveu o peito dele, puxando-o na direção de uma concha de amêijoia cor-de-rosa repleta de milhares de chaves. Algumas estavam enferrujadas, outras cobertas de algas. Algumas ainda estavam brilhantes, como se tivessem acabado de cair no oceano naquela manhã.

— A sinceridade é tão rara quanto um homem capaz de respirar debaixo de água — disse Ondine. — Escolhe uma chave.

Oliver enfiou a mão na concha e esperou, deixando as chaves deslizar-lhe pelos dedos, na esperança de que uma pudesse queimar a sua silhueta na palma da mão.

Lutou por se manter consciente.

— O que é que acontece se for a chave certa? — arquejou.

— Nesse caso, és sincero. Receberás todas as riquezas lá de dentro e devolver-te-emos a bússola para que nos possas encontrar companheiros.

— E se for a chave errada?

Kyrie encolheu os ombros.

— O feitiço do oxigénio chega ao fim. E afogas-te.

Como raio saberia ele que chave escolher? Uma escolha errada seria a sua última escolha. Oliver pestanejou, lutando por esconder o pânico.

— Vamos — vociferou Ondine, inclinando-se sobre a concha. — Não temos o dia todo. — Irritada, virou a taça das chaves, espalhando-as na areia aos pés de Oliver.

Sentiu um ténue tremeluzir no seu campo de visão cada vez mais estreito — talvez um raio de sol que trespassava o mar, talvez o reflexo da escama prateada de um peixe. Seja como for, atraiu a atenção de Oliver para a bússola do pai pendurada ao pescoço de Ondine.

Muito lentamente, enquanto a observava, o ponteiro começou a saltar, estremecendo para a direita até parecer uma seta apontada diretamente para uma chave que flutuara e caíra a alguma distância das outras.

Aponta para casa, dissera-lhe a mãe.

Oliver inclinou-se e agarrou na chave. Sentiu a sua visão desfocar-se, enquanto metia a chave no cadeado. Deslizou com facilidade, sem esforço, e o cadeado abriu-se. Uma nuvem negra de tinta de choco ergueu-se do interior.

Não estava repleto de ouro ou joias, ou de qualquer outra coisa que pudesse ser considerada um tesouro por muito que se usasse a imaginação. As sereias levaram-lhe, uma a uma, cada objeto do interior do baú.

Um extintor.

Um megafone.

Um dente de tubarão.

Oliver pestanejou, a sua visão turva.

— Mas isto não são riquezas — disse com esforço.

— O que faz de um tesouro um tesouro — respondeu Marina — é a sua raridade no momento em que dele mais precisares. — Estendeu o braço na direção de Ondine e arrancou a bússola do pescoço da irmã, pressionando-a contra a palma da mão de Oliver.

Oliver pensou nas suas palavras. E, enquanto desmaiava, pensou que aquele talvez fosse o melhor conselho que alguém poderia receber sobre o amor.

OLIVER

Isto é o que sei sobre Delilah McPhee:

Ela róí as unhas quando está nervosa.

Canta desafinada.

Pronuncia mal a palavra *léxico* no seu sotaque monocórdico e estranho, mas insiste que eu é que não sei falar corretamente.

Tem uns olhos hipnotizantes. É como se não precisasse de falar, já que tudo o que sente está escrito neles.

– Não estás a ouvir – diz Delilah.

Depois de ter passado horas sem ela, estamos finalmente juntos outra vez. É um pouco difícil ouvi-la por causa da música alta que sai daquela caixa mágica chamada rádio, na esperança de que impeça a mãe dela de a ouvir a falar comigo em voz alta. Por detrás dos ombros de Delilah consigo ver pedaços familiares do que sei ser o seu quarto – paredes cor-de-rosa, candeeiros cor-de-rosa, tudo cor-de-rosa. No limite da minha visão, está uma almofada decorativa com franjas e pelo. E sim, é cor-de-rosa.

– Não paras de me distrair – digo-lhe.

– A única coisa que estou a fazer é a falar contigo, aqui sentada!

– Exatamente – digo, e sorrio-lhe.

Gosto de saber que, quando lhe sorrio desta maneira, o rosto dela fica vermelho. É curioso que a mesma coisa aconteça quando sorrio para Seraphima, mas não o ache tão encantador.

Estou a olhar para a maneira como as pestanas de Delilah lançam sombras sobre as suas faces e a tentar decidir se o cabelo dela é da cor do leite com chocolate ou de teca polida, enquanto ela fala e fala.

– Compreendo perfeitamente porque é que te sentes encurralado – diz Delilah. – Mas é melhor estar encurralado e vivo (o que quer que isso signifique dentro de um livro) do que livre e morto.

Teca, sem dúvida. Ou talvez noqueira.

– Se algo tão simples como uma aranha não conseguiu sair do livro, como achas que vai sair um ser humano? E se eu te puxar do livro e não passares... de uma palavra?

Ela levanta-se da cama onde estava deitada a falar comigo e começa a andar para trás e para a frente. De onde me encontro, consigo ver mais do quarto atrás dela: um espelho com fotografias presas a toda a volta, de Delilah e da rapariga com quem estivera a falar antes; de Delilah com os braços bem abertos no cimo de uma montanha; de Delilah e da mãe a fazerem caretas. Acho que, se conseguisse sair do livro, a minha primeira decisão seria roubar uma daquelas fotografias para poder tê-la sempre comigo.

Outra coisa que consigo ver deste ângulo é que cada centímetro da sua figura é bastante visível nas estranhas roupas que traz vestidas – uma espécie de *collants* azuis com vários rasgões e buracos. São tão apertados que é quase como se não tivesse nada vestido.

– Porque é que não estás de vestido? – pergunto de repente.

Delilah para de andar e vira-se para mim.

– O quê? Que é que isso interessa?

– O que trazes vestido é indecente!

Ela funga.

– É muito mais decente do que o que usam algumas raparigas da minha escola – diz. – Tem calma, Oliver. São só umas calças de ganga.

Apercebo-me de que, embora já tenha visto Leitores com roupas estranhas, estão normalmente tão perto da página que não reparo nas diferenças entre as suas roupas e as minhas. No caso de Delilah, contudo, não consigo deixar de reparar.

– Como eu estava a dizer – continua ela sem rodeios –, gostava muito de te poder ajudar. Mas tenho estado a pensar em ti o dia todo... acredita em mim, só pensei em ti...

Perante tais palavras, sorrio.

– ... e acho que não me conseguiria perdoar se te matasse.

Ergo a cabeça de repente.

– Matar-me? Por que raio haverias de fazer isso?

– Oliver, ouviste *alguma* coisa do que eu acabei de dizer? Não posso correr o risco de que te aconteça o mesmo que aconteceu àquela aranha. – Ela senta-se, a olhar para o colo. – Acabei de te encontrar – diz Delilah. – Não te posso perder.

No conto de fadas, nunca tive de me preocupar com a morte. Sei que as sereias não me vão deixar afogar. Sei que serei sempre capaz de vencer o dragão. Sei que irei sempre derrotar Rapsclullo.

Mas este Outro Mundo não funciona da mesma maneira. Não há segundas oportunidades. A morte, aqui, é a sério.

Atinge-me com a força de uma pancada violenta: a constatação de que prefiro morrer a saber que poderei nunca ter uma oportunidade de finalmente beijar Delilah McPhee.

Talvez a razão por que nunca morri nesta história seja o facto de nunca ter tido nada por que valesse a pena morrer.

– Só precisamos de descobrir um método melhor para escapar – sugiro. – Tem de haver outra maneira.

Ouçó a mãe de Delilah a chamar o nome dela e, de repente, o livro é fechado com força. Espero alguns momentos, na esperança de que Delilah possa voltar.

Quando ela o faz, é de novo na página 43.

– Desculpa – diz. Está a correr pelo quarto, agarrando numa mochila e atirando uma toalha para o seu interior. – Tenho de ir para a nataçao.

– Tenho a certeza de que depressa lhe apanharás o jeito – respondo. – Comigo foi assim.

– Eu sei nadar – diz Delilah. – É um desporto. É suposto eu estar a fazê-lo para me divertir. Mas quando se chega sempre em último lugar na prova individual de estilos, é difícil fazê-lo com alegria.

– Então porquê fazê-lo?

– A minha mãe acha que me ajudará a integrar.

– Devias dizer-lhe que preferias não ir.

Ela faz uma pausa e olha para mim.

– Porque é que não mandas a tua mãe passear quando ela te dificulta a vida?

– Isso é diferente. Fui escrito assim.

– Bem, acredita em mim – diz Delilah. – Nesse caso, ser adolescente não é assim tão diferente de fazer parte da história de outra pessoa. Há sempre alguém que acredita saber o que é melhor para nós.

Ofereço-lhe o meu sorriso mais encantador.

– Podias ficar antes comigo.

– Quem me dera. – Delilah suspira. – Mas isso não vai acontecer.

– Então leva-me contigo.

– Água e livros não se misturam muito bem.

– DELILAH! – A voz da sua mãe ribomba de novo à distância.

E por isso ela fecha o livro, desta vez com mais delicadeza, e abandona-me.

Sento-me na beira da página 43, sentindo já a falta dela, ao mesmo tempo que a rainha Maureen vagueia até ao limite da margem. É assim quando o livro está fechado – todos nós podemos vaguear por onde quisermos; não há privacidade.

– Oh, lamento *muito*! – diz ela, recuando. – Não me apercebi de que estava alguém nesta página!

– Não, não – digo, levantando-me. – Não faz mal. A sério.

A rainha Maureen não é a minha mãe de verdade, claro. Tecnicamente, a autora desta história é a mulher que nos deu vida a todos. Mas como dois atores numa peça há muito em exibição, eu e Maureen tornámo-nos tão próximos um do outro e à vontade nos nossos papéis, que ela é o que tenho de mais parecido com um progenitor nas páginas deste livro. Gosto da maneira como ela me guarda sempre um dos seus biscoitos de gengibre, acabados de sair do forno da cozinha do castelo quando está com vontade de cozinhar. E já a procurei, ocasionalmente, em busca de conselhos quando eu e *Frump* nos desentendemos ou quando Seraphima mergulha de tal maneira nas suas ilusões que passa o nosso tempo livre a correr atrás de mim. Respeito as opiniões de Maureen. Suponho que, neste aspeto, a minha personagem se tenha começado a fundir com o eu verdadeiro.

– Tens um minuto? – pergunto.

– Claro. – Ela aproxima-se e senta-se ao meu lado num pedregulho baixo. – Pareces estar com vontade de deitar um muro abaixo ao pontapé.

Expiro pesadamente.

– Sinto-me tão *frustrado*.

– Quem é que te cuspiu para o prato da sopa? – pergunta ela, erguendo uma sobrancelha.

– Se somos só de faz-de-conta, as emoções que sentimos são reais?

– Bem – diz Maureen. – Alguém está muito filosófico hoje...

– Estou a falar a sério – interrompo. – Como é que posso saber como é o amor?

– Deus do Céu, por favor diz-me que não ficaste subitamente apaixonado por aquela princesa pateta...

– Pela Seraphima? – Estremeço. – Não.

Os olhos de Maureen iluminam-se.

– É a Ember, não é? Já a vi olhar para ti pelo canto do seu olhinho.

– Não estou apaixonado por uma fada...

– Não é a Cook, é?

– A Cook? Ela tem o dobro da minha idade...

Maureen franze o sobrolho.

– Uma das sereias? Devo avisar-te de que as vossas saídas serão tremendamente



ensopadas...

– Ela não pertence a este livro – digo.

Maureen limita-se a pestanejar.

– Ah! Bem, meu rapaz, acho que não te consigo ajudar.

– Ela não se parece com ninguém que eu já tenha conhecido. Quando não estou com ela, quero estar. E quando ela abre o livro e vejo o rosto dela, mal me consigo lembrar do que devo dizer e ainda menos de como se fala. – Testo as palavras na minha língua. – Acho que talvez esteja apaixonado por ela. Mas como posso saber ao certo se o único amor que alguma vez vivi foi escrito para mim?

– Oh, querido, o amor é isso. É um poder maior do que tu ou eu, que nos atrai para uma pessoa especial.

Maureen parece saber exatamente do que está a falar. Como se sentisse o mesmo, neste preciso momento.

– Parece que amavas mesmo o Maurice – digo.

Ela ri.

– Querido, ele não passa de uma analepse.

Pressiono as têmporas com os dedos. É tudo tão confuso – o que é real e o que é apenas faz-de-conta. Na história, apaixono-me por Seraphima, mas aquilo que sinto quando estou com ela é muito diferente do que sinto por Delilah. Com Seraphima, faço o que tenho de fazer. Com Delilah, tudo é novo, as cores são mais vibrantes, as coisas estão sempre a mudar.

– Então como é que sabes o que é o amor?

– Porque são tantas as histórias sobre o amor, escritas por pessoas que o sentiram antes. O covil de Rapsclullio está repleto de livros sobre personagens que não fazem parte desta história mas que são loucas umas pelas outras. Romeu e Julieta, a Bela e o Monstro, Heathcliff e Catherine.

– Quem são esses?

Maureen encolhe os ombros.

– Não sei, mas a nossa autora pôs os seus nomes nas prateleiras da ilustração na página trinta e seis. Já li uns quantos durante as nossas folgas. Sabes que tudo o que estiver na mente do autor pode existir no livro, mesmo que não apareça na história em si.

Isso é verdade. O mundo em que vivemos é maior do que o conto de fadas; de facto, é tão vasto quanto a imaginação da mulher que nos criou. É por isso que eu e *Frump* podemos jogar xadrez e que o capitão Crabbe é apaixonado por palavras-cruzadas. É como se o que quer que a autora estivesse a pensar, ao criar os espaços onde nos encontramos, fosse sumptuosamente imaginado, tridimensional. A cozinha do castelo, por exemplo, está plenamente fornecida com cereais e farinhas, pratos e talheres, embora no conto de fadas Cook nunca seja vista a cozinhar. Graças a isso, durante o nosso tempo livre, Maureen debruça-se sobre os livros de culinária e faz bolos, tartes e biscoitos para nós.

– Posso perguntar-te outra coisa? – digo, virando-me para Maureen. – Eu sei que, para ti, ele é apenas uma analepse. Mas o Maurice partiu para te salvar e acabou por te deixar para trás, para sempre. Vale mesmo a pena morrer pela pessoa que se ama?

Ela pensa sobre aquilo por um momento.

– Essa não é a verdadeira pergunta, Oliver. O que devias perguntar é: será que consegues viver sem ela?

Frump convocou uma reunião com todas as personagens, pelo que nos reunimos na última página da história, na Praia da Eternidade. Ele ergue-se sobre as patas traseiras, em

cima de um toco de madeira, dirigindo-se à multidão.

– Foi trazido à minha atenção, amigos – começa (ele é, realmente, o melhor orador entre nós) – que temos estado a cair por terra no que diz respeito ao nosso trabalho.

– Cair por terra é o meu trabalho – diz *Pyro*, o dragão, que, tenho de admitir, parece bastante atraente com os novos elásticos vermelho-fogo que colocou no aparelho que usa nos dentes de cima. – Está na página quarenta.

– Digo isto como uma metáfora – continua *Frump*. – Nenhum de nós tem tido muita exposição, ultimamente, porque o Leitor parece estar fixado numa página em particular.

Fico gelado onde estou, sentado, encostado a uma palmeira.

– A página quarenta e três – acrescenta *Frump*, olhando fixamente para mim.

Solto uma gargalhada monocórdica.

– Bem – digo eu. – Vá-se lá perceber.

– Ocorre-te alguma razão, Oliver, para o Leitor ignorar o resto da história?

– Eu, hum, estou certo de que não passa de uma coincidência – gaguejo. – Talvez ela esteja muito interessada em escalada?

– Ela? – diz Rapscullio, avançando de sobrolho franzido. – Como é que sabes que é uma ela?

Engulo em seco.

– Eu disse ela? – Encolho os ombros. – É apenas um palpite. Quer dizer, a maior parte dos nossos Leitores são meninas, não é?

– Precisamente – diz *Frump*. – Razão por que precisamos de aumentar um pouco a ação. Da próxima vez que este livro for aberto, podemos saltar da página.

– Boa sorte com isso – murmuro.

– O que é que disseste, Oliver?

Tossi.

– É só uma comichão na garganta.

– Certo. Como eu estava a dizer: sereias, mais assustadoras! Quero que os miúdos tenham pesadelos! E, *trolls*, não se esqueçam de atirar com o Oliver ao chão quando ele atravessar a ponte. Rapscullio, quando o tiveres pendurado no ar, a vinte metros do chão...

– Ei, espera um minuto! – interrompo. – Então e eu?

– Parece-me que te estás a sair muito bem. – Seraphima funga. – Enquanto eu não digo uma única palavra há *dias*...

– Há sempre um lado positivo – murmuro.

– Tens toda a razão – concorda *Frump*, tão ansioso por apoiar Seraphima que late. – Com uma voz tão pura como a tua, princesa, devias estar sempre a falar...

Mas é como se estivesse a falar para o vazio. Seraphima ignora por completo *Frump*, sentando-se antes na areia ao meu lado e deslizando as pontas dos dedos pelo meu braço, fazendo-me cócegas.

– Ollie – ronrona. – Sinto mesmo a tua falta. E se fôssemos para a página sessenta praticar o beijo?

– Prometi, hum, ajudar a Maureen na cozinha – digo.

Ela suspira.

– Faz o que quiseres. – Depois olha para *Frump*. – Já estamos despachados? Porque eu preciso mesmo de uma sesta. Sono de beleza, sabes.

– Se me permites que o diga, minha senhora, nada te poderia tornar mais bela do que já és – responde *Frump*.

Kyrie, a sereia, revira os olhos.

– Por amor de Deus, *Frump*, estás a deixar-me mareada.

Uma das grandes ironias deste livro é que as sereias, na vida real, não estão

minimamente interessadas em rapazes.

– Muito bem, então! – ladra *Frump*. – Todos sabemos o que temos de fazer para envolver o Leitor. Recomendo vivamente que usem este tempo de folga para praticar, para que estejamos no pico da forma quando a história for de novo representada.

Frump salta com ligeireza do seu tronco, enquanto as personagens dispersam.

– Oh, princesa? Princesa Seraphima? Se precisares de alguém para substituir o Oliver na página sessenta, tenho todo o gosto em voluntariar-me...

Ela dá meia-volta, aponta para ele com um dedo.

– Fica. Cãozinho bonito.

Com a cauda entre as pernas, *Frump* afasta-se pela praia. Estou prestes a segui-lo, para tentar animá-lo – ou pelo menos convencê-lo a abandonar esta ridícula paixoneta por uma mulher com os recursos mentais de um tijolo – quando o capitão Crabbe me dá uma forte palmada nas costas.

– Olá, Oliver. Será que te ouvi dizer que a Maureen vai cozinhar outra vez? Poderei eu esperar que seja o bolo de ananás? Terei todo o gosto em cortá-lo em fatias.

Desembainha o seu florete. O aço brilha, mas não tanto quanto o seu sorriso. Deve ser isso que acontece quando se limpam os dentes com fio dental todos os dias.

Limpar os dentes com fio dental todos os dias.

Pôr aparelhos nos dentes dos dragões.

Desempenhar o papel de dentista, em vez de pirata.

Olho bem para o capitão Crabbe e apercebo-me de que este homem talvez seja capaz de compreender porque é que quero tão desesperadamente deixar esta história.

– Capitão – digo –, e se fôssemos dar uma volta?

– Deixar a história? – exclama o capitão Crabbe, estacando de repente. As fadas, que nos têm vindo a acompanhar, voam em redor do rosto dele como mosquitos. – Nunca me atreveria!

– Mas imagine... algures, num outro mundo, poderá ter a sua própria clínica ortodôntica. Poderia passar o dia todo a pôr aparelhos nos dentes, sem ter de parar para içar uma vela grande ou disparar um canhão! – Diriço-lhe o meu sorriso mais franco, mais esperançoso.

Por um momento, ele parece considerar tal opção. Depois diz:

– Sabes, esse teu canino esquerdo está um bocadinho torto. Posso arranjar isso...

Suspiro, frustrado.

– E se eu te dissesse que estabeleci contacto com... o exterior?

Glint cruza os seus braços minúsculos.

– Quer-me parecer que alguém tem andado outra vez a sonhar acordado...

Enxoto-a.

– Mas quem é que te perguntou alguma coisa?

– Ignora-o – sussurra Sparks. – É óbvio que acordou com os pés de fora da sua cama real.

Fecho as mãos em punhos cerrados.

– FAZEM O FAVOR DE ME DEIXAR EM PAZ?

– Bem, nunca pensei – murmura Ember.

– Sinceramente! – apoia Glint.

Sparks levanta o queixo.

– Vamos, senhoras. Sabemos quando não somos desejadas.

As fadas desaparecem por entre os ramos das três árvores na Floresta Encantada e o capitão Crabbe segue-as.

– Tu não – digo. – Tu podes ficar.

– Oh! Sim. – Ele vira-se de novo para mim. – Olha, filho. Ainda que o que dizes fosse possível... isso não significa que eu não me sinta feliz onde estou.

– Mas como é que te podes sentir feliz? A fazer a mesma coisa sem parar, como se não tivesse qualquer importância o facto de teres uma mente própria, de teres os teus próprios pensamentos?

Ele encolhe os ombros.

– Posso estar sempre a fazer a mesma coisa, Oliver... mas estou a fazer algo que adoro. Posso ser ator e praticar a ortodontia. – O capitão Crabbe ergue os olhos para mim. – E se, em vez de pensares no que não tens, te concentrasses no que tens?

Fungo.

– Uma enorme dose de frustração?

– Estava a pensar mais na linha de uma bela rapariga nos braços, sempre que a história é lida. Um companheiro leal que faria tudo por ti. – O capitão Crabbe hesita. – E gengivas fantásticas.

– Mas...

– Lamento, rapaz. Mas por vezes a chave para a felicidade é esperar um pouco menos. – O pirata sorri. – Assim, nunca te sentirás dececionado. – Com um aceno alegre, avança pelos caminhos que atravessam a floresta. – Tenho de regressar ao navio. Por esta altura, o Walleye e o Scuttle já devem ter incendiado a cozinha.

Enquanto o vejo afastar, encosto-me ao tronco de um carvalho antigo e decrepito. Poderá o capitão estar certo? Se eu nunca tivesse falado com Delilah, saberia o que estava a perder?

É isso. Vou sentar-me na página 43 e esperar que ela volte, e vou dizer-lhe que ela tem razão – que é, simplesmente, impossível. Que não há a mínima hipótese de que eu consiga transcender as páginas desta história. Vou dizer-lhe que...

– Hum! – Sou atirado para o chão, caindo de costas, e por um momento tudo o que consigo ver são estrelas em redor do meu rosto. Primeiro, presumo que se trate de uma pequena vingança das fadas, mas depois ouço atrás de mim uma voz muito clara, bem articulada.

– Não tenho o dia todo...

Franzo o sobrolho. Esta é a fala de Rapscullio na página 45, depois de ter trepado a parede rochosa e me ter esgueirado pela janela da torre onde ele aprisionou Seraphima. Ouço-o e depois salto para a frente com o meu punhal desembainhado.

Só que esta não é a página 45.

Rebolando sobre a barriga, ergo os olhos e vejo Rapscullio, que agita uma das redes de pesca dos piratas, presa na ponta a um arco. Fora do seu alcance por muito pouco está uma borboleta sarapintada espantosamente brilhante.

– Então e agora? – rosna.

Outra fala. Da página 58, quando encosta a sua espada à minha garganta.

Levanto-me, sacudindo a terra dos joelhos.

– Que raio estás a fazer?

Sobressaltado, ele vira-se para mim – e a borboleta cor de laranja bate as asas para a Floresta Encantada.

– Eu estava a tentar matar dois coelhos de uma cajadada: a praticar as minhas falas, como o *Frump* sugeriu, ao mesmo tempo que tentava apanhar um espécime da *Polygonia*



interrogationis.

– Santinho.

– Cretino. É uma espécie de borboleta – diz Rapscullio. – Uma borboleta que me escapou por tua culpa.

Apercebo-me de que eu e o capitão Crabbe andámos mais do que pretendíamos e que, na verdade, não estamos muito longe do covil de Rapscullio: um casebre, pequeno e escuro, construído contra a parede de uma gruta e iluminado por centenas de velas de sebo. Penso no que a rainha Maureen me disse – nas filas e filas de histórias de amor nas prateleiras da sua biblioteca.

– Sabes – digo lentamente –, acho que nunca vi toda a tua coleção. De borboletas, quero eu dizer.

O rosto de Rapscullio ilumina-se.

– Oliver! Serás um entomologista não assumido?

– Eu? – respondo. – Sim! Cento e dez por cento! – Não faço ideia do que seja um entomologista. Espero desesperadamente não ter acabado de admitir a Rapscullio que gosto de tomar banho com alho ou vestir roupa de mulher.

– Bem, então vamos! Nunca sabemos quanto tempo temos antes que o livro volte a ser aberto.

Rapscullio encosta a rede ao ombro e parte pelo pequeno bosque a passo acelerado.

Corro atrás dele.

– Por acaso sabes quantas espécies de borboletas existem?

– Mas é claro – diz ele. – Existem quinhentas e sessenta e uma. Tenho em casa um livro com ilustrações de todas elas.

– Hum. – Finjo estar a pensar sobre esta informação. – E quantas, exatamente, é que já conseguiste capturar?

Será imaginação minha ou ele está com as faces rosadas?

– Bem, até agora, apenas quarenta e oito. Por outro lado, só tenho sessenta páginas para as colecionar.

Entretanto, chegámos à parede de madeira carunchosa da residência dele.

– E se eu te dissesse que podias apanhar as outras quinhentas e treze espécies?

Rapscullio para, uma mão na maçaneta da porta.

– Sabes, não é bonito gozar com as pessoas.

– Não estou a gozar, Rapscullio. Juro.

Sigo-o para o seu covil. Já aqui estive um milhão de vezes, claro, mas nunca deixa de me assustar um pouco. As paredes são levemente húmidas ao toque e a névoa ergue-se do chão coberto de musgo. Num canto está uma secretária cheia de tralha, feita com ossos de animais e madeira carcomida. A única luz natural penetra através de um buraco aberto na parede rochosa da gruta e ilumina um cavalete sobre o qual se encontra uma grande tela: um retrato inacabado da rainha Maureen quando jovem, a paixão que, na história, conduziu Rapscullio a uma vida de maldade. Há mais meia dúzia de retratos dela espalhados pelo espaço exíguo, bem como alguns de dragões a cuspir fogo.

– É assim – digo eu, apresentando a observação com um encolher de ombros. – Acho que pode haver uma espécie de portal. Uma maneira de sair deste conto de fadas e entrar no mundo real. E no mundo real, Rapscullio, podias passar todos os minutos do teu dia a caçar borboletas que só conseguirias imaginar nos teus sonhos mais loucos.

– E porque é que havia de fazer isso? – diz ele. – Posso fazer isso aqui mesmo.

– Mas disseste que só tinhas quarenta e oito tipos...

– Até agora – riposta Rapscullio. Ele afasta-me do caminho com o cotovelo e o seu braço esquelético agarra, atrás de mim, um quadro em que eu não tinha reparado. Afastando

o rosto inacabado de Maureen, pousa aquela nova tela no cavalete.

É uma réplica perfeita e realista da divisão em que nos encontramos. Nela está um cavalete. E nesse cavalete está uma tela com uma réplica exata desta mesma divisão. E por aí fora. De facto, fico um pouco tonto ao olhar para o quadro, como se se tivesse aberto uma janela mesmo à minha frente.

– Uau – digo, impressionado. – Talvez devesse deixar a vida de vilão e seguir uma carreira de artista.

– Vê e aprende, meu amigo – diz Rapscullio. Ergue a sua paleta e mergulha um pincel numa mancha carmesim. Depois, com pinceladas finas e cuidadosas, acrescenta à tela uma gloriosa borboleta a pairar por cima da secretária. Termina com uns retoques a amarelo e preto, depois recua para analisar o seu trabalho.

– *Voilà* – diz e, enquanto observo, a borboleta evapora-se lentamente do quadro.

E reaparece a dez centímetros do meu nariz, antes de esvoaçar pela janela.

– Afinal são quarenta e nove espécies – diz Rapscullio.

Numa das analepses do conto de fadas, ficamos a saber como Rapscullio conseguiu arranjar um dragão que aterrorizasse o reino e matasse o rei Maurice. Em vez de perseguir um através das Terras Altas Escondidas, onde se diz que vivem estes animais, conjurou um com o seu cavalete mágico. Tudo o que fosse pintado na tela libertava-se dela tão tridimensional e vivo como as restantes personagens.

Nem acredito que me esqueci disso.

– Espera – digo, atónito. – Consegues criar qualquer coisa que queiras, bastando-te pintá-la... mesmo quando a história não está a ser lida?

Em resposta, ele pega noutro pincel e desenha no quadro uma caneca fumegante sobre a secretária. Esta aparece-lhe imediatamente na mão.

– Um chá? – oferece.

– Rapscullio, isto é espantoso. É *mais* do que espantoso. Podes mesmo trazer o que quiseses para esta história?

– Assim parece – diz ele. – Não sei porque é que funciona quando a história não está a decorrer. Ou porque é que consigo dar vida a outros desenhos para além de Pyro. Mas tenho de admitir que tem dado bastante jeito.

– Costumas pintar outras coisas para além de borboletas?

Rapscullio baixa os olhos, tímido.

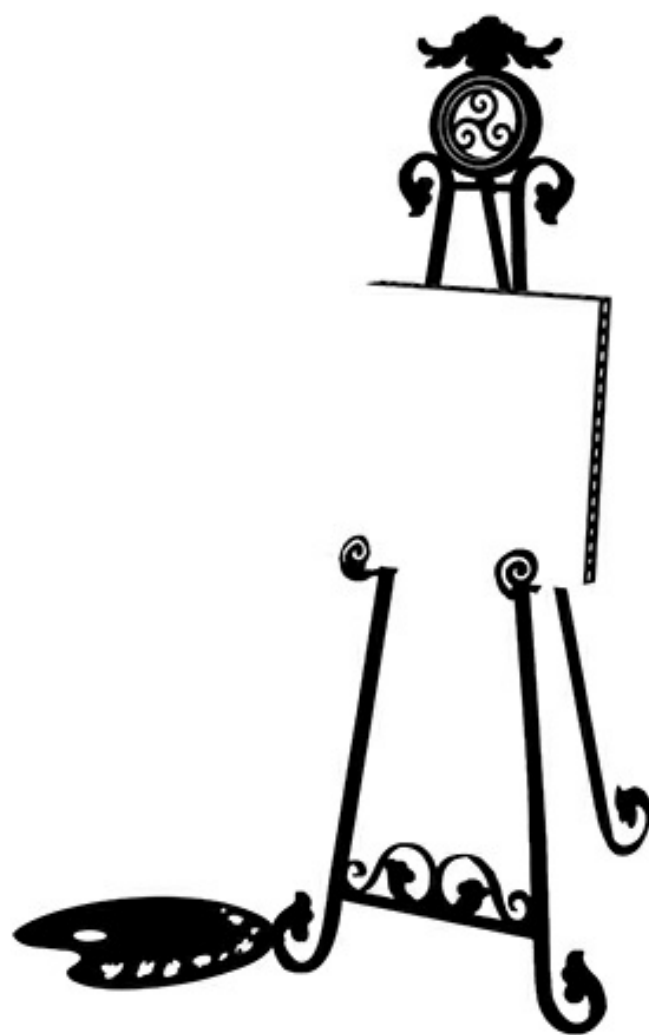
– A semana passada, senti um desejo francamente intenso por groselhas cobertas de chocolate, pintei uma tigela delas e comi até me parecer que ia explodir.

– Se consegues pintar alguma coisa para *dentro* da história – digo eu, lentamente, pensando –, também consegues pintar alguma coisa para *fora* dela?

Ele abre a boca para responder, mas, antes que o consiga fazer, ouço a voz frenética de *Frump*, como que num altifalante.

Todos aos vossos lugares! O livro está a abrir! Malta, temos luz ao longo da costura! E lembrem-se, façam atuações merecedoras dos maiores prémios!

E depois, de repente, estou a cair para trás e a tombar de pernas para o ar até aterrar, como um gato, agarrado a uma íngreme parede rochosa na página 43.



DELILAH

Sempre que vou às aulas de natação, sou a última a sair do balneário. Simplesmente não tenho grande vontade de me apressar para uma hora de tortura. Sou a nadadora que chega em vigésimo quinto num total de vinte e cinco participantes, independentemente do tipo de braçada. Sou aquela que leva a treinadora a quase estremecer quando chama o meu nome para que suba para o bloco de partida.

Contudo, hoje sinto-me um pouco diferente. Talvez seja de falar com Oliver — mas acho realmente que hoje sou capaz de não chegar em último lugar nas provas de treino. Afinal de contas, ele parece acreditar na minha capacidade de realizar o impossível — porque não hei de acreditar no mesmo?

— Nadadores, às vossas posições — diz a minha treinadora e eu esgueiro-me para a pista mais à direita, agarrada à beira da piscina, preparando-me para o estilo costas. Ponho os óculos e ajusto a touca, olhando de relance para a fila de colegas de equipa. Estou ao lado de Holly Bishop, que ficou em terceiro lugar nas competições estaduais no estilo costas. *Espantoso*. Mais ao fundo estão alguns caloiros e depois, na pista mais à esquerda, está Allie McAndrews, a líder da claque, que (tanto quanto consigo perceber) só nada porque isso lhe dá a oportunidade de vestir um fato de banho e namoriscar com os rapazes da equipa.

Ouve-se um bipe eletrónico, eu mergulho e impulsiono-me para a frente usando a parede, ondulando os primeiros metros. Já me sinto diferente, como se fosse uma criatura do mar — uma sereia como as da história de Oliver — com uma cauda tão poderosa que poderia nadar mais depressa que um barco, já para não falar na Holly Bishop. Venho à superfície e fito as luzes fluorescentes do centro aquático, golpeando cegamente para trás. Sou uma máquina. Sou invencível.

Dou uma cambalhota para me virar e, quando regresso à superfície, consigo ouvir os meus colegas a gritar e a praguejar — e a minha treinadora a chamar o meu nome. Vou *mesmo* rápido; ninguém consegue acreditar que chegou finalmente o dia da velha Delilah McPhee. A qualquer

instante vou senti-lo — o sensor eletromagnético que vai parar o relógio e anunciar a minha vitória. Sinto a água a mover-se por baixo de mim e o meu braço esticado bate em algo duro atrás de mim...

— Aiii!

Cuspindo, viro-me e arranco os óculos do rosto, deparando-me com Allie McAndrews agarrada ao nariz, que escorre sangue na parte mais funda da piscina.

— Estás a *brincar*? — grita ela.

Olho para ela, horrorizada, e depois para algumas das outras raparigas da equipa de natação que a arrastam para fora da piscina.

— Todos cá para fora — grita a minha treinadora. — Fluidos corporais dentro de água!

— Eu... eu lamento — gaguejo, perguntando-me o que é que Allie McAndrews estava a fazer na minha pista. Mas depois olho à minha volta.

Consegui, de alguma maneira, atravessar cinco pistas, até à mais à esquerda, onde Allie estava a nadar. E, com o meu estilo de costas assassino, devo ter-lhe partido o nariz.

— Como correu a natação? — pergunta a minha mãe mal eu deslizo para o lugar do passageiro do carro.

— Vou desistir. Da equipa de natação, do liceu, da vida em geral.

— O que é que aconteceu?

— Não quero falar sobre isso.

O meu telefone toca. Tenho uma nova mensagem de Jules, mas nem a *ela* me apetece falar sobre a minha mais recente catástrofe. Além disso, tenho a certeza de que ela vai descobrir na escola, segunda-feira, quando eu me tornar uma pária ainda maior do que já sou.

A minha mãe olha para mim de relance.

— Bem, o que quer que tenha sido, não pode ser algo que um duplo batido de chocolate do Ridgeley's Diner não possa resolver. Vamos lá parar para jantar.

Eu sei que, para a minha mãe, é algo importante. Não somos o tipo de pessoas que comam fora muitas vezes. Não podemos dar-nos a esse luxo.

— Obrigada — murmuro. — Mas só quero ir para casa.

— Delilah — diz a minha mãe, franzindo o sobrolho. — Tens a certeza de que estás bem?

— Estou ótima, mãe. Só tenho... muitos trabalhos de casa.

Consegui com sucesso evitar mais conversas durante o resto da viagem até casa. Quando entramos no acesso, corro para casa e subo para o meu quarto. O livro está pousado na minha cama, precisamente onde o deixei.

Abro-o na página 43 sem qualquer esforço — acho que a lombada está a desenvolver um vinco natural — e deparo-me com Oliver no fundo do penhasco. Ele dirige-me um sorriso brilhante.

— Gostaste da tua aula de natação?

Consegui aguentar-me até ao final da aula; enquanto estive no balneário, onde toda a gente sussurrava e me dirigia olhares azedos; durante os dez minutos da viagem até casa. Mas agora, à frente de Oliver, deixo de me esforçar e começo a chorar. Quando o faço, grandes gotas caem na página. Uma delas aterra sobre Oliver e rebenta sobre a sua cabeça como um balão de água, deixando-o ensopado.

— Desculpa — digo, fungando. — Tive uma tarde bastante má.

— Então talvez eu te consiga animar — diz ele.

O simples facto de estar aqui já me alegra, penso, e apercebo-me de que durante a aula de natação, enquanto toda a minha vida se desmoronava, a única pessoa que eu queria mesmo ver era Oliver.

Que, tecnicamente, não é uma pessoa de verdade.

Limpo os olhos.

— Quase afoguei a rapariga mais popular da minha escola, a mesma que incapacitei o ano passado. Segunda-feira de manhã, quando for para a escola, todos os alunos dentro daquele edifício vão odiar-me.

— *Eu* não te vou odiar — diz Oliver, lealmente.

Sorrio ligeiramente.

— Obrigada. Mas infelizmente, não andas na minha escola.

— Ah, mas talvez possa vir a andar... mais depressa do que esperas...

Os meus olhos arregalam-se quando percebo do que está a falar.

— Encontraste outra saída? — Prefiro falar dos problemas de Oliver do que dos meus.

— Bem, descobri, no mínimo, uma espécie de portal! Encontrei-me com Rapsclullo e ele é um pintor brilhante!

— *Pintor*? Eu pensei que ele era um vilão!

— Não — diz Oliver. — Lembra-te, eu disse-te que esse é só o seu papel na história. Seja como for, ele descobriu uma maneira de pintar um objeto numa tela especial que é uma imagem idêntica ao seu covil... e fazê-lo aparecer por artes mágicas.

— Foi assim que criou *Pyro*, o dragão...

— Exatamente. Mas pelos vistos o mecanismo funciona mesmo quando a história não se está a desenrolar.

Abano a cabeça.

— Como é que isso nos pode ajudar? Rapsclullo não vive propriamente *aqui*. Não te pode pintar neste mundo.

— Sim, mas acho que talvez seja capaz de me pintar para *fora* do meu.

Pondero por um momento.

— Isso não vai funcionar. Acabarias pintado algures noutra ponta da tua história. Como um clone.

— Um *scone*?

— Não, um cl... Esquece. — Levanto-me da cama e começo a andar de um lado para o outro, à sua frente. — Se houvesse uma maneira de introduzir uma pintura do *meu* mundo no covil de Rapsclullio, então talvez...

— Pensei que pudesses querer comer qualquer coisa saborosa...

Ao ouvir uma voz, rodo sobre mim mesma e vejo a minha mãe à porta com uma bandeja. Sobre ela, uma sanduíche de queijo gratinado e um copo de leite. Ela espreita para o quarto.

— Com quem é que estás a falar, Delilah?

— Com o meu... um amigo.

A minha mãe volta a olhar em redor do quarto.

— Mas não está aqui ninguém...

— O Oliver está ao telefone — digo rapidamente. — Em alta-voz. Não é verdade, Oliver? — Ele não responde, claro, e eu sinto-me a corar furiosamente. — A ligação está bastante má.

A minha mãe ergue as sobrancelhas. *É um rapaz*, desenham os seus lábios em silêncio.

Aceno afirmativamente.

Ela estica o polegar e, deixando a bandeja, sai do quarto às arrecuas.

— Foi por pouco — digo-lhe e suspiro.

Ele sorri.

— O que é que temos para o jantar?

— Podemos falar a sério? — pergunto. — Suponho que não tenhas feito nenhum curso de pintura?

Oliver ri.

— Isso — responde — é coisa de *princesas*.

— Ah, sim? Diz isso a Miguel Ângelo. Digamos que alguém pinta sobre a tela mágica do Rapsclullio, de tal modo que o cenário *não seja* um retrato do covil do Rapsclullio... mas uma pintura do meu quarto. E que depois te comesças a pintar nela. Dita a lógica...

— Que acabarei no teu quarto! — Os olhos de Oliver brilharam. — Delilah, és espantosa!

Quando ele diz estas palavras, sinto um arrepio a percorrer a minha coluna. E se ele *aparecesse* agora mesmo, sentado na minha cama? Dar-me-ia cinco? Abraçar-me-ia?

Beijar-me-ia?

Ao pensar nisso, sinto o rosto a arder como se tivesse pegado fogo. Encosto-lhe as palmas das mãos, na esperança de que Oliver não tenha reparado.

— Ah, agora envergonhei-te — diz ele. — Está bem, então. Não és espantosa. És perfeitamente normal. Banalíssima. Absolutamente substituível.

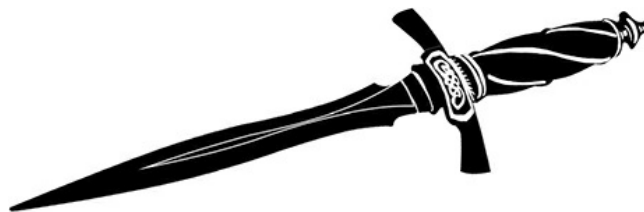
— Cala-te — digo, mas estou a sorrir. — Quero fazer uma experiência. Tens o teu punhal contigo?

— Claro — responde Oliver. Ele desembainha-o. — Porquê?

— Desenha um retrato meu. Na parede rochosa.

Ele pestaneja.

— Agora mesmo?



— Não, na próxima quinta-feira.

— Oh, ainda bem. — Oliver começa a guardar o punhal.

— Estava a brincar! *Claro* que é agora.

Será imaginação minha ou ele parece um pouco ingénuo?

— Certo — murmura Oliver. — Um retrato. — Encosta a ponta da faca ao granito. — Teu. — Ele avança, bloqueando a minha visão quando começa a escrevinhar na rocha. Por duas vezes, espreita por cima do ombro para olhar para o meu rosto.

Penso em todos os belos quadros expostos nos museus por todo o mundo — musas captadas na tela: a Mona Lisa, o nascimento de Vénus, a rapariga com o brinco de pérola.

— *Voilà* — declara Oliver, e afasta-se.

Gravada na parede rochosa está uma figura desproporcional, com olhos esbugalhados, cabelo desgrenhado e um traço em lugar da boca. Aparentemente, ao Oliver, pareço um Marreta.

— Não está mau, hã? — diz ele. — Embora ache que não consegui captar *bem* o teu nariz...

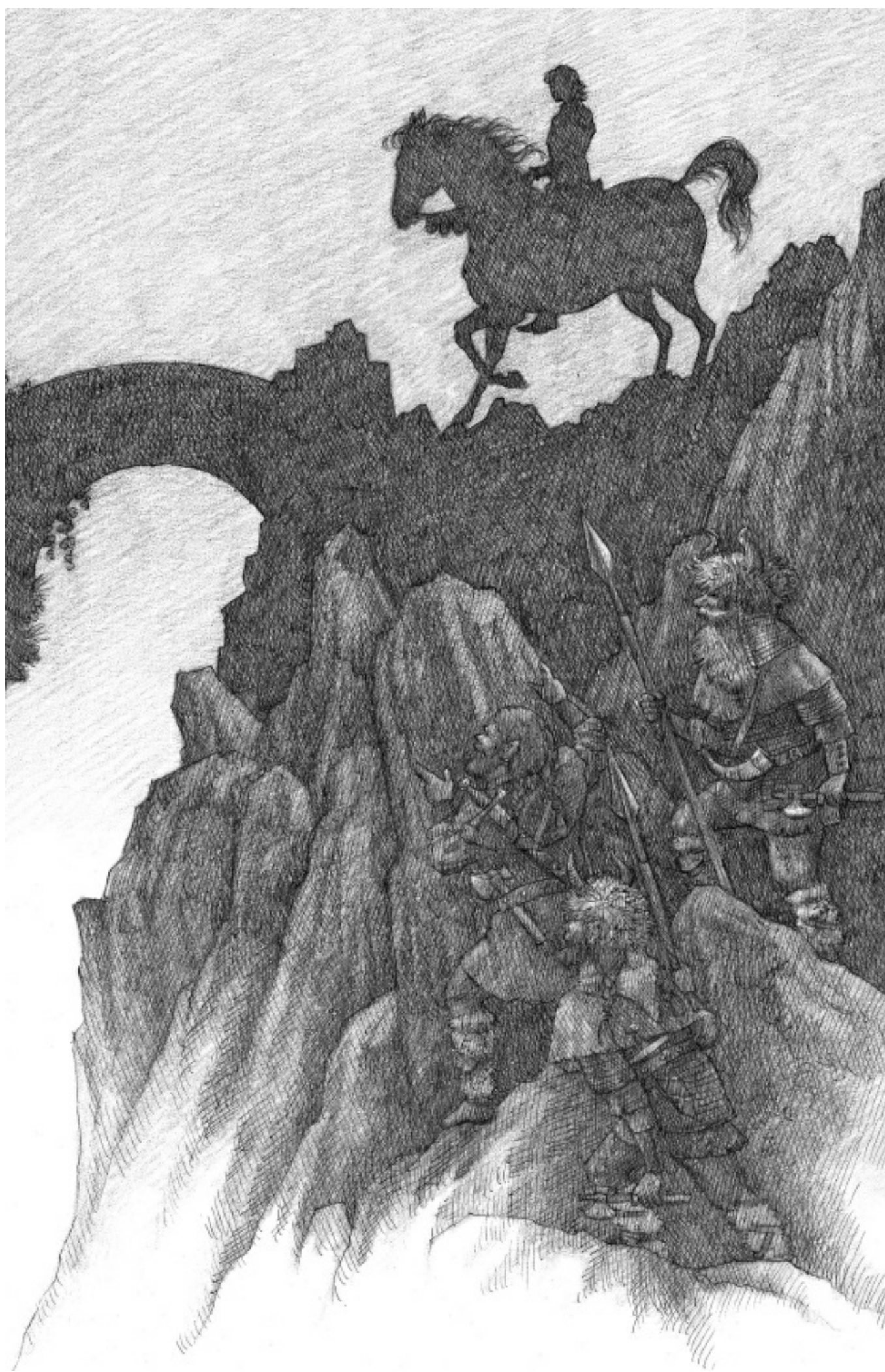
Não é de admirar, desenhou-o como um triângulo.

Hesito.

— Sem ofensa, Oliver, mas talvez não sejas a escolha ideal para pintar um retrato do meu quarto.

Ele franze o sobrolho, fitando o retrato que desenhou de mim, e depois sorri.

— Talvez não — diz Oliver —, mas sei exatamente quem será.



PÁGINA 31

O príncipe Oliver sonhou que uma das sereias ainda estava a beijá-lo. Lutava para se afastar dela, lutava para respirar — e depois abriu os olhos. Nenhuma sereia o beijava, apenas *Frump* lhe lambia o rosto, enquanto *Socks* relinchava e batia com as patas a alguns metros de distância. Oliver sentou-se, molhado e em desalinho, na costa oceânica. Não se recordava de as sereias o terem trazido para a superfície e poderia ter considerado que não passara de um pesadelo, não fosse pelo facto de ainda estar a agarrar a bússola e, na outra mão, um saco que continha os destroços e o lixo que as sereias tinham alegado serem tesouros.

Passada uma hora de viagem, Oliver e os seus fiéis companheiros chegaram ao rio do Arrependimento, uma fúria de águas brancas com um quilómetro e meio de largura que reclamara as vidas de muitos dos que tinham tentado atravessá-lo. A única esperança de passagem era a Ponte dos Trolls, que — há que dizê-lo — era quase tão perigosa.

É um facto bem conhecido que os *trolls* ou dizem *sempre* a verdade ou mentem *sempre*. E que todos os dias construíam duas pontes: uma segura e outra concebida para cair ao mais pequeno indício de peso.

Oliver desmontou, deu uma palmadinha na cabeça de *Frump* e aproximou-se da beira do precipício. Do lado oposto, via três homens pequenos e atarracados, que andavam de um lado para o outro com martelos e pregos. Uma das pontes parecia instável e frágil; a outra era de aparência resistente — mas Oliver sabia que as aparências enganam.

— Olááá? — chamou Oliver, mas os *trolls* continuaram a trabalhar, incapazes de o ouvir tal era o rugido das águas.

Oliver virou-se e procurou o megafone que fazia parte da coleção de tesouros das sereias e retirou-o do saco.

— Olááá! — gritou de novo, e desta vez os *trolls* olharam para ele. — Meus bons homens — disse Oliver. — Que ponte devo usar para atravessar?

O primeiro *troll*, Biggle, ergueu os olhos. Quando falou, Oliver não teve qualquer problema em ouvi-lo; os *trolls* são conhecidos por falarem em níveis de decibéis capazes de fazer tremer a Terra.

— Ora, mas o que é que temos aqui? Um homem elegante com o seu cavalo elegante, e o que é aquilo? Uma grande ratazana ou algo assim? — Biggle alisou a sua longa barba grisalha.

— Meu senhor, vejo que está a trabalhar com muito afinco — disse Oliver com um sorriso. — Ficar-lhe-ia grato pelo seu conselho.

Snort e Trogg, os restantes *trolls*, começaram a rir, roncando e agarrando as barrigas.

— Só podes pedir a um de nós que escolha por ti — disse Trogg, o mais gordinho. — Escolhe.

Oliver pensou sobre o assunto. Se os *trolls* mentiam *sempre* ou diziam *sempre* a verdade, como descobrir qual dos *trolls* era de confiança?

— Dizes a verdade? — gritou através do megafone.

Biggle respondeu, mas nesse preciso momento a água entre eles rugiu, pelo que Oliver não conseguiu perceber a resposta.

Snort pôs as mãos em concha junto à boca.

— Ele disse que diz sempre a verdade!

— Não, não disse — gritou Trogg. — Ele disse que era um mentiroso.

Os olhos de Oliver saltaram de um rosto hediondo para o seguinte. Biggle, compreendeu, dissera certamente que dizia a verdade. Esta seria a sua resposta caso dissesse *de facto* a verdade, mas também o seria caso fosse um mentiroso.

O que significava que a afirmação de Snort *tinha* de ser verdadeira.

Por outras palavras, *ele* era o *troll* em quem confiar.

— Tu! — disse Oliver, apontando para o *troll* mais pequeno, no meio. — Qual das pontes?

— Esta — respondeu Snort orgulhosamente, apontando para a ponte instável.

Oliver montou de novo o seu corcel e, sem um momento de hesitação, atravessou a ponte que Snort lhe indicara.

— É um guinéu — resmungou Biggle.

Oliver apalpou os bolsos e os alforges, mas todos os trocos tinham caído no oceano quando estivera com as sereias.

As sereias.

Os *trolls* avançaram, ameaçadores, prontos para o lançarem por terra.

— Cavalheiros — disse —, sabem o que é mais precioso do que o ouro? O amor

verdadeiro.

— Somos *trolls* — disse Trogg. — Será que ainda não te tinhas apercebido?

— Conheço, por acaso, três adoráveis senhoras que estariam dispostas a ignorar esse facto — disse Oliver.

— Sinceramente? — perguntou Snort.

Oliver sorriu.

— Eu digo sempre a verdade — respondeu.

OLIVER

– Colcha – diz Delilah

– Hum... cor-de-rosa.

– Boa. Número de peluches em cima da cama?

– Três.

– Excelente. O que são?

Fecho os olhos, tentando lembrar-me.

– Um porco, um urso com uma camisolinha estranha e um pato com uma expressão francamente atrevida.

– E o livro?

– Pele roxa, com letras douradas onde se lê *Entre as Linhas*.

É estranho pensar na minha história como uma entidade física, porque, obviamente, nunca vi o exterior do tomo onde todos vivemos. Mas Delilah descreveu-mo com um pormenor exasperante.

De facto, passei várias horas nesta tarde de sábado numa visita guiada pelo quarto, enquanto ela transportava o livro aberto de uma ponta à outra. Li mensagens de bolinhos da sorte presos ao espelho; conheci o peixinho de estimação chamado *Dudley*; contemplei um quadro branco onde ela pode escrever e apagar, e que está enfeitado com pequenos postais dos locais que ela e a mãe visitaram: o Flume em New Hampshire, a fábrica de gelados da Ben & Jerry, Boston, a Estátua da Liberdade. Compreendemos que a única falha no nosso plano reside no facto de Delilah não poder assistir à pintura enquanto esta decorre – já que terá de ocorrer enquanto o livro estiver fechado e eu me puder encontrar em privado com Rapsclullio no seu covil.

Portanto, Delilah insistiu que eu memorizasse cada pormenor do seu quarto, para que o mesmo pudesse ser uma representação tão fiel quanto possível na tela mágica. Tal como eu, não quer deixar nada ao acaso.

– Quantos candeeiros há? – inquire.

– Três. Um na secretária, um preso por um clipe à cama e o outro sobre a cómoda. E ao lado do candeeiro em cima da cómoda está uma caixa de música que recebeste da tua mãe no teu quinto aniversário; e na cabeceira da cama tens um autocolante do Jorge, o *Curioso*, que colaste quando tinhas três anos e que nunca conseguiste arrancar por completo; e neste momento, estão três pares de brincos, que ainda não guardaste na caixinha das joias, pousados ao lado da tua escova. – Sorrio-lhe. – Agora já acreditas que estou pronto?

– Completamente.

– Muito bem. Então, vou-me embora.

– Espera! – Viro-me para trás e vejo-a a olhar fixamente para mim, mordendo o lábio inferior. – E se... não resultar?

Estendo o braço, como se lhe pudesse tocar, mas claro que não posso.

– E se resultar?

Ela desliza um dedo ao longo do limite da página, perto de mim. O mundo ao meu lado ondula.

– Adeus – diz Delilah.

O covil de Rapsclullio precisa de uma boa limpeza. Há teias de aranha no canto e tenho a certeza de que uma ratazana me passou por cima dos sapatos quando entrei.

– Está alguém em casa? – pergunto alegremente.

– Aqui – chama Rapsclullio. Viro uma esquina e vejo-o a examinar uma borboleta que foi encurralada num frasco de vidro. A tampa tem buracos, mas as asas do inseto batem desesperadamente, enquanto este tenta fugir.

Conheço essa sensação.

– Rapsclullio – digo –, preciso da tua ajuda.

– Estou algo ocupado neste momento, Alteza...

– É uma emergência.

Ele pouisa a borboleta capturada em cima de uma mesa.

– Continua – diz Rapsclullio, cruzando os braços compridos e esqueléticos.

– Tinha a esperança de que pudesses pintar algo para mim. Um presente.

– Um presente?

– Sim... para uma amiga minha. Uma amiga muito especial.

O rosto de Rapsclullio ilumina-se.

– Tenho o quadro ideal: tenho estado a trabalhar num grande plano de um escaravelho de água...

– Estava a pensar em algo diferente – interrompo. – Algo um pouco mais romântico.

Ele coça o queixo.

– Vejamos... – diz ele. Quando avança para a divisão contígua (o estúdio onde já estive antes), sigo-o. Rapsclullio retira três telas com o rosto de Seraphima dos montes empilhados ao longo das paredes. – Escolhe.

– O problema é que... não é para a Seraphima.

Um sorriso lento e hesitante estremece nos lábios de Rapsclullio.

– Ora, ora – diz ele. – O nosso príncipezinho tem andado a brincar por fora.

– Oh, para com isso, Rapsclullio. Sabes bem que eu e a Seraphima nunca fomos um casal.

– Então quem é a sortuda? – pergunta.

– Ninguém que conheças.

Ele ri.

– Eu diria, tendo em conta o tamanho do nosso mundo, que isso é altamente improvável.

– Olha – digo –, faz-me só este favor e farei o que quiseres.

– Qualquer coisa? – Ele olha para mim pelo canto do olho.

Hesito.

– Claro.

– Podias... cantar algo para mim?

Serei absolutamente honesto, as minhas capacidades vocais são mais ou menos equivalentes às minhas capacidades artísticas. Mas aceno com a cabeça, vendo em seguida Rapsclullio a virar-se para o lado, a afastar algumas telas do caminho e a tocar uma melodia num piano antigo.

Ouço as primeiras notas.

– Conhece-la? – pergunta, esperançado.

– Hum. Sim. – Aclaro a garganta e começo a cantar: – *Ele é um bom companheiro, ele é um bom companheiro. Ele é um bom companheiro... ninguém o pode negar.*

Quando termino, ergo os olhos e vejo Rapscullio a limpar uma lágrima.

– Foi – diz, fungando – lindo.

– Hum... obrigado.

Ele aclara a garganta.

– Por vezes é difícil ser o vilão, sabes? – Com uma última fungadela, volta de novo a sua atenção para mim. – Agora – diz Rapscullio. – O teu quadro?

– Bem – começo –, precisava que fosse pintado na tela mágica.

Aquela que usas para dar vida às borboletas.

Rapscullio franze o sobrolho.

– Fazes ideia do tempo que demorei a recriar na perfeição o meu covil naquele quadro? Lamento, Oliver, simplesmente...

– Tu podes. Porque, mal a história recomeçar, a tela regressará ao normal, com o teu quadro original pintado nela. Tal como sempre.

Observo o seu rosto, enquanto ele processa a informação.

– Isso é verdade – admite Rapscullio.

– É a divisão de uma casa. Com uma cama. Um quarto – digo-lhe.

– Sim, é normalmente esse o caso quando existe uma cama numa divisão...

– E é muito... feminino. As paredes são cor-de-rosa.

Rapscullio pega num pincel e mistura uns quantos pigmentos.

– Assim? – pergunta, e as paredes de Delilah ganham vida.

– Sim! – digo. Aponto para um canto da tela. – Ali mesmo há um espelho... não, a madeira é mais amarela do que castanha. E está pousado sobre uma cómoda. Podes refazer esse bocado, para que tenha cinco gavetas em vez de quatro?

É moroso pedir a Rapscullio que recrie um quarto repleto de coisas que ele nunca viu. Quando fica realmente atrapalhado (um abajur? Um despertador?), desenho um esboço do objeto no chão de terra com um pau.

– E um livro em cima da cama – continuo. – É roxo, com letras douradas na capa, onde se pode ler *Entre as Linhas*.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Como... o nome da nossa história?

– Hum. Sim. Achei que era um toque simpático. – Não vale a pena explicar porque é que quero realmente que o livro lá esteja. Continuo a dar instruções, a fazer correções quando necessário: *Não, o íman tem a forma de uma bota, não de um círculo. E os lençóis são mais fúcsia do que violeta pastel.*

Por fim, quando Rapscullio termina, olho para a tela e vejo uma réplica pormenorizada do quarto de Delilah.

– Então? – pergunta ele.

– Perfeito – murmuro. – Está absolutamente perfeito.

Agora vem a parte mais difícil; eu e Delilah chegámos à conclusão de que, se me quero pintar no quadro, Rapscullio não pode estar a olhar. É um risco demasiado grande – e se eu lhe confidenciar o meu plano e ele me tentar impedir ou contar a *Frump* e aos outros que estou a tentar abandonar a história? Podia enganá-lo e convencê-lo a pintar-me na tela como parte do presente, mas e se ele perceber, a meio, o que está a acontecer e me deixar metade no mundo de Delilah e metade no meu? Não sou um artista, de maneira



nenhuma, mas é tudo o que temos.

Juntos, arquitetámos um plano – com a ajuda de uma coisa chamada Google e uma pesquisa de espécies raras de borboletas. Se me mantiver fiel ao guião que escrevemos, Delilah tem a certeza de que Rapscullio me deixará aqui sozinho – esperemos que o tempo suficiente para que eu pegue num pincel e crie uma imagem minha na tela.

– Oh, meu Deus! – grito, virando a cabeça de repente para a janela aberta. – Viste aquilo?

– Vi o quê?

– Não devia ser nada. Apenas uma borboleta.

– Borboleta? – Os olhos de Rapscullio arregalam-se. – Como era?

– Minúscula e de um azul-elétrico... com um rebordo preto e branco nas asas?

Ele salta na direção da janela.

– Uma adónis azul? Viste uma adónis azul? Mas acredita-se que estão extintas! – Rapscullio hesita. – Não te parece que fosse apenas uma *chalkhill* azul, pois não?

– Não, não era uma *chalkhill* – digo. – De certeza que não era uma *chalkhill*. – Que raio é uma *chalkhill*?

– Hum. – Ele olha de relance para a janela novamente. – Já estamos despachados? Porque, se não te importas, gostava de dar um saltinho lá fora com a minha rede, para ver se consigo apanhar a adónis antes de termos de fazer a nossa próxima representação do livro.

– Vai à vontade – digo. – É perfeitamente compreensível.

Aceno enquanto ele sai a correr da sala. Depois olho de novo para a tela. É uma representação espantosa, realista do quarto de Delilah. Só gostava de ter o talento artístico de Rapscullio.

– Cá vai tudo ou nada – murmuro, e pego no pincel que Rapscullio deixou na palete.

Olho para o meu reflexo no vidro da janela; eu e Delilah achamos que, com o sujeito mesmo à frente dos meus olhos, talvez seja capaz de realizar uma cópia adequada, mesmo que não seja um artista. Toco na tela, deixando uma marca ténue da mesma cor da minha manga. Passo o pincel por água e misturo uma nova cor, que corresponde à minha pele.

Mas depois hesito. Pousando de novo o pincel, dirijo-me à divisão contígua, onde a borboleta continua a bater as asas em vão contra o frasco de vidro. Rodo a tampa e vejo-a voar pela janela aberta.

Caso algo corra mal, pelo menos um de nós estará livre.



DELILAH

Porque é que está a demorar tanto tempo?

Estou à espera há uma hora e meia, e ainda nada. *Rien*. Nada.

Podia abrir o livro.

Eu disse-lhe que não abriria o livro.

Assim que o fizer, claro, tudo o que tenha feito com Rapsclullio será apagado e estarão todos a representar a história uma vez mais.

— Oliver — digo em voz alta —, isto é ridículo.

— Também acho.

Dou um salto gigantesco quando ouço a voz da minha mãe. Está de pé, junto à porta, com uma expressão preocupada.

— Delilah, já passa da meia-noite. E passaste a noite toda a falar sozinha... e não tentes discutir comigo, estive a ouvir através da porta...

— Estiveste a *ouvir às escondidas*?

— Querida — diz a minha mãe, sentando-se na cama. — Acho que talvez precisas de alguém com quem falar. — Ela hesita. — Uma pessoa real, quero eu dizer.

— Eu *estou* a falar com uma pessoa...

— Delilah, eu sei reconhecer uma depressão... e sei como é senti-la. Quando o teu pai nos deixou, tive de me arrancar da cama todos os dias só para te levar à escola e tive de fingir que estava tudo bem, por ti. Mas tu não tens de fingir por minha causa.

— Mãe, não estou deprimida...

— Passas o dia inteiro sozinha no quarto. Dizes que odeias a natação, que odeias a escola. E a tua única amiga parece um vampiro...

— *Tu* é que me dizes para não julgar o livro pela capa — argumento, pensando imediatamente em Oliver. — Estou  tima. A sério. E neste momento quero estar sozinha.

Pela expressão da minha mãe, percebo que aquilo era precisamente o que *não* devia ter dito.

— Na segunda-feira, vou ver se te conseguimos arranjar uma marcação para o doutor Ducharme...

— Mas eu não estou doente.

— O doutor Ducharme... é um psiquiatra — diz a minha mãe suavemente.

Abro a boca para discutir, mas, antes que consiga falar, reparo em algo a tremeluzir ao lado do ombro esquerdo da minha mãe.

É uma mão.

Sem corpo, a flutuar, translúcida.

Pestanejo e esfrego os olhos. Tenho de tirar a minha mãe do quarto, imediatamente.

— Está bem — digo. — O que quiseses.

Ela fica boquiaberta.

— Quer dizer que não vais discutir comigo?

— Não. O doutor Ducoiso. Segunda-feira. Certo. — Obrigó-a a levantar e acompanho-a até à porta. — Céus, não me tinha apercebido de que estava tão cansada! Boa noite!

Bato com a porta e dou meia-volta, certa de que a mão já terá desaparecido — mas lá está ela, e agora também tem um braço.

Só que o braço é plano e bidimensional. Como um braço de cartão. Que era precisamente o que eu temia que acontecesse se Oliver viesse para este mundo.

Prefiro que ele fique onde está do que vê-lo mudar. Gostava era que outras pessoas, como a minha mãe, sentissem o mesmo em relação a mim.

Agarro no livro e abro-o repentinamente na página 43. Oliver ergue-se no fundo do penhasco rochoso. Enquanto olho, a tinta azul que lhe sujava a túnica desaparece, até que ele adquire o mesmo aspeto que tem sempre na página 43.

— *O que é que estás a fazer?* — grita.

— A salvar a tua vida!

— Estava a *resultar*!

— Oliver, tu começaste a aparecer no meu quarto. Mas começaste a aparecer tão espalmado como uma panqueca. Querias mesmo viver assim no meu mundo?

— Talvez eu só estivesse assim porque ainda não tinha terminado — diz ele. — Talvez eu inchasse como um bolo, mesmo no final.

— Ainda assim... como acabarias de te pintar na história? Pelo menos, o teu braço ou dedos ou mão teriam de ficar para trás para aplicar as últimas pinceladas na tela.

Ele senta-se no chão.

— Não tinha pensado nisso.

— Eu sei — digo, tristemente. — Lamento muito.

Oliver está sentado, com os joelhos contra o corpo, a cabeça baixa. Gostaria de lhe poder dizer que, no final, vai correr tudo bem, mas isso só é verdade nos contos de fadas — precisamente o local de onde ele está a tentar escapar.

— Talvez devêssemos ficar por aqui hoje — sussurro. Pouso o livro, ainda aberto na página 43, na minha mesa de cabeceira e enfio-me na cama.

— Delilah? — A voz de Oliver desliza até mim. — Fazes-me um favor?

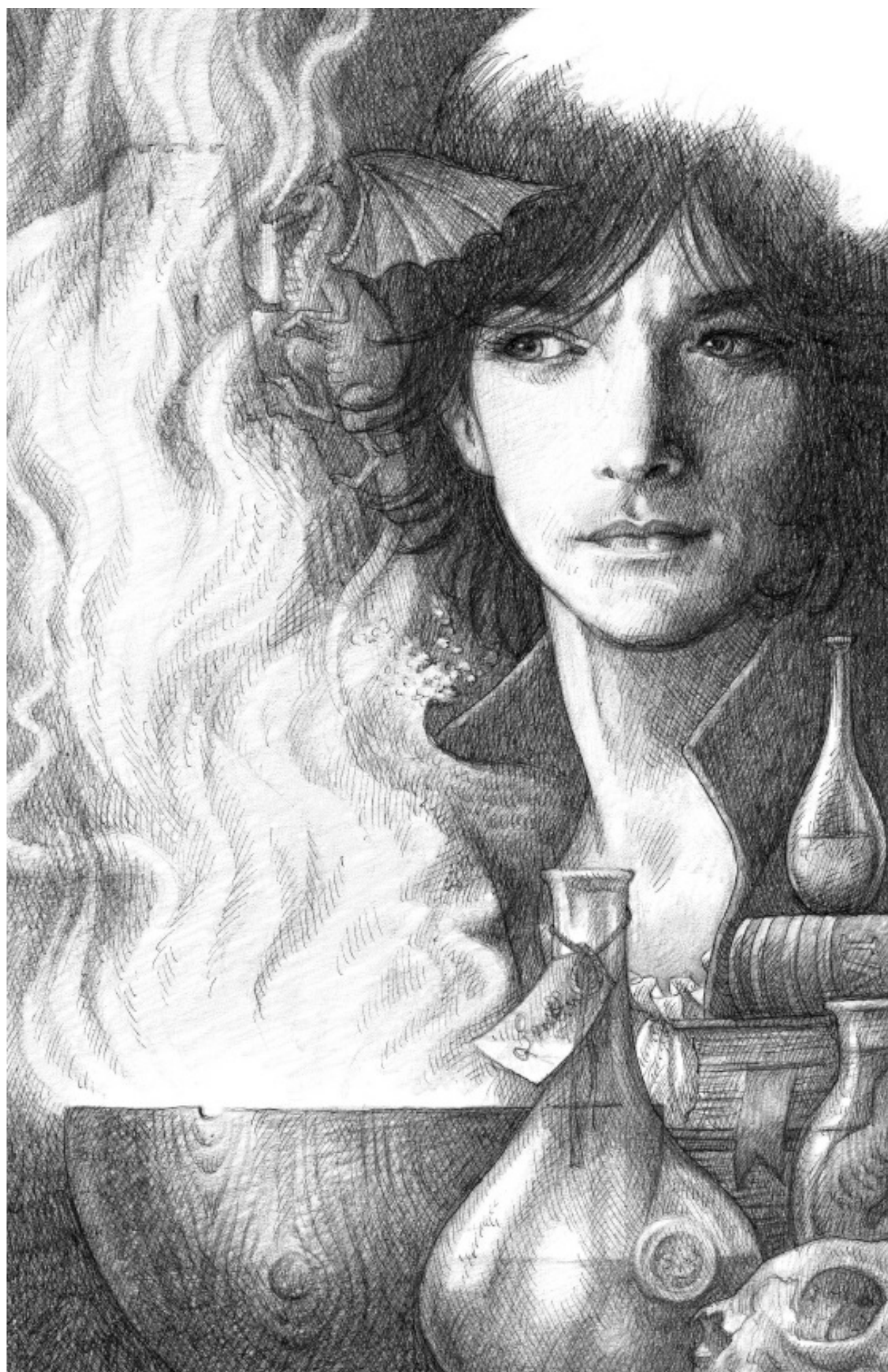
Volto a sentar-me.

— O que quiseres.

— Podes fechar o livro, por favor? — Ele afasta o olhar. — Gostava de ficar sozinho.

São as mesmas palavras que acabei de dizer à minha mãe. As mesmas que ela insiste serem um sinal de depressão. Quem me dera saber como ajudar Oliver. Pergunto-me se a minha mãe se sentirá assim em relação a mim.

Mas limito-me a acenar e, tão suavemente quanto me é possível, faço o que ele me pediu.



PÁGINA 32

Oliver entrou lentamente na pequena cabana. Havia pilhas de livros e montes de garrafas de vidro de todas as formas e feitios. O velho feiticeiro conduziu-o a uma sala contígua cujas traves estavam carregadas de ervas e flores secas. Enfiou um dedo magro entre os lábios gretados e molhou-o com a ponta da língua, depois pressionou-o contra a página poeirenta de um grande livro forrado a pele e folheou-o, percorrendo os feitiços. Por fim, sorriu e o seu rosto ganhou mais uma centena de rugas.

— Ah — disse Orville. — Passa-me a flor de Rubicão, se não te importas, meu rapaz.

Oliver não fazia ideia do que era, mas apontou para um botão cor de laranja, seco e velho, na mesa de pedra à sua frente. Quando Orville acenou com a cabeça, Oliver entregou-a ao feiticeiro, que esfregou o botão entre as palmas das mãos antes de depositar as pétalas numa grande taça de madeira.

— E as três garrafas à tua esquerda? — Orville continuou a juntar e a mexer, a provar e a testar. — E o frasco à tua direita... não, tem cuidado com isso! — avisou Orville, ao mesmo tempo que Oliver se apercebia de quão quente ao toque estava o vidro. Olhou de relance e viu a sua impressão digital marcada num padrão de espiral no frasco.

Orville pegou numa pipeta e mergulhou-a no frasco, depois juntou três gotas crepitantes na taça de madeira. Estas desapareceram com um silvo e um *puf*, criando uma parede de chamas cor de laranja. Orville semicerrou os olhos, fitando o coração das chamas, à medida que as partes mais quentes, o centro azul, começavam a formar silhuetas.

Oliver conseguia ver uma torre e um dragão ao seu lado a cuspir fogo. Mas onde *era* a torre? Decerto existiam centenas só naquele reino. As chamas mergulharam e alastraram, e então Oliver viu-o: o penhasco que se erguia da beira do oceano. As rochas afiadas em baixo, as ondas encapeladas. A Torre Timble era uma antiga ameia, há muito abandonada — e a única torre que Oliver alguma vez vira empoleirada num penhasco. Ele sabia exatamente onde ficava.

— Obrigado! — gritou Oliver, correndo para a porta.

Um instante depois, o bater frenético dos cascos fez-se ouvir enquanto Oliver galopava para longe. Orville voltou novamente a sua atenção para as chamas, que ganhavam agora novas formas. Desta vez, o velho feiticeiro viu cabelo negro que caía sobre um olho malvado, uma cicatriz que serpenteava da testa à face, um sorriso maldoso. Abafou o fogo com farinha de milho e saiu a correr pela porta da frente da sua cabana, mas por essa altura já era demasiado tarde.

O príncipe Oliver já tinha partido. Teria de descobrir sozinho que a sua princesa não estava só.

OLIVER

— Só podes estar a brincar — diz Rapscullio quando me vê pela terceira vez. — De que é que precisas agora?

Não quero estar aqui. Não quero estar em parte alguma deste estúpido conto de fadas. Na verdade, voltei à estaca zero. Embora eu acreditasse que tinha encontrado uma maneira de sair desta prisão, Delilah tinha razão. Não posso ser eu a pintar-me para fora do quadro e não posso confiar em mais ninguém para o fazer por mim, o que significa que não vamos a lado nenhum.

Queria ter falado com Delilah, mas ela estava a dormir — por culpa minha, já que fui eu que lhe pedi para fechar o livro. Depois de ela ter partido, senti-me derrotado, como se nada do que eu fizesse pudesse mudar as minhas circunstâncias. Nenhuma das atividades a que normalmente me entregava nos meus tempos livres — jogar xadrez, dar longos passeios, um mergulho revigorante no oceano — me podia afastar dos meus pensamentos. E depois lembrei-me de Delilah.

Quando ela queria escapar da vida *dela*, lia livros. Como este.

A rainha Maureen mencionara uma biblioteca inteira na gruta de Rapscullio — uma divisão em que eu nunca entrara, por me ter distraído tanto com a tela mágica. Mas, se Delilah podia usar as suas histórias para se distrair, talvez também funcionassem comigo.

— Estou à procura de uma boa leitura — digo a Rapscullio. — Ouvi dizer que tens uma seleção bastante grande.

Rapscullio anima-se.

— Oh, sim, tenho realmente. Gosto particularmente de baladas de trovador e contos populares, mas as minhas prateleiras parecem ter um pouco de tudo: romance, horror, comédia. Até algumas peças por um tipo chamado Shakespeare. Não é mauzinho de todo.

— Será que posso dar uma vista de olhos? — pergunto. Não sei ao certo do que estou à procura.

— Fica à vontade — diz Rapscullio, estendendo um braço emaciado na direção de um túnel nas traseiras do seu covil. — Podes olhar à vontade e eu vou fazer-nos um chá. Camomila. Pareces um pouco... tenso, ultimamente.

— Não quero dar-te trabalho...

— Não dás trabalho nenhum. — Ele dá-me uma cotovelada e sorri com metade da boca; a cicatriz imobiliza a outra metade do seu rosto. — Talvez até me possas falar mais acerca dessa tua rapariga.

— Rapariga? — Não lhe posso falar de Delilah. Sinto-me como se ela fosse o meu pequeno segredo. Como se o simples facto de a tentar explicar a mais alguém, na história, fosse entregar uma parte dela.

– Aquela para quem me pediste que pintasse o quadro...

– Certo. – A rapariga que eu inventei como desculpa. Espero que Rapscullio desenterre o seu bule de uma confusão bolorenta de velhos mapas sobre uma mesa larga, depois viro-me e agacho-me para passar pela passagem estreita que dá acesso a outra parte do covil.

A sala pequena é bafienta e ligeiramente húmida, com prateleiras do chão ao teto, feitas de nogueira nodosa. Os livros estão amontoados numa grande confusão. Há tomos de astronomia e volumes sobre espécies de insetos, e toda uma prateleira sobre pintores renascentistas. Leio algumas das lombadas. *A História do Mundo por um Herbologista. Guerra e Paz. História de Duas Cidades.*

A chaleira de Rapscullio começa a assobiar. A qualquer minuto ele vai regressar e está à espera de que fale sobre uma donzela inventada que vive algures neste reino. Tiro um livro de uma prateleira. Talvez uma destas histórias me inspire para inventar uma boa mentira em que ele acredite.

No entanto, quando solto o livro, um outro cai no chão de terra, tendo sido enfiado atrás do primeiro na prateleira. Pego nele e sacudo-lhe o pó, estou prestes a guardá-lo cuidadosamente quando me apercebo de que já o vi antes.

É de pele roxa com letras douradas.

ENTRE AS LINHAS, leio na capa. Abro-o e vejo uma imagem minha na primeira página, como se estivesse a olhar para um espelho.

– Era uma vez – murmuro em voz alta.

Talvez uma destas histórias me inspire.

– Leite ou açúcar? – Ouço os passos de Rapscullio no corredor estreito, por isso escondo o livro por baixo da túnica e levo apressadamente a mão a outro, que tenciono estar a folhear quando o meu anfitrião chegar com o chá.

A minha ligação a Delilah começou com palavras – uma mensagem gravada numa parede rochosa. Porque é que não pode acabar da mesma maneira?

Posso não ser capaz de me pintar para outro mundo, mas talvez me consiga editar para fora deste.



DELILAH

A minha mãe é a razão por que estou viciada em contos de fadas.

Depois de o meu pai ter partido, eu e a minha mãe ficámos viciadas em filmes da Disney, aqueles adaptados dos contos de fadas mais sombrios, mais assustadores. Na versão da Disney, a Pequena Sereia não se suicida nem se torna espuma — acaba por ter um maravilhoso casamento num barco e veleja para longe, ficando para sempre com o seu príncipe. A Cinderela tinha duas meias-irmãs que cortavam parte dos pés para tentar enfiá-los no sapatinho de cristal. A minha mãe e eu precisávamos da suavização que a Disney oferecia. Sentávamo-nos com uma grande taça de pipocas, as duas enroladas num cobertor gigante, e escapávamos para um local onde a magia estava ao nosso dispor, onde os homens salvavam as pessoas que amavam, em vez de as abandonar. Um local onde, por muito más que as coisas parecessem na altura, haveria sempre um final feliz.

É tolo, eu sei, mas imaginava a minha mãe como a Cinderela da Disney. Ela limpava casas todo o dia e, depois, vinha para casa e ajudava-me com os trabalhos da escola, ou fazia o jantar, ou tratava da roupa suja. Quando eu era mais nova, sempre que a campainha tocava e o motorista da UPS, o carteiro ou o entregador de pizzas surgia do outro lado da porta, perguntava-me se seria este o príncipe que a arrebataria e lhe daria uma vida completamente diferente.



Nunca aconteceu.

Não penso muitas vezes no meu pai. Ele vive na Austrália agora, com a nova mulher e as duas filhas gémeas, que parecem pequenas princesas, com os seus caracóis louros e olhos azul-bebé. É como se ele tivesse iniciado o seu próprio conto de fadas, a meio mundo de distância, sem que eu pudesse fazer parte dele. Embora a minha mãe jure que eu não tive nada que ver com o facto de o meu pai ter partido, tenho as minhas dúvidas. Pergunto-me se não seria suficientemente esperta, suficientemente bonita... *suficiente* para ser a filha que ele queria.

Uma ou duas vezes por ano, contudo, sonho com ele. É sempre o mesmo sonho, em que ele me está a ensinar a patinar no gelo. Segura as minhas mãos esticadas, patinando de costas à minha frente, para que eu me consiga equilibrar. *Conseguiste, Lila*, diz ele, porque era sempre como ele me chamava. Depois larga-me as mãos e, para minha surpresa, não caio. Limito-me a deslizar em frente, um pé à frente do outro, como se estivesse a voar. *Olha*, grito, *estou a conseguir!* Porém, quando ergo os olhos, ele desapareceu; estou completamente sozinha no frio gelado.

Quando tenho este sonho, acordo sempre a tremer e a sentir-me só.

Desta vez, quando isso acontece, fito o teto por um momento e depois viro-me de lado e pego no livro onde o deixei na noite anterior. Abro-o na página 43.

— Graças a Deus! — grita Oliver. — Por onde tens andado?

— A dormir — digo.

Ele olha para cima, afasta o olhar e fita-me novamente.

— O que é que se passa?

— Nada. — Parece que digo isto muitas vezes.

— Então porque é que estás a chorar?

Surpreendida, toco nas faces e apercebo-me de que estão molhadas. Devia estar a chorar enquanto dormia.

— Estava a sonhar com o meu pai.

Oliver inclina a cabeça.

— Como é que ele é?

— Não o vejo há cinco anos. Ele agora é uma pessoa diferente, com uma nova família. Uma nova história. — Abano a cabeça. — É um pouco ridículo. A razão por que o teu livro me atraiu foi aquela frase no início, acerca de teres crescido sem um pai. Mas Maurice nunca foi realmente teu pai, suponho eu. Era apenas um ator.

— Ainda assim sei como é — responde Oliver baixinho. — Ser ignorado. Não fazes ideia de quantas vezes gritei, mentalmente, tentando que um Leitor me visse como algo mais do que precisava que eu fosse: uma estúpida personagem num livro.

— Até eu aparecer — digo.

Ele acena afirmativamente.

— Sim, Delilah. Até tu apareceres. — Até o meu nome nos lábios dele soa mais suave do que nos de qualquer outra pessoa. — Eu *compreendo-te* — diz Oliver. — Se não compreendesse, nunca me terias ouvido.

— Bem, mais ninguém parece compreender. O meu pai deixou-me e a minha mãe pensa que estou maluca.

— Porquê?

— Não sei. Talvez porque, em vez de me juntar ao clube de debates ou ir sair à sexta-feira à noite

com rapazes que assistem a maratonas de *O Senhor dos Anéis* e falam élfico, passo todo o meu tempo livre perdida num livro que não é para a minha idade.

— Bem, eu não sou maluco e passei toda a *minha* vida perdido num livro que não é para a minha idade...

Sorrio.

— Talvez possamos ser loucos juntos.

— Talvez — diz Oliver, com um sorriso rasgado. — Encontrei outra saída.

Os meus olhos arregalam-se.

— De que é que estás a falar? — sussurro. — Porque é que não me contaste logo?

— Porque estavas a chorar — diz ele, verdadeiramente surpreendido. — Isso era mais importante.

Zach, o meu parceiro de laboratório *vegan*, pelo qual tive recentemente uma paixoneta, não é sequer capaz de se lembrar de manter a porta aberta quando nos dirigimos para a sala. Este cavalheirismo de Oliver é algo a que me podia habituar.

Oliver mete a mão por baixo da túnica e retira de lá um livro forrado a pele com letras douradas — uma réplica exata daquele que estou a ler.

— Encontrei-o nas prateleiras de Rapsclullo. A autora pintou-o na ilustração do seu covil, juntamente com centenas de outros livros. Nem sequer reparamos neles quando estamos a prestar atenção à história, mas eles estão lá. E *ficam* lá quando o livro está fechado. E olha — ele folheia-o para que eu o possa ver —, é exatamente igual, não é?

Parece que sim. Enquanto Oliver vira as páginas, vejo *Pyro* a expelir bolas de fogo e *Frumpp* a trotar pela Floresta Encantada, enquanto as fadas dançam em círculos à sua volta. Vejo também uma minúscula ilustração de Oliver, que se ergue ao leme do navio do capitão Crabbe, enquanto o vento lhe agita o cabelo.

Pergunto-me se aquele pequeníssimo príncipe ficcional não estará, neste preciso momento, a desejar que alguém repare nele e o retire da sua própria história.

— Faz todo o sentido que eu não me conseguisse pintar para fora desta história, porque um livro não é um quadro. No entanto, já reparaste em coisas que escrevi ou desenhei nas páginas: como aquele tabuleiro de xadrez e a mensagem no penhasco. Talvez reescrever a história no *meu* exemplar reescreva a história no *teu*.

— Suponho que vale a pena tentar — digo.

— O que é que vale a pena tentar?

A voz da minha mãe penetra através do cobertor sob o qual me escondi. Saio de baixo dele.

— Nada! — digo.

— O que tens aí debaixo?

Coro.

— Nada, mãe. A sério!

— Delilah — diz a minha mãe, o rosto ensombrado. — Andas a consumir drogas?

— *O quê?* — grito, esganiçada. — Não!

Ela afasta bruscamente as cobertas e vê o conto de fadas.

— Porque é que estás a esconder isto?

— Não estou a escondê-lo.

— Estavas a ler por baixo das cobertas... embora não esteja mais ninguém no teu quarto.

Encolho os ombros.

— Suponho que goste da minha privacidade.

— Delilah. — As mãos da minha mãe instalam-se nas suas ancas. — Tens quinze anos. És demasiado velha para estar viciada num conto de fadas.

Dirijo-lhe um sorriso débil.

— Bem... isso não é melhor do que drogas?

Ela abana a cabeça, tristemente.

— Desce para tomar o pequeno-almoço quando estiveres pronta — murmura.

— Delilah... — começa Oliver mal a porta se fecha atrás da minha mãe.

— Falamos sobre isto mais tarde — prometo. Fecho o livro e enfio-o na minha mochila, visto-me e prendo o cabelo num rabo de cavalo. No piso térreo, na cozinha, a minha mãe está a fazer os ovos.
— Não tenho fome — murmuro.

— Então talvez prefiras isto — diz ela, e passa-me um prato que não tem comida, apenas um romance para jovens adultos. — Ainda não o li, mas a bibliotecária diz que tem feito furor entre as raparigas do teu ano. Aparentemente, há um lobisomem que se apaixona por uma sereia. Dizem que é o novo *Crepúsculo*.

Empurro-o para o lado.

— Obrigada, mas não estou interessada.

A minha mãe senta-se à minha frente.

— Delilah, se, de repente, eu comesse a comer comida de bebé e a ver a *Rua Sésamo*, não acharias que se estava a passar algo de errado comigo?

— Isto não é um livro para bebés — argumento. — É... é... — Mas não há nada que eu possa dizer sem piorar as coisas.

A sua boca assume uma expressão séria e a luz apaga-se dos seus olhos.

— Eu sei porque é que estás obcecada com um conto de fadas, querida, mesmo que não o queiras admitir para ti mesma. Mas a verdade é esta: por muito que o desejes, os príncipes não surgem todos os dias no nosso caminho e os finais felizes não crescem nas árvores. Acredita em mim: quanto mais cedo cresceres, menos te dececionarás.

As suas palavras poderiam perfeitamente ter sido substituídas por um estalo. Ela desliza os ovos

para um prato e pousa-os à minha frente antes de sair da cozinha.

Amarelos e parecidos com um sol? Sim, pois.

Nunca ninguém pede a opinião a uma criança, mas quer-me parecer que crescer significa que deixamos de esperar pelo melhor e começamos a esperar o pior. Então como é que dizemos a um adulto que talvez tudo o que há de mal no mundo tenha a sua origem no facto de se ter deixado de acreditar que o impossível pode acontecer?

Normalmente digo que odeio Biologia, mas é possível que tenhamos apenas começado mal. A minha professora, a senhora Brown, faz jus ao seu nome, é viciada em autobronzeador e branqueador de dentes, e passa mais tempo a falar dos seus lugares preferidos das Caraíbas do que a ajudar-nos a preparar a aula de laboratório do dia seguinte. Acho que é justo dizer que terei de ensinar a mim mesma tudo sobre a divisão celular, mas estou mais do que pronta caso precise de planear umas férias nas Bahamas.

Passo o dia de domingo no quarto, a arquitetar a fuga de Oliver com ele. Por vezes esquecemo-nos da tarefa que temos em mãos porque começamos a divagar. Contei a Oliver coisas que nunca tive coragem de contar a mais ninguém: como me preocupo com a minha mãe; como entro em pânico quando alguém me pergunta o que é que quero ser quando crescer; como me pergunto, secretamente, como seria, só durante uma hora, ser popular. Em troca, Oliver confiou-me o seu maior receio: que a sua vida — o que quer que isso seja — termine sem que ele tenha feito a diferença no mundo. Que seja ordinário, em vez de extraordinário.

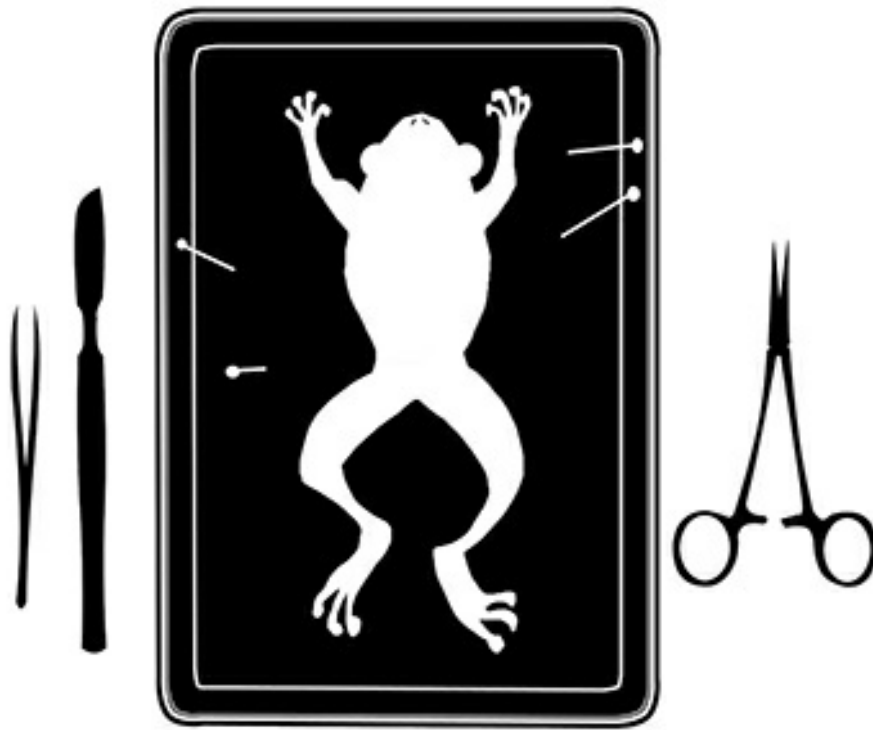
Eu disse-lhe que, quanto a mim, já fora bem-sucedido nesse aspeto.

Disse-lhe que preferia morrer a regressar à escola na segunda-feira e encarar Allie McAndrews. Mas cá estou eu, chegámos ao terceiro tempo e ela está ausente.

Talvez Oliver tenha razão; os desejos *podem* tornar-se realidade.

— Todos têm uma rã? — pergunta a professora Brown.

Olho de relance para o pobre anfíbio morto à minha frente. Normalmente, Zach é o meu parceiro de laboratório, mas neste caso optou por manifestar a sua objeção de consciência, devido ao veganismo, e em vez de fazer uma dissecação está a escrever uma tese independente sobre as hormonas de crescimento nas vacas leiteiras.



A porta abre-se e eis que entra Allie McAndrews, com dois olhos negros. Parece um guaxinim e também tem umas tiras de adesivo em cruz sobre a cana do nariz. Entrega à professora Brown uma justificação.

— Desculpe o atraso — diz.

— Mais vale tarde do que nunca — diz a professora. — Allie, porque é que não te sentas ao lado da Delilah?

Allie lança-me um olhar mortífero, enquanto se instala no banco ao meu lado.

— Toca-me — sussurra — e farei da tua vida um inferno.

— Agora, turma, peguem na vossa rã. Quero que meçam os apêndices posteriores...

Viro-me para Allie.

— Queres... ser tu primeiro?

Ela fita-me de olhos arregalados.

— Preferia aderir ao Clube de Xadrez.

Eu aderi ao Clube de Xadrez o ano passado.

— Muito bem — digo. *Desculpa amigo*, penso enquanto ergo a rã na palma da mão e pego numa régua.

O namorado de Allie, Ryan, arrasta o banco na direção da nossa bancada, embora devesse estar a trabalhar com outra pessoa.

— Olá, linda — diz ele, sorrindo para ela. — O que me dizes a comprarmos qualquer coisa para comer em casa, descarregarmos um filme e *não* o vermos esta noite?

— Não me apetece — diz ela, olhando para mim de relance. — Tenho de ir para casa pôr *gelo*.

— Foi um acidente — digo-lhe. — Não atravessei propositadamente as cinco faixas da piscina

só para te bater na cara. — Embora, tenho de o admitir, talvez tenha sonhado acordada com a possibilidade de fazer isso mesmo.

— És a única rapariga na escola capaz de fazer com que dois olhos negros pareçam *sexy* — diz Ryan.

Allie entrelaça os seus dedos nos dele.

— Estás a dizer isso só por dizer.

— Juro por tudo — responde Ryan.

— Amo-te, querido — diz Allie.

Ryan sorri.

— Amo-te mais.

Achei que havia uma boa probabilidade de sentir vontade de vomitar durante a dissecação, mas pensei que seria por causa da rã, não da conversa.

A professora Brown passa pela nossa mesa. Se repara que Ryan é o nosso terceiro parceiro, não diz nada.

— Agora, turma, quero que examinem a área do peito... Que parte do esqueleto está em falta?

Espero que Allie pegue na rã para a examinar.

— Queres, hum, experimentar? — pergunto-lhe.

— Bater na *tua* cara? Partir o *teu* joelho?

— Certo — digo, voltando a sondar o sapo.

— Que tipo de comida queres que vá buscar? — pergunta Ryan. — Chinês? Indiano? Italiano?

— Costeletas — anuncio.

Ambos olham para mim, enojados.

— Quem é que te perguntou? — diz Allie.

— Não... a rã. A parte do esqueleto que falta... são as costelas.

Ela atira o cabelo para o lado.

— E o que é que isso interessa?

— Suavemente — diz a professora Brown a um rapaz à minha direita, que está a apertar o anfibio com tanta força que a cabeça começa a inchar. — A dissecação é, ao mesmo tempo, uma arte *e* uma ciência. Mostra um pouco de amor à tua rã.

De súbito, Ryan levanta a rã da nossa mesa, segurando-a no punho sapudo.

— Sim... mostra um pouco de amor à tua rã.

Ele aproxima-a tanto do meu rosto que consigo inspirar o cheiro a químicos e morte. Afasto-me dele com todas as forças, virando o meu banco e fazendo barulho suficiente para que toda a turma pare para assistir.

— Desculpa lá isso — diz Ryan. — Pensei que a rã tinha dito que era um príncipe...

A turma explode de riso. Eu fico vermelha como um pimentão.

— Basta! — diz a professora Brown. — Ryan, vai para o gabinete do diretor; voltaremos a ver-nos no castigo, esta tarde. Delilah, vai à casa de banho refrescar-te.



Quando agarro na minha mochila e atravesso a sala aos tropeções, os alunos estão em silêncio. E depois, mesmo antes de atravessar a porta, ouço-o: «*Ribit. Ribit.*» É um dos miúdos ao fundo da sala e, de súbito, estão todos aos risinhos e a professora Brown tenta (sem sucesso) que eles se acalmem.

A casa de banho das raparigas está vazia. Lavo as mãos e o rosto e seco-me com toalhetes de papel. Jules costumava ser a pessoa a quem eu recorria sempre que acontecia algo horrendo — a pessoa com quem podia contar para me fazer sentir melhor. Mas, agora, dou por mim a levar a mão à mochila. Tal como depois do meu sonho, a única pessoa com quem quero falar, neste momento, é Oliver.

Vasculho a minha mochila, desvio o manual de Biologia, o caderno de Inglês e o almoço, mas o livro desapareceu.

— Não — murmuro, e tiro os manuais da mochila. Tudo o que resta são papéis amassados, lápis reduzidos a tocos, pedaços de barrinhas de cereais esmagados e quarenta e dois cêntimos.

O conto de fadas — que pus na minha mochila, nessa manhã com as minhas próprias mãos — desapareceu.

Não demoro muito a decidir que não vou regressar à aula de Biologia. Limitar-me-ei a dizer à professora Brown que fiquei tão traumatizada que estava a precisar desesperadamente de consultar o orientador. Assim, corro para a biblioteca, onde encontro a senhora Winx a colar códigos de barras em livros novos.

— Senhora Winx — pergunto. — Alguém veio entregar o *Entre as Linhas*?

— Não foste tu quem o requisitou?

— Tenho quase a certeza de que o deixei por acidente na cantina antes da aula de orientação...

— Bem, se alguém o entregar, digo-te.

Enquanto deixo a biblioteca, sinto uma pedra no fundo do estômago. E se eu não conseguir encontrar o livro? E se tiver desaparecido para sempre?

O que farei sem ele?

Nunca estive apaixonada, mas sempre o imaginei — estranhamente — como uma espécie de anúncio da *OxiClean*. O apresentador mostra uma cena de um dia banal e depois pega numa grande esponja ensopada em amor e limpa as manchas. De súbito, essa mesma cena já não tem erros, solidão. As cores são como joias, dez vezes mais ricas do que antes. A música está mais alta e mais límpida. *O amor*, dirá o apresentador, *torna a vida um pouco mais vibrante.*

Quando falo com Oliver, sinto que não há ninguém no mundo além de nós dois.

Quando falo com Oliver, quero continuar a conversar para sempre. Quero saber que idade tinha quando aprendeu a montar, qual a sua cor preferida e em que pensa mesmo antes de adormecer.

Quando falo com Oliver, pergunto-me como seria se ele me segurasse a mão.

Apesar do que Ryan e a minha mãe pensam sobre mim e os contos de fadas — não tenho andado à procura de um príncipe.

Mas, sem sequer tentar, Oliver faz-me sentir uma princesa.

No sétimo tempo, eu e Jules temos aula de condução, a única aula que partilhamos este semestre. O terceiro miúdo no nosso carro, Louis Lamotte, que cheira sempre a sopa, está ao volante. O que significa que eu e Jules estamos enfiadas no banco de trás, enquanto o professor Barnaby tenta manter Louis do lado direito da estrada.

— Então vais-me dizer porque é que estás zangada comigo ou vamos ter de jogar às charadas? — diz Jules.

— Não estou zangada contigo.

— Sim, pois. Não me respondeste às mensagens durante todo o fim de semana, não esperas por mim depois das aulas e hoje à hora de almoço, quando me estavas a ignorar por completo e eu te disse que tinha um asteroide a crescer no traseiro, respondeste *Isso é fixe*.

— Ando só um pouco distraída — digo-lhe. — A sério, não estou zangada.

— Meninas — diz o professor Barnaby —, deviam estar a *observar*.

Jules ignora-o por completo.

— Quando por acidente pregaste uma rasteira à Allie McAndrews o ano passado, durante a corrida dos cem metros no Dia de Campo, e ela partiu o joelho, fui a primeira a saber. Ligaste-me histérica e disseste-me que eu tinha de fugir contigo para o México porque não ias voltar para a escola. Hoje, na biblioteca, descobri por aquele miúdo demasiado alto, que masca pastilha elástica, que partiste o nariz da Allie na biblioteca. — Ela olha para mim. — Eu nem sequer sei o *nome* do miúdo e ele sabia algo sobre a minha melhor amiga que eu não sabia.

— Olha — digo a Jules. — Não me estou a esconder de ti. E continuas a ser a minha melhor amiga. As coisas em casa estão apenas... um pouco loucas, neste momento. A minha mãe quer levar-me a um psiquiatra.

Jules encolhe os ombros.

— Grande coisa. Os meus pais levam-me a um, duas ou três vezes por ano. Basta que lhe digas que tens problemas profundos com o teu pai e ele dirá que estás curada.

— Meninas! — diz o professor Barnaby, por cima do ombro. — O Louis precisa de se concentrar.

— O Louis precisa de muitas coisas — diz Jules num sussurro. — A começar por um banho.

Não consigo evitar; refreio uma gargalhada. Jules olha para mim de relance e toca no meu ombro com o dela.

— Não me deixes de fora, está bem? — E, sem mais, estou perdoada.

Sinto-me como se estivesse numa espécie de neblina frenética, a reconstituir mentalmente os passos que dei esta manhã para tentar perceber onde poderei ter deixado o livro. As aulas de hoje chegaram ao fim e ele ainda não apareceu. Arrasto-me até ao passeio, onde os carros se alinham para apanhar os miúdos, e encontro a carrinha da minha mãe.

— Então — diz ela, quando abro a porta —, como correu o teu dia?

Encolho os ombros.

— O mesmo de sempre.

— Oh, a sério? Pensei que pudesses ter sentido a falta disto. — Ela estica o braço para o banco de trás e pega em *Entre as Linhas*.

— Onde é que o *encontraste*? — grito, arrancando-lho das mãos. Sei que deixará Oliver e Companhia em grande agitação, mas abri o livro rapidamente e percorro as páginas sem o ler. Depois abraço-o contra o peito. — Graças a Deus, pensava que o tinha perdido!



A minha mãe abana a cabeça.

— É precisamente por isso que vamos ao doutor Ducharme, Delilah.

— *Agora?*

Pensei que a minha mãe demorasse alguns meses a conseguir uma consulta. E que, por essa altura, se tivesse esquecido por completo do psiquiatra e eu pudesse, simplesmente, não aparecer.

— Não é razão para teres vergonha. Ele só vai falar contigo um bocadinho. Ajudar-te a enfrentar

o que te está a deixar triste.

Lágrimas de raiva enchem-me os olhos. *Não* estou triste; estou cansada de que outras pessoas me digam o que, alegadamente, estou a sentir.

— Olha quem fala — digo. — Vais-me levar a um psiquiatra quando *tu* não te abres com ninguém há cinco anos! Suponho que seja perfeitamente normal trabalhares até cair para o lado, porque assim não tens tempo para perceber quão deprimente é a tua vida!

A minha mãe chega-se para trás, como se eu lhe tivesse batido.

— Não fazes ideia do que tem sido a minha vida, Delilah. Tive de criar uma filha sozinha, sem qualquer rendimento. Mal consigo pagar o empréstimo da casa. E, de alguma maneira, ainda tenho de arranjar dinheiro para te mandar para a faculdade. Alguém tem de ser o adulto, e isso significa saber a diferença entre o que é real e o que é faz-de-conta.

— Eu sei a diferença entre a realidade e o faz-de-conta! — grito. Mas, ao mesmo tempo que o digo, pergunto-me se não será mentira. Se faz alguma diferença quando desejamos que sejam a mesma coisa.



PÁGINA 37

Oliver perdera a conta ao tempo que passara desde que Scuttle e Walleye o tinham prendido no brigue. O navio erguia-se e mergulhava na tempestade; de quando em vez, Oliver sentia os mastros estremecerem com a força dos relâmpagos e dos trovões.

Fossem quais fossem os requisitos para salvar uma princesa, estava bastante certo de que tornar-se o escravo sacrificial de um capitão pirata não era um deles.

Puxou pelas correntes, mas estavam bem presas. No chão encontrava-se a bandeja com o jantar que recusara — aquele com as bolachas que se mexiam. Ou melhor, as bolachas não se mexiam, só as larvas que tinham sido cozinhadas com elas.

Perguntou-se porque se dariam ao trabalho de alimentar um prisioneiro que, em última análise, estava a ser transportado como oferta de paz *gourmet* para um dragão muito rabugento e muito esfomeado. O mesmo que Rapsclullio invocara há dezasseis anos — aquele que matara o pai de Oliver — e que agora fizera ninho no Cabo das Marés Passageiras, impedindo o navio de prosseguir viagem. Talvez Oliver tivesse de ganhar algum peso para se poder apresentar como um petisco apetitoso.

Perguntou-se o que teria acontecido a *Socks* e *Frumpt*, que vira pela última vez junto à costa, enquanto os marinheiros o levavam para o brigue. Perguntou-se quanto tempo demoraria o capitão Crabbe a aparecer pessoalmente para levar o seu prisioneiro para o convés, onde obrigaria Oliver a percorrer a prancha na direção da língua ardente do dragão que o esperava.

O metal ribombou contra o metal quando a porta da cela se abriu. O capitão pirata entrou e semicerrou os olhos.

— Os meus rapazes disseram-me que não ‘tás a cooperar — disse o capitão Crabbe. — Sabes o que é que fazemos aos escravos que não cooperam?

O pirata atravessou a divisão até à mesa, que estava pregada ao chão para que não se

virasse com os movimentos abruptos do navio. De onde se encontrava, preso à parede, Oliver viu o capitão pegar num rolo de veludo. Desatou-o, estendendo o pano, de modo a revelar bolsos repletos de instrumentos de tortura.

Só que não eram punhais, parafusos de polegar e facas.

No ano passado a tiara da rainha Maureen caíra enquanto ela andava a cavalo pelo prado do unicórnio. Embora tivesse sido recuperada, ficara consideravelmente amolgada e a precisar de reparação. Ela mandara vir alguém que lhe reparasse a coroa e o homem que foi ao castelo, para surpresa de todos, pediu-lhe que se sentasse no trono e abrisse bem a boca.

Aparentemente, havia as coroas que se usavam na cabeça... e as coroas que se punham nos dentes quando tínhamos sérios problemas dentários.

Nos bolsos de veludo do capitão Crabbe, havia exploradores, extratores, sondas e espelhos.

— Tu... tu és dentista? — perguntou Oliver.

Num primeiro momento, os olhos do capitão Crabbe saltaram das órbitas, tal a surpresa. Depois, com igual rapidez, recuperou.

— Não. Sou um terrível pirata e tu, meu rapaz, és um aperitivo.

— Talvez — disse Oliver —, mas também és dentista.

O capitão Crabbe arquejou e correu para junto de Oliver, tapando-lhe a boca com a mão.

— Não vais dizer a ninguém, pois não? Tenho uma reputação a manter no alto-mar!

— Isso vai depender de me deixares ir ou não — respondeu Oliver.

— Não posso — disse o capitão abanando a cabeça. — Se não *te* der de comer ao *Pyro*, o mais certo é que acabe eu como sua refeição.

Oliver pensou por momentos.

— E se — sugeriu — eu te dissesse que há uma maneira de contornar o Cabo das Marés Passageiras... e ao mesmo tempo te arranjasse o melhor paciente que alguma vez terás na vida?

OLIVER

Todo o dia, tenho estado pacientemente à espera de que Delilah regressasse da escola e volte para mim. Quero falar com ela sobre o conto de fadas que encontrei no covil de Rapsclullo. Quero saber se ela acha que este novo plano funcionará melhor, para que eu não acabe como uma figura azul e plana no seu mundo. Quero pedir a opinião dela sobre o que deveria escrever no livro e onde, já que ela parece ter grande experiência como leitora. Quero congeminar um plano sobre o que faremos se — *quando* — eu sair daqui.

Quem é que eu estou a enganar? O que quero é apenas passar tempo, mais tempo com Delilah.

Acho que, quando vivemos num mundo com limites, como eu vivi — quando se conhece toda a gente e já se viu tudo o que havia para ver —, se perde a esperança de que possa acontecer algo de extraordinário na nossa vida. As nossas ações e interações serão sempre nuances da mesma velha rotina. Mas com Delilah tudo é novo e fascinante. Quem diria, por exemplo, que existe uma espécie de arma que sopra ar para secar o cabelo molhado, para que as pontas não congelem quando cavalgamos numa manhã fria? Quem diria que existem aparelhos com uma só página, mas que com o toque de um botão encham esse ecrã com novo texto uma e outra vez? Por cada pergunta que faço a Delilah, ela tem uma para mim: Os outros livros são como este e todas as personagens existem quando não os estamos a ler? (Tenho de me desculpar, não podendo responder, pois tudo o que conheço é a minha própria experiência.) Quando é que me apercebi pela primeira vez de que estava preso dentro de uma história, em vez de presumir simplesmente que estava a viver a minha vida? (Mais uma vez, é difícil de responder, já que sempre tive e sempre terei dezasseis anos, aqui.) E, depois, temos as perguntas que ela me faz num sussurro, quando a noite cai e somos só nós dois no escuro: *Quem serias, se pudesses ser uma pessoa qualquer? Para onde irias?*

Nem sempre tenho uma resposta pronta. Mas o simples facto de Delilah fazer a pergunta é mágico para mim. Nunca ninguém pensou que eu pudesse ser qualquer outra coisa para além daquilo que aparece na página. Nenhum Leitor presumiu que existem pensamentos na minha mente para além daqueles que o autor lá colocou.

A noite passada, Delilah perguntou-me se acredito no Destino.

— Não creio — disse. — Não consigo aceitar que o meu destino seja representar um papel na história de outra pessoa.

— Mas e se não for esse o caso? — sussurrou Delilah. Era tarde, já passava da meia-



noite e o luar cortara-lhe metade do rosto. Tornava o seu aspeto sobrenatural, mágico. Como alguém que pertencesse a um conto de fadas.

– Não estou a perceber...

– E se tu e eu estivéssemos destinados a encontrar-nos? – disse ela. – E se a razão por que Jessamyn Jacobs escreveu esta história fosse o facto de um qualquer poder superior (as Parcas, o Destino, o que seja) a tivesse levado a fazê-lo, já que essa seria a única maneira de nos podermos encontrar?

Gostei dessa ideia. Gostei de pensar que o que quer que Delilah e eu tivéssemos entre nós era tão forte que não existiam fronteiras entre a verdade e o imaginado, o livro e o Leitor. Gostei da ideia de que, embora tivesse começado a minha vida como fruto da imaginação de alguém, isso não me tornava menos real.

Hoje, enquanto Delilah está nas aulas, sentei-me num ramo retorcido da Floresta Encantada. As fadas flutuam ao meu lado, tagarelando. Embora *gostem* de mexericos, não são de todo criaturinhas malvadas, ao contrário das personagens que representam. Estão sempre dispostas a serem peões quando eu e *Frump* jogamos xadrez, e estão sempre disponíveis para deslizar por fendas e ranhuras demasiado estreitas para os restantes, a fim de apanharem moedas caídas ou botões perdidos. Também são as criaturas mais fortes da história, mais fortes até do que os brutos *trolls*, e não se importam de ajudar a rainha Maureen a redecorar, transportando a mobília para cima e para baixo pelas escadarias do castelo. Já vi uma fada sozinha a desviar um pedregulho que bloqueara a estrada do castelo sem perder uma gota de suor.

– Glint, empresta-me o teu *gloss* de dulcamara – pergunta Sparks.

– Arranja um para ti – diz Glint. – Estou farta que uses as minhas coisas todas. – Mas lança uma bolota a Sparks, que gira a tampa e mergulha o dedo no cosmético. Inclina-se sobre uma gota de orvalho para ver o seu reflexo e desliza o dedo minúsculo pelos lábios. Tento ler o livro que está à minha frente, mas os ramos bloqueiam a luz. De súbito, um brilho que paira sobre mim ilumina a página. Semicerro os olhos na sua direção e vejo Ember a brilhar.

– Obrigado – digo.

Ela exhibe um sorriso brilhante.

– De nada.

Percorro as páginas, perguntando-me vagamente se num outro mundo qualquer todo um elenco de figuras reais, sereias e piratas correm para as suas posições para que eu possa apreciar a minha história.

Pergunto-me se, num outro mundo qualquer, um príncipe sofre pela rapariga que ama.

– Ama? – digo em voz alta.

– *Ama*? – repete Glint.

– Alguém disse *ama*? – pergunta Ember.

– Ama? – volto a ouvir, seguido por um eco, e outro, e outro, à medida que todas as fadas na floresta repetem a palavra.

– Oh, sim – diz Sparks –, eu já tinha dito.

– Lembras-te de ontem, quando chocaste contra uma árvore? – pergunta Ember.

– Foi então – diz Glint – que começámos a aceitar apostas.

As fadas empoleiraram-se nos meus ombros e braços.

– Quem é a princesa sortuda? – pergunta Ember.

Não tenho qualquer intenção de lhes dizer; não posso trair Delilah daquela maneira.

– Não a conhecem. Ela não é daqui.

– Hum... quem é que *não é*? – diz Sparks.

De repente, ouço ladrar do outro lado do bosque.

– *Frump* – digo aliviado.

– Tenho a certeza de que o *Frump* é daqui – responde Sparks.

Afastando-as com um gesto, salto do ramo e aterro no chão precisamente quando *Frump* desliza até parar aos meus pés.

– Ei, amigo... tens um minuto? – pergunta.

A expressão no seu rosto é uma expressão que já vi antes – sobretudo quando está debaixo da mesa a pedir restos.

Com relutância, guardo o livro por baixo da túnica. Ele conduz-me para fora da floresta, para longe dos ouvidos atentos das fadas. Mal deixamos o bosque, *Frump* começa a correr. Tenho de acelerar o passo para o alcançar.

Corremos para lá do penhasco e da curva para o carreiro que leva à casa de Orville, o feiticeiro.

– Há alguma razão para estarmos com pressa? – arquejo.

– Temos de chegar a horas ao prado do unicórnio – grita *Frump* por cima do ombro.

– O que é que se passa no prado do unicórnio? – pergunto quando chegamos ao centro. O prado está repleto de criaturas cor de neve com um chifre, que pastam na luxuriante relva prateada.

– Tu – admite *Frump*, parando. – Disse a Seraphima que ias estar aqui.

– *Porquê?*

Ele baixa os olhos para o chão.

– Para que ela viesse. Se fosse só eu, não se daria a esse trabalho.

De acordo com o pano de fundo da história que todos sabíamos de cor, outrora *Frump* fora humano. O meu melhor amigo, na verdade, até Rapscullio ter roubado algumas ervas a Orville, tencionando matar o jovem príncipe (ou seja, eu) que via como um obstáculo ao seu amor por Maureen. A poção onde misturou as ervas, contudo, foi acidentalmente bebida por *Frump*. Este teria morrido sem a intervenção de Orville. O feiticeiro não foi capaz de inverter a maldição, no entanto conseguiu realizar uma transfiguração: *Frump* viveria, mas no corpo de uma criatura diferente. Deste modo, ficaria a salvo da ira de Rapscullio.

Isto, pelo menos, é o que diz o texto no decorrer da nossa história. Mas eu só conheço *Frump* como um cão, porque é isso que ele é quando o conto de fadas começa. Ele só é um rapaz nas analepses, e as personagens das analepses não existem como as restantes, em carne e osso, mesmo quando deixamos o palco. É por isso que não conheço o rei Maurice; é por isso que *Frump* é um cão... com o coração e a mente de um jovem.

Um jovem absoluta, incompreensível e loucamente apaixonado por Seraphima, que não lhe prestaria a mínima atenção, mesmo que ele não tivesse pulgas.

– Oh, *Frump*. – Coço-o atrás das orelhas. – Tu não precisas de mim para conseguir que uma rapariga se interesse por ti.

– Ah, não? Então porque é que ela se iluminou como uma árvore de Natal quando disse o teu nome?

Estremeço, ao pensar em Seraphima.

– Não te faz confusão que ela não seja capaz de perceber a diferença entre o livro fechado e o livro aberto?

– Não. Estou sempre a dizer a mim mesmo que é por isso que ela não está interessada em mim. Para ela, não passo de um cão.

Suponho que se poderia dizer que Delilah também não tem o melhor dos resultados no que diz respeito a distinguir a realidade da ficção.

– Posso fazer-te uma pergunta?

– Claro.

– Como é que sabes que ela é a rapariga certa para ti?

Frump abana a cauda.

– Bem, ela tem aquele lindo e brilhante pelo louro... hum... *cabelo*, quero eu dizer... e depois há aquele espaço entre os dentes da frente... e já reparaste que, quando ela está nervosa, canta? Desafinada?

– Tu *gostas* disso?

– Bem, a questão é essa – diz *Frump*. – Acho que as falhas dela fazem com que a ame ainda mais. Ela não é perfeita, mas é perfeita para mim.

Penso em Delilah, em como funga quando ri, em como rói as unhas quando pensa muito sobre algo. Em como parece não saber as coisas mais simples – como o facto de, quando se tem uma dor de cabeça, uma sanguessuga resolver o problema, e não um pequeno doce redondo e branco. Como pede desejos às pestanas e às estrelas ou quando o relógio marca 11h11.

– Sim – digo, baixinho. – Compreendo.

Frump solta um uivo dorido.

– Também a amas?

– Seraphima? Não. Um milhão de vezes, não.

Ele dirige-me um olhar que trai uma ligeira dúvida.

Mesmo que eu não quisesse beijar Seraphima, o livro empurrar-me-ia para os seus braços. E ela é bonita o suficiente. Pelo que beijá-la não é propriamente uma provação e, se *tenho* de o fazer, mais vale fingir que me estou a divertir.

Ainda assim, os meus momentos íntimos com Seraphima fazem-me sempre sentir culpado. Não só por causa de *Frump*, mas porque sei que ela coloca toda a sua paixão no beijo pois julga que é verdadeiro, quando, para mim, é apenas mais um dia de trabalho... com alguns benefícios agradáveis.

– Então tens de me ajudar, Oliver – implora *Frump*. – Como é que eu faço para ela reparar em mim?

Por um momento, considero a questão. Delilah viu-me sozinha, e duvido que, mesmo que *Frump* cortasse as palavras AJUDA-ME na relva deste campo, conseguisse mais do que irritar os unicórnios.

– Que tal um presente? – sugiro.

– Ofereci-lhe um osso... o melhor que alguma vez enterrei. Ela deitou-o fora!

– E o que é que fizeste? – pergunto.

Frump encolhe os ombros.

– Fui buscá-lo.

Começo a andar de um lado para o outro.

– O problema é que a Seraphima me vê sempre como o herói conquistador quando precisa de olhar para *ti* dessa maneira. O que significa, meu amigo, que estás a precisar de uma donzela em apuros. – Vários unicórnios relincharam quando passámos demasiado perto. – É isso. – Estalo os dedos. – Vou morrer.

– O quê?

– Não a sério. Só a fingir. Depois poderás salvar-me à frente da Seraphima.

– Ollie, sem ofensa, mas és uma princesa muito feia. Não te vou beijar para te acordar do teu sono fingido, aconteça o que acontecer.

– Não terás de o fazer, *Frump*. Vamos fingir que fui trespassado por um unicórnio. Tudo o que tens de fazer é estancar a falsa hemorragia.

Baixo-me em frente a um pilriteiro e agarro numa mão-cheia das suas bagas vermelhas.

Frump parece ansioso ao longe.

– Será que não podias apanhar bagas *depois*? Ela vai chegar a qualquer momento.



– Não as vou comer – murmuro, esmagando as bagas entre as mãos. São vermelhas e escorrem. Abrindo a túnica, de modo a revelar a camisa branca, esfrego o sumo no tecido. Uma mancha vermelha sangra no centro do meu peito.

– Só há um problema – diz *Frump*. – Nunca ninguém foi trespassado por um unicórnio. São as criaturas mais dóceis do livro.

– Bem... talvez eu tenha deixado um deles furioso – sugiro. Deito-me, com a cabeça contra um pedregulho e tapo a ferida falsa com a mão.

Frump move-se em círculos nervosos.

– Não vai funcionar, Oliver. Ela vai perceber. Eu não sei representar...

– Estás a brincar? Fazes o papel de cão todos os dias. Decerto isto é mais fácil.

De súbito, ouço uma canção ruidosa, desafinada, a flutuar sobre o prado. Os unicórnios relinham e dispersam-se.

– Oh, Oliver... – exclama, Seraphima. – Estamos a brincar às escondidas, meu querido?

– Oh, assim está bem, está muito bem – sussurra *Frump*, olhando de relance para o meu rosto. – Estás com um ar mesmo doente.

– Concentra-te – silvo. – *Fr... ump...* – arquejo. – Ajuda-me...

Seraphima corre pelo campo, mas quando me vê, caído e ensanguentado, grita.

– Oliver!

Frump salta para o meu peito.

– Aguenta-te, meu amigo – diz. Vira-se para Seraphima. – Um dos unicórnios ficou maluco. O Oliver perdeu muito sangue. – *Frump* pressiona com a pata o centro da ferida. – Tira-me a coleira – ordena.

– Desculpa!

– Para fazer um torniquete – diz *Frump*.

Pelo canto do olho, vejo Seraphima a olhar para *Frump* como nunca a vi olhar para ele. Mas não é adoração que vejo.

É competição.

Ela ergue-o com as duas mãos e afasta-o do meu corpo.

– Sai do meu caminho, cachorro – resmunga, e ajoelha-se à minha frente. – Não vás com os anjos, Oliver! – grita. – Fica comigo!

Dito aquilo, inclina-se sobre mim e sela os seus lábios nos meus, num sopro gigantesco do que deveria ser respiração boca a boca, mas que mais parece um beijo desajeitado e molhado. Cuspindo, endireito-me e empurro-a de cima de mim.

– Consegui! Salvei-te! – grita Seraphima, puxando-me para os seus braços. – Oh, Oliver. Não sei se será a vida a imitar a arte ou a arte a imitar a vida... estou simplesmente feliz por tu e eu termos uma oportunidade para vivermos felizes para sempre! Gemo.

– Onde está o unicórnio...

– Muito, muito longe, meu amor. Porquê?

– Tinha a esperança de que me pudesse trespassar outra vez.

Frump aproxima-se, arrastando as patas, a cauda entre as pernas. *Desculpa*, digo-lhe silenciosamente.

Seraphima deixa-se cair no chão ao meu lado e começa a rasgar a bainha da saia para fazer ligaduras.

– Temos de te levar ao Orville para que ele te possa fazer uma cataplasma...

A última coisa que quero é que Seraphima fique aqui a fazer de enfermeira – ou pior, a tratar-me por um ferimento que nunca tive. Pensando rapidamente, franzo o sobrolho e viro rapidamente a cabeça para a esquerda.

– Ouviram aquilo?

Frump ladra.

– Tens razão, velho amigo. *Soava* realmente como *Rapscullio*... – Sei que isso deixará *Seraphima* em pânico. Para alguém incapaz de perceber a diferença entre a vida real e a história, *Rapscullio* é uma ameaça constante.

– *Rapscullio*! – arqueja *Seraphima*. – E se ele me encontra?

– Depressa, fuge. – ganhando coragem, dou-lhe um rápido e firme beijo nos lábios. – A tua vida é mais importante do que a minha. Irei tão depressa quanto possível. *Frump*, posso contar contigo para manteres *Seraphima* em segurança?

Frump sorri, lentamente.

– Será uma honra e um privilégio, Alteza – diz ele. – Minha senhora? – Ele estende-lhe a pata e, depois de um momento de relutância, *Seraphima* pega nela.

Vejo-os a correr pelo prado, uma princesa iludida, incapaz de distinguir a realidade da ficção, e um *basset hound*. Bem, suponho que já tenham existido casais mais estranhos.

– Boa sorte – sussurro a *Frump*, embora saiba que ele não me consegue ouvir. – Sentirei a tua falta, se conseguir sair daqui.

Não é se, digo a mim mesmo. É *quando*.

Enquanto visto roupa limpa, considero as aparentes discrepâncias da minha vida neste livro. Porque é que tenho um armário cheio de túnicas e gibões que nunca me veem vestir durante a história, mas *Frump*, que de acordo com o texto já foi um rapaz, nunca é visto nessa forma? Porque é que o celeiro onde *Socks* vive está repleto de gansos e galinhas e vacas que não têm qualquer papel discernível no conto de fadas, mas *Seraphima* não consegue perceber que o papel que representa não é necessariamente quem ela é? São contradições que não compreendo e, para ser sincero, em que nunca pensei antes. Antes de conhecer *Delilah*, claro.

Ainda estou a pensar sobre isto quando ouço *Frump* dar o alarme.

– Todo o pessoal do conto de fadas apresente-se de imediato nos estábulos – ordena. – Repito, isto é uma emergência... não é uma simulação!

Enquanto desço a escadaria do castelo, quase choco contra a rainha.

– Oliver, querido – diz ela. – Fazes ideia do que se está a passar?

Não faço. Mas o meu coração bate rapidamente e as minhas mãos tremem... e desejo como um louco que não tenha nada que ver comigo e *Delilah*. Terá *Rapscullio* descoberto que o livro desapareceu? Terão as fadas percebido algo da nossa conversa anterior?

– Não sei – digo à rainha –, mas o tom não me agrada.

Na realidade, o tom vai-se tornando pior à medida que nos aproximamos dos estábulos. Ouve-se um fungar frenético e uma série de resmungos baixos. Sobre nós, a reveladora fita de luz que indica que o livro está prestes a ser aberto. Mas se é esse o caso, porque é que estamos aqui?

Porque sou uma personagem principal, consigo abrir caminho por entre a multidão até à porta aberta do estábulo. Aí, *Frump* anda de um lado para o outro sobre o feno, enquanto as galinhas correm e dão às asas para sair do seu caminho.

– *Frump*, o que é que se passa? – pergunto.

Ele vira-se para mim.

– Graças a Deus que estás aqui. – Ele olha de relance para a fatia de céu que aumenta. – É o *Socks*. Está a falar numa paralisação.

– Uma paralisação? Quem é que está paralisado?



– Não, ele está a *fazer* uma paralisação. Recusa-se a sair do estábulo quando a história voltar a ser contada.

Hesito. Nunca ninguém nesta história resistiu a contá-la. Ou seja, sempre que o livro se abre, as personagens correm para as suas posições. Sou o único que alguma vez desafiou a situação – e sei por experiência que o livro se corrigirá e puxará *Socks* para a sua posição quer ele queira ou não. Mas, se eu admitir isso em voz alta, criarei uma agitação ainda maior, porque todos perceberão que também tenho estado a resistir ativamente ao livro.

– Qual é a pior coisa que pode acontecer? – digo em tom despreocupado. – Falta-me um fiel corcel. Ninguém vai reparar. – *Ninguém vai reparar, penso, porque, mal nos encontremos na primeira página, Socks terá sido arrastado contra a sua vontade para se encontrar connosco onde pertence.*

– Não podemos correr esse risco. Estamos a tentar ganhar algum tempo. – *Frump* aponta com o queixo para o canto do celeiro, onde Orville balança no cimo de uma escada, apontando a varinha para a luz.

– *Obscurius manturius...* – entoa, e uma chuva de centelhas cria um selo pegajoso ao longo da linha de luz, caindo sobre o monte de feno e dando início a vários pequenos fogos que Rapscllío, que se encontra por baixo, apaga com os pés.

– Alguém está a abrir o livro neste momento, Oliver – diz *Frump*. – Não sei durante quanto tempo o conseguiremos manter fechado.

Sou atirado para o lado quando os *trolls* passam por mim a correr e entram na baía de *Socks*.

– Por trás, rapazes – ordena *Frump*. – Deem-lhe o vosso melhor empurrão.

Aproximo-me da porta aberta da baía. *Socks* ergue-se de focinho virado para o canto, de cabeça baixa.

– *Socks*? – murmuro. – O que é que se passa, amigo?

– Vai-te embora – soluça o pónei.

– Seja o que for, tenho a certeza de que o poderemos resolver. Estou aqui para ti. Estamos todos aqui para ti.

Ele agita a crina.

– Sou uma besta hedionda, monstruosa. Por favor, deixa-me chafurdar na minha própria infelicidade.

– Temo não poder fazer isso, *Socks*. Quer dizer, muitas pessoas estão a contar contigo. Temos uma história para contar. E tu... tu és uma das estrelas do espetáculo.

Ele hesita.

– Eu... eu sou?

– De que outra maneira chegaria eu a qualquer lado? – digo. Mas há uma parte de mim que se pergunta se terei razão sobre o que irá acontecer se *Socks* ficar na sua baía. Será arrastado para a sua posição na página como eu fui? Ou fará aquilo que eu tanto anseio: mudará o curso desta história?

– *Ein... zwei... drei... stoß!* – gritam os *trolls*, e *Socks* relincha quando eles se lançam contra ele, tentando fazê-lo mexer-se.

– *Frump* – exclama Orville. – Temo não ser capaz de conseguir manter o livro fechado durante mais tempo!

Olho para cima de relance. Por esta hora, grandes tiras de luz caem sobre o chão do celeiro.

– Cá vamos! – grita Glint.

Um batalhão de fadas esvoaça até ao canto da cena. Como uma trupe de acrobatas de

circo, arqueiam os corpos sob a fenda cada vez maior, os seus pequenos rostos contorcidos pela determinação, enquanto lutam por manter as páginas fechadas.

Entrando na baia, deixo-me cair ao chão para me poder arrastar para baixo de *Socks*. Este vira de imediato o focinho.

– Não posso. Não posso.

– *Socks* – imploro. – Por favor. Pelo menos diz-me qual é o problema para que eu o possa resolver.

– É demasiado horrendo e embaraçoso.

– Tão embaraçoso como daquela vez em que eu caí borda fora do navio pirata?

– Pior – geme *Socks*. – Tenho... tenho... Oh, não consigo dizê-lo em voz alta.

– Varicela? – ponho-me a adivinhar. – Urticária? Azia?

– Uma borbulha – explode *Socks*. – Uma enorme, vermelha e inchada borbulha mesmo no focinho.

– Os cavalos não têm borbulhas, *Socks* – digo suavemente.

– Oh, fantástico. Agora sou uma anormalidade zoológica com acne.

– Deixa-me ver. – Suavemente, puxo os arreios de veludo na direção da minha cara. Olho para ele. Analiso o focinho de narina a narina, não encontrando qualquer falha. – *Socks* – digo –, não está cá nada.

– Só estás a dizer isso para me fazer sentir melhor! – geme. – Não consigo estar em público com um enorme nariz vermelho de palhaço, Oliver!

Há um grande alarido quando o capitão Crabbe atravessa a multidão. Enverga a sua bata de dentista e transporta um conjunto de instrumentos esterilizados envoltos em papel azul.

– Alguém pediu uma consulta cirúrgica? – pergunta.

Os olhos de *Socks* arregalam-se.

– Cirurgia! Quem é que falou em cirurgia?

– Não te preocupes, meu pequeno amigo ferrado. Não sentirás mais do que um beliscão – promete o capitão Crabbe.

Faz sinal aos *trolls* para que saiam do caminho e fica de pé atrás de *Socks*. Enquanto desembulha os seus instrumentos esterilizados, vários pontos de luz cintilam do canto da cena para as costas de *Socks*, sarapintando o seu pelo.

– *Frump* – grita Sparks do cimo da página –, não aguentamos mais de dez...

Estará Delilah a perguntar-se porque é que o livro não abre? Estará a atribuí-lo à humidade, a uma má encadernação, a um borrão de doce?

O capitão Crabbe empunha o raspador dentário, um gancho de prata ofuscante.

– Nove – diz Ember.

Ele ergue-o na direção do feixe de luz, examinando a ponta.

– Oito...

Socks vira o pescoço, olhando para o instrumento com pavor.

– Sete...

Lanço a perna sobre o pónei e inclino-me sobre a sua crina.

– É contigo, *Socks*. Podes fazer isto à tua maneira ou à maneira dele.

– Seis...

– Adoro um bom lancetamento no crepúsculo – diz o capitão Crabbe com um suspiro.

– Cinco...

– Então? – digo. – Como é que vai ser?

– Quatro... três...

Socks agita-se, nervosamente.

– Hum... hum...

– Dois...

O capitão Crabbe ergue o braço quando várias fadas tombam, exaustas, para o chão do celeiro em pequenas nuvens de pó dourado.

– Um!

– Espera! – grita *Socks*, mas o capitão Crabbe já espetou o instrumento nos seus quartos traseiros, fazendo o pônei atravessar a parede do celeiro. A parede de madeira explode e estala, ao mesmo tempo que o céu sobre nós se torna ofuscantemente branco e as restantes fadas deixam de ser capazes de segurar a bainha da cena.

– Todos aos vossos lugares! – grita *Frump*.

Embora eu enterre os calcanhares na sua barriga, *Socks* corre explosivamente rápido e mal sou capaz de me segurar. Olho para trás e vejo o caos absoluto – personagens a atropelarem-se umas às outras para conseguirem chegar aos seus lugares corretos, palavras misturando-se e emaranhando-se, enquanto se reorganizam na página, o celeiro destruído por *Socks* na sua fuga.

Só que não está.

À medida que *Socks* continua o seu galope, olho por cima do ombro e vejo que as tábuas de madeira que tinham sido arrancadas da estrutura do celeiro regressam lentamente ao seu lugar, até a parede, que estava destruída há apenas um instante, ficar como nova.

Rapscullio.

Porque é que não pensei em Rapscullio?

Sempre que contamos a história, esta termina com um combate entre nós. Lá estou eu, desarmado, enquanto Rapscullio agita a sua espada para trás e para a frente. Por fim, ele encurrala-me contra a janela da torre. Dezoito metros mais abaixo, o oceano furioso choca contra um penhasco rochoso. A espuma do mar ergue-se numa nuvem.

– Adeus, príncipe Oliver – diz Rapscullio com um sorriso maldoso. Mas quando se lança na minha direção, de espada em riste, mergulho para o lado. Sem a resistência por que esperava, Rapscullio tomba para a frente através da janela aberta e cai para a sua morte, gritando.

Eis o mais importante:

Depois de terminadas as páginas seguintes e eu e Seraphima termos o nosso casamento na praia, o livro fecha-se e lá está Rapscullio, a passear de página em página – perseguindo uma nova borboleta, ou a bordar, ou a experimentar uma nova receita de tarte de limão com os trolls como seus entusiásticos provadores. Por outras palavras, é como se nada lhe tivesse acontecido.

Ele cai dezoito metros sobre as rochas pontiagudas e as ondas tonitruantes, e fica como novo.

Agora que penso nisso, são muitos os momentos em que algo acontece numa página para se desfazer momentos depois. O aparelho de *Pyro* desaparece mal a história termina. As pontes que os trolls construíram voltam a cair.

Por isso, mesmo que me escreva para fora do conto de fadas... poderei acordar na manhã seguinte e encontrar-me exatamente onde tudo começou.

O que isto exige, apercebo-me, é de um teste. Um teste pessoal. Por assustador que isso seja, tenho de ser eu a magoar-me, porque essa é a única maneira de saber se a minha história pode mudar de vez.

– Vou mostrar-lhe – diz Delilah, a voz a encher cada canto da minha mente. – Não estou a inventar isto. – De súbito, estou agarrado à parede rochosa, erguendo os olhos para a torre onde se encontra Seraphima.

Por outras palavras, o livro está aberto outra vez, e eu estou na página 43.

Com quem é que ela está a falar?

Olho de relance por cima do ombro e vejo Delilah – e outro rosto – a olhar para mim.

Um tipo qualquer que nunca vi antes, com um farto cabelo castanho e gentis olhos azuis.

Ele parece um pouco velho para ela, mas isso não impede que sinta o ciúme a arder na barriga. Se eu atirasse o punhal que levo preso entre os dentes, conseguiria acertar-lhe? Não se limitaria a fazer ricochete na barreira entre nós?

– Oliver – diz Delilah.

Assim é melhor, querida.

– Diz qualquer coisa.

Gelo. Estou francamente confuso. Será suposto eu falar em voz alta ou não? Delilah parece mudar de ideias em relação a isto com a mesma frequência com que *Socks* muda de ferraduras. Ela quer que mantenha o silêncio quando a mãe está por perto; mas depois irrita-se quando não falo com a amiga Jules. Sinceramente, não sei o que ela quer de mim desta vez.

– Oliver! – geme Delilah. Ela vira-se para o homem. – Não sei porque é que ele não está a falar comigo.

– E como é que isso te faz sentir? – pergunta o homem.

Ela inclina-se para mais perto.

– Oliver – sussurra Delilah. – *Fala!*

Consigo sentir a respiração dela a agitar-me o cabelo. Ela parece querer que eu fale, por outro lado, talvez seja um truque. Além disso, mesmo que gritasse com toda a força, Delilah é a única pessoa que alguma vez me ouviu com clareza. Mais vale jogar pelo seguro, manter-me em silêncio para que Delilah não pareça completamente louca.

Mantenho-me cuidadosamente imóvel na página.

– Então, vamos tentar esta cena – diz Delilah, e folheia rapidamente as páginas do livro. Sinto-me a cair para o lado, choco contra várias árvores, a letra *g* e o considerável traseiro de *Socks*, antes de aterrar no abraço de Seraphima na última página. Os seus lábios estão presos nos meus e o seu corpo comprimido contra o meu. As restantes personagens erguem-se à nossa volta, em semicírculo. Reviro os olhos, erguendo-os, apenas para ver aquela famosa palavra: FIM>

– Hum. Vamos ver outra vez – diz Delilah, com uma voz suave, enquanto recua algumas páginas. Desta vez tropeço no convés escorregadio do navio pirata, caio de chapa no oceano gelado e fico com a túnica presa no *c* da palavra *capitão* antes de me ver frente a frente com um dragão furioso.

Pré-ortodôncia.

Pyro mal tem tempo para lançar um jorro de fogo na minha direção antes de Delilah regressar à última página, atirando-me de novo contra o beijo atabalhado de Seraphima.

Ela está a fazer isto de propósito. Bem, podem ser dois a jogar este jogo. Aperto os braços em redor de Seraphima e beijo-a como... como... bem, como se ela fosse Delilah.

Seraphima derrete-se contra mim, os olhos muito arregalados.

Por mais duas vezes, Delilah salta entre a cena com *Pyro* e a última página do livro. Quando Seraphima se inclina para um quarto beijo, já não consigo fingir que me estou a divertir. Ela está a trucidar-me e, atrás de mim, ouço um leve gemido escapar a *Frumph*.

Basta. Estou pronto para dizer o que quer que Delilah quer que diga.

– Desisto – grito e, de imediato, Delilah vira-se para o estranho homem.

– Ouviu isto? – diz ela, e deixa cair o livro aberto, felizmente na página com *Pyro* e não na de Seraphima.

– Ouviste alguma coisa? – pergunta o homem.

– Não ouviu? – insiste Delilah.

Pyro está a soprar pequenas baforadas de fumo.

É a sensação mais estranha, que as palavras nos sejam arrancadas da garganta como a água de um poço, como se não tivéssemos qualquer controlo para o impedir de acontecer. Sei que estas mesmas palavras deslizaram pelas mentes de Delilah e deste homem enquanto leem a história.

– Espera! – grito, com a boca a contorcer-se numa conversa que já tive uma centena de vezes. – Não vim lutar contra ti. Estou aqui para ajudar!

As escamas do dragão tremeluzem sob a forte luz do Sol. Ele endireita-se, atingindo toda a sua musculosa altura de três metros e meio, e os dentes rangem quando dá um passo em frente. Ele arrota e as suas narinas lançam fagulhas.

Não consigo afastar o olhar da boca de *Pyro*, do fumo que escapa por entre os seus lábios. Mais uma linha e ele vai lançar uma bola de fogo que incendeia uma árvore ao meu lado.

De súbito percebo: esta é a minha oportunidade.

A boca enorme de *Pyro* abre-se e uma explosão de chamas desliza da sua língua. Agarro no livro que roubei a Rapscllío, seguro-o para tapar o rosto e salto para a frente, incendiando-me.

A última coisa que me lembro de ouvir é o grito de Delilah.

DELILAH

Em frente do sofá, no consultório do doutor Ducharme, está um enorme aquário repleto de peixes tropicais. Sei que é suposto ser bonito ou relaxante, mas a mim deixa-me deprimida. Tenho a certeza de que todos eles preferiam estar a nadar de costas algures nas Caraíbas.



— Então — começa o psiquiatra —, diz-me, assim sem pensar, cinco sítios onde preferias estar em vez de estares aqui.

Ergo os olhos para ele.

— Em Inglaterra durante a Peste Negra, no dentista a desvitalizar um dente, numa filmagem dos *Teletubbies*, fechada numa casa de banho portátil e... a fazer os exames finais.

O psiquiatra juntou as pontas dos dedos, num gesto pensativo.

— *Teletubbies*? — diz após um momento, estremecendo. — É assim tão mau?

— É assim tão mau — respondo, mas os meus lábios estremecem.

Ele tem um sorriso simpático e o cabelo todo, e é mais ou menos da idade da minha mãe.

— A tua mãe disse-me que não estavas nada entusiasmada por me conhecer — diz o doutor Ducharme.

— Não me leve a mal. Não há nada de errado comigo.

— Fico feliz por ouvir isso. Mas não é por isso que a tua mãe está preocupada. — Ele inclina-se para a frente. — Ela teme que te estejas a isolar ultimamente. Que tenhas ficado dependente ou talvez obcecada com um livro.

Como não respondo, ele une as mãos, entrelaçando os dedos.

— Quando eu era da tua idade, costumava ver *Uma História de Natal* todos os Natais, pelo menos dez vezes. «*Vais dar um tiro no olho!*» — cita.

Fito-o, inexpressiva.

— Suponho que nunca o tenhas visto — diz o médico. — O que eu quero dizer é que costumava ver aquele filme uma e outra vez porque era mais fácil do que admitir a mim mesmo que o Natal era uma verdadeira porcaria para um miúdo cujos pais estavam divorciados. Por vezes, as coisas a que recorremos para nos reconfortarmos servem apenas para mascarar um sintoma mais profundo. — Ele olha diretamente para mim. — Talvez me possas dizer porque é que esta história significa tanto para ti?

Não sei como responder. Se disser que Oliver fala comigo, parecerei louca.

— Não o leio por sentir a falta do meu pai ou por odiar a minha mãe ou qualquer outra dessas coisas que os psiquiatras pensam sempre. Não é nada de especial.

— A tua mãe parece pensar que é algo de especial para ti — responde o doutor Ducharme. — Não conheço muitas raparigas de quinze anos que passem o tempo a ler contos de fadas.

— Não é apenas um conto de fadas — digo de repente.

— Como assim?

— É uma história única. O único exemplar que existe.

— Estou a ver — diz o psiquiatra. — Sentes-te intrigada por livros raros?

— Não — admito, corando. — A personagem principal. Consigo relacionar-me com ele.

— Como exatamente?

Penso por um instante, observando os peixes no aquário do doutor Ducharme a nadar em círculos, encurralados.

— Ele gostava que a sua vida fosse diferente.

— Gostavas que a *tua* vida fosse diferente?

— Não! — digo, frustrada. — Não sou eu. Foi o que ele me *disse*. — Entro imediatamente em pânico: acabei de admitir precisamente aquilo que tinha prometido a mim mesma que não admitiria.

— Então... ouve-lo a falar?

O psiquiatra pensa que sou louca. Por outro lado, porque estaria aqui se não fosse?

— Não estou a ouvir vozes. Só estou a ouvir o Oliver. Olhe, vou mostrar-lhe.

Folheio o livro até chegar à página 43. Lá está Oliver, imóvel, agarrado à parede rochosa, o punhal na boca.

— Oliver — peço —, diz qualquer coisa.

Nada.

— Oliver! — gemo. — Não sei porque é que não está a falar comigo.

— E como é que isso te faz sentir? — pergunta o doutor Ducharme.

Oliver sabe que estou aqui. Consigo percebê-lo no modo como os seus olhos deslizam para os meus quando ele pensa que o psiquiatra não está a olhar. Será que não consegue compreender que preciso dele mais do que nunca? Que não é o momento para brincadeiras? Que todo o nosso futuro juntos pode depender de ele emitir, de facto, um som neste momento? Inclino-me para mais perto e encosto o nariz ao livro.

— Oliver — digo entredentes. — *Fala!*

Não há resposta.

Bem, se ele quer brincar comigo, posso perfeitamente fazer isso mesmo.

— Então muito bem. Vamos tentar *esta* cena. — Viro para a última página do livro, onde Oliver e Seraphima estão presos num beijo perfeito.

Acho que o vejo estremecer.

É bem feito.

— Costumas ter dificuldade em perceber a diferença entre... por exemplo... um sonho que tiveste na noite anterior e a realidade? — pergunta o médico.

— Não estou a inventar — insisto. — Hum. Vamos ver outra vez. — Furiosa, ando para trás e para a frente, entre a cena onde Oliver enfrenta o dragão e a última página. Será imaginação minha ou está, de facto, a beijar Seraphima como se estivesse a *gostar*?

Furiosamente, abro e fecho o livro mais algumas vezes.

Depois, ouve-se tenuemente:

— *Desisto.*

— Ouviu isto? — grito.

— Ouviste alguma coisa?

Oliver. Ouvi Oliver, alto e bom som.

— Não ouviu? — pergunto, mas já sei a resposta. Oliver disse-me que, em todos os anos em que estive neste conto de fadas, eu sou a primeira leitora a ouvi-lo.

O psiquiatra tira-me suavemente o livro das mãos e pousa-o na mesinha de centro entre nós, ainda aberto na página onde Oliver se ergue, frente a frente com *Pyro*.

— Delilah — diz ele baixinho —, eu sei que, por vezes, é mais fácil fingir do que ter de lidar com a verdade.

— Isto não é faz-de-conta! — Olho de relance para o livro e os meus olhos arregalam-se. Há

algo de errado, de terrivelmente errado. Os meus olhos caem no texto ao lado da ilustração:

— *Espera!* — gritou Oliver. — *Não vim até aqui para lutar contigo. Estou aqui para ajudar!*
O dragão deu um passo ameaçador na sua direção e rugiu.

Por já ter lido este livro uma centena de vezes, sei o que acontece a seguir. Pyro cospe e incendeia uma árvore. Só que desta vez o texto é diferente.

Quando Pyro cospe, o príncipe Oliver corre diretamente para a bola de fogo.

— Oliver! — grito. — Não!

A ilustração estremece e ganha nova forma, como um lago depois de atirmos uma pedra. Perante os meus olhos, vejo Oliver ser queimado vivo, enquanto o dragão ergue a cabeça atrás dele.

Levo a mão ao livro, na esperança de o fechar, mas queima-me os dedos.

— Ai! Tem de o ajudar — soluço, agarrando a manga do psiquiatra. — Por favor, antes que seja tarde demais...

O doutor Ducharme pousa as mãos nos meus ombros.

— Está tudo bem, Delilah. Inspira fundo algumas vezes.

Faço o que ele diz, mas os meus olhos estão fixos no livro que se encontra sobre a mesa atrás dele. Brilha, vermelho, como um pedaço de carvão incandescente, nos limites da página.

— Vou pedir à tua mãe que se junte a nós nestes últimos minutos — sugere o doutor Ducharme. — Está bem?

Aceno. Mal ele sai do gabinete, o livro incendeia-se.

Oh, meu Deus. Agarro no meu casaco e, usando-o como uma pega enorme, levanto o livro de cima da mesa e atiro-o para o aquário. Dois peixes-anjo afastam-se do caminho, enquanto o livro borbulha e ferve para o fundo repleto de pedrinhas de plástico.

Com um pequeno sorriso, apercebo-me de que salvei o príncipe, em vez do contrário.

O livro está ensopado e a pingar, pelo que o mantenho por cima do aquário, enquanto avanço para a página 43. Oliver está saudável e intacto — ainda que bastante molhado. Lembro-me de quando as minhas lágrimas também o molharam; seja de que tipo for o selo que nos separa, deve ser poroso aos líquidos.

— O que é que estás a tentar fazer? Matar-te? — grito.

— Exatamente — diz Oliver, retirando o punhal do meio dos dentes para poder falar comigo. — Estava a provar uma hipótese.

— A de que eras capaz de incendiar este consultório?

— Que consultório? Afinal onde é que estás? — pergunta Oliver. — E porque é que estou ensopado até à roupa interior?

— É uma longa história... — De repente apercebo-me do que ele me disse. — Tu... tu queres



morrer?

— Não... quero sair daqui. Mas tudo o que muda nesta história acaba por voltar ao que era no final. Já o vi com os meus próprios olhos. Homens mortos voltam à vida; celeiros destruídos reparam-se. De que me serve escrever-me para fora deste livro, se mais cedo ou mais tarde vou acabar de novo aqui dentro?

Lembro-me das palavras na página a tremeluzir e a mudar perante os meus olhos.

— Espera — digo e viro para a página onde *Pyro* e Oliver se enfrentam.

O texto voltou a ser o que costumava ser.

Apresso-me a virar para a página 43, onde eu e Oliver podemos falar livremente.

— Tens razão — digo-lhe.

— Obviamente. Não morri queimado. — Ele cheira as mangas. — Nem sequer cheiro a fumo. Delilah, temo estar aqui preso, condenado a fazer parte desta história para sempre. Nada deste livro conseguirá alguma vez passar para o mundo exterior.

Penso em como a água passou pela barreira — mas, em ambos os casos, foi água do *meu* mundo a entrar no dele, uma válvula unidirecional. A única vez em que tentámos extrair algo do livro — aquela aranha — não funcionou.

Só que, desta vez, *houve* algo que escapou.

— Oliver — digo —, estás enganado.

Ele ergue o rosto na minha direção.

— Como assim?

— Quando correste para as chamas de *Pyro*, estavas a segurar o livro que encontraste no covil de Rapscllio?

— Sim.

— Bem, só pode ser essa a diferença. Quando tu te incendiaste — digo —, o mesmo aconteceu com o livro que estou a ler. E não foram apenas palavras como *inferno* e *labareda* que se escreveram por todo o lado... foram *chamas* a sério.

Os olhos de Oliver arregalaram-se.

— Queres dizer...

— Sim. — Rio. — Conseguieste!

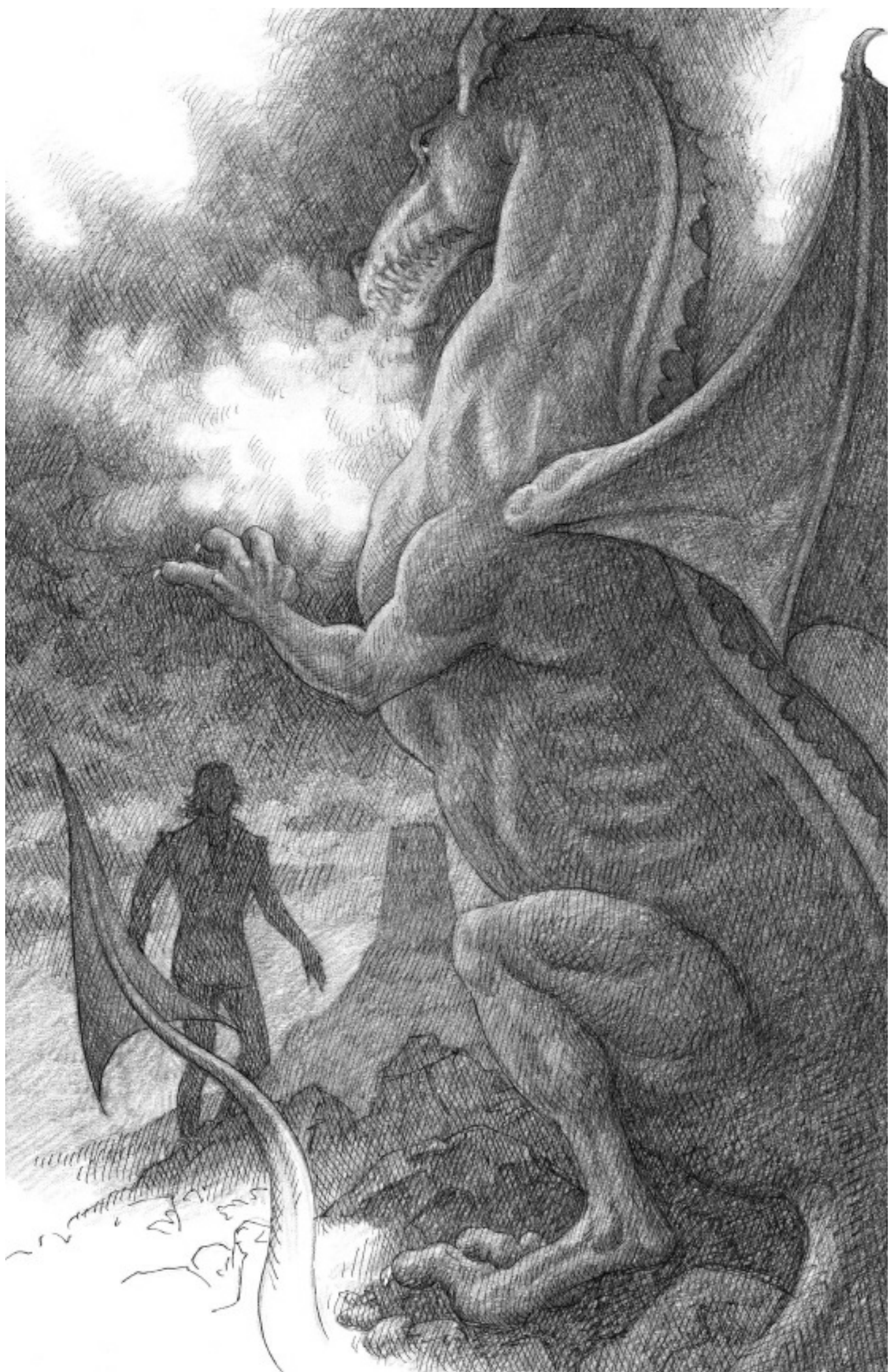
— *O que é que* conseguiste? — A minha mãe entrou no gabinete do doutor Ducharme. Estão ambos a olhar para mim e eu estou à frente do aquário a falar para um livro aberto.

— Eu, hum, estava apenas... a testar uma hipótese — digo, tomando emprestada a frase de Oliver. — Em Biologia, estamos a estudar a capacidade de as... hum... criaturas marinhas reconhecerem a palavra escrita. — Fechando o livro, enrolo-o no meu casaco e abraço-o contra o peito. Fico com uma mancha molhada na camisa.

Se o psiquiatra ainda não pensasse que eu estava louca, ver-me a ler para os peixes-anjo deve tê-

lo convencido. Sabendo que não tenho como me livrar desta, sorrio para o doutor Ducharme.

— Então — digo alegremente. — Para a semana à mesma hora?



De certa maneira, Oliver podia argumentar que toda a sua vida o conduzira àquele momento: quando se erguia frente a frente com o monstro que matara o seu pai.

As escamas vermelhas do dragão tremeluziam no calor do dia. Os seus olhos eram tão negros quanto o coração do homem que o conjurara. As garras dos seus pés arranhavam a rocha nua do Cabo das Marés Passageiras para se equilibrar. Enquanto Oliver o observava, *Pyro* inclinou para trás o seu pescoço comprido, inspirou fundo e lançou para o céu uma coluna de fogo.

A pulsação de Oliver estava acelerada. Encontrava-se tão perto do dragão que sentia o cheiro a carne queimada e cinza. Aquilo era o perigo, na verdadeira aceção da palavra, como nunca antes experimentara e que durante toda a vida quisera evitar. Perguntou-se, como tantas vezes durante a sua infância, o que teria o pai pensado naquele momento. Ter-se-ia o rei Maurice erguido, firme, sem medo, ao brandir a espada, correndo para a sua morte? Terão os seus últimos pensamentos sido dedicados à sua amada esposa? Ao filho que não chegou a conhecer?

Não conseguirei sair daqui vivo, pensou Oliver.

Levou a mão ao pescoço em busca da bússola que a mãe lhe dera. Se havia momento em que devia dar meia-volta e regressar a casa, era aquele. Mas quando os seus dedos se fecharam em redor do pequeno disco, imaginou o pai a agarrá-lo enquanto combatia aquele mesmo dragão. Oliver queria ser o tipo de filho de que o pai se sentiria orgulhoso. Aquele que enfrentava os seus medos, em vez de cair vítima deles.

Deixou que a bússola voltasse a deslizar por baixo da camisa.

Talvez não tivesse a habilidade do pai com uma espada ou o tipo de coragem que inspirava os poemas épicos e as lendas. Mas essa não era a única maneira de vencer uma batalha.

— Espera! — gritou Oliver. — Não vim até aqui para lutar contigo. Estou aqui para

ajudar!

O dragão deu um passo ameaçador na sua direção e rugiu. As chamas queimaram os cabelos em redor da testa de Oliver.

Lembrou-se de uma história de infância que a mãe lhe costumava ler à noite.

— Oh — disse Oliver, baixinho —, que grandes dentes que tu tens.

O dragão exibiu orgulhosamente a sua gigantesca sobremordida, rangendo os dentes a centímetros do rosto de Oliver.

No entanto, em vez de tremer na nuvem de respiração fumegante, Oliver limitou-se a franzir o sobrolho.

— Bem — disse —, não é de admirar que estejas com tantas dores.

O dragão, prestes a varrê-lo com a cauda, hesitou.

— Olha, os problemas dentários não são motivo de vergonha.

Pyro cuspiu e a bola de fogo incendiou uma árvore à esquerda de Oliver.

— Negá-lo não vai fazer com que melhore — insistiu Oliver. — Tens ou não tens um gosto a fumo na boca?

O dragão pestanejou.

— Sintomatologia clássica. Tu, meu amigo, tens um canino de fogo impactado. Se não for tratado pode levar a pele escamosa, alargamento das narinas, língua carbonizada...

A cada sintoma reconhecível, o dragão recuava, de olhos muito arregalados.

— ... e por fim à morte.

O dragão sentou-se nos quartos traseiros e fechou a boca com força.

— Por sorte, tenho alguma experiência em ortodôncia. — Oliver deu um passo em frente. — Fecha os olhos e abre bem a boca.

O dragão, lenta e desconfiadamente, abriu o maxilar gigantesco.

Fora ali que o pai morrera. Sustendo a respiração, Oliver trepou cuidadosamente pela língua esponjosa do dragão. Fitou os dentes, tão grandes como pedregulhos, com pedaços de sangue e carne presos entre eles. A sua bota escorregou e, ao cair de joelhos, algo lhe piscou o olho. Parecia uma obturação de prata.

Oliver semicerrou os olhos e percebeu que não se tratava de uma obturação de todo. Era o capacete de um cavaleiro, um pedaço da armadura que ele criara com Orville — feita do material mais forte e mais resistente ao fogo do reino — reduzido a uma bola de lata.

Aquele cavaleiro morrera. O pai de Oliver morrera. Aquele dragão podia engolir Oliver inteiro. Não havia palavras, mentiras e ardis que o pudessem proteger desse mal físico.

Como que para realçar esse facto, o dragão arrotou e uma chama jorrou na direção de

Oliver como uma onda. Ele levou a mão ao saco que trazia consigo e fechou os dedos em redor do extintor que as sereias lhe tinham dado.

Puxou a chave de metal que o ativava e colocou cuidadosamente a lata entre dois molares enormes.

— Agora — disse, recuando cautelosamente para fora da boca do dragão e limpando a saliva da túnica —, preciso que feches a boca muito devagar.

Pyro fechou a boca. Oliver contou até três num sussurro e, de repente, uma espuma branca começou a jorrar entre as gengivas do dragão.

— Ah — disse ele. — Vejo que está a funcionar...

O dragão começou a respirar com dificuldade. A sua boca abriu-se, mas, em vez de uma explosão de chamas, tudo o que se ouviu foi uma tosse triste e fraca. Como qualquer animal encurralado, *Pyro* começou a agitar as garras e a cauda, golpeando o ar. Oliver saiu do seu caminho, escondendo-se atrás de uma pedra, enquanto o dragão descia o monte em direção ao oceano.

Quando ouviu o grito do dragão a enfraquecer, Oliver chegou-se à frente. A cabeça de *Pyro* estava sob a superfície da água e ele bebia desesperadamente para tentar eliminar o gosto dos químicos. Enquanto estava submerso, Scuttle e Walleye esgueiraram-se do local onde estavam escondidos e lançaram as suas redes sobre *Pyro*, encurralando o dragão, que rosnou debilmente. Então, o capitão Crabbe emergiu com um tanque enorme.

— Vamos, vamos, meu amigo, não vais sentir nada.

Colocou um tubo na boca do dragão e libertou o gás sedativo para os pulmões do animal. A sobremordida de *Pyro* suavizou-se num sorriso embriagado. As suas pálpebras enormes desceram e o seu rugido dissipou-se em soluços sonoros e fumegantes. Depois caiu, criando um pequeno terramoto à sua volta.

Oliver começou a afastar-se do covil do dragão, um caminho vitorioso que o pai jamais percorrera.

OLIVER

Quando Delilah volta a abrir o livro, descubro-me num sítio onde nunca estive. A cómoda e o espelho e a coberta cor-de-rosa que estou habituado a ver no quarto de Delilah não estão lá. Subo para a beira da página, tentando ver mais desta nova localização.

— Onde estamos?

— Num sítio onde eu costumava ir muitas vezes quando era pequena. O meu forte. — Delilah afastou-se para que eu pudesse ver melhor. As paredes são feitas de ripas de madeira e há uma janela rudemente serrada. As prateleiras estão repletas de latas cheias de lápis de cor, moedas e pedras. Uma pilha de jornais enche um canto, as suas pontas estão enroladas pelo tempo e pela humidade.

Tenho de admitir que não estou impressionado. Nunca vi um forte em tal estado de degradação.

— É de admirar que o inimigo não o tenha saqueado há vários anos — murmuro.

— Não, mas o cão do vizinho esteve perto uma vez — diz Delilah. — Não é um forte a sério. É a fingir.

— Porque havias de fingir que estás em guerra?

— Porque é isso que fazem os miúdos — explica Delilah. — Vais ver, quando cá estiveres.

Ditas aquelas palavras, ambos caímos em silêncio. É hora de me tentar escrever para fora deste conto de fadas.

— Trouxe-te para aqui de propósito — diz Delilah. — Pensei que seria mais seguro.

— Como assim?

— Bem... para começar, não sei se vamos fazer muito barulho... Segundo, se a minha mãe me volta a ouvir falar com um livro, manda-me internar, sem dúvida alguma. — Ela hesita. — E terceiro, se funcionar, não creio que ela ficasse muito contente por encontrar um estranho no meu quarto.

— Bem pensado — digo. Olho para o exemplar do conto de fadas que tirei da prateleira de Rapsclullo. Apesar do seu encontro com o fogo, está em perfeitas condições, curado de quaisquer cicatrizes e queimaduras que apresentava antes.

— Então e agora? — pergunta Delilah nervosamente.

— Suponho que tenha de reescrever o fim. — Mas agora que chegou o momento, o meu coração bate acelerado. E se isto não funcionar e, em vez de aparecer no mundo de Delilah, eu for parar a um outro livro, um livro cuja história nem sequer conheça? Ou se ficar preso no interior da barreira que existe entre o meu mundo e o de Delilah? E se reescrever a história criar apenas um novo livro e eu me descobrir na mesma situação, mas numa camada ainda mais profunda e de onde é ainda mais difícil escapar?

Pior ainda, e se *funcionar* e Delilah decidir que não quer estar presa a um antigo príncipe de conto de fadas perdido, que não sabe nada sobre a vida real? E se a realidade do que sou se revelar fraca em comparação com o tipo que ela tem estado a imaginar?

— De que é que estás à espera? — pergunta Delilah.

E talvez o mais assustador de tudo: e se eu começar isto e isto for o *meu* fim? E se o local onde aterrar não for o mundo dela ou o meu mundo, mas o vazio absoluto?

Olho para o rosto de Delilah, a maneira como ela morde o lábio inferior. Quero provar aquele lábio inferior. Quero-a. Nenhum destes riscos se compara ao horror de ficar aqui e saber que não aproveitei a oportunidade para estar com Delilah.

— Certo. — Levo a mão à túnica e retiro dela um pedaço de carvão, que guardei no bolso depois da minha última cena com *Pyro* (não é prático andar de um lado para o outro com uma pena e um frasco de tinta enfiado na roupa) e afio a ponta contra o penhasco sobre o qual me ergo. — Cá vai — digo, e avanço para a última página do livro.

Evitando cuidadosamente a ilustração da página oposta, deslizo o carvão sobre a palavra FIM.

De súbito, estou a voar de pernas para o ar através das páginas, esforçando-me por segurar o carvão e o exemplar do conto de fadas. Ramos da Floresta Encantada batem-me no rosto, magoando-me; uma vírgula atrevida prende uma ponta dos meus calções e abre um buraco no tecido; sou lançado para a escuridão e de novo para a luz; sou arrastado através da água, do vento e do fogo, e por fim aterro de cara na areia da Praia da Eternidade.

Ergo-me sobre os cotovelos, cuspiendo a areia que me enche a boca e estremecendo com a dor que sinto em todos os músculos do meu corpo. À minha volta estão todas as personagens que assistem ao meu casamento com Seraphima. Olho de relance para o livro que ainda tenho nas mãos — e vejo que não risquei por completo a palavra. Agarrando no carvão, risco a última perna do M de FIM>

— Oliver! — ladra *Frump*. — O que é que estás a *fazer*?

Mas, enquanto ele fala, consigo ver as pontas das suas orelhas caídas e da cauda a ficarem transparentes enquanto ele desaparece. Viro a cabeça para a direita mesmo a tempo de ver Seraphima a estender a mão na minha direção enquanto também ela desaparece. Todos os meus amigos nesta história desaparecem, deixando para trás uma silhueta branca e um silêncio absoluto, até não restar senão eu, caído na praia, e buracos brancos com as formas que as personagens costumavam ter.

— Deus do céu — sussurro, e nesse momento toda a praia perde o seu pigmento, até eu estar rodeado por absolutamente nada.

Continuo a segurar o livro e o pedaço de carvão. Com as mãos trémulas, abro o livro e escrevo:

E ele viveu feliz para sempre com Delilah Eve McPhee.

Assim que a última letra do nome de Delilah acaba de ser escrita, o espaço à frente dos meus olhos começa a arder, abrindo-se no centro como uma chama que devora um papel. O branco enrola-se para trás, revelando todas as cores e centímetros e pontos e nós do velho e degradado forte para onde Delilah me trouxe.

A crescente chama de cor queima um pouco mais do branco e começo a ver o rosto chocado de Delilah.

— Oliver? — diz ela.

Mas depois a sua voz desvanece-se, como a de *Frump* antes dela, até soar como se ela estivesse a falar da ponta oposta de um longo túnel. Os buracos no espaço em branco começam a encolher, fechando-se, de tal modo que já não consigo ver as latas com os seus



lápiz de cor ou a pilha de jornais ao canto. Em pânico, olho para o livro aberto sobre o meu colo e observo, com horror, enquanto a última letra que escrevi, o e de *McPhee*, se desmancha, da cauda ao arco, e depois estremece e desaparece. O mesmo acontece com o e anterior, e com o *h* e o *P*, e por aí fora, até o meu fim revisto ser completamente apagado.

Depois sinto uma pancada contra o peito, que me arranca o ar dos pulmões e me deixa a ver estrelas. Quando consigo recuperar, estou nos braços de Seraphima e à minha volta estão as personagens desta história, dando vivas, batendo palmas e celebrando o meu casamento.

Por outras palavras, estou de volta ao lugar onde nunca quis estar.

Antes que eu e Delilah pudéssemos falar sobre o que correu mal, a mãe dela chama-a. Ouço Delilah dizer que vai voltar assim que puder, mas não lhe respondo. Em vez disso, aceito os parabéns dos piratas e ofereço beijos de consolação às sereias, que estão em lágrimas, e não paro de rezar para que Delilah feche o livro e me liberte deste pesadelo recorrente.

Mal ela o faz, *Frump* grita:

– *Corta!*

Agarro nele pelo colarinho.

– Para onde é que foste? E porque é que voltaste?

– Fui? – *Frump* abana a cabeça. – Amigo, acho que apanhaste uma insolação. Ninguém foi a lado nenhum. Temos estado a assistir ao casamento, como sempre – diz ele com um sorriso.

– Mas eu vi-te desaparecer... e... e... ficou tudo branco...

Deve ser assim que Delilah se sente quando ninguém acredita numa palavra do que ela está a dizer. Como é possível que ninguém se lembre da praia a evaporar? E para onde é que eles desapareceram?

As suas memórias foram limpas, compreendo. Como sempre, o livro regressou à sua forma original, é como se a última cena que eu estava a tentar escrever nunca tivesse acontecido.

E talvez seja melhor assim, porque, de outro modo, iam querer linchar-me.

Frump olha para mim com estranheza.

– Se calhar é melhor ires ter com o Orville e pedir-lhe que veja o que se passa contigo.

Antes que consiga responder, uma árvore bate em mim por trás. Ou pelo menos é isso que penso, até me virar e ver Snort – o *troll* mais baixo – a bater-me no ombro. Ele empurra-me para o lado, para poder falar com *Frump*.

– Chefe – diz o *troll* –, estou a ter alguma dificuldade em dar credibilidade à minha personagem na última cena. Ainda estou ressentido com o príncipe ou só o quero matar?

– É um final feliz, Snort.

O *troll* franze o sobrolho.

– Então, quero matá-lo?

Frump suspira.

– Não quero saber o que estás a pensar. Desde que pareças feliz enquanto o pensas!

À minha direita, *Socks* e *Pyro* estão envolvidos numa profunda discussão.

– Sabes que a ilustração engorda quase cinco quilos – diz *Socks*.

– É bem verdade – responde *Pyro*.

— É por isso que estou a fazer uma dieta de feno sem hidratos de carbono — admite Socks. — Está a fazer maravilhas pela minha cintura.

Baixando a cabeça para não ter de lidar com mais convites para jogar xadrez ou nadar com as sereias, deslizo para longe da Praia da Eternidade.

O que é que aconteceu ali?

Parecia estar tudo a funcionar. Porque é que parou?

Já percorri metade do caminho até à cabana do feiticeiro quando me apercebo da direção que tomei. Talvez *Frump* tenha razão — talvez eu não precise de mais nada para além de uma das poções de Orville para voltar a pôr a cabeça no lugar.

Ele vive numa cabana velha e instável que se parece um pouco, agora que penso nisso, com o forte de Delilah. No exterior, pendurados nas vigas do alpendre, estão molhos de ervas a secar e espanta-espíritos feitos de colheres enferrujadas. Bato à porta e ouço uma explosão e um estrondo no interior.

— Orville? — grito.

— Está tudo bem! — responde o feiticeiro. — Foi só um pequeno ricochete!

Um instante depois, ele abre a porta. A sua pele está enegrecida pela cinza, contrastando fortemente com a barba, branca como a neve, e a nuvem desgrenhada de cabelo branco.

— Ah, meu querido rapaz. Não me digas que foi a rainha quem te enviou. Eu *prometo* que deito mãos à poção da Fonte da Juventude no final do mês...

— A rainha não me enviou — digo. — Preciso da tua ajuda, Orville.

— O que é que posso fazer por ti? — pergunta o feiticeiro, dando um passo para o lado, para me convidar a entrar.

É difícil acreditar que ele seja capaz de ver suficientemente bem na luz fraca para preparar as suas poções. Há livros em cima de livros, velhos tomos tão poeirentos que dou por mim a tossir incontrolavelmente. No meio da sala está uma mesa, à qual falta uma das pernas — que foi substituída por uma pilha de livros de magia. Sobre a sua superfície estão vários caldeirões de ferro forjado, cada um deles com uma colher que mexe sozinha.

— Orville — digo —, acho que aquele está a deitar por fora.

O feiticeiro vira-se e depara-se com um líquido verde e espesso, que brilha e borbulha por cima da borda de um dos caldeirões. Arqueja, enfia a mão num jarro cheio de globos oculares e atira três para a mistura. De imediato, o líquido silva.

— Que diabo é aquilo? — pergunto.

— Ciúme — diz Orville, gesticulando para o conteúdo do caldeirão. — Algo desagradável, sórdido. — Orville limpa as mãos ao avental, deixando para trás a marca de duas palmas brilhantes. — Agora, príncipe Oliver, de que é que precisa? — Ele sorri, indicando as prateleiras que se estendem do chão ao teto, repletas de frascos de vidro, todos eles rotulados com a cuidadosa letra tremida de Orville: FORÇA, PACIÊNCIA, BELEZA, RISOS.

Esfrego a nuca, levantando o cabelo.

— Desmaiei há pouco. O *Frump* pensou que talvez pudesses ter algo que me deixasse... não sei... um pouco mais concentrado.

— Ah, com certeza — diz Orville. Começa a desviar frascos, entregando-me um recipiente com dentes de serpente e outro com garras de dragão, enquanto vasculha. — Sei que está por aqui algures — murmura, e sobe a um escadote de aspeto duvidoso até à prateleira superior, derrubando um carretel de memória comprido e transparente e um misturador azul-cobalto que contém pó de fada, que tomba numa explosão de brilhantes e nos atira a ambos para paroxismos de espirros incontroláveis.

— Se não consegues encontrá-lo — grito —, passo bem com um par de sanguessugas...

— Ah-ah! — grita Orville. Desce ruidosamente o escadote, segurando um saco de musselina. Desaperta o cordão e sacode do seu interior uma porção de conchas de amêijoas iridescentes para a palma da mão. Escolhendo uma, abre-a com uma faca, revelando um par de pérolas brancas perfeitas. — Toma duas e vem visitar-me de novo pela manhã — diz, alegremente.

Ponho as pérolas no bolso, no preciso instante em que ocorre uma explosão violenta do outro lado da sala. A onda de calor faz-me cair de costas no chão e lança Orville pelo ar. Este acaba preso ao candelabro de ferro forjado que pende do teto. — Excelente! Está pronto! — diz Orville.

— O que é que está pronto? — pergunto, sentando-me.

— Só uma coisinha que estou a experimentar. — Orville dirige-se a um pedestal preto que se parece com uma fonte para pássaros mas que está repleto de um fumo roxo. Esfrega as mãos alegremente, depois retira um ovo de galinha do bolso do avental. — Faz figas — diz-me quando me vou colocar ao seu lado.

Ele deixa cair o ovo no fumo roxo, mas não o ouço bater no fundo. Em vez disso, o fumo ergue-se numa coluna alta e forma uma cortina cor de lavanda. Passado um instante, uma galinha materializa-se na tela de fumo.

— Eu... eu não compreendo — digo.

— O que estás a ver — explica Orville — é o futuro.

Ou o passado, penso. Afinal de contas, o que é que veio primeiro: o ovo ou a galinha...

Orville interrompe os meus pensamentos.

— Bastante engenhoso, não achas?

— Mas isso... não podes...

— Vamos tentar outra coisa.

O feiticeiro olha à sua volta e depois retira uma lagarta da moldura torta da janela. Deixa-a cair na névoa, e um instante depois, uma borboleta feita de fumo violeta ergue-se numa espiral do fundo do pedestal.

— Orville! — grito. — É incrível!

— Nada mau para um velhote, hã? — Ele dá-me uma cotovelada, depois ergue a mão e arranca um cabelo seu. — É o tudo ou nada...

Ele deixa cair o seu cabelo na neblina e, passado um instante, lá está ele, tão claro quanto possível — ainda que de rosto um pouco mais sábio e marcado. O Orville futuro está debruçado sobre um caldeirão que explode, de súbito, numa detonação roxa.

— Sim senhor — diz Orville. — Parece-me inteiramente correto.

— Eu quero tentar. Eu quero ver o *meu* futuro.

O feiticeiro franze o sobrolho.

— Porquê, Oliver? Tu já sabes o que te acontece. Vives feliz para...

— Sim, sim, está bem. Ainda assim. Nunca se sabe. Quer dizer, viverei no reino ou mudar-me-ei? Terei filhos? Começarei uma guerra? Queria ter alguns pormenores...

— Não acho que seja boa ideia...

Antes que Orville me possa impedir, arranco um fio de cabelo meu e lanço-o para o pedestal.



Durante um longo momento não acontece nada, vê-se apenas um remoinho lavanda. Em seguida, um gêiser de neblina ergue-se até ao teto, chovendo em cúpula. No interior deste globo de neve feito de fumo consigo ver-me a mim mesmo.

A primeira coisa em que reparo é que não estou a usar uma túnica.

Não tenho comigo uma espada ou um punhal.

Em vez disso, estou vestido como as pessoas das fotografias que vi em casa de Delilah. Estou sentado num quarto que me recorda o quarto de Delilah... mas diferente. Tem uma lareira, por exemplo, algo que o quarto de Delilah não tem. E atrás de mim está uma estante cujas prateleiras estão repletas de livros. Não consigo compreender algumas das coisas escritas nos volumes; estão em línguas que não reconheço.

Ainda assim, parece muitíssimo promissor para um futuro fora desta história.

Ou é o que acho, até ver uma rapariga a aproximar-se e a abraçar-me. Não consigo ver o seu rosto de onde me encontro.

Orville lança-se para a frente e agita as mãos por entre o fumo roxo, de tal modo que a imagem se dissolve.

— Alteza, ainda está, obviamente, em fase de testes — diz ele nervosamente. — Ainda estou a resolver vários problemas...

Agarro o feiticeiro pela garganta.

— Trá-la de volta!

— Não posso, senhor...

— Fá-lo já!

Orville está a tremer.

— Não vai querer vê-la — sussurra ele. — A pessoa com quem está... não é a princesa Seraphima.

Arranco mais um fio de cabelo e lanço-o para a fonte. Uma vez mais a cúpula de fumo ergue-se e a cena aparece, tal como antes.

— Se lhe tocares — digo a Orville entredentes —, enfio-te aqueles olhos de sapo pela goela abaixo.

A rapariga na névoa roxa envolve-me com os seus braços. Lentamente, vira-se permitindo-me ver as suas feições.

Orville tinha razão.

Eu não queria ver isto.

Não por não se tratar de Seraphima, mas porque também não é Delilah.

Costumava pensar que tudo o que alguma vez desejara era sair deste livro idiota. Agora compreendo que devemos ter cuidado com o que desejamos. Sair poderá não ser o meu maior sonho, mas o meu maior pesadelo.

Tentei escrever-me para fora do livro e não funcionou. Vi o meu futuro e Delilah não fazia parte dele. Posso viver sem sair deste conto de fadas, mas não posso viver sem ela.

Preciso de ajuda. E preciso de ajuda depressa. Por isso, mesmo com a certeza desconfortável de que o que estou prestes a fazer poderá magoar alguém, corro na direção do covil de Rapscllilio.

Quando chego, estou a suar e sem fôlego. O covil está aberto, e pela porta chega um cheiro divinal a baunilha. Espreito para o interior e descubro-o a preparar bolachas de açúcar na cozinha. Está a polvilhar a parte de cima com *sprinkles* cor-de-rosa; tusso para lhe chamar a atenção.

– Ah, Alteza! Chegaste mesmo a tempo de provar a primeira fornada. Ainda estão quentes!

– Rapscllio – digo –, não há tempo para bolachas. Preciso da tua ajuda.

Pressentindo a minha urgência, ele baixa a espátula.

– Tenho doze a catorze minutos antes da próxima fornada sair do forno – diz ele, solenemente.

Agarro nele por uma mão e arrasto-o para a biblioteca – aquela onde, não há muito, me tentei pintar para fora deste livro e falhei redondamente.

– Preciso que desenes uma coisa para mim.

– Outra vez? – diz Rapscllio. – Esta é a tua emergência? Estás a ter uma epifania artística?

– Faz o que te digo – insisto, frustrado. – Preciso de um retrato de uma jovem. Eu descrevo-te o aspeto dela e tu cria-la nessa tua tela especial.

Os olhos dele iluminam-se.

– Estás a falar de um cartaz de *procura-se*?

Bem. Nunca foram pronunciadas palavras mais verdadeiras.

– Exatamente – digo eu.

– Já fiz vários, sabes. A minha obra-prima foi aquela onde pintei o Valete de Copas depois de ele ter roubado as tartes da rainha. Ainda está pendurado na prisão do castelo.

– Ótimo. – Sento-me numa pilha de livros e uma nuvem de pó levanta-se à minha volta. – Agora, ela tem cabelo escuro que lhe chega aos ombros. É liso, um bocadinho curvo nas pontas.

– Terei de começar por um esboço. – Rapscllio pega num caderno e começa a rabiscar. – Que altura tem?

Apercebo-me de que não faço ideia. Não tenho qualquer ponto de referência.

– De altura mediana – digo, adivinhando.

– E os olhos?

– São castanhos.

– De um castanho límpido como o chocolate ou de um castanho escuro como os cantos da alma.

Encolho os ombros.

– De um castanho quente como mel. E a boca...

– Assim?

Rapscllio mostra-me um pequeno arco, os lábios apertados, mas que em nada se parece com Delilah. E a boca está sempre à beira de um sorriso. Faz com que pareça que está sempre à beira de um sorriso. Faz com que pareça que há algo incrível que precisa de me dizer, nem que seja apenas *olá*.

Continuamos assim, muito depois de a fornada seguinte de bolachas ter ficado completamente esturricada, à medida que sugiro, retifico e corrijo o retrato de Rapscllio.

– Depressa – digo, perguntando-me quanto tempo terei antes que Delilah volte a abrir o livro e todo este trabalho árduo se perca.

– A genialidade demora o seu tempo – diz Rapscllio. Mas vira por fim o caderno para que eu o possa ver. E de facto, lá está Delilah, a olhar diretamente para mim.

– Sim – digo, acenando.

Rapscllio está satisfeito consigo mesmo.

– Então qual é a pressa? – pergunta. – O que é que ela fez?

– Fez? – digo.

– Que crime cometeu?

Depois lembro-me do ardil que usei para o convencer a desenhar Delilah.

— É uma ladra — digo.

Afinal de contas, não é propriamente uma mentira. Porque ela roubou, completa e inequivocamente, o meu coração.



DELILAH

Estamos tão perto — ali, à minha frente, no canto sossegado do meu velho forte na árvore, consigo ver o rosto de Oliver a aparecer. Mas antes que ele se transforme em algo mais do que uma alucinação enublada, desaparece.

Enquanto tento perceber o que aconteceu e o que *não* aconteceu, ouço a minha mãe a chamar o meu nome.

— Agora? — murmuro. — *A sério?*

— Delilah? — A voz dela aproxima-se. Está de pé na base do forte da árvore. — O que é que estás a fazer aí em cima?

Fecho rapidamente o livro e enfio-o entre os jornais velhos. A cabeça da minha mãe surge no cimo da escada.

— Estou a limpá-lo — anuncio. — A virar uma nova página. Acabaram-se os contos de fadas, acabaram-se os fortes nas árvores. — Ela olha para mim, duvidosa. — O doutor Ducharme disse que seria uma boa ideia que eu tivesse coisas para fazer mais de acordo com a minha idade.

Aquelas palavras tiveram o efeito pretendido.

— Bem, então — diz a minha mãe surpreendida. — Ainda bem! — Ela abana a cabeça, como se não conseguisse acreditar inteiramente em mim, e porque haveria de acreditar? — A Jules está aqui. Está lá em cima no teu quarto.

— A Jules?

A última coisa que quero fazer é passar tempo com Jules quando aquilo de que preciso mesmo é de falar com Oliver. Compreendi uma coisa: não é ele quem pode reescrever o final. Tenho um novo plano e estou desesperada por o partilhar com ele.

Pego no conto de fadas e enfio-o debaixo do braço, regressando a casa. Quando chego ao meu quarto, Jules está deitada na minha cama, a ouvir o meu *iPod*. Enfio o livro rapidamente entre outros livros numa prateleira para que Jules não comece a fazer perguntas sobre o porquê de eu ainda estar

a ler um conto de fadas para crianças. Depois sento-me e tiro-lhe os *phones* dos ouvidos.

— Não estava à tua espera — digo-lhe.

— Desde quando é que tenho de fazer uma marcação para estar com a minha melhor amiga? — pergunta Jules. — E desde quando é que ouves Justin Bieber? — Ela abana a cabeça. — Se calhar, precisas *mesmo* de aconselhamento psiquiátrico. Não tenho nenhum problema com o facto de teres partido o nariz da Allie, mas se continuas a descarregar músicas como esta, talvez tenha de te matar. — Ela vira-se, ficando de barriga para baixo, e ergue os olhos para mim. — Então como é que correu?

— Como é que correu o quê?

— A consulta com o psiquiatra?

Parece ter acontecido há mil anos, não há três horas.

— Foi um não evento — digo.

— Ainda bem, porque preciso de todo o teu cérebro no lugar para me ajudares a escapar da pior situação de sempre. — Ela senta-se, cruzando as pernas. — Lembras-te da minha tia Agnes?

— Aquela que cheira a beterraba?

Jules estremece.

— Oh, Deus, porque é que tinhas de me lembrar *disso*? Os meus pais disseram-me que me vão mandar para casa dela no verão para eu poder experimentar como é o campo. Consegues imaginar-me em Nenhures Este, Iowa, a ordenhar vacas?

— Eles têm vacas?

— Não, mas é como *se* tivessem. A questão não é essa. A questão é que estou a ser despachada como uma encomenda FedEx para a cidade mais solitária na Terra. — Ela hesita. — Eles ainda usam Internet de ligação telefónica, por amor de Deus.

Quero sentir-me mal pela Jules, a sério. Mas a minha cabeça está repleta de pensamentos relacionados com Oliver e com o que vamos fazer a seguir.

— Talvez não seja assim tão mau — digo. — O verão chega sempre ao fim sem darmos conta.

Ela olha fixamente para mim.

— Uau. Simpatia absolutamente nenhuma.

— Não estou a dizer isso, claro que me sinto mal por ti, mas, quer dizer, não é o fim do mundo, Jules.

— Podes dizer-me uma coisa? Onde é que está a Delilah? Porque a amiga que eu conhecia importar-se-ia.

— Isso é um pouco dramático — digo, forçando uma gargalhada.

— É? Vim até aqui porque queria alguém que lamentasse comigo. Que me dissesse que o meu verão vai ser uma porcaria e que lamenta. Que ficasse do meu lado. Provavelmente não vou deixar de ter de ir para o Iowa e vai ser um inferno, mas seria bom saber que há alguém que não quer que eu



vá.

Sinto o rosto ficar vermelho. Tenho andado tão obcecada com Oliver, que não tenho tido tempo para passar com Jules. E o facto de Jules não o conseguir ouvir só faz com que ela pareça ainda mais distante de mim neste momento.

Será diferente, digo a mim mesma, quando trouxermos Oliver para cá. Então poderei apresentá-lo a Jules e ela poderá conhecê-lo e ficar feliz por mim, por eu ter finalmente um namorado. Estas discussões que temos tido são pequenos obstáculos, mais cedo ou mais tarde encontraremos uma maneira de os contornar.

— Tenho muito em que pensar neste momento.

Jules levanta-se.

— Eu costumava fazer parte dos teus pensamentos — diz ela. — Costumava ser importante.

— Jules, não digas isso. Continuas a ser a minha melhor amiga...

— Sabes que mais? Não te cabe a ti decidir. São precisas duas pessoas para que uma amizade funcione, e nestes últimos dias, tenho estado a fazer mais do que me compete.

— Jules — digo. — Vá lá. — Estendo a mão na sua direcção, mas ela afasta-se.

Jules olha para mim.

— Nunca te esqueças: eu fiquei do teu lado, quando toda a gente te odiava. Pensei que isso contasse para alguma coisa.

Ela sai do meu quarto e bate com a porta atrás de si. Solto um suspiro derrotado. Vou corrigir isto, juro que vou, mas primeiro tenho de terminar o que eu e Oliver começámos.

A minha mãe espreita à porta.

— Está tudo bem com a Jules?

— Ótimo...

— Engraçado, ela não parecia ótima quando saiu a correr pela porta da frente.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Não quero falar sobre isso — digo-lhe. Perdi dois amigos no mesmo dia.

A minha mãe senta-se na cama ao meu lado.

— Bem, se não está ótima, *há de* estar — diz ela. — E quando estiveres pronta para falar sobre isso, estou aqui.

Sabe bem sentir os braços dela à minha volta, fingir, por um instante, que o que ela está a dizer é verdade. Acreditar que, no final, tudo vai resultar. Ela dá-me um beijo no cimo da cabeça.

— Tenho uma ideia — diz ela. — Porque não vemos um filme?

Ergo os olhos para ela.

— Como antigamente?

— Eu faço as pipocas — diz a minha mãe. — Tu trazes *A Pequena Sereia*.

Qualquer pensamento acerca do porquê de a minha mãe ter um problema filosófico com o facto

de eu ler um conto de fadas, mas achar perfeitamente normal que assista a desenhos animados da Disney, desaparece com a expectativa de uma noite passada a acreditar que os sonhos se podem tornar realidade.

— Está bem — sussurro, e ela abraça-me com um pouco mais de força.

Quando ela sai, vou à estante buscar a história. Planeio dar um salto rápido à página 43 para que possa contar a Oliver a minha ideia brilhante. Mas depois penso na minha mãe, lá em baixo, no quanto ela se está a esforçar para me fazer feliz. Pelo menos por agora, Oliver pode esperar.

Tenho os desenhos animados da Disney guardados numa caixa de cartão na prateleira de cima do meu roupeiro. Não consigo chegar-lhe bem, por isso arrasto o cesto da roupa para mais perto, viro-o e uso-o com degrau. Esticando-me, agarro na ponta da caixa. Mas de súbito tudo à minha volta fica mais brilhante e prateado, ganhando o aspeto que o mundo adquire depois de uma noite a nevar. Dou por mim a semicerrar os olhos, perante tanta luz e depois, de repente, estou a cair, rebolando através de um grande e amplo espaço vazio.

Começo a gritar, estou a cair tão depressa que consigo ouvir o vento nos meus ouvidos e os meus olhos começam a lacrimejar. É como se tivesse sido empurrada de um avião em movimento. Consigo entrever figuras negras enquanto passo por elas velozmente. Depois sou abruptamente puxada e paro. A minha *t-shirt* ficou presa num gancho e dou por mim a balançar, com a roupa enrolada à volta dos ombros.

Só que não é um gancho. Quando olho à minha volta, apercebo-me de que estou pendurada numa letra *J* gigante.

Até que a curva do *J* se parte sob o meu peso e me atira de novo para uma queda livre.

Enquanto caio, a cor começa a encher o espaço à minha volta — ténue, a princípio, e depois mais escura e mais cheia de pigmentos, até eu ter a certeza de que vou embater no chão a qualquer instante. Tapo o rosto com os braços e tento enrolar-me na bola mais pequena que me é possível, para que não me magoe com o impacto.

— Umph! — Com um golpe que me rouba o fôlego, aterro numa pilha dura de qualquer coisa. A pilha de livros desmorona-se e à minha volta ergue-se uma nuvem de pó. Levanto-me hesitantemente, inventariando os meus ossos para ter a certeza de que não parti nenhum. Pelo canto do olho vejo movimento, e giro rapidamente, com os braços em pose de karaté, como se fosse capaz de intimidar quem quer que ali estivesse.

O intruso faz exatamente o mesmo movimento.

Dou um passo em frente, e apercebo-me de que estou a olhar para um espelho. Pelo menos, acho que é um espelho — mesmo que o reflexo que vejo não seja exatamente eu.

Certa vez, a minha mãe levou-me a Montreal. Fomos a uma praça da cidade, que ganhara uma nova vida ao anoitecer com artistas de rua e vendedores. Os artistas estavam sentados por baixo dos chapéus de sol a desenhar esboços de crianças irrequietas. A minha mãe mandou desenhar um retrato

meu só para se divertir. Via-se, sem dúvida, a parecença mas, sinceramente, o quadro fazia-me uma certa confusão. Fazia com que eu parecesse plana e bidimensional, não sendo realmente eu.

A imagem que estou a ver no espelho parece exatamente igual.

Lentamente, ergo um dedo para tocar nesta rapariga estranha que pode ou não ser eu... Quando ouço um grito esganiçado vindo da minha esquerda. Sou atirada ao chão e mantida presa por um homem de cicatriz e barbicha que reconheceria em qualquer lado.

— Sua ladra! — diz Rapscullio. — Se és tão terrível como diz o príncipe, serás comida de dragão antes do cair da noite.

Estou a inventar isto tudo. É a única explicação que tenho para o facto de estar a ser arrastada por uma personagem ficcional através da Floresta Encantada. Mas se estou a inventar isto tudo, porque é que a corda com que Rapscullio me prendeu os pulsos os está a esfolar? Como é que consigo sentir o cheiro a madeira queimada vindo da cabana de Orville e sentir as fadas — do tamanho de mosquitos com esteroides — a puxar-me o cabelo e a roupa?

Sei que me devia estar a passar, mas estou demasiado ocupada a olhar à minha volta, para este mundo com que sonhei durante tanto tempo. Por cima de mim, onde devia haver céu, existem pedaços de letras distantes e penduradas. Para lá deles, mal consigo distinguir cores e formas, como se estivesse a olhar para o sol a partir do fundo da piscina.

— Oh, meu Deus — arquejo. — Aquilo é o castelo real?

— Não, é um pão — murmura Rapscullio. — Oliver disse-me que eras uma criminosa, mas não me disse que eras tola...

Se aquilo é o castelo, estou prestes a ver Oliver.

A vê-lo de *verdade*, pela primeira vez.

Finco os calcanhares no chão, obrigando Rapscullio a parar. Com as mãos presas, tento alisar o cabelo e ajeitar a *t-shirt* de modo a não mostrar o rasgão feito pela letra *J*.

— Pareço-te bem? — pergunto ao meu captor.

— Suponho que sim, para quem gosta do *look* plebeia andrógina e faminta. — Ele empurra-me para a frente e, como que por magia, a grade de ferro ergue-se e quatro arautos anunciam a minha chegada com as suas trombetas. Rapscullio desata os meus pulsos e empurra-me para a frente, fazendo-me cair de joelhos no meio de um círculo de nobres e damas de companhia.

— O que é que temos aqui, Rapscullio?

Ergo os olhos e vejo a rainha Maureen a olhar para mim. A sua coroa cintila com diamantes, safiras e rubis, cegando-me. O tecido do seu vestido é bordado a fio de ouro. A sua majestosa capa púrpura está forrada com pelo de arminho macio. Os pormenores que consigo ver aqui, de perto, não



se parecem nada com as ilustrações de um livro. Parecem tão reais... porque o são.

É como um sonho. Nunca tiveram um sonho desses, em que estão absoluta e completamente convencidos de que estão acordados? De que tudo à vossa volta é tão pormenorizado que o podiam desenhar de memória? De que o que está a acontecer é real?

A rainha Maureen arqueja.

— Deem uma manta à pobre rapariga. Está praticamente em roupa interior!

Um nobre atira uma manta para cavalo na minha direção e eu envolvo-me nela, ainda que esteja completamente vestida, com um *t-shirt* e uns calções. Pensando rapidamente, considero que explicação poderei dar para a minha presença. É obvio que o livro está fechado, já que nada assim acontece na história. O que significa que tudo o que Oliver me disse é verdade; existe um mundo completamente diferente que se desenrola entre as linhas.

— Majestade, trago-vos uma desprezível, detestável e repreensível ladra! — diz Rapsclullo, sorrindo envergonhadamente para a rainha. — Tenho estado a usar aquele dicionário que me ofereceste pelo Natal.

Levanto-me, com as mãos nas ancas.

— Para vossa informação não sou uma ladra. E não sou desprezível, detestável *ou* repreensível. De facto, algumas pessoas chamar-me-iam astuta, intuitiva e perspicaz. — Ergo ligeiramente o queixo. — Inglês. Tudo nota máxima.

— Astuta-Intuitiva-e-Perspicaz — repete a rainha Maureen. — Isso é muito complicado de dizer. Tens alguma alcinha?

— Não... o meu nome é Delilah...

— Então porque não disseste logo? — pergunta a rainha.

— Porque — espeto um dedo na direção de Rapsclullo — *ele* estava demasiado ocupado a acusar-me de ser uma ladra.

— Foi-me dito diretamente por Sua Alteza Real o Príncipe Oliver que esta rapariga é uma criminosa. — funga Rapsclullo.

A rainha Maureen baixa os olhos para mim.

— Dificilmente me parece uma criminosa. Mais uma vagabunda.

— Nem uma coisa nem outra — digo. — Perguntem ao Oliver. Ele explicará tudo.

— Conheces o príncipe? — pergunta a rainha Maureen. Ela olha para mim, da cabeça aos pés, absolutamente incrédula.

— Majestade? — diz uma voz familiar. — Será que te ouvi chamar por mim?

E então, de repente, estou a menos de um metro de Oliver. O meu coração começa a martelar por baixo das minhas costelas. Ele é mais alto do que pensei que seria e os olhos — bem, não são nada da cor do oceano. Parecem-se mais com o céu no crepúsculo. Mas a sua voz, é tal como a tinha ouvido. E a maneira como o seu sorriso se ergue mais de um lado, é assim que sei que é mesmo ele.

— Oliver! — grito e atiro-me para a frente de braços abertos...

Smack.

Dou por mim estendida no chão, com três guardas sentados em cima de mim.

— Já chega — diz Oliver, afastando os guardas do caminho e fazendo-me virar. — Estás bem? — pergunta, estendendo a mão para me levantar.

Mas não consigo dizer nada. E não é porque os guardas me roubaram o fôlego.

É porque, pela primeira vez, nos estamos a tocar. De mãos dadas.

Acho que Oliver se apercebe disto na mesma altura, porque acabamos a olhar fixamente um para o outro, hipnotizados.

Uma frase do conto de fadas vem-me à cabeça:

Era por isso que havia música, compreendeu ele. Havia sentimentos para os quais não existiam palavras suficientemente grandes, capazes de os descrever.

— Temo que haja um mal-entendido — acaba por dizer Oliver, levantando-se. — A Delilah é uma velha amiga.

— Então porque é que precisavas que desenhasse um cartaz a dizer *Procura-se...*



— Pensei que ela estava perdida! — diz Oliver, e depois sorri abertamente. — E vê que bem funcionou, Rapsclullo, já que ela está aqui! Mereces uma recompensa. Rainha Maureen, não recebeste de presente uma rara lagarta de água japonesa o mês passado?

— Oh. Sim. — Ela bate as mãos e um dos lacaios corre a buscá-la. — Engraçado — diz ela, analisando-me. — Faço questão de conhecer todas as personagens deste livro e acho que nunca nos conhecemos. Como é isso possível?

— Esta é a Delilah — diz Oliver, ignorando rapidamente a pergunta da rainha. — Delilah, a rainha Maureen.

Estendo a mão, mas Oliver dá-me uma cotovelada nas costelas.

— Vénia — tosse ele.

Certo. Afundo-me na minha melhor vénia, que não é lá muito boa, tendo em conta que estou enrolada numa manta para cavalo.

— De onde vens, Delilah?

— Oh, eu vivo em New Hampsh...

— Da página vinte e dois — interrompe Oliver. — A Delilah trabalha no açougue.

— No açougue? — sussurro baixinho. — A sério? Não arranjavas nada melhor?

— Que... intrigante — diz a rainha Maureen. — Tens de vir ver o nosso gado um destes dias.

— Isso seria... ótimo — respondo.

— Bem, é melhor irmos indo — exclama Oliver. — A Delilah estava a planear mostrar-me como se corta uma peça para assar.

A rainha Maureen estremece ligeiramente.

— Não sabia que te interessavas por comércio, querido — diz ela. — Passa uma boa tarde.

Oliver agarra-me na mão (outra vez!) e puxa-me pelo pátio. Passamos por jardins repletos de orquídeas e tremoceiros, uma pequena área de descanso com bancos de pedra, e o campo de *croquet* real. Por fim, chegamos à entrada de um labirinto. Oliver conduz-me ao centro, onde os ramos das árvores formam um teto entrançado sobre as nossas cabeças.

— És tu — diz ele. — És mesmo tu! — Ele puxa-me para os seus braços e aperta-me com força.

Pensei que conhecia Oliver por ler este livro uma e outra vez, mas havia coisas que eu não sabia: que há um espaço perto da concavidade da clavícula onde pareço encaixar na perfeição. Que ele cheira a feno acabado de cortar. Que quando nos tocamos, pareço incapaz de manter um único pensamento na minha cabeça.

— Não sei o que aconteceu — digo-lhe. — Estava a tentar chegar à prateleira de cima do meu roupeiro e, de repente, estava a cair através das páginas. — Belisco o meu próprio braço. — Estou a sonhar?

— Não — diz Oliver. — Estás mesmo aqui. Não é espantoso? Nem acredito que tenha funcionado. — Ele sorri para mim. — As tuas sardas parecem muito mais pequenas quando o teu rosto não tem o tamanho do céu inteiro.

Envergonhada, tapo a cana do nariz e depois recorro às suas palavras.

— Não consegues acreditar que funcionou — repito lentamente. — O que queres dizer com isso?

Oliver encosta a testa à minha. A sua respiração cheira a xarope de ácer.

— Quando tentei escrever-me para fora do livro, falhei. Como não parecia provável que conseguisse escapar nos tempos mais próximos, pedi a Rapsclulio que te desenhasse para *dentro* do livro.

Afasto-me dele, empurrando-o.

— Fizeste *o quê*?

— Pensei que assim, poderíamos ficar juntos. Eu sabia que não te magoarias. Já o vi a pintar borboletas que ganham vida erguendo-se da página.

— A ideia não era tirar-te do livro? Agora estamos os *dois* presos aqui. Já para não dizer que nem sequer me *perguntaste* antes de me arrancares da minha vida!

Oliver abana a cabeça, confuso.

— Mas tu disseste-me que querias estar comigo.

— Não assim — digo, enquanto a enormidade da situação me varre como uma onda. — E se nunca conseguir sair?

— Mal o livro se abrir, corrigir-se-á — diz ele, pensando em voz alta, mas percebo que ele não pensou nisso antes.

— E quem é que vai abrir o livro se eu estou aqui? — realço. — Está enfiado numa prateleira,

em casa, com dezenas de outros livros. Além disso, se alguém o encontrasse *de facto* e o abrisse, como é que sabes que acabarei no meu mundo e não desaparecerei por completo?

— Então fica comigo. — Oliver agarra-me pelos braços. — Para sempre. Seria assim tão mau?

— Nunca mais veria a minha mãe — digo, as lágrimas enchendo-me os olhos. — Ela perguntar-se-ia o que me aconteceu e nunca saberia a verdade. E não poderia dizer a Jules que lamento... — Paro de falar, pensando na discussão que tivemos. — São precisas duas pessoas para fazer uma amizade, Oliver — digo, repetindo as palavras que Jules me dirigiu. Agora percebo. Agora compreendo como é devastador quando uma das partes só está a pensar em si mesma. — Por acaso pensaste em como eu me sentiria ao ser arrastada para aqui, para um local de onde tu estás a tentar escapar? Por acaso pensaste em pedir-me autorização? Pensaste em mim nem que fosse uma vez antes de ires ter com Rapscllio?

Os olhos de Oliver estão ardentes, fixos nos meus. Um músculo agita-se na garganta dele.

— Tu eras a *única* coisa em que eu estava a pensar.

Nunca me senti tão só, mesmo com Oliver à minha frente.

— *Tu* querias deixar a *tua* vida — digo. — Eu nunca quis deixar a *minha*.

As lágrimas deslizam-me pelo rosto enquanto corro cegamente através do labirinto. Não sei para onde vou, mas não parece importante. Nada parece importante se não conseguir regressar a casa.

Não me permito virar para ver se Oliver vem atrás de mim. Tenho medo de que venha.

Mas tenho ainda mais medo de que não venha.

A minha saída do castelo foi muito menos animada do que a minha entrada. Várias damas de companhia acenaram-me enquanto eu atravessava o pátio, e o mesmo guarda que se sentara em cima do meu traseiro para me imobilizar deseja-me um bom dia quando passo por ele. Descubro-me num reino que não é meu, num mundo que não foi feito para mim.

Mal saio das muralhas do castelo, começo a correr. Passo por cenários que reconheço mas não me demoro o suficiente para olhar duas vezes. Tudo aquilo em que consigo pensar é na minha mãe, à minha espera no andar de baixo, com uma taça de pipocas. Pergunto-me quanto tempo demorará a perceber que desapareci. Se chamará a polícia, que explicação arranjarão eles para o meu desaparecimento. Pergunto-me quem a apoiará quando ela estiver destroçada. Sem mim, a minha mãe não tem ninguém. Fomos sempre nós as duas.

O único aliado que tenho neste mundo é alguém que me traiu. Se não posso confiar em Oliver, não há razão nenhuma para estar aqui. Suponho que seja tolo pensar que alguém pudesse ser tão incrível como o Oliver que criei na minha mente. Claramente não passava de um fruto da minha imaginação.

Eis o que nunca ninguém diz sobre o amor: dói quando nos partem o coração.

Dei por mim sentada numa pedra à beira da água, onde outras pedras afiadas se erguem como

dentes de tubarão. Ao longe, o navio do capitão Crabbe balouça junto à linha do horizonte. A Torre Timble agiganta-se no penhasco sobre mim.

Abraço os joelhos contra o peito. O que parecia entusiasmante — tentar tirar Oliver do livro — é absolutamente aterrorizante agora que estou presa no seu interior.

Estico a mão para o lado e apanho um dente-de-leão, depois fecho os olhos e peço um desejo: *Só queria sair daqui.*

Uma vozinha dentro de mim diz: *Isso é tudo o que Oliver queria também.*

Choro ainda mais.

A única pessoa que compreende o que estou a sentir neste momento é precisamente a pessoa com quem gritei e de quem fugi.

— Tenho de voltar para ele — digo em voz alta. Mas quando estou prestes a levantar-me, algo me agarra o braço pelo pulso e me puxa de cabeça para o oceano.

Em pânico começo a chapinhar e a espernear, tentando chegar à superfície, mas estou vestida e calçada e afundo-me rapidamente. Grito e engulo água. E se me afogar? E se morrer aqui? Agito-me ainda mais, desesperada por me libertar.

Um tubarão nada na minha direção. Fico muito quieta quando vejo o seu corpo prateado a cortar as águas como uma faca a cortar manteiga. Os seus olhos negros estão fixos em mim e tento recordar tudo o que aprendi a ver o Discovery Channel. É suposto dar-lhe um murro no focinho ou enfiar-lhe um dedo no olho?

O tubarão fecha a boca tão perto de mim que a água é sugada como pelo vácuo, agitando a penugem do meu braço. Antes que ele consiga passar por mim de novo, algo me envolve os pulsos e a cintura, imobilizando-me. Debato-me, mas ouço uma voz junto ao meu ouvido.

— Não lutes — silva uma mulher.

Apercebo-me de que o que me prende são madeixas do cabelo dela, compridas e prateadas. O seu rosto, perto do meu, é encovado e aterrorizante, eriçado de escamas. Guelras ondulam no pescoço e nas costelas dela. A metade inferior do seu corpo é uma cauda grossa e musculosa.

Neste momento devia estar a ver a Ariel e o Linguado a dançar alegremente no ecrã de televisão. Abro a boca para gritar, mas a sereia agarra-me no rosto e dá-me um beijo nos lábios.

— Para que foi *isso*? — cuspo, afastando-me dela. Nesse momento apercebo-me de duas coisas: o tubarão afastou-se. E consigo respirar.

É como se tivesse um capacete de astronauta à minha volta. Inspiro algumas vezes hesitante, depois inspiro com mais determinação.

— Como é que tu... quer dizer...

Quando a minha visão se torna mais clara debaixo de água, apercebo-me de que as três sereias estão a dormir por perto. Entre as partes mais desconcertantes do conto de fadas, quando o li pela primeira vez, estavam estas mulheres, com o seu emaranhado cabelo de algas marinhas e corpos

emaciados, as barbatanas espinhosas nos antebraços, os limites vermelho-sangue das suas guelras que ganham novo fulgor quando respiram. As meninas sonham em serem sereias, mas não sereias assim. Estas são, apercebo-me, ainda mais assustadoras em pessoa do que na ilustração. Tenho de me recordar constantemente do que Oliver me disse: as personagens na história não são nada como as pessoas que são quando o livro está fechado. Talvez isso signifique que as sereias *não* tencionam matar-me.

— De onde é que saíste? — pergunta Kyrie, a sereia que me salvou do tubarão.

— É uma história muito comprida — digo.

— Oh, conta-a — grita Ondine, batendo palmas. — Há imenso tempo que não temos uma história nova.

— Irmãs — murmura Marina, nadando para mais perto de mim. — Não pressionem o rapaz. Não veem que está assustado?

Um rapaz? Elas acham que sou um rapaz? O pânico que sinto é suficiente para me levar a falar, porque sei muito bem o que estas sereias fazem aos rapazes que caem à água perto da sua casa.

— Não sou um rapaz — digo.

Ondine nada à minha volta em círculo.

— Estás vestida como um.

— É assim que as jovens se vestem onde vivo.

— Que é onde exatamente? — pergunta Marina.

— Em New Hampshire. — Hesito. — É um reino bastante longínquo.

— O que é que te traz por cá? — pergunta Kyrie.

Não há como explicar a três personagens de um livro que existe um mundo para lá da sua imaginação. É por isso que as pessoas não acreditam em extraterrestres, e é por isso que mais ninguém acredita em Oliver.

— Não foi propriamente ideia minha — balbucio. — Houve um rapaz que me *invocou* por assim dizer.

As sereias olharam umas para as outras.

— Claro que sim — diz Ondine.

— Há sempre um homem a estragar tudo — concorda Marina.

Kyrie abana a cabeça.

— Homens. Não podemos viver com eles... não podemos afogá-los legalmente.

Marina passa o braço dela pelo meu.

— Querida, vieste ao sítio certo. Quem quer que seja esse tipo, não precisas dele.

Fico de queixo caído. Estas sereias, que são loucas por homens no conto de fadas, são na verdade... feministas inveteradas?

— O que é que ele te fez? — pergunta Kyrie. — Namoriscou com outra rapariga?

— Disse que estavas gorda? — sugere Marina.

— Falou sobre a ex? — diz Ondina, e as outras gemem.

— Já passámos por isso, mana — diz Marina.

— Não, nada disso — digo-lhes. — Ele arrastou-me para aqui contra a minha vontade. Nem sequer me *perguntou* primeiro.

— Isso é verdadeiramente bárbaro — concorda Ondine.

Marina acena com a cabeça.

— Ainda bem que conseguiste escapar dele.

Ao ouvir aquelas palavras, sinto um aperto no peito. Depois de todo o tempo que passei a tentar ficar perto de Oliver, dói ter feito o exato oposto.

— O problema — digo muito baixinho — é que eu gostava de não o ter feito.

Marina suspira.

— O amor é uma onda gigantesca — diz ela.

— Porque nos arrasta consigo? — pergunto.

— Não. Porque nos puxa para baixo e nos afoga.

— Mas por vezes — realço — é a única coisa que nos mantém à tona.

Apercebo-me de que, por mais furiosa que esteja com Oliver por me ter feito isto — por me ter arrancado da minha casa e da minha vida e por me ter afastado da minha mãe —, o magoei com igual intensidade quando lhe disse na cara que não queria estar aqui. Afinal de contas, no exterior, tenho Jules e a minha mãe. Oliver não tem ninguém além de mim.

— Acho que esta é uma causa perdida — diz Kyrie às irmãs.

Marina funga.

— Se não vais virar as costas àquele idiota, pelo menos não sejas nenhum capacho.

— Não compreendo...

— Fá-lo suar um pouco — diz Ondine. — Fá-lo perceber o que tem a perder.

Isso lembra-me o final da minha primeira conversa com Oliver, quando ele me tentou dar ordens, porque ele é um príncipe e esperava, simplesmente, que eu me comportasse como um dos seus súbditos, não se apercebendo de que eu podia fechar o livro a qualquer momento. Mas agora não tenho essa vantagem... não que tivesse precisado dela. Agora, somos iguais.

— Oh, credo — diz Marina. — Os olhos dela ficaram sonhadores.

Achei que compreendia Oliver, mas não o compreendia realmente — não até me ter descoberto aqui contra a minha vontade. Presa neste mundo de onde ele quer tanto escapar, compreendo, completa e visceralmente, o que está em jogo para ele.

Talvez no seu lugar me tivesse sentido igualmente desesperada. Talvez *o* tivesse desenhado para o livro.

— Tenho de o encontrar — declaro.

— Tens a certeza? — pergunta Kyrie. — O mar está cheio de peixe.

— Mas não como ele — digo. Olho para as sereias. — Obrigada. Pela hospitalidade e pelo oxigénio. Mas tenho de regressar à superfície.

Marina sorri.

— Assim não — diz. — Estás praticamente em roupa interior.

Porque é que *toda* a gente me diz isso?

Antes que consiga expressar o meu protesto, Kyrie e Ondine passam os seus braços pelos meus e nadam para as profundezas do mar, em direção à entrada de uma caverna submersa. Reconheço a pequena porta redonda de madeira flutuante ao fundo, por detrás da qual se encontra uma coleção de esqueletos.

Puxam-me através de uma fenda que me lembro de ver numa ilustração — embora não haja qualquer imagem do que se encontra do outro lado. O pequeno cubículo está repleto de dobrões de ouro, cálices incrustados e pilhas de pedras brilhantes.

— Isto... isto vale uma fortuna! — arquejo.

Marina acena.

— Quando os navios não conseguem contornar o cabo das Marés Passageiras, apanhamos o que é deixado para trás. — Ela pega numa tiara de diamantes. — Nunca sabemos quando é que estas coisas podem dar jeito.

Kyrie mergulha numa pilha de moedas brilhantes, fazendo-as rodopiar na água em câmara lenta. Passado um instante, reemerge, segurando uma peça de veludo índigo.

— Acho que este vai realçar os teus olhos — diz, sacudindo um vestido com renda no colarinho e nas mangas. Um bordado dourado cruza o corpete. Nunca vi nada tão belo.

Ondine desaperta as costas do vestido e Kyrie ajuda-me a vestir a minha roupa. Avanço para o monte de tecido ondulante. As sereias puxam-no à minha volta e atam-no com força. Nadam de costas, examinando-me.

— O que foi? — pergunto. — É horrível?

— Falta algo... — reflete Marina. Leva a mão a um baú de madeira ao seu lado e retira dele um fio de pérolas, apertando-o em redor do meu pescoço. — Pronto. *Perfeito*.

— Achas? — pergunto timidamente e, em resposta, elas voltam a enlaçar os seus braços nos meus e levam-me para fora da gruta submarina, conduzindo-me à superfície.

Dou por mim a procurar equilibrar-me na mesma pedra onde estivera sentada antes a chorar.

Olho para o meu reflexo na água. Estou espantosa. Ainda que um pouco molhada.

As sereias ondulam nas ondas, os seus cabelos lisos brilham na luz do sol.

— Desta vez — diz Marina —, o tipo nunca mais te vai perder de vista.

Isso é o que espero. Quero ir para casa, mas quero que Oliver venha comigo. O que significa que ambos devemos um pedido de desculpa um ao outro.

Olho para cada uma das sereias.

— Não vos posso agradecer o suficiente — digo.

Elas suspiram, ou talvez seja apenas o som do oceano a bater contra as rochas, porque, quando olho para trás, elas desapareceram, e não fosse pelo facto de estar a usar um vestido muito bonito e muito ensopado, teria pensado que imaginara tudo o que acabara de acontecer.

Estou a meio do caminho de volta ao castelo quando o chão sob os meus pés começa a estremecer. Olho para cima, esperando ver uma tempestade, mas tudo o que consigo ver são pedacinhos de palavras. Subitamente ergue-se uma nuvem de pó e ouve-se um relincho distante, e consigo distinguir a figura de Oliver a montar o seu cavalo a uma velocidade alucinante na minha direção.

Quando me vê, puxa as rédeas, e *Socks* empina-se, as patas da frente agitando-se no ar à sua frente. Oliver desmonta e corre para mim. Antes que consiga pedir-lhe desculpa, ele agarra em mim e abraça-me com força.

— Lamento muito — diz ele. — Não estava a pensar em tudo o que tinhas a perder. Apenas no muito que eu tinha a ganhar.

Abraço-o também.

— Eu sei. Arranjaremos uma maneira de regressar a casa. Mas tu vens comigo.

Ouçó fungar, atrás de mim.

— Isto — soluça *Socks* — é *tão* romântico!

Oliver aclara a garganta.

— *Socks*? Acho que sabes o caminho para casa.

— Sei sim — diz *Socks* orgulhosamente.

— Ótimo. Então porque é que não voltas para lá? Agora.

— Oh! Queres dizer... Sim, claro, estou a mais. Percebido. — Timidamente, baixa a cabeça numa vénia e parte, trotando pelo mesmo caminho por onde viera.

— Acho que nunca tinha compreendido realmente como te sentias até agora — admito. — Querer tanto estar noutro lado.

— Não devia ter presumido que me pertencias apenas a mim — diz Oliver. — Quem me dera que houvesse uma maneira de dizer à tua mãe que estás bem.

Ao ouvir falar da minha mãe, uma nuvem ensombra o meu rosto.

Oliver toca suavemente na minha face.

— Há algo que eu possa fazer para te deixar feliz?

— Podes abraçar-me — digo, e nesse instante sou puxada de novo para os braços dele. Sinto o seu coração a bater contra o meu, e o calor da sua pele. Sinto os dedos dele abertos no fundo das minhas costas. Ele é tão real quanto eu.

— Oliver — repito lentamente, a magia deste milagre ganhando todo o seu significado. — Tu consegues *abraçar-me*.

— Não é tudo o que consigo fazer — diz Oliver. Ele segura o meu rosto entre as suas mãos e de forma suave e terna encosta os seus lábios aos meus.

Isto não tem *nada* que ver com Leonard Uberhardt, o primeiro rapaz que me beijou, ou antes, que engoliu metade do meu rosto. É doce e macio. É como se Oliver me estivesse a contar toda uma história sem palavras, como se o que está a sentir não pudesse ser descrito e tivesse de ser vivido.

Quando nos afastamos, estou a respirar com dificuldade e não consigo afastar os meus olhos dos dele.

— Não fazes ideia de quanto tempo esperei para fazer isto — diz Oliver.

Passo os braços em redor do seu pescoço.

— Vamos repetir — sugiro.

Ele agarra-me os pulsos e afasta-me dele.

— Pensei que tu, de todas as pessoas, percebesses que há outras coisas que temos de fazer primeiro.

Ele tem razão, claro. Quero ir para casa. Mas isso não significa que não esteja dececionada, só um pouco.

Oliver parece reparar, pela primeira vez, no que estou a vestir.

— O que é que te aconteceu?

— Sereias — explico.

— Surpreende-me que não te tenham tentado convencer a ficar longe de mim — diz. — Normalmente não gostam muito de homens.

— Então qual é o teu plano? Como é que regressamos a casa? — pergunto.

— Bem — diz Oliver, corando. — Ainda estou a tentar descobrir isso.

— Mas tu sabes *sempre* o que fazer. Independentemente da situação para que és lançado ou do apuro em que acabas, tu arranjas uma maneira.

— Isso é apenas a maneira como fui escrito — confessa Oliver. — Se fosse verdadeiramente esperto, já tinha saído deste livro.

— Mas no livro tu consegues sempre...

— No livro também me apaixono sempre por Seraphima — interrompe Oliver. — E acredita em mim, não passa de uma encenação.

De súbito, sinto-me gelada. A enormidade da minha situação está a tornar-se mais clara. Estou



presa num conto de fadas que pode nunca mais voltar a ser aberto. Depois de ter lido a história tantas vezes, confundi pedaços do Oliver verdadeiro e do Oliver ficcional. Já não sei ao certo o que é real.

Não me apercebo de estar a falar em voz alta, até Oliver me agarrar na mão.

— *Nós* somos reais — diz. — *Isto* é real.

Por esta altura, o sol já baixou no céu e pintou o horizonte de um laranja vívido.

— É melhor regressarmos a casa — diz Oliver, e eu endireito-me um pouco. — E por *casa* — diz ele, encolhendo-se — quero dizer o palácio.

Ele ajuda-me a levantar e conduz-me por um caminho muito utilizado, através do campo. Sinto o calor do seu ombro contra o meu e apercebo-me do cheiro a pinho, que se lhe agarra à túnica. À nossa frente, as fadas dançam como pirilampos, escrevendo as nossas iniciais no céu violeta escuro. Dou por mim a sorrir perante as suas acrobacias, impressionada por ver criaturas tão pequenas mesmo à frente dos meus olhos. Por muito que queira deixar este mundo, ele é de cortar a respiração.

Na verdade, estou de tal maneira envolta no momento, que nem vejo Seraphima aproximar-se até estar a menos de um metro de nós. Ergue-se de olhos arregalados, o cabelo louro claro caindo em cascata pelas suas costas, as feições perfeitas franzidas pela confusão.

— Oliver? — pergunta.

— Oh, hum, olá, Seraphima — diz ele. — Já conheces... a minha prima Delilah? — Oliver vira-se para mim, sussurrando. — Ela não tem culpa de estar a leste. Não quero magoá-la. Segue o meu improviso.

Seraphima dirige-me o mais doce sorriso.

— Delilah — diz, tomando as minhas mãos nas dela. — Eu *sei* que vamos ser as melhores amigas!

Esforço-me por lhe responder com um sorriso.

— Aposto que sim — consigo dizer.

— Está a ficar tarde e a minha mãe está à nossa espera — diz Oliver.

— Claro! — responde Seraphima. Ela dá-me um abraço inesperado. — Talvez possamos ir às compras amanhã à praça da aldeia?

— Hum...

— A Delilah tem o dia todo ocupado, amanhã — interrompe Oliver. — Talvez depois de amanhã. — Ele empurra-me levemente e começa a descer o carreiro.

— Oliver! — grita ela. — Não te estás a esquecer de nada?

Ele para, vira-se de novo para ela.

— Não creio... — diz, sorrindo com os dentes cerrados.

Seraphima corre a curta distância que os separa e lança os braços em volta do pescoço dele, beijando-o na boca. Afastando-se, pestaneja.

— Sonha comigo — diz ela, timidamente.

Assim que viramos a esquina, dou uma cotovelada nas costelas de Oliver.

— Tua *prima*? — digo.

— Foi a primeira coisa que me ocorreu — diz. — Sinto-me mal por ela, está bem?

— Ainda assim, não tinhas de a beijar!

— Ela é que *me* beijou! — defende-se Oliver.

— Não lutaste propriamente contra ela — realço.

Oliver sorri alegremente.

— Alguém parece estar com ciúmes.

Abano a cabeça.

— Isso querias tu.

Ele entrelaça os seus dedos nos meus.

— Pois queria — diz. — E tornou-se realidade.

Quando chegamos ao castelo, a noite já caiu. Archotes delimitam a ponte levadiça que conduz aos portões e os cavaleiros que estão em sentido de cada lado, como estátuas, curvam-se quando Oliver passa por eles.

— Percebo como é que ficaste com o ego um pouco inchado — murmuro.

— Prefiro chamar-lhe confiança — diz Oliver.

Quando entramos, deparo-me com um enorme *hall* de pedra. As paredes estão forradas com tapeçarias, bordadas com imagens de princesas e cavaleiros do passado. Um candelabro de cristal rodeado de velas acesas ergue-se sobre as nossas cabeças, lançando para o chão sombras compridas. Um lacaios aproxima-se, vestido de veludo azul-escuro com o brasão real gravado no peito.

— Alteza — diz. — A rainha Maureen retirou-se com uma dor de cabeça, mas quer que a vossa convidada saiba que é bem-vinda a ficar no terraço norte. O quarto já foi preparado.

— Obrigado — diz Oliver. — Eu mesmo acompanho Lady Delilah.

— Como desejar — responde o lacaios, e oferece a Oliver a vela que traz na mão.

O meu estômago ronca.

— Há alguma hipótese de eu poder fazer uma sanduíche de manteiga de amendoim e doce antes de subirmos? — sussurro.

— O que é uma sanduíche? — pergunta Oliver.

— Um *snack* — explico. — Estou com alguma fome.

Ele sorri.

— Se bem conheço a rainha Maureen, não terás de te preocupar com isso. — O lacaios desapareceu, deixando-nos sós no grande salão. Sigo Oliver, agarrando-me à sua mão para que ele me possa guiar pela escuridão. Quando começamos a subir uma escada em espiral, a luz da vela salta

nas paredes, revelando as nossas silhuetas.

Subimos sete andares. Por fim, Oliver puxa-me para um patamar e para em frente a uma pesada porta de madeira.

— Sei que não é a tua casa, mas espero que sirva — diz, e empurra-a, abrindo-a.

O quarto tem tetos altos e abobados e uma cama de dossel, cujos postes estão profusamente trabalhados e dos quais pende uma fina rede. O fogo arde na lareira. Duas cadeira forradas a veludo vermelho encontram-se dispostas em frente à lareira e sobre uma mesa baixa de madeira, não muito afastada, está um festim: frango assado, uma taça com fruta fresca, uma travessa com bolos em camadas, dois pães e pratos sobre os quais se encontram vegetais empilhados.

— Oliver — digo —, quanto é que ela pensa que como?

Ele sorri.

— A Cook tende a exagerar um bocadinho.

— Bem, não vou deixar que se desperdice tudo. Entra e agarra num garfo.

Ele parece horrorizado.

— Não posso entrar no teu quarto.

— Porque não? Já estiveste no meu quarto dezenas de vezes.

O rosto dele enrubesce.

— Aqui é, de alguma maneira, diferente.

— Não, não é. Além disso, estamos a uma altura de sete andares numa torre. Quem é que vai saber?

Durante as horas seguintes, eu e Oliver sentámo-nos em frente à lareira fazendo pouca moça à sumptuosa refeição. Ele regala-me com histórias de partidas que pregou a *Frum* e apresenta-me breves esboços verbais de cada uma das personagens que terei mais probabilidade de encontrar. Falo-lhe da minha discussão com Jules e de como a minha mãe me tentou animar. Depois a nossa conversa transforma-se numa sessão de *brainstorming*, enquanto tentamos descobrir o que podemos fazer para forçar a saída desta história.

— Mal o livro se abra — diz Oliver —, desaparecerás, porque não fazes parte da história.

— Ainda que isso seja verdade (e não o sabes com toda a certeza) não irás comigo. Voltaremos ao ponto de partida.

— Mas não é melhor que pelo menos um de nós esteja lá fora, em vez de nenhum?

Não sei com responder, sinceramente. Antes, queria Oliver ao meu lado, mas não sabia realmente o que estava a perder; agora que compreendo o que significa estar perto dele, vai ser muito mais difícil perdê-lo.

— O livro está enfiado numa prateleira no meu quarto. Ninguém vai reparar nele, quanto mais abri-lo.

— Então vamos ter de o forçar — diz Oliver. — Tem de haver uma maneira de obrigar um livro a

abrir.

— Magia? — sugiro, brincando.

Oliver ergue os olhos para mim.

— Claro — diz ele, levantando as sobrancelhas. — Precisamos de começar por Orville.

Refreio um bocejo, tapando a boca com a mão, mas Oliver vê-me a fazê-lo.

— Tu — diz ele, levantando-se — tiveste um dia muito comprido. Está na hora de ires dormir.

Pega no candelabro que usou para nos conduzir até ali acima e sai pela porta.

— Não me podes deixar aqui sozinha — digo, em pânico. E se eu adormecer e, quando acordar, tudo isto tiver desaparecido? Não conheço as regras deste mundo. Não sei o que poderá acontecer.

— Estou mesmo por baixo — diz Oliver. — Apenas um lance. Bate com os pés no chão e eu virei a correr.

Estamos no limiar da porta do meu quarto.

— Não te estás a esquecer de nada? — digo, repetindo as palavras de Seraphima.

Ele sorri, inclina-se para mim e dá-me um beijo de boa noite. Continuamos os dois a sorrir quando nos separamos. Oliver começa a descer os degraus de pedra.

— Sonha comigo, primo — digo-lhe.

Consigo ouvi-lo a rir durante toda a descida.





PÁGINA 44

Oliver sentia a argamassa da torre de pedra sob as unhas. Não sabia durante quanto tempo mais conseguiria segurar-se. Por outro lado, sob ele não havia mais do que ondas agitadas e rochas aguçadas. Um passo em falso e morreria certamente.

Com um forte impulso, içou-se para o largo parapeito de pedra da janela da torre.

Mas em vez de ver uma bela princesa, a rapariga dos seus sonhos, aquela por quem tanto tinha viajado para encontrar, viu um homem alto, de capa comprida, a andar para trás e para a frente.

— Então? — perguntou o homem.

A sua voz era como um nevoeiro que se ergue sorrateiro sobre o horizonte. O seu cabelo parecia a asa de um corvo caída sobre uma das sobrancelhas e sobre uma cicatriz que lhe marcava o rosto e curvava a boca para baixo. Os dedos eram compridos e esqueléticos, matraqueando impacientemente nos braços.

— Não tenho o dia todo — disse ele.

Ninguém lhe dissera para esperar qualquer outra coisa para além do seu verdadeiro amor naquela torre, mas em retrospectiva, Oliver sabia que deveria ter antecipado aquilo. Se fosse fácil, já outra pessoa teria salvado Seraphima.

Antes que se pudesse perguntar como é que ele — um rapaz que nem sequer transportava consigo uma espada e que prometera à mãe que não iria combater — poderia derrotar um vilão que tinha, pelo menos, mais quinze centímetros e vinte quilos do que ele, Seraphima emergiu detrás de um biombo.

Envergava um vestido tão branco que cintilava, com contas e pedras preciosas no corpete e mangas que abriam cobrindo-lhe a mão até aos dedos. Na cabeça envergava um véu de casamento de gaze muito leve.

De imediato, por cima do ombro de Rapsclullo, ela viu Oliver.

Os olhos de Oliver iluminaram-se ao ver o seu cabelo prateado, os seus olhos violeta, o seu rosto em forma de coração. E, sem mais, algo dentro dele alterou-se muito subtilmente, de tal modo que todos os espaços vazios dentro dele desapareceram de repente, a sua respiração seguiu o ritmo da dela e o seu sangue fervilhou.

Era por isso que havia música, compreendeu ele. Havia sentimentos para os quais não existiam palavras suficientemente grandes, capazes de os descrever.

Os lábios de Seraphima afastaram-se.

— Finalmente — sussurrou, como se sempre tivesse sabido que ele viria.

Mas essa palavra bastou para que Rapsclullo se virasse, a capa ondulando como uma nuvem de fumo.

— Ora, ora — disse, cada palavra uma chibatada —, vejam quem apareceu na festa sem ser convidado.

OLIVER

Na manhã seguinte, preparo tudo para um piquenique matinal na torre de onde salvo Seraphima. Calculo que antes de partirmos para a cabana de Orville nos devemos fortalecer.

Além disso, quero passar mais alguns minutos a sós com ela, em vez de deixar que a rainha Maureen a interrogue à mesa de banquete.

Pensei que memorizara tudo o que havia para saber sobre Delilah — das sardas à blusa preferida, passando pela maneira como oferece ao seu peixinho dourado uma dose extra de comida —, mas afinal ainda tinha muito para aprender. Como o facto de a sua pele ser macia como uma pena ou de o seu cabelo cheirar a maçãs. Ou da sua mão caber na minha como se da última peça de um puzzle se tratasse.

Delilah sobe apressadamente os degraus da torre à minha frente, agitando a saia do vestido para o afastar do caminho.

— Vestido estúpido — murmura.

— Pode ser estúpido — respondo —, mas fica-te muito bem.

Ela olha para mim, por cima do ombro.

— Aposto que não pensarias o mesmo se tu o estivesses a usar. Alguma vez te bamboleaste por um prado, a pé, de saltos altos? Não me parece...

— Eu não me bamboleio. Os homens não se bamboleiam. Nós... andamos com estilo.

Delilah solta uma gargalhada.

— Com estilo? Tu?

Insultado, paro nos degraus.

— O que foi? Qual é o problema com a maneira como ando?

Mas antes que Delilah possa responder, chega ao cimo da torre e arqueja.

— Oliver — diz —, quando é que fizeste isto tudo?

— De vez em quando, ter um castelo cheio de criados é uma verdadeira mais-valia — digo.

Espreito por cima do ombro e constato que eles excederam as minhas expectativas. Um cobertor de pele de ovelha foi colocado no meio do chão e sobre ele está espalhado um festim. Há um peru assado inteiro, *chutney* de alperce e figos recheados. Há azeitonas, uvas e ameixas empilhadas nas melhores taças de porcelana da rainha. Uma garrafa de cidra de amora ergue-se ao lado de dois cálices dourados.

— Vou ganhar cinco quilos antes de sair daqui — murmura Delilah. — Uma torrada seria o suficiente.

Nas traves sobre nós arrulham pombas, e enquanto nos sentamos sobre o cobertor, o



vestido detestado sussurra à sua volta. Ela coloca uma uva na boca e suspira.

– Isto é tão surreal. Sinto-me uma princesa.

Ela não me poderia ter dado melhor abertura para a conversa que espero ter.

– Engraçado – digo. – Estava a pensar a mesma coisa.

Delilah franze o sobrolho.

– Também te sentes como uma princesa?

– Não! – Abano a cabeça. – Eu só... bem, acho que *tu* darias uma princesa maravilhosa. –

Forço-me a fixar o meu olhar no dela. – Nunca fiz isto antes. Quer dizer, não a sério, pelo menos. – Engolindo em seco, apoio-me num joelho e tomo a mão dela na minha. –

Delilah, queres casar comigo?

– O quê? O quê! O *que é* que estás a fazer? – Ela empurra-me para trás, fazendo-me cair. – Oliver, tenho quinze anos! Não me vou casar sem sequer ir ao baile!

– Talvez possamos ir até lá na nossa lua de mel? – sugiro.

Ela levanta-se, frustrada.

– Não compreendes.

– Pensei que querias que ficássemos juntos – digo.

Ela dirige-se à janela aberta, uma recordação do clímax deste conto de fadas.

– No meu mundo, não nos casamos aos quinze anos – diz ela. – A menos que estejamos grávidas e tenhamos participado num programa da MTV. Quero um namorado. Quero ir ao cinema, andar de mão dada e fazer trocadilhos que mais ninguém entende. Quero tirar fotografias tolas com a câmara do meu telefone. Quero receber um cartão de Dia dos Namorados que não seja da minha mãe. – Delilah ergue os olhos para mim. – Quero marcar um encontro contigo.

– Marcar. Do género... na primeira quinta-feira de julho?

Ela sorri.

– Não é bem isso. Estou a falar de irmos a algum lado e conhecermo-nos um pouco melhor.

O piquenique parece, de súbito, aparatoso, exagerado, uma péssima ideia.

– Não temos de nos casar – digo. – Tudo o que queria era estar contigo.

– Eu achava que também era tudo o que eu queria... mas afinal, estava errada – admite Delilah. – Também quero acordar na minha própria cama. E vestir calças. E... oh, meu Deus, nem acredito que vou dizer isto: ir à escola. – Ela leva as duas mãos ao meu rosto. – Quero-te na minha vida. Mas quero que seja a *minha* vida.

Sentindo-me culpado, afasto-me dela.

– Eu sei que a culpa é toda minha. Mas quando percebi que nunca seria capaz de sair do livro, não consegui suportar a ideia de...

– Recua um pouco – diz Delilah. – Como assim, nunca serás capaz de sair do livro?

O meu rosto fica vermelho.

– Vi o meu futuro quando estive com Orville – sussurro. – E tu não fazias parte dele.

– Hesito. – Havia outra rapariga na minha visão, ele mostrou-me.

– O quê? – diz Delilah. – Quem? Seraphima?

– Por favor. Ugh!

– Então quem?

– Não sei. Nunca a tinha visto antes.

Delilah pensa nas minhas palavras.

– O futuro está sempre a mudar – realça. – Há uma semana, não me terias imaginado neste livro, por exemplo. Tanto quanto sabemos, se Orville conseguir lançar um feitiço que me envie de novo para casa, o teu futuro poderá ser completamente diferente. – Ela pega-me na mão e puxa-me ao longo do chão de pedra. – Só há uma maneira de descobrir.

Se não o conhecesse tão bem, diria que Orville estava a namoriscar.

Nunca vi o velhote mexer-se tão depressa. Tem estado a corar como uma menina da escola desde que o apresentei a Delilah, e presenteou-a com todo o tipo de truques de magia: a osga que desaparece, o violino que toca sozinho em pleno ar, e o seu mais recente projeto – um pato que fala húngaro fluentemente.

Em troca, Delilah está, aparentemente, a contar-lhe tudo o que alguma vez aprendeu nas aulas de ciência.

– Mistura-se o zinco com o hidróxido de sódio e aquece-se até estar quase a ferver. Depois juntam-se as moedas e elas tornam-se prateadas. Se se aquecerem essas mesmas moedas, transformam-se em ouro.

– Alquimia! – arqueja Orville.

– Bem, na verdade não. O zinco e o cobre fundem-se para fazer latão. Mas pelo menos parece ouro – diz ela.

Franzindo o sobrolho, cruza os braços.

– Quando vocês os dois acabarem de trocar apontamentos, gostaria muito de voltar a ver o meu futuro...?

– Oh, sim, claro – diz Orville.

Este conduz Delilah para a sua oficina e carrega a fonte para pássaros até à mesa de madeira, juntamente com várias garrafas de vidro coloridas. Começa a deitar a mistura para a tigela, mexendo-a ritmicamente.

Eu e Delilah divisámos uma espécie de plano. Sabemos, dada a minha experiência com *Pyro*, que o pequeno livro que trago comigo, e que é uma réplica da história que estou a viver, tem a capacidade de efetuar mudanças no mundo de Delilah. Afinal de contas, fez, de alguma maneira, que o livro em que existimos se incendiasse. Do mesmo modo, se conseguirmos encontrar uma maneira de explodir a réplica de *Entre as Linhas*, talvez aquele em que vivemos caia da prateleira do quarto de Delilah e aterre aberto. Presumivelmente, nesse momento, todas as personagens serão puxadas para as suas posições normais. Quando o livro perceber que Delilah não pertence a este universo, enviá-la-á de volta para casa.

Ou pelo menos, é o que esperamos que aconteça.

Orville mantém as suas poções e ingredientes sob um feitiço, a menos que esteja na sua oficina a usá-las. O que significa que não podemos forçar a entrada na cabana e criar uma qualquer mistura para provocar uma explosão. Em vez disso, temos de o distrair enquanto estiver presente e depois de ter retirado o feitiço. Foi ideia de Delilah pedir-lhe que recriasse a magia que me mostrou o futuro. Assim, matamos dois coelhos com uma cajadada só.

O líquido na fonte para pássaros borbulha e evapora-se quase de imediato, formando uma névoa roxa.

– Façamos um teste – diz Orville, e olha à sua volta, em busca de algo que possa atirar para o fumo.

Delilah arqueia as sobancelhas e, com a boca, desenha uma só palavra: *Agora?*

Abano a cabeça.

– Ainda não – sussurro.

Orville percorre as garrafas e os frascos nas prateleiras atrás de si. Depois ilumina-se, levando a mão ao bolso e retirando do seu interior um pequeno saco de pano.

– *Snack* do meio da tarde – explica, extraíndo do seu interior uma semente que deita para a névoa.

O fumo roxo expande-se e ergue-se, assumindo a forma de um girassol.

– Agora – digo a Delilah. Ela recua, supostamente para me deixar ver melhor o meu

próprio futuro, mas na realidade começa a retirar da prateleira todas as garrafinhas a que consegue deitar a mão, atrás da cabeça de Orville. Enfia-as nos bolsos e nas mangas.

— É todo teu — diz o feiticeiro. Arranca-me um cabelo e deixa-o deslizar pela neblina. Tal como da última vez, a névoa cria uma coluna alta que se expande, como um ecrã de cinema, onde passa o filme do meu futuro. Vejo-me no sofá de uma pequena sala repleta de estantes com livros.

Delilah para, os punhos ainda repletos de frascos e ervas, mas também é atraída pela imagem.

— Qual é o problema com este futuro? — pergunta.

— Dá-lhe um segundo — digo.

De facto, uma rapariga entra e abraça-me. Sinto Delilah ficar rígida atrás de mim.

— E fica pior — digo-lhe.

A rapariga vira-se, de tal modo que lhe consigo ver o rosto. Agora que observo melhor, apercebo-me de que não se trata tanto de uma rapariga como de uma mulher. Uma mulher que, ainda assim, nunca vi na minha vida.

Delilah arqueja.

— Eu conheço-a!

— *Conheces?*

— Sim! É a...

Contudo, antes que ela consiga terminar a frase, a porta da cabana de Orville abre com estrondo, batendo contra a parede. *Frump* corre para o interior, lançando-se na minha direção com os dentes expostos. Fico de tal modo sobressaltado que me sinto a gelar.

— *Frump?* — grito. — Em nome de...

Ele interrompe-me, rosnando, saltando para a minha garganta. Caímos ao chão numa confusão de membros e pelo. Quase não tenho tempo para reparar em Seraphima que se ergue junto à porta, o rosto marcado pelas lágrimas.

— Maldito mentiroso — rosna *Frump*. — Partiste-lhe o coração.

— Não tens prima nenhuma — uiva Seraphima. — Nem sequer tens tias ou tios.

Antes que me consiga explicar, sinto o peso de um cão furioso a ser arrancado de cima de mim. Ergo os olhos e vejo Delilah a puxar *Frump* pela coleira, recorrendo a toda a sua força para o obrigar a soltar o colarinho da minha túnica. Por fim, o tecido rasga-se, e Delilah e *Frump* rebolam para trás numa cambalhota, chocando contra as prateleiras de Orville, fazendo abater sobre eles uma saraivada de garrafas.

— Delilah — grito, correndo atabalhoadamente na sua direção. — Estás bem?

— Estou ótima — murmura, levantando-se. O seu vestido está repleto de manchas. — Mas cheiro mal.

Orville espreita para a mistura.

— Parece ranho de *troll*. Uma coisa pavorosa.

— Por amor de Deus, *Frump*, apanhaste raiva? O que é que te deu? — grito.

De súbito, os olhos de Orville erguem-se velozmente.

— Afastem-se! — grita. — Abriguem-se! — Ele mergulha para baixo da bancada de trabalho e eu protejo Delilah com o meu corpo, enquanto uma caixa balança na prateleira mais alta. É feita de ferro forjado e está presa com correntes e cadeados. — Não a deixem...

A caixa estremece e tomba para o chão, caindo mesmo entre Delilah e *Frump*, partindo-se.

— ... cair... — termina Orville com a voz fraca.

Raios de luz escapam-se pelas ranhuras da caixa de ferro. Forma-se uma bola iridescente que paira sobre nós. Lentamente, a esfera começa a estremecer e depois vibra violentamente, antes de sair disparada como fogo de artifício em direção ao teto. O gesso

cai sobre as nossas cabeças, mas a bola de luz saltita, fazendo ricochete contra as paredes e o chão. Quanto mais ela se move, mais energia parece ganhar.

– O que é isto? – grita Delilah.

– É o Pandemónio – diz Orville. – Temos de o parar antes que ele destrua tudo.

A luz passa a silvar pelo rosto de Seraphima e ela grita, tentando enxotá-la. Mas falha, acertando no rosto de Orville. Este cai para trás, atirando-me para o chão enquanto a luz acelera em espiral sobre as prateleiras, estilhaçando todas as garrafas que ainda estavam de pé e cortando as ervas penduradas pelo caule. Mergulha na fonte dos pássaros, lançando pelo ar uma chuva de centelhas roxas antes de saltar para o chão escuro, rodopiando como um saca-rolhas, criando uma profunda toca negra.

Por um momento, todos nos acalmamos, pensando que está terminado. Orville e eu aproximamo-nos lentamente do túnel, espreitando para ele.

Este explode como um vulcão, passando veloz por *Frump – Frump?*

O meu fiel e leal cão desapareceu. Deitado no chão, praticamente nu, está um ser humano.

– Frump? – digo, chocado. – És tu?

– Não te queria atacar daquela maneira, Ollie – diz, envergonhado. – Mas fiquei tão furioso quando a Seraphima veio ter comigo tão transtornada...

A voz de Frump é a mesma. Os seus modos são ainda mais envergonhados. Mas, claramente, já não é quem costumava ser.

– Amigo – murmuro. – Hum... – Aponto para o seu traseiro nu.

Ele baixa os olhos, grita, e agarra no objeto mais próximo que lhe permita tapar-se, uma toalha de mesa bordada com estrelas prateadas, que enrola à cintura. Tem mais ou menos a minha idade, é seco e musculoso, com cabelo desgrenhado mais ou menos da cor do seu pelo enquanto cão.

– O que é que aconteceu? – sussurra, sorrindo loucamente enquanto sente os braços, as mãos, o nariz.

– Frump? – repete Seraphima. Vejo os olhos dela fixarem-se nos dele, como se costumavam fixar nos meus, como se não suportasse a ideia de os afastar.

Atrás de mim, estou ligeiramente consciente do facto de o Pandemónio continuar a gerar o caos em tudo o que toca – criando um buraco enorme no centro da bancada de trabalho de Orville e queimado a ponta do seu chapéu.

A maldição. Aquela que transformou Frump num cão deve ter sido anulada, mas como?

Viro-me para Delilah, mas é demasiado tarde para a avisar de que o Pandemónio desliza por entre os seus pés. Quando ela cai ao chão, reparo nas manchas no seu vestido.

Uma qualquer combinação das poções e ervas que Delilah surripiara deve ter passado para Frump, quando eles caíram para trás. Atrevo-me a dizer que não conseguiria reproduzir aquele feitiço acidental mesmo que tentasse, mas o resultado final é que Frump é, uma vez mais, o rapaz que costumava ser.

– Oliver!

Afasto a minha atenção do meu amigo, a tempo de ver o Pandemónio a sair disparado na direção de Delilah.

– Protege-te! – grita Orville.

Move-se demasiado depressa para que consiga rolar para fora do seu caminho. Delilah procura freneticamente qualquer coisa com que possa bloquear o impacto. No último instante, agarra num objeto que se encontra no chão, a curta distância. Só quando ela o segura, completamente aberto à sua frente, é que percebo do que se trata.

É a cópia de *Entre as Linhas* que roubei a Rapscurllio, que deve ter caído da minha túnica durante a luta com Frump.

O Pandemónio choca com toda a força contra as páginas do livro, com a lombada a absorver o impacto. Delilah fecha o livro, encurralando a luz no interior.

– Apanhei-te, sacana – diz, triunfante, segurando o tomo contra o peito.

O livro começa a estremecer com tanta força que Delilah tem dificuldade em mantê-lo fechado. Dou um passo na direção dela, na esperança de lho tirar das mãos, mas antes que o consiga, o conto de fadas salta-lhe dos braços e abre-se. O Pandemónio ergue-se veloz, abrindo um buraco no teto da cabana de Orville, de tal modo que chovem ramos, pedras e lama. Protejo os olhos e estendo a mão para Delilah, para a puxar para um local seguro. Contudo, não consigo agarrá-la. Mal o livro deixa as mãos de Delilah estas imobilizam-se, enquanto uma racha profunda se abre ao longo do seu braço. A racha ramifica-se até aos ombros, subindo ao pescoço, estilhaçando-lhe as feições – os olhos esbugalhados, a boca aberta. Vejo tudo como que em câmara lenta – o livro a cair em direção ao chão até lhe tocar e Delilah estilhaça-se num milhão de pedaços, desaparecendo numa nuvem de pó.



DELILAH

A primeira coisa que vejo quando abro os olhos é o livro, a espreitar debaixo da minha cama, completamente aberto.

Rebolo, deixando de estar de barriga para baixo e ficando de costas, e pestanejo, olhando para o teto roxo com pequenas estrelas que brilham no escuro.

— O meu quarto — sussurro.

Funcionou. O nosso plano funcionou.

— Bem, claro que é o teu quarto — a voz da minha mãe flutua na minha direção.

Tento sentar-me, mas uma mão obriga-me a recostar.

— Tem calma, Delilah — diz uma voz que não consigo identificar de imediato, mas que me parece familiar.

Olho para a minha esquerda e vejo o doutor Ducharme de pé, ao lado da minha mãe.

A minha mãe senta-se na beira da cama.

— Tens um galo terrível na cabeça — disse ela. — Deves ter caído quando estavas a tentar chegar à caixa dos filmes no teu roupeiro.

Estremecendo, toquei na testa; está dorida.

— Quanto tempo estive ausente?

— Ausente? — O doutor Ducharme sorri. — Bem, tens estado a dormir, mas não foste a lado nenhum. A tua mãe até chamou o médico para te vir ver a noite passada, para garantir que estavas bem. E telefonou-me quando começaste a falar enquanto dormias.

Esforcei-me por me sentar na cama.

— De que é que estava a falar?

Eles trocaram um olhar.

— Isso não é importante — diz a minha mãe. — Precisas de descansar. E vais ficar com uma forte dor de cabeça.

Espreito por cima do ombro dela e tenho um vislumbre do meu reflexo no espelho. Na minha testa está um galo gigante e uma nódoa negra impressionante.

Mas eu não posso ter apenas batido com a cabeça. Eu estive naquele livro com Oliver. Eu *sei* que estive.

Recordo o que pode ter acontecido. A última coisa de que me lembro é de estarmos na cabana de Orville e de eu ter conseguido recapturar o Pandemónio. Quase de imediato, os meus braços tinham começado a rachar, gerando uma teia de fissuras, como uma estátua de mármore que se desintegra. Arquejando, agarro o meu braço direito com a mão esquerda.

Está absolutamente intacto.

O que *é* que se está a passar?

— Que dia é hoje? — pergunto.

— Terça-feira — responde a minha mãe. — São quase três horas.

— Estou, hum, cheia de fome...

— Então vamos arranjar-te qualquer coisa para comer. — Ela dá-me antes um abraço rápido. — Estava tão preocupada com a possibilidade de não regressares — sussurra ela.

Os meus braços fecham-se à volta dela.

— Eu também — murmuro.

Ela levanta-se e, quando sai do meu quarto, o doutor Ducharme pousa a mão no ombro dela.

Há algo nesse gesto casual que me deixa aliviada. Enquanto estive no livro, temi que a minha mãe ficasse só. Mas talvez, um dia, ela não fique.

Mal ouço a porta a fechar, enfio-me debaixo da cama e pego no livro. Sentando-me direita, vejo o meu reflexo no espelho. Há algo a espreitar por baixo do colarinho da *t-shirt*, algo que se parece espantosamente — e assustadoramente — com uma tatuagem.

Puxo o colarinho para baixo, com medo de espreitar.

Pendurada à volta do meu pescoço está uma linha de palavras em cursiva, escritas de trás para a frente.

pérolaspérolaspérolaspérolaspérolas

Deslizo uma unha por baixo de uma ponta e descolo-as da minha pele como um penso rápido. Depois pouso as letras na ponta do lençol de cama.

Tal como a aranha que retirei do livro há vários dias, o colar das sereias — no exterior — foi transformado em palavras. Mas eu tive uma visão de Oliver na cabana de Orville — uma visão de onde ele estava no futuro, *neste* mundo exterior, e ele não era apenas letras numa página.



Concentra-te, Delilah, digo a mim mesma. Agarro no livro e abro-o na página 43, onde Oliver olha para mim, claramente aliviado.

— Estás viva! — grita.

— O que é que aconteceu? — digo. — Foi real, não foi?

A expressão de Oliver entristece.

— Não te lembras?

— Sim — sussurro. — Mas quero assegurar-me de que não inventei tudo.

— Só porque é ficção, não significa que seja menos verdade — responde Oliver. Fita-me de olhos semicerrados. — Estás ferida?

— É só uma nódoa negra — digo-lhe. Mas isso recorda-me o Pandemónio e a devastação que causou. — Então e tu? Estás bem? E Orville? A sua pobre casa!

— Está tudo intacto, outra vez — diz Oliver. — Mal abriste o livro, voltou tudo a ser como antes. — Ele afasta o olhar de mim.

— *Frump*? — pergunto.

Oliver acena com a cabeça.

— Apenas um cão.

— Mas funcionou, Oliver. Explodir o teu exemplar do conto de fadas libertou-me.

— E eu ainda aqui estou — diz ele, tristemente. — Por isso, estamos de volta à estaca zero.

— Não, não estamos. Lembras-te da visão? Do teu futuro? Eu sei quem é aquela mulher. É Jessamyn Jacobs.

— Quem?

— A autora — digo-lhe. — A mulher que te criou.

Os olhos de Oliver iluminam-se.

— Então nessa visão — diz ele —, estou em casa dela?

Ouçoo passos nas escadas.

— Sopa! — canta a minha mãe.

Fecho o livro com força, enfio-o debaixo de uma almofada e puxo as cobertas para cima de mim. A porta abre com um rangido.

— Obrigada — digo. Tomo uma colher de sopa para satisfazer a minha mãe.

Ela senta-se na beira da cama e olha para mim enquanto tomo uma colherada, depois outra. Limpo a boca com um guardanapo.

— Não vais ficar a assistir enquanto como isto tudo, pois não?

A minha mãe parece atrapalhada.

— Sim. Quer dizer, claro que não. — Ela hesita. — Só não quero que adormeças. O Steve diz que é a pior coisa que se pode fazer depois de um traumatismo craniano.

O Steve?

— Mãe — digo —, quando é que foi a última vez que *tu* dormiste?

— Não tens de te preocupar comigo — diz ela, apertando-me a mão.

— Posso não *ter* de me preocupar — digo-lhe. — Mas *preocupo-me*.

Ela sorri, mas não sai de onde está.

— Mãe? — digo. — Se eu prometer que não adormeço, posso comer em paz?

Ela está relutante, mas levanta-se.

— Chama-me quando acabares — diz.

A dor de cabeça que ela me prometeu está a emergir. Sei que Oliver espera que eu abra o livro e termine a nossa conversa, mas há algo que tenho de fazer primeiro. Saio da cama e avanço cautelosamente até à minha secretária onde tenho pousado o portátil. Abrindo um motor de busca, escrevo

Jessamyn Jacobs. São listadas todas as páginas relacionadas com ela. Clico na primeira, uma foto da mulher na visão de Oliver enche o ecrã. Começo a ler o texto por baixo dela: Jessamyn Jacobs nasceu em Nova Iorque em 1965. Depois de terminar a licenciatura na NYU, trabalhou como editora na revista *HorrorFest*. Mas depressa compreendeu que não queria corrigir as palavras das outras pessoas — queria escrever as suas. O seu primeiro *thriller* foi publicado quando tinha apenas vinte e seis anos de idade, e escreveu dez *best-sellers* consecutivos. No entanto, depois de ter escrito um livro para crianças, a autora refugiou-se no anonimato. Não publica desde 2002, optando por viver calmamente em Wellfleet, Massachusetts.

Depois de ter escrito um livro para crianças, a autora refugiou-se no anonimato.

Toda a minha vida, e a minha atual obsessão, foi reduzida a uma frase descartável na biografia de uma famosa escritora de *suspense* que já não escreve há anos.

Mas pelo menos sei onde encontrá-la.

Desligo o telemóvel do carregador e envio uma mensagem a Jules.

Sou uma idiota, escrevo.

Conto até sessenta e dois antes de ouvir um *bip* com a resposta.

Eu sei, respondeu Jules.

Os meus polegares percorrem furiosamente o teclado minúsculo.

A tua tia Agnes é o Voldemort d vestido. S pudesse escondia-te no meu roupeiro durante o verão. De facto, pk n experimentamos? Talvez resulte.

Outro bip: Sou roupeirofóbica.

Sorrio. Jules, escrevo. *Sei k n tenho o direito de pedir e podes dizer-m pra m atirar ao lago s kiseres, mas preciso da tua ajuda. Tenho d ir pra MA ASAP. Hesito. Explico tudo quando t vir.*

Desta feita, Jules demora ainda mais tempo a responder. *Posso estar em tua casa dentro de 5 min. O carro do meu pai tá na garagem.*

N tens carta, respondo.

Outro *bip*. *Isso n significa k n possa conduzir*, escreve Jules.

A parte mais difícil é deixar a minha mãe outra vez, poucos instantes depois de ter regressado. Penso em falar com ela, mas que desculpa posso eu dar para a convencer a realizar uma viagem repentina a Cape Cod, sobretudo quando ainda estou a recuperar de um traumatismo craniano? Se insistir, o mais certo é que me leve para realizar um exame neurológico. Não, a única maneira de fazer isto é deixá-la de fora.

O único desafio imediato a essa estratégia é que, para sair de casa, tenho de descer as escadas e passar por ela.

Não sou a pessoa mais graciosa — está bem, sou uma verdadeira trapalhona —, mas uma vez mais, tempos difíceis exigem medidas drásticas. Se acho improvável que a minha mãe concorde com uma viagem de carro de quatro horas, é ainda mais improvável que ela me deixe realizá-la com Jules, que não tem carta, como minha motorista. Por isso, abro as portadas da janela do meu quarto, de olho numa árvore cujos ramos estão suficientemente perto para que os agarre.

Conto de fadas errado, penso sarcasticamente. Sou *eu* quem vai salvar o príncipe.

Agarro no bloco de notas sobre a minha secretária e arranco uma folha de papel. Escrevo:

*Volto em breve. Não te preocupes.
Estou ótima.
A sério.
Com amor,
Delilah. xoxo*

A minha mãe vai ficar preocupada na mesma — mas pelo menos, quando der pela minha falta, o doutor Ducharme estará presente. E talvez ele a consiga manter calma durante tempo suficiente para que eu consiga explicar porque é que tive de fazer isto. Afinal de contas, se resultar, Oliver estará cá — vivo, tridimensional e muito, muito real — e confirmará esta história louca.

Vasculho a gaveta da roupa interior em busca da pequena caixa de joias que uso para guardar a minha mesada e o dinheiro que ganho como *baby-sitter*: trezentos e vinte e dois dólares. Não é nenhuma fortuna, mas enfio-o na minha mochila, depois agarro no livro e também o enfio lá dentro.

Olho à volta no meu quarto para garantir que não me esqueci de nada e vejo o meu reflexo no espelho. Pareço alguém que perdeu um combate. Se aparecer em casa de Jessamyn Jacobs com este aspeto, o mais certo é ela fugir a gritar. No meu roupeiro encontro um gorro de malha que me tapa na perfeição a testa. É um pouco quente demais para a estação, mas talvez possa fingir que é uma nova tendência.

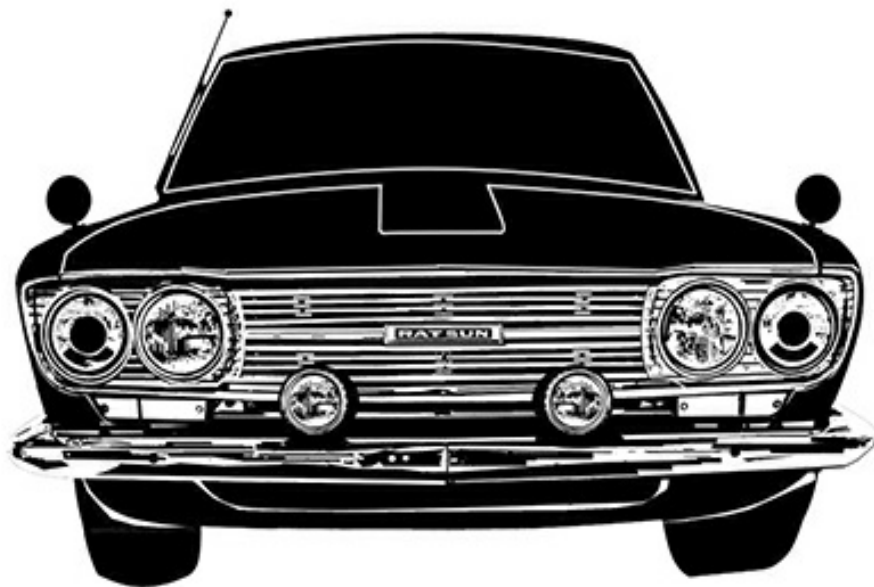
Abro a janela e estico uma perna. Juro que a árvore se mexeu. Se afastou, sei lá, uns noventa centímetros.

Inspirando fundo, salto do parapeito e, para grande choque meu, acabo abraçada ao tronco com força. Desço cuidadosamente, pensando em Oliver que tem de trepar uma parede rochosa todos os dias.

Com um baque toco no chão e desço o quarteirão em bicos de pés, até ao beco onde Jules está estacionada à minha espera, tal como combinámos. Ela fica esquisita sentada atrás do volante de um carro. Quando me vê, sorri e baixa a janela automática.

— Ficas a dever-me uma — diz.

Nunca o teria adivinhado, tendo em conta a personalidade dela, mas Jules conduz como uma velhota. Avança quinze quilómetros abaixo do limite de velocidade e coloca o pisca quilómetros antes de mudar, de facto, de direção.



— Então — diz ela, quando já seguimos pela autoestrada há dez minutos —, quando é que me vais dizer para onde vamos?

— Wellfleet — digo. — Em Cape Cod.

Jules acena, apertando o volante.

— Está bem — diz ela. — *Porque é que vamos?*

Inspiro fundo.

— O que te vou dizer não vai fazer muito sentido — digo. — Mas preciso que ouças a história toda e que não me julgues, está bem?

Sem dizer uma palavra, Jules ergue o mindinho da mão direita para que possamos selar o juramento.

Começo, bem, pelo início. Conto-lhe como senti um choque elétrico da primeira vez que toquei na lombada do conto de fadas, e de como, embora se tratasse de um livro para crianças, era incapaz de o largar. Falo-lhe de Oliver, o príncipe que, como eu, cresceu sem pai. Explico como, certo dia, as ilustrações mudaram mesmo diante dos meus olhos e como, mesmo sem tentar, consegui ouvir Oliver falar comigo — palavras que não tinham sido escritas para ele, mas que vinham do seu coração.

Conto-lhe sobre a aranha e como o livro se incendiou, e sobre ter sido sugada para dentro dele e cuspidada para fora.

Conto-lhe que acho que posso estar apaixonada por Oliver.

Quando termino, Jules continua a olhar para a estrada, em silêncio absoluto.

— Então? — pergunto.

Jules não responde.

— Achas que estou maluca.

Jules encolhe os ombros.

— Não.

— Só isso? — pergunto, incrédula. — Acreditas em mim?

— Bem — responde ela. — Acredito que *tu* acreditas. E sou a tua melhor amiga. Por isso, para mim é suficiente.

Durante as horas seguintes, tudo parece quase normal. A minha melhor amiga é minha amiga outra vez; não tenho de fingir que este livro não significa nada para mim. É como nos velhos tempos. Eu e Jules jogamos ao «Eu Vejo» e comemos um pacote inteiro de *Cheetos* que ela trouxe de casa. Por fim, o GPS diz-nos que chegámos ao nosso destino. Jules encosta na rua principal de Wellfleet, Massachusetts, tocando no passeio com os pneus.

— Acabaste de chumbar no teu exame de condução — brinco.

— Mas pensa em quantas horas de prática de condução tenho agora — diz Jules. Ela olha para o retrovisor. — Para onde vamos?

Bem. Ainda não descobri essa parte. Não tenho a morada de Jessamyn Jacobs, só sei em que cidade mora. Mas eis o que sei — tenho de ir sozinha. Jules já fez o suficiente por mim; não a vou arrastar para esta confusão.

— Nós, não — digo. — Eu.

— Não te vou deixar aqui sozinha.

Abano a cabeça.

— Jules, os teus pais já te vão matar por teres roubado o carro do teu pai.

Ela ri-se.

— Esse é o meu plano de mestre. Prefiro estar num reformatório durante o verão do que com a tia Agnes.

Ela desaperta o cinto e sai do carro, enquanto eu agarro na minha mochila.

— Vais ficar bem, a regressar a casa sozinha? — pergunto. — Está quase a escurecer.

— Vai ser canja — diz Jules.

Dou-lhe um abraço apertado.

— Obrigada — sussurro, e vejo-a entrar no carro e colocar o pisca, preparando-se para deixar o lugar de estacionamento.

Antes de partir, contudo, ela abre a janela.

— Espero que o encontres — diz Jules com um sorriso. — O teu príncipe.

Há um minúsculo café no centro da vila. Uma campainha toca quando atravesso a porta e a empregada ergue os olhos para mim.

— Posso usar a casa de banho? — pergunto.

— Claro. — Ela aponta para o fundo do corredor e eu tranco-me na pequena casa de banho e tiro o livro da mochila.

Suponho que pudesse ter falado com Oliver no carro, mas foi agradável passar algum tempo só com Jules. Já tinha saudades.

Mal abro o livro na página 43, Oliver começa a gritar.

— Por onde tens andado? Deixaste-me pendurado no meio de uma conversa muito importante. Essa Jessamyn Jacobs...

— Vive aqui — interrompo.

Vejo Oliver a espreitar por cima do meu ombro, a reparar no cenário atrás de mim.

— *Onde* é que tu estás?

— Bem, numa casa de banho. Ela não vive *aqui*. Mas estou na cidade onde ela mora e vou descobrir como chegar a casa dela. Se alguém sabe como tirar-te da história é a mulher que a escreveu.

Oliver franze o sobrolho.

— Não podes chegar junto dela e dizer: «Caí de quatro por uma das suas personagens.»

Eu sorrio.

— Oh, sim, o *Socks* é um animal muito sensual.

Ele dá uma gargalhada.

— Eu digo-lhe que achas isso.

— Não sei quando voltarei — continuo. — E ainda não tenho um plano.

— E isso deve inspirar novo alento? — diz Oliver.

— Não — respondo-lhe. — Deve inspirar confiança mútua.

Começo a fechar o livro mas sou impedida pelo som da voz de Oliver.

— Delilah? — diz. — Nunca tive oportunidade de te agradecer. Por tudo o que estás a fazer para me ajudar.

Olho para a esperança estampada no rosto dele, tão clara como qualquer das palavras na página.

— Não me agradeças ainda — respondo.

Depois de ter voltado a guardar o livro na mochila, puxo o autoclismo e lavo as mãos para não parecer demasiado suspeita. A empregada continua a limpar o balcão quando regresso à sala.

— Só uma pessoa? — pergunta.

— Na verdade, estou só à procura de indicações — diz. — Isto é mesmo embaraçoso, mas vim fazer uma surpresa à minha tia pelo seu aniversário (vim de autocarro) e não me lembro de como chegar a casa dela. — Ofereço o meu melhor sorriso de não psicopata. — Jessamyn Jacobs? Conhece-a?

A empregada olha para mim pouco à vontade.

— Ela não gosta muito de visitas.

— Visitas! — digo. — Sou da *família*.

A rapariga franze o sobrolho.

— Bem, é a última casa em Wilson Street. É a casa típica, roxa, sobranceira ao penhasco.

— Certo! — Bato com a mão na testa. — Dah. Wilson Street.

A empregada volta ao trabalho.

— Posso fazer-lhe só mais uma pergunta? — digo, e espero até ela erguer os olhos. — Como é que chego a Wilson Street?

A casa de Jessamyn Jacobs encontra-se empoleirada na beira de um penhasco sobre as águas, como um nadador com medo de saltar. Está pintada da cor de uma ameixa e todas as janelas têm as cortinas completamente fechadas. Durante algum tempo, deixo-me ficar no alpendre, revendo mentalmente possíveis apresentações.

Olá! Estou a vender bolachas para os escuteiros...

Não, demasiado ansioso.

Estou a fazer uma sondagem eleitoral...

Não. Não aparento ter idade suficiente para trabalhar para uma comissão política.

Perdi o meu gatinho de estimação. Viu-o?

Não. Qual a probabilidade de este se ter escondido em casa dela?

Bem. Talvez haja algo a dizer em defesa do brilhantismo sob pressão. Sem ter tempo para pensar melhor, toco à campainha.

Mas não obtenho resposta.

Volto a tocar, como se isso pudesse alterar o resultado. Não está ninguém em casa. Nunca nos meus sonhos mais loucos imaginei que chegaria, por fim, a casa de Jessamyn Jacobs apenas para descobrir que ela estava ausente.

De repente, a porta da garagem ao meu lado abre como que por magia, fazendo-me saltar. Passado um instante, um carro dobra a esquina e entra no acesso. É um monovolume vermelho, como o que nós tínhamos quando eu era mais nova. Uma mulher sai do lugar do condutor, levando consigo um saco de supermercado.

— Olá — diz. — Posso ajudar-te?

Eu sei que se trata de Jessamyn Jacobs porque reconheci o cabelo ruivo e as feições da fotografia do autor presente no livro. Só que esta versão de Jessamyn Jacobs não parece tão glamorosa. Está vestida, bem, como uma mãe.

— Eu, hum, sou Delilah McPhee. Sou estudante — gaguejo. — Estou a fazer um projeto sobre um autor e queria saber se a podia entrevistar.

Ela sorri com bastante tristeza.

— Já não sou uma autora há bastante tempo — diz. — Provavelmente queres falar com outra pessoa.

— Não! — grito. — Tem de ser consigo!

Ela olha para mim, um pouco assustada com a minha explosão.

— Temo não te poder ajudar, Delilah. Essa parte da minha vida acabou. — Tendo o cuidado de deixar uma boa distância entre nós, ela abre a porta da frente e entra.

Não posso deixar ficar as coisas assim. Não quando estou tão perto.

— Por favor — imploro. — O seu livro foi muito importante para mim. — Levo a mão à mochila e retiro do interior o conto de fadas e, para minha surpresa, Jessamyn Jacobs para subitamente.

Estende a mão para a capa, tocando-lhe como quem toca em algo precioso.

— Também foi muito importante para mim — murmura. Depois sorri. — Queres entrar?

— A maior parte das pessoas que me continua a escrever é muito mais velha do que tu e coleciona serras elétricas e instrumentos de tortura — diz Jessamyn, pousando um prato com bolachas. — Se sou recordada por algo, é pelos meus romances policiais. Poucos dos meus leitores sabem, sequer, que escrevi um conto de fadas.

Ela fita o livro, que pousei na mesinha de centro, entre nós.

— É a minha história preferida — digo-lhe. — Decorei cada palavra.

Jessamyn sorri.

— É um livro único — diz ela. — E coloquei-o inadvertidamente numa caixa de brinquedos e roupa que seriam doados a uma feira de beneficência. Sempre me perguntei o que teria sido feito dele.

Atrás dela estão as prateleiras e a lareira que Oliver vislumbrou na visão do seu futuro na cabana de Orville. É estranho vê-las outra vez — vê-las *a sério* — e saber que Oliver ainda não está aqui.

O meu olhar pousa na paisagem que se avista da grande janela panorâmica sobre o oceano. Tenho quase cem por cento de certeza que já a vi antes, mas isso não faz sentido — nunca na minha vida estive aqui. Depois percebo — página 59. Quando Oliver luta contra Rapsclulio e o empurra da janela da torre. Esta é a ilustração que vemos quando o vilão cai nas rochas em baixo.

Jessamyn segue o meu olhar.

— Página cinquenta e nove — confirma. — Quando estava a pintar as ilustrações, recorri a todo o tipo de lugares familiares. A sala de jantar do castelo é uma reprodução exata da propriedade onde eu casei. A Praia da Eternidade é parecida com a ilha onde passei a lua de mel. — Ela baixa os olhos para o colo. — Escrevi o livro depois de o meu marido ter morrido de cancro. Ele lutou tanto durante um ano, mas acabou por perder a batalha. O conto de fadas foi a minha maneira de ultrapassar esse momento. E de ajudar o meu filho, também.

De súbito sinto-me desconfortável. Independentemente do significado que o livro tem para mim, significou muito mais para Jessamyn.

— Lamento muito — digo.

— Não lamentos. Já foi há muito tempo. Talvez seja por isso que, de certa maneira, já não o ter em casa foi um alívio. Como se significasse que parte da minha vida, uma parte triste tinha terminado. — Ela leva a mão ao livro. — Já há muito tempo que não leio isto — diz e abre o livro na página 43.

Oliver ergue os olhos, esperando que seja eu a Leitora. Mas depois reconhece Jessamyn. Vejo os seus olhos arregalarem-se — reconhece-a como a mulher na sua visão.

Jessamyn desliza o dedo pelo cimo da cabeça de Oliver. Sinto um aperto no estômago ao recordar a sensação de tocar no seu cabelo — a textura, a espessura.

— Impressionante — sussurra. — Ele é tal como eu o tinha imaginado.

Aquelas palavras não fazem sentido para mim — pois foi ela quem desenhou Oliver. É *óbvio* que ele se vai parecer com aquilo que ela imaginou.

Jessamyn ergue os olhos para mim.

— Não vieste fazer uma entrevista para a escola, pois não. — Não se trata de uma pergunta mas de uma afirmação.

— Não — admito. Inspiro fundo. — Vim perguntar-lhe se podia reescrever o final.

Ela sorri levemente.

— És uma escritora, Delilah? — pergunta.

— Sou mais uma leitora.

— Ah — responde Jessamyn. — Então percebo porque é que não compreendes.

— Não compreendo o quê?

— Que a história já não é minha. Talvez me tenha pertencido ao início, mas agora pertence-te a ti.

E a todos os que já a leram. O ato de ler é uma parceria. O autor constrói uma casa, mas é o leitor que faz dela um lar.

— Mas tem de ser quem a criou a alterá-la.

— E porque é que tem de ser alterada?

— Porque — digo — não é um final feliz. Não posso explicar porquê.

— Tenta.

— Disse-mo uma das personagens. — Fecho os olhos, com a certeza de que Jessamyn Jacobs acredita, oficialmente, que enlouqueci. Mas para minha surpresa, quando os volto a abrir, ela limita-se a acenar.

— As personagens também costumavam falar comigo — concorda Jessamyn. — Acho que qualquer autor dirá o mesmo. Mas, Delilah, mesmo que eu mudasse o final, a história já existe no mundo, na memória de todos os seus leitores. Uma vez contada a alguém, uma história não pode ser apagada.

O que ela me está a dizer é que cheguei a um beco sem saída. E não posso deixar que isso seja verdade.

— Mas *tem* de tentar! — expludo.

Ela hesita.

— Como é que *tu* terias terminado o livro?

Envergonhada, balbucio:

— O Oliver pode deixar a história.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Ah! Acho que começo a perceber. Ele *é* bastante bem-parecido. Costumava ter paixonetas pelas minhas personagens. Havia um detetive na minha coleção de policiais que tinha o mais encantador dos sorrisos...

As lágrimas enchem-me os olhos.

— Não é uma paixoneta — digo-lhe. — Ele está vivo para mim.

— E estará sempre — diz Jessamyn com gentileza. — Sempre que abrires o livro. Essa é a beleza de ler, não é?

Se não consigo que a autora compreenda, decerto fiquei sem opções. Tenho a certeza de que ela acha que sou maluca — uma miúda iludida que apareceu sem avisar, a falar sobre uma personagem ficcional como se esta pudesse estar sentada na sala a beber chá.

Mas como irei dar a notícia a Oliver?

De súbito, é demasiado. Pensei que, se alguém podia compreender o que sinto em relação à história, seria a própria autora e, no entanto, aqui está ela a dizer-me — como toda a gente — que estou errada. Que o que existe entre mim e Oliver é impossível.

Começo a soluçar. Levanto-me, envergonhada e determinada a ir-me embora tão depressa quanto possível. Fui uma idiota ao pensar que a vida real podia ter um final feliz.

— Delilah! Estás bem? — Preocupada (e quem *não ficaria* se uma rapariga louca desatasse a chorar no meio da sala?), Jessamyn pousa a mão no meu braço. — Posso telefonar a alguém? À tua mãe, talvez.

As suas palavras fazem com que chore ainda mais ao pensar que a minha mãe deve estar em pânico. Durante a viagem de carro, ouvi as mensagens que ela deixou no meu telemóvel; parei de ouvir na vigésima terceira.

Jessamyn conduz-me a um sofá.

— Vou buscar um copo de água para ti — diz. — E depois vemos o que fazer a seguir.

Ela sai da sala e eu inspiro fundo, várias vezes, tentando acalmar-me o suficiente para, pelo menos, ser capaz de abrir o livro e dizer a Oliver que está tudo acabado.

Ouçoo passos e ergo os olhos, mas não é Jessamyn que regressa da cozinha. Em vez disso, de pé na passagem que dá acesso à entrada, está Oliver.

A princípio acho que estou a alucinar. Mas depois ele olha para mim. Reconheceria aqueles olhos em qualquer lado.

— Olá — diz.

Levantando-me de um pulo, lanço os braços à sua volta.

— Oliver! Como é que chegaste aqui?

Ele empurra-me para trás, olhando para mim como se nunca me tivesse visto na vida.

— Desci as escadas — diz ele. — E o meu nome é Edgar.

Fico de queixo caído precisamente quando Jessamyn entra, trazendo um copo alto com água. O seu olhar salta de Oliver para mim.

— Delilah — diz —, vejo que já conheceste o meu filho.

E, nesse momento, tudo fica negro.

Não sou de desmaiar. Ver sangue não me faz confusão e consigo assistir a filmes de terror sem pestanejar. É verdade que, aparentemente, dei uma valente pancada com a cabeça quando caí ontem — e depois viajei quase quatrocentos quilómetros sem comer nada além de um pacote de *Cheetos*. Ainda assim, sinto-me verdadeiramente envergonhada por me descobrir deitada no sofá de uma estranha com um pano frio e molhado na testa e um rapaz que parece Oliver mas não é, a olhar para

mim com uma expressão de nojo absoluto.

— Estás a babar-te — diz ele.

Mortificada, passo a mão pela boca.

— Ela acordou — diz o não Oliver. — Posso ir?

Ele está a falar com Jessamyn, que traz uma tigela de sopa da cozinha. Porque é que me estão sempre a dar sopa?

— Obrigada por teres tomado conta dela, Edgar — diz Jessamyn.

— Como queiras — responde Edgar, que revira os olhos e se arrasta para fora da sala.

— Muito bem. — Jessamyn senta-se na beira do sofá. — Está na hora de me dizeres a verdade. Estás em apuros, Delilah? Fugiste de casa?

— Não! — respondo. — Quer dizer, *fugi*, mas só temporariamente. Só para a encontrar a *si*. — Pego na tigela que ela me oferece. Brócolos e *cheddar*. Cheira deliciosamente.

— E calculo que tenhas uma mãe algures que não faz ideia de onde estejas neste momento? Sinto o telefone a vibrar no meu bolso com mais uma mensagem.

— Hum — digo. — Sim.

Jessamyn passa-me o telefone.

— Liga-lhe.

Com relutância, marco os números. Não tocou sequer uma vez, quando a minha mãe atende.

— Olá, mãe! — digo, tão alegremente quanto me é possível.

Tenho de afastar o telefone da orelha quando ela me grita a sua resposta. Estremecendo, espero até que haja uma pausa na parede de som, antes de voltar a falar.

— Lamento, muito...

— Delilah Eve, fazes ideia de como tenho estado preocupada? *Onde* é que estás? O que é que estavas a *pensar*?!

— Tinha de fazer uma coisa e sabia que não ias deixar se te pedisse primeiro.

— Diz-me onde estás. Vou-te buscar. E depois vou-te pôr de castigo para a vida toda.

— Estou em Massachusetts. Em Cape Cod.

Há uma nova torrente de sons furiosos quando a minha mãe me grita a sua resposta. Uma vez mais, afasto o telefone.

— Talvez eu possa ajudar — diz Jessamyn, e estende a mão para o telefone. — Estou? É a mãe da Delilah? Daqui fala Jessamyn Jacobs. — Ela hesita. — Sim. Bem, pelo menos costumava ser uma autora. Oh, isso é muito simpático. Fico muito contente por ser uma fã. — Outra pausa. — Acredite em mim, também fiquei bastante surpreendida... Não, não. É demasiado tarde para fazer uma viagem dessas. Porque é que não deixa a Delilah passar a noite comigo e poderá vir buscá-la amanhã de manhã? Ela pode ficar no quarto de hóspedes.



Ouço o gorjeio rápido da voz da minha mãe a responder e, depois, Jessamyn dá-lhe uma morada. Ela estende-me o telefone quando acaba.

— Ela gostava de voltar a falar contigo.

— Só para ter a certeza de que estamos em sintonia, continuas de castigo até chegares à menopausa — repete a minha mãe. — Mas pelo menos sei que não andas a vaguear pelas ruas à noite. Causaste uma grande perturbação a esta senhora, por isso espero que sejas a melhor hóspede que ela alguma vez recebeu. Fui clara?

— Sim, mãe — murmuro. — Vemo-nos amanhã.

— Delilah? — diz a minha mãe.

— Sim?

— Amo-te, tu sabes disso.

Baixo o olhar para o colo. Estou a dar tanto trabalho — à minha mãe e a Jessamyn Jacobs, tudo na esperança de poder fazer do impossível possível e tornar real uma personagem ficcional. De repente, sinto-me envergonhada por ter sido tão egoísta.

— Também te amo — sussurro.

Desligo o telefone e devolvo-o a Jessamyn.

— Obrigada. Por me deixar ficar aqui.

— Não faz mal. É bom para o Edgar ter alguém da sua idade por perto. Ele não faz amigos com facilidade.

Endireito-me.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? Porque é que o Oliver se parece tanto com o seu filho?

— Porque ele é o meu filho. — Jessamyn ergue os olhos para mim. — Depois de o pai de Edgar ter morrido, ele tinha tanto medo de tudo. Quis criar um modelo para ele, alguém que talvez não fosse o rapaz mais forte ou corajoso do reino, mas que conseguisse, ainda assim, triunfar usando o seu cérebro. O Edgar era mais jovem na altura, tive de imaginar o seu aspeto quando crescesse e foi assim que pinteí Oliver.

— Bem, são idênticos.

— Na verdade, não — diz Jessamyn. — Edgar nunca se tornou o Oliver que eu esperava que fosse. — Ela sorri, com alguma tristeza. — Não fui muito boa a ajudar o Edgar a lidar com a sua tristeza. Não sabia como fazê-lo, mas sabia como escrever livros. Por isso, achei que o podia tentar ajudar através do que faço melhor. Mas quando isso se revelou insuficiente, parei de escrever. Em vez disso, concentrei-me em tentar ser uma mãe melhor. — Ela abana a cabeça, como se a estivesse a desanuviar, e depois dá-me uma palmadinha no ombro. — Porque é que não te instalamos lá em cima?

O quarto de hóspedes está pintado da cor do pôr do sol. Há uma pequena cómoda de madeira e uma cama de casal. Jessamyn deixa-me com uma pilha de toalhas lavadas e a promessa de vir ver como estou depois de ter descansado durante algum tempo.

É estranho não ter malas para desfazer. Sento-me na beira da cama e olho em redor do quarto. Nas paredes, há fotografias emolduradas de um rapaz que vai ficando progressivamente mais velho. Apercebo-me de que se trata de Edgar — mas dou por mim atraída para as paredes, tocando no vidro das fotografias, pensando que este seria o aspeto de Oliver aos dois anos de idade, aos quatro, a andar no seu primeiro cavalo, a aprender a nadar.

De repente, sinto saudades de Oliver. Abro a mochila e tiro o livro do interior. Ele cai aberto na página 43.

— É ela, é mesmo ela! Delilah, és impressionante, conseguiste! — Ele está tão feliz que me custa olhar para ele.

— Oliver — sussurro. — Ela não vai mudar o fim.

O rosto dele ensombra-se.

— Talvez haja uma maneira de falar com ela.

— Mesmo que ela te pudesse ouvir, não o fará. Escreveu o livro para o filho. Não vai fazer quaisquer alterações. Significa demasiado para ela, pessoalmente.

— Ela tem um filho? — pergunta Oliver. — Já o conhecestes? Talvez *ele* a possa convencer.

— Sim, já o conheci.

— Então, como é ele?

— Podia ser teu irmão gémeo — digo.

Por um instante, Oliver fica muito calado.

— Portanto, estás numa casa — resume ele —, com um tipo que se parece comigo mas que é real?

Penso no que Jessamyn disse sobre Edgar.

— Ele não és tu — afirmo simplesmente.

O que quer que Oliver tenha dito em resposta é abafado pelos sons mais estranhos oriundos do quarto ao lado do meu. Ouvem-se gritos esganiçados, assobios e estranhas sirenes.

— Então? — diz Oliver. — O que é que achas?

— Não consegui ouvir o que disseste...

Agora, para além dos sons estranhos, ouço uma voz: «*Vou apanhar-te sanguessuga estúpida!*»

— Mas que...? — Baixo o olhar para o livro, tendo o cuidado de não o fechar de repente, desta vez. — Espera aqui — digo a Oliver. Levanto-me e percorro o corredor, depois bato na porta ao lado da minha.

Ninguém responde. Não é de surpreender, quem é que conseguiria ouvir alguma coisa com toda esta barulheira? Por isso, rodo a maçaneta e espreito para o interior.

Edgar está sentado numa estranha cadeira reclinada ao nível do chão, segurando nas mãos um comando. No ecrã de computador à sua frente, um asteroide explode numa galáxia.

— Toma, Zorg! — grita Edgar, e dá um murro no ar. Letras rolam pelo ecrã:

PONTUAÇÕES

EDGAR — 349 880

EDGAR — 310 900

EDGAR — 298 700

EDGAR — 233 100

Pergunto-me se Edgar alguma vez terá jogado contra outra pessoa.

Lembro-me do que Jessamyn disse sobre o facto de ele ser solitário.

— Olá — digo. — Queres companhia?

Ele vira-se no assento.

— Quem é que te disse que eu estava aqui?

— Eu conseguia ouvir praticamente tudo através da parede...

Edgar semicerra os olhos.

— Alguma vez jogaste *Battle Zorg 2000*?

— Não posso dizer que o tenha feito, não.

Ele vasculha a secretária em busca de um segundo comando.

— Então suponho que terei de te ensinar.

Ele percorre rapidamente os ecrãs iniciais do jogo para atualizar as definições para dois jogadores em vez de um.

— Normalmente, jogo sozinho — diz casualmente. — Na verdade, sou uma espécie de lenda em termos de pontuação.

Deixo que Edgar me explique tudo sobre os Galactoides do Planeta Zugon que estão a tentar dominar a Terra.

— A nossa missão — diz — é matá-los antes que consigam colocar uma bomba de ozono com controlo mental na falha de San Andreas, para criar um campo de força de incineração que transforma em cinzas qualquer pessoa que entre em contacto com ele.

Faz-me lembrar o Pandemónio.

— Se conseguires passar pelos Galactoides — continua Edgar —, poderás entrar na Astrocâmara, onde terás de completar catorze provas para poderes enfrentar o Zorg.

— Quem é o Zorg? — pergunto.

Ele funga.

— É só o pior e maior híbrido robô-androide da galáxia de Aphelion.

Pego hesitantemente no comando e carrego num botão.

— Não! — grita ele. — Só depois de termos criado o teu avatar!

Com alguns cliques, torno-me Aurora Axis, uma geofísica de Washington DC. Sigo o avatar de Edgar através dos níveis do jogo, sendo derrubada quase de imediato por um asteroide que passa a baixa altitude.

— Bolas! — digo, furiosa comigo mesma. — Devia ter sido capaz de prever isto.

Edgar sorri.

— Requer alguma prática.

Durante três quartos de hora, lutamos contra extraterrestres, usando toda uma panóplia de armas. Matam-me mais vezes do que as que consigo contar. Por fim, quando começava a acreditar que seria impossível, eu e Edgar aliamos-nos contra uma amazona feita de raios de luz que lança radiação eletromagnética pela ponta dos dedos e conseguimos afogá-la num lago de um micrometeorito. E assim, conseguimos aceder à Astrocâmara.

— Boa! — gritamos os dois quando a porta do quarto de Edgar se abre.

— Edgar! — grita Jessamyn. — Viste... Oh! — Ela olha para mim, e depois para Edgar, e de novo para mim. — Estás aqui.

Edgar roda a cadeira.

— Ela queria aprender a jogar.

Sorrio.

— Pelos vistos, tenho um talento natural para o raio neutrino.

Jessamyn parece surpreendida — pelo meu comentário e, talvez, pelo facto de o seu filho ter feito uma amiga.

— Ainda bem! — diz ela. — Posso arranjar-vos alguma coisa? Bolachas? Leite?

— Privacidade? — sugere Edgar.

Jessamyn recua para fora do quarto e Edgar volta a levantar o comando.

— Que embaraçoso — diz ele. — Agora, onde é que nós íamos...

— Estávamos prestes a dar uma tarefa num certo Zorg — respondo.

Edgar ergue o comando e aponta-o para o ecrã, mas o computador pisca num verde néon.

— Bolas — murmura. — *Outra vez*, não.

— O que se passa?

— É este estúpido computador velho. Está sempre a bloquear. Só espero que o jogo tenha salvo... — Ele começa a carregar em botões e a reiniciar o sistema. — A minha mãe não me deixa carregar os jogos no computador dela, porque diz que ocupam demasiado espaço de memória, por isto tenho de trabalhar com este dinossauro.

— Não me parece assim tão velho...

— Isso é porque na altura em que a minha mãe ainda o usava para escrever os livros dela era topo de gama.

Mas acredita em mim, tive de instalar novas placas de vídeo e colunas neste bicho só para o tornar compatível com o Zorg 2000.

Endireito-me, alerta.

— Este costumava ser o computador da tua mãe?

— Sim, porquê?

— Sabes se os antigos ficheiros dela ainda aí estão?

— Estão — diz Edgar. — Ela não me deixa apagá-los. — Ele revira os olhos. — De cada vez que começo um jogo novo, vejo aquele conto de fadas idiota. *Entre as Linhas*. Surge logo a seguir a *Battle Zorg 2000*, alfabeticamente.

Inclino-me para a frente.

— Não gostas da história?

— Odeio-a — diz Edgar. — Como é que te sentirias se todo o mundo soubesse que a tua mãe acha que és um falhado?

— Tenho a certeza de que ela não acha...

— Ela criou aquele príncipe idiota na esperança de que eu pudesse ser mais parecido com ele.

Mas eu não vou apanhar nenhum dragão e convencê-lo a fazer uma limpeza aos dentes. Contos de fadas não fazem bem o meu género.

— Eu vim até aqui porque a tua mãe escreveu esse livro — digo a Edgar. Inspirando fundo, digo de rompante — Posso perguntar-te uma coisa que talvez pareça um pouco estranha?

— Está bem.

— Quando jogas *Battle Zorg 2000*, não te parece, por vezes, que fazes parte dele?

Edgar acena com a cabeça.

— Bem, claro. De outra maneira, não conseguiria obter pontuações tão elevadas.

— Não... quer dizer, alguma vez desejaste estar *dentro* do jogo?

Inicialmente, sinto algum receio de o olhar nos olhos, mas quando o faço, vejo-o a fitar-me intensamente.

— Por vezes — diz, baixinho —, é como se conseguisse ouvir os comandantes a falar comigo, a dizer o que devo fazer a seguir.

Pouso a mão no braço dele.

— Edgar, posso mostrar-te uma coisa?

Corro para o quarto do lado e trepo para cima da cama de hóspedes. O livro continua aberto na página 43 e Oliver está deitado de costas a rressonar.

— Oliver — sussurro, inclinando-me para perto da lombada e, depois, grito — *Acorda!*



Ele sobressalta-se, batendo com a cabeça num ramo baixo que se projeta do penhasco. Esfregando a cabeça, estremece e ergue os olhos para mim.

— Só para que fique claro, quando dizes que voltas já, queres dizer algures este milénio?

— Distraí-me. Mas ouve, Oliver, há alguém que quero que conheças. — Agarro no livro e levo-o para o quarto de Edgar.

— O quê? Achas mesmo que isto é uma boa ideia? Nunca ninguém me vê e só conseguirás parecer ainda mais louca.

— Obrigada — digo num tom sarcástico. Viro a esquina e entro de novo no quarto de Edgar. — Tenho um pressentimento em relação a isto.

— Em relação a quê? — pergunta Edgar.

Pouso o livro na secretária.

— Não estava a falar contigo — explico. — Estava a falar com ele. — Aponto para Oliver, que sorri.

Edgar olha de relance para o livro e depois para mim.

— A sério? Tu achas que o conto de fadas da minha mãe está a falar contigo?

— Espera um segundo — peço. — Nunca ninguém o ouve falar, mas isso é porque nunca ninguém presta atenção suficiente. Mas tendo em conta o que me disseste sobre o jogo, acho que contigo poderá ser diferente. Por favor? Podes tentar?

— Ele não é muito atraente — diz Oliver, irritado.

— Oliver, ele é idêntico a ti — murmuro.

Edgar cruza os braços.

— Olha, rapazinho, a minha mãe desenhou-te baseado em *mim*...

Arquejo.

— Tu ouviste-o? Tu ouviste o Oliver a falar?

Os olhos de Edgar arregalam-se muito e ele afasta-se do livro, como se não quisesse aproximar-se demasiado. Bate na cabeça de lado com a palma da mão, como quem tenta tirar água dos ouvidos.

— Não, não, não, não, *não* — diz ele, num murmúrio. — Isto não aconteceu.

— *Aconteceu* — digo, agarrando-o pelo braço. — Eu sei que parece louco e impossível, mas tens de acreditar em mim... é real. *Ele* é real. E eu prometi que o ajudava a sair deste livro.

É fantástico. Se não sou a única pessoa capaz de ouvir Oliver, então há mais alguém neste mundo capaz de me ajudar a salvá-lo. E, no entanto, sinto um pequeníssimo aperto no peito, ao pensar que, se não sou a única pessoa capaz de ouvir Oliver, a ligação que nos une torna-se um pouco menos especial.

— O que é *aquilo*? — Os olhos de Oliver brilham. Sigo o seu olhar do limite da página até ao ecrã de computador, que reiniciou e mostra um gigantesco exército de extraterrestres a atacar a Terra.

— *Battle Zorg 2000* — respondo. — É um jogo de computador.

— Como é que todas essas pessoas pequeninas entraram na caixa?

Não é a melhor altura para dar a Oliver umas aulas de eletrónica.

— Explico mais tarde. Tudo o que precisas de saber é que essa pequena caixa é a máquina que Jessamyn Jacobs usou quando escreveu *Entre as Linhas*. A história original ainda lá está.

— E então? — Edgar e Oliver falam ao mesmo tempo e, depois, olham um para o outro.

— Oliver, *tu* não consegues mudar o final do livro. E Jessamyn Jacobs pode não estar *disposta* a mudar o final do livro. — Espero que o seu olhar se cruze com o meu. — Mas eu vou tentar.





PÁGINA 52

Na masmorra sob a Torre Timble, com ratos a correr por cima das suas botas e morcegos a guinchar junto ao seu rosto no escuro, Oliver pensou que aquela era uma maneira francamente ignóbil de terminar a história da sua vida.

Ou seja: revelar-se incapaz de salvar a sua potencial noiva.

Sentiu pena de Seraphima, mas sentiu ainda mais pena de si mesmo.

Não voltaria a montar *Socks* e a cavalgar a toda a velocidade através de um prado.

Não voltaria a lançar um pau para que *Frump* o apanhasse.

Jamais governaria um reino.

Nunca mais voltaria a sentir a chuva no rosto.

Jamais beijaria o seu amor verdadeiro.

Vê o lado positivo, Oliver, repreendeu-se a si mesmo. Nunca teria de se preocupar com o facto de estar a ficar careca. Nunca mais teria de suportar uma refeição de fígado e cebolas. Nunca apanharia varicela.

Não teria de sentir aquela comichão horrível nas costas que não conseguia coçar porque tinha as mãos amarradas.

Frustrado, tentou erguer as mãos até ao sítio onde sentia comichão, mas tudo o que conseguiu foi desalinhar a sua túnica.

Ouviu o som de algo a cair no chão de pedra.

À luz fraca, Oliver semicerrou os olhos. O dente de tubarão que as sereias lhe tinham dado. Guardara-o no bolso como um amuleto de boa sorte. Afinal de contas, não era algo que tivesse grande utilidade, a não ser para um tubarão a precisar de uma dentadura.

Ou, talvez, para alguém que estivesse amarrado na masmorra de uma torre.

Caindo de joelhos, Oliver procurou o dente e rebolou para cima dele. Com pequenos e cuidadosos movimentos, começou a cortar as cordas que o prendiam. Parecia-lhe que ia demorar uma eternidade, e Seraphima não tinha uma eternidade. A qualquer minuto,

Rapscullio ia fazer dela a sua própria noiva.

Oliver sentiu que algo lhe trepava pela bota e depois pela perna. Um dos ratos. O roedor, ouvindo movimento, decidira entrar em ação. Impressionado, Oliver manteve-se imóvel enquanto o rato roía a corda o suficiente para que pudesse usar a sua própria força para se libertar.

A torre era demasiado antiga para ter celas formais, por isso Oliver só teve de se içar do poço húmido e fétido para onde fora lançado. Em silêncio, subiu as escadas de pedra circulares, mantendo-se atento ao som da voz de Rapscullio. Quando chegou à sala da torre e espreitou para o seu interior, contudo, esta estava vazia.

Ou foi o que pensou, até alguém o atacar pelas costas e começar a bater-lhe em redor das orelhas.

Numa nuvem de tule e tafetá, atirou Seraphima ao chão, prendendo-a pelos pulsos.

— Não és o Rapscullio! — arquejou ela.

Oliver sorriu.

— Dececionada, é?

Seraphima abanou a cabeça e sorriu. Ela era bela quando sorria. Por outro lado, pensou Oliver, ela também era bela quando não sorria.

— Eu sabia que virias salvar-me — disse ela.

Oliver fitou-a, subitamente convencido de que poderia matar uma centena de homens, se necessário. Seria isso tudo o que era preciso para se ser corajoso? Saber que há alguém que acredita em nós?

— Tenho um plano — sussurrou Oliver, ajudando-a a levantar-se. — Mas preciso do teu vestido para que funcione.

OLIVER

Não tenho a certeza se estou de acordo com Delilah.

Para começar, mesmo que ela consiga reescrever a história, isso não significa que o conto de fadas não se corrija a si mesmo, como já fez uma centena de vezes antes.

Segundo, sinto-me algo desconfortável a ver Delilah sentada em frente a essa caixa a que chamam computador em busca da história entre o seu conteúdo. É como vasculhar a mente de alguém. Como roubar.

– Acho que é má ideia – digo em voz alta.

Delilah suspira.

– Então diz-me, Oliver: o que devemos fazer? Já tentámos tudo o resto.

– Pensei que nos tinhas dito que a própria autora afirmou que não podias mudar a história depois de esta ter sido contada...

– Razão pela qual isto faz sentido – diz Delilah. – Seremos os únicos com esta versão editada.

Sinto Edgar a fitar-me intensamente. De quando em vez, espeta um dedo ao lado da minha cara, dobrando o meu mundo, continuando a ter dificuldade em acreditar no que está mesmo à frente dos seus olhos.

– *Viste aquilo?* – diz. – *Ele mexeu-se, certo?*

Delilah roda na cadeira e, de súbito, fica fora da minha linha de visão.

– Não te consigo ver – grito, e ela vira-se, exasperada.

– Edgar, podes levantar o livro? – pergunta.

Agarro-me à parede rochosa, enquanto Edgar me inclina de lado, espetando a ponta de um *h* inclinado nas minhas costas antes de me endireitar outra vez.

– Podemos ser mais despachados? – pergunta ele. – Por acaso, até gostava de voltar para o meu jogo.

Sei que Delilah também tem um computador – já antes a ouvi referir esta palavra e já ouvi o ténue clicar das suas mãos a fazerem algo relacionado com os computadores, mas nunca *vi*, realmente, o instrumento. Há uma janela enorme onde flutuam imagens e está presa por uma espécie de cordão umbilical a algo que parece um livro aberto, com as letras organizadas em filas ordenadas numa língua estranha que não consigo ler.

As mãos de Delilah movem-se sobre o estranho livro e surgem letras na janela, como que por magia.

– Isso é impressionante! – grito. – Tenho de contar isto ao Orville!

Delilah não me ouve.

– O ficheiro não abre. Está protegido por uma palavra-passe. Tem cinco letras.

– E-D-G-A-R – sugiro.

Delilah escreve a palavra e toca noutra tecla. Ouve-se um bipe agudo, mas nada muda na grande janela à sua frente.

– Consegues pensar em mais alguma coisa? – pergunta a Edgar. – Tinham algum animal de estimação?

– Sou alérgico a tudo à exceção de ratos carecas...

– Então e o nome do teu pai? – sugere Delilah.

Edgar olha para o chão.

– Isaac.

Observo as mãos de Delilah: I-S-A-A-C. Mais uma vez, ouço o mesmo bipe agudo. Delilah bate com o punho na mesa do computador.

– Nem acredito que estamos tão perto – murmura. – Consegues pensar em mais alguma palavra-passe, Edgar?

Ele dá algumas sugestões: o nome da rua onde a mãe nasceu, o nome do animal de estimação da mãe quando era criança, o título do primeiro romance que publicou. Mas nada funciona. A cada tentativa falhada, sinto-me mais pesado, como se estivesse a tornar-me, fisicamente, parte do material do livro.

Depois de meia hora infrutífera, Delilah levanta-se da cadeira e ajoelha-se no chão, para que eu a consiga ver melhor.

– Lamento, Oliver – sussurra, a voz carregada de desilusão. – Eu tentei.

Ela estende a mão para mim, um eclipse de cinco dedos, e eu levanto a mão para a dela. Mas não é a mesma coisa do que quando ela estava dentro do livro, comigo. Entre a nossa pele, uma vez mais, está uma finíssima camada de papel.

Orville disse-me certa vez que as pessoas nunca se tocam realmente. Isso acontece porque não passamos de um conjunto de átomos minúsculos rodeados por uma força eletromagnética. Mesmo quando damos as mãos, não damos as mãos. A única coisa que se toca são os eletrões presos entre nós.

Na altura não fez qualquer sentido para mim; era apenas o palavreado científico de Orville. Mas agora... bem, agora compreendo perfeitamente.

– E é tudo? – Edgar interrompe os meus pensamentos. – Limitamo-nos a desistir?

– Provavelmente, não passava de uma ideia idiota – murmura Delilah.

– Então e ele? – Edgar espeta um polegar na minha direção. – Todos merecemos um final feliz. – Ele abana a cabeça. – Pareço mesmo a minha mãe. Ela costumava dizer-me isso todas as noites antes de me deitar.

Delilah vira-se lentamente, contando pelos dedos. Desliza de novo para a cadeira e as suas mãos voam pelas letras em frente ao computador.

– Todos – repete, e introduz a letra *T*. – Merecemos. – M. – Um Final Feliz – U-F-F.

E de repente a janela do computador enche-se com centenas de palavras – palavras que já vivi mil vezes, todos os dias da minha vida.

Delilah avança para o final do texto e começa a falar. Antes que eu perceba o que ela está a fazer, Edgar folheia as páginas do livro, em busca da parte que ela está a ler em voz alta.

Aos reboleões, sou atirado contra as margens. Uma fada choca contra mim tão depressa que nem a consigo reconhecer; quando julgo ter um vislumbre do seu cabelo prateado, fico sem fôlego, pois Trogg, o *troll*, rebola contra mim como uma bala de canhão e acerta-me no peito.

– Aos vossos lugares! – grita *Frumpp*, e a rainha Maureen passa por mim a flutuar, a armação do vestido funciona como uma vela enquanto aceleramos através de uma dezena de páginas até à cena final.



A areia está quente sob as minhas botas. Seraphima está envolta em seda, renda e arrogância deliciada, agarrando-me a mão. Pela primeira vez, não está a olhar para mim. Com uma expressão de desejo, o seu olhar segue *Frumpp* enquanto este percorre a praia com a aliança presa à sua coleira. *Socks* espera e relincha ao longe, com latas presas à sua sela e uma grande faixa onde se pode ler CASADOS DE FRESCO a flutuar atrás dos seus cascos.

A voz de Delilah narra, como se falasse por um altifalante e, como um fantoche, faço o que me dizem.

— *Na Praia da Eternidade, até onde a vista alcançava, todo o reino se reunira para testemunhar o casamento do príncipe Oliver e da princesa Seraphima. O capitão Crabbe e os seus marinheiros tinham iluminado a praia com tochas alimentadas a gás e acendidas pela suave chama da respiração de Pyro. As sereias construíram um corredor comprido de conchas cor-de-rosa; os trolls erigiram um coreto com ramos de salgueiro retorcidos, que Orville decorou com flores mágicas que brilhavam a partir do interior e que cantavam enquanto a noiva se aproximava. As fadas seguravam a cauda prateada do vestido de Seraphima, enquanto esta fitava o homem com quem queria ficar para sempre.*

Sinto-as a borbulhar dentro de mim, as mesmas palavras que repeti tantas vezes antes.

— Seraphima — digo, a minha voz um eco da de Delilah —, todos merecemos um final feliz. Queres ser o meu?

Ouvindo a frase, pergunto-me porque é que eu não me lembrei dela como palavra-passe.

— Oh, Oliver — responde Seraphima. — Tens mesmo de perguntar?

Talvez seja o único a reparar no ligeiro tremor na sua voz. Será que, finalmente, ela percebeu que somos mais do que uma mera história?

Esta é a parte onde ela se lança para os meus braços e me enche de baba. Tenho a sensação de que, quiçá pela primeira vez, nenhum de nós quer representar o papel que tem de representar. Fecho os olhos e endireito as costas, preparando-me para o que está para vir, mas o que sinto é um sacão magnético no meu pé, que me faz recuar, como se eu não tivesse outra escolha senão dar um passo para longe de Seraphima.

— *Oliver* — diz Delilah em voz alta, ao mesmo tempo que escreve —, *afasta-se subitamente da sua futura noiva.* — Ela olha de relance para mim, por cima do ombro. — Que tal? — pergunta.

A minha boca enche-se com os limites afiados das palavras que me picam a língua e me obrigam a cuspi-las.

— Não posso casar contigo — digo, ouvindo Delilah a pronunciar a frase ao mesmo tempo. — Vou partir para começar a minha própria história, num mundo diferente, com Delilah Eve McPhee.

Seraphima pestaneja, os seus olhos arregalados. Parece esperançosa e assustada e confusa, mas sabe que não pode pôr em causa o guião, quando o livro está aberto e está envolvido um Leitor. Consigo ver, pelo canto do olho, que todas as personagens se movem desconfortavelmente. Afinal de contas, este não é o conto de fadas que conhecem.

Sinto um formigueiro na mão direita. Primeiro, penso que Seraphima conseguiu, com sucesso, cortar-me a circulação, mas depois apercebo-me de que a minha mão começa a desaparecer, tremeluzindo como uma chama, até de repente, desaparecer.

— O teu braço! — arqueja Seraphima, quebrando as regras. Ou é o que penso, até me aperceber de que Delilah também falou. Olho de relance para fora do livro e vejo um pulso e uma mão sem corpo a flutuar no espaço, entre Edgar e Delilah.

— Acho que está a resultar — sussurra Edgar.

Sinto-me tonto e tenho alguma dificuldade em respirar. Quando baixo o olhar, vejo que o tecido da minha túnica tremeluz e, de súbito, começa a desmanchar-se e a desaparecer

perante os meus olhos.

– Oliver – diz Delilah –, a tua túnica. Está a tecer-se à nossa frente!

O meu coração bate com tanta força que tenho a certeza de que, na praia, todos o conseguem ouvir, e talvez Delilah e Edgar também o consigam. Poderá isto resultar de facto? Poderei estar assim tão perto da liberdade?

Olho para *Frump*, que me fita com uma mistura de traição e medo no seu pequeno focinho peludo. Não posso falar com ele – não me foram dadas as palavras – mas movo os lábios silenciosamente, enviando-lhe uma mensagem. *Adeus, amigo*. Fecho os olhos e torço pelo melhor.

– Edgar? – Uma voz estranha flutua sobre a praia. – O que é que vocês os dois estão a ler?

O meu mundo inclina-se e volta a endireitar-se. Delilah agarrou no livro e colocou-o em frente ao ecrã de computador. Continuo a ser capaz de olhar para o quarto, mas a partir de um ângulo diferente. Edgar deu um passo em frente, de modo a esconder com o seu próprio corpo os membros fantasmagóricos e translúcidos que se voltam a unir – de tal maneira que, quando Jessamyn Jacobs entra, não consegue ver o que está a acontecer.

– Aquele velho conto de fadas – diz Edgar, a sua voz demasiado alta. Como é que ela não percebe que ele está a mentir? – Esqueci-me de como acaba.

– Viveram felizes para sempre, claro – diz Jessamyn.

– Certo. – Delilah sorri alegremente. – Claro.

De súbito sinto o sangue a correr de novo para o meu peito e o meu braço. É como se estivesse a arder, como se estivesse prestes a rebentar a minha pele. Gemendo, caio de joelhos na areia, vergado pela dor.

– Só vim desejar boa noite. Delilah, precisas de alguma coisa?

– Estou ótima... – Ela sorri. – Obrigada. Por tudo.

Embora esteja agora de joelhos, sinto-me a ser arrastado para mais perto de Seraphima. Puxado para cima, por uma perversa e inversa força antigravidade. A minha mão choca com a dela, cola-se-lhe num aperto forte.

Sei o que está a acontecer. Tal como todas as outras tentativas de me libertar do livro, também esta falhou. A história ganha sempre.

Jessamyn aproxima-se, outra Leitora. Vejo-a espreitar para a página.

– Costumava adorar esta última cena...

Edgar agarra no livro, fazendo a minha cabeça andar à roda.

– Como queiras – diz, e fecha o livro com força, de tal modo que caio ao chão.

Ergue-se um burburinho imediato, com as restantes personagens a debater o estranho incidente que acabou de se desenrolar à frente dos seus olhos. Seraphima começa a chorar, tapa o rosto com as mãos e corre pela praia. Orville apressa-se para junto de mim, tateando o meu braço.

– Meu rapaz – diz –, que tipo de magia negra foi essa?

– Estou ótimo – digo-lhe e, depois, dirijo-me a todos os presentes. – Foi só um acidente bizarro ou algo assim. Já voltou tudo ao normal.

Perante as minhas palavras reconfortantes, o pequeno grupo começa a separar-se, continuando a falar sobre o que acabaram de testemunhar. Só *Frump* permanece sentado ao meu lado.

– Ollie – diz –, já somos amigos há demasiado tempo para me mentires.

Raspo a bota na areia. Foi assim que tudo isto começou, com um tabuleiro de xadrez que desenhámos entre nós.

– Quero sair, *Frump* – admito. – Não pertenço aqui, tal como tu não pertences ao corpo de um cão.

– Mas não nos cabe a nós decidir – diz *Frump*.

– Porque é que eu sou o único a ter um final feliz? – digo. – Isso nunca te pareceu errado?

– Acho que sempre presumi que tinhas sorte.

– Todos podíamos ter sorte – digo. – Todos poderíamos ser quem queremos ser, em vez de sermos o que outra pessoa nos disse para sermos.

Frump abana a cabeça.

– Estás a inventar coisas, Ollie.

– Não foi assim que fomos criados? – digo, suavemente.

Os olhos de *Frump* iluminam-se enquanto imagina a possibilidade de um futuro diferente do esperado. E depois recorda-se do que me aconteceu há poucos minutos.

– Estavas a tentar partir – afirma lentamente, compreendendo.

– Sim. Não posso ficar aqui.

Frump endireita-se um pouco mais.

– Então irei contigo.

Aceno para longe com o queixo, para o local onde Seraphima se encontra sentada numa pedra, perto do limite do mar, continuando a limpar delicadamente as lágrimas.

– Não é isso que queres realmente, pois não? – Dirijo-lhe um sorriso fraco. – Se eu sair daqui, tens a minha palavra: farei tudo o que puder para que voltes a ter forma humana.

Ele coça-se atrás da orelha, perdido em pensamentos.

– Ollie? Posso pedir-te outra coisa? Se conseguires sair daqui... podias fazê-la... reparar... em mim?

– Acho que ela já reparou – digo, dando-lhe uma leve cotovelada. – Vai até lá.

Ele percorre a praia até à rocha onde Seraphima está sentada. Distraidamente, a princesa começa a fazer-lhe festas na cabeça. *Frump* olha de relance para mim, apenas uma vez, com a cauda a abanar.

Ergo o braço direito, um aceno de despedida. O meu braço direito, que está onde sempre estive e onde sempre estará – desenhado como parte do meu corpo, numa página de onde poderei nunca escapar.

DELILAH

Mal a mãe dele sai, Edgar vira-se para mim.

— Isto — diz, de olhos arregalados — é *muito louco*!

Sento-me imediatamente à frente do computador, escrevendo furiosamente NOVO FIM no conto de fadas alterado que permitirá a Oliver sair da história — mas o cursor salta para a linha de cima e começa a apagar as palavras que já escrevemos. A palavra NOVO é a última a desaparecer, deixando o FIM tal como sempre foi.

— Não — arquejo, e viro-me para confirmar as minhas suspeitas: o corpo de Oliver, que começara a aparecer gradualmente diante dos nossos olhos, desapareceu.

— Para onde é que ele foi? — pergunta Edgar, procurando debaixo da cama e no roupeiro.

Não percebo porque é que não consigo fazer aquelas pequenas alterações no computador. Talvez se trate de uma estranha *firewall* que a autora instalou para proteger o ficheiro; talvez seja apenas um vírus maluco. Mas trata-se de uma manifestação física do que me disse Jessamyn Jacobs: esta história em especial vive na mente dos seus leitores. Não pode ser alterada, porque já existe na sua forma original.

É exatamente como da vez em que Oliver tentou reescrever o final do livro a partir do seu interior, tal como da vez em que me invocou para as suas páginas. Se algo não fizer parte da versão original da história, a alteração não se mantém. Uma vez criada a história, é como se tivesse sido gravada em pedra. Tem um princípio, um meio e um fim que não podem ser transformados, porque, por definição, se isso acontecer, deixa de ser a mesma história.

— Já aconteceu antes — explico a Edgar. — É como se a história tivesse vontade própria.

Ele pensa por um momento.

— Achas que és uma boa escritora?

— Porquê?

— Porque tenho uma ideia. — Ele senta-se na cama, pousa a mão sobre a capa do livro. — Não

podemos mudar uma história uma vez contada. Mas e se criássemos uma nova história?

— Não compreendo.

Edgar inclina-se para a frente, entusiasmado.

— Neste momento, o Oliver é o único que quer alterar o enredo. Imagina se todas as personagens do livro recebessem uma nova peça. Se *todas* aceitassem, talvez a história aceitasse a alteração.

Agarro no livro e abro-o na página 43. Oliver, de rosto pálido e exausto, fita-me da parede rochosa.

— Estás bem? — sussurro.

— Estou como sempre estive — murmura. — O problema é esse.

— O Edgar tem uma ideia. — Explico o conceito a Oliver.

— Não percebo onde está a diferença — diz ele, quando eu termino. — Continuo a ser uma personagem da história.

— Mas no final da nova história, tu partes — digo-lhe —, e todas as personagens estão à espera que isso aconteça.

Oliver suspira.

— Nesta altura, acho que já estou disposto a tentar qualquer coisa.

Sento-me em frente ao computador, porque sou mais rápida a escrever. Olho para Edgar.

— Então — digo. — Como é que começa?

Ficamos todos em silêncio. Afinal, é muito mais difícil do que tínhamos imaginado criar algo a partir do nada.

— Que tal a história de um cão que conhece um gato e se apaixona por ele, embora as famílias sejam contra? — sugere Oliver.

— Muito bem, Romeu — respondo. — Gostavas de sair do livro como um caniche ou um *pit bull*?

Oliver abana a cabeça.

— Não, já sei. — Os olhos de Edgar cintilam. — É uma noite escura e tempestuosa, e há um assassino *zombie* à solta...

— És *mesmo* filho da tua mãe — murmuro.

Edgar encolhe os ombros.

— Bem, não *te* vejo a sugerir nada.

E depois, de repente, ocorre-me.

— Há um príncipe — digo. — E ele está preso num conto de fadas. Até que uma rapariga no exterior o consegue ouvir.

Inclinando-me sobre o livro, começo a escrever.



PÁGINA 58

Os passos de Rapscullio trovejavam nos degraus de pedra da torre. Ao penetrar na divisão, uma rajada de vento soprou pela grande janela em arco. Ao seu lado, erguia-se Seraphima, de costas viradas para ele, fitando o oceano em baixo.

— A noiva pensativa — disse secamente Rapscullio, aproximando-se. — Se estiveres a pensar em saltar... não o faças.

Ela não respondeu, continuando a fitar as ondas que se esmagavam contra as rochas.

Rapscullio pousou as mãos sobre os ombros dela, apertando-os. Ela estremeceu. A respiração dele tocava-lhe no pescoço.

— *Irás* aprender a amar-me — ordenou ele.

Seraphima virou-se nos braços de Rapscullio. Este ergueu o véu que lhe escondia as feições.

Mas não foi o rosto dela que encontrou.

— Não contes com isso — disse Oliver e mergulhou de cabeça contra a barriga de Rapscullio, fazendo-o andar para trás.

O vilão desembainhou a espada.

— O que é que lhe fizeste?

— Ela está em segurança — disse Oliver. — E é minha.

— É aí que te enganas, Alteza. Isto não passa de uma vingança e já tardava em chegar.

Oliver fitou as profundas cicatrizes no rosto de Rapscullio. Nunca vira aquele homem antes; como era possível que Rapscullio tivesse algo contra ele?

— Não vou permitir que leves a tua avante — diz Oliver.

Os lábios de Rapscullio contorceram-se num sorriso trocista.

— Ora, foi precisamente isso que disse Maurice, imediatamente antes de eu lançar o dragão atrás dele. Tal pai, tal filho.

Oliver recuou um passo.

— Tu... tu conhecias o meu pai?

— Correção — disse Rapsclullo. — Eu *matei* o teu pai.

De súbito a visão de Oliver tingiu-se de vermelho. Não conseguia pensar, apenas sentir. Compreendeu, num instante cristalino, que a coragem não era algo que se oferecesse à nascença e que não era falta de medo. Ter coragem é vencer o medo, porque aqueles que amamos são mais importantes.

Oliver avançou, movendo-se a adrenalina pura, e atirou-se contra o vilão.

As saias do vestido de Seraphima eram, de súbito, um empecilho à sua velocidade e agilidade; o que parecia um plano fantástico para encurralar Rapsclullo, de súbito já não era tão esplêndido. Rapsclullo agitou a espada, cortando através das camadas de tule e mordendo o ombro de Oliver.

— O teu pai roubou-me aquela que eu mais amava neste mundo — arquejou. — Por isso, agora, vou devolver o favor.

Oliver evitou o golpe seguinte. A espada bateu na parede lançando fagulhas pelo ar. Rebolou, emaranhando-se nas roupagens estranhas e depois pregou uma rasteira a Rapsclullo que bateu com o rosto no chão de pedra. Rapsclullo agarrou a bota de Oliver e puxou-o para baixo.

Oliver enrolou o véu no pulso de Rapsclullo, tentando puxar o braço da espada para trás, de modo a fazê-lo largar a arma. Mas num confronto de força pura, Rapsclullo levava vantagem. Bateu com o cotovelo de Oliver no chão, obrigando-o a soltá-lo.

De novo livre, Rapsclullo atacou Oliver, atingindo-o no rosto e no peito. Oliver rolou para fora do caminho, aturdido e tonto, e ergueu-se cambaleante. Foi uma pausa suficientemente longa para que Rapsclullo saltasse e apontasse a espada ao pescoço do príncipe.

— Então, rapaz — disse, rindo. — E agora?

Oliver deu um pequeníssimo passo para trás. A espada golpeou-lhe o pescoço, fazendo-o sangrar. Rapsclullo forçou Oliver a dar mais um passo, e outro, aproximando-se da parede. Em breve, Oliver não teria mais para onde ir.

Promete-me que não vais lutar, dissera-lhe a mãe. *Contra nada nem ninguém*.

Uma coisa era levar a melhor sobre um dragão ou enganar um *troll*, negociar com um capitão pirata ou chegar a um acordo com sereias... mas como poderia ganhar um combate, se nem sequer tinha uma espada.

Rapsclullo puxou a espada atrás, os olhos loucos.

— Adeus, príncipe Oliver. — Lançou-se de novo em frente, determinado a mergulhar a

espada no coração de Oliver.

Chamem-lhe instinto de cobarde, chamem-lhe brilhantismo, chamem-lhe o que quiserem: Oliver baixou-se.

Sem corpo algum onde mergulhar a espada e com uma janela aberta à sua frente, Rapscllío tombou, tentando por um momento recuperar o equilíbrio no granito escorregadio do parapeito, antes de cair.

Oliver caiu de joelhos, arquejando. Mas antes que pudesse sentir qualquer alívio, sentiu um puxão na saia do vestido de casamento de Seraphima e apercebeu-se de que a última coisa que Rapscllío agarrara fora a sua roupa. Oliver deu por si também a cair pela janela, mergulhando quase vinte metros para as rochas afiadas em baixo.

OLIVER

Dói-me o braço. Enquanto Delilah escreve a história ao computador, também eu escrevo toda a história à mão, na parede rochosa, com um pedaço de carvão, decorando-a. Não que seja muito difícil. Afinal de contas, tenho-a estado a viver.

Quando por fim terminamos, Delilah inclina-se sobre a página.

— Boa sorte — sussurra. — Vemo-nos do lado de fora.

Já falámos sobre isto e sei que estou por minha conta nesta parte: ela tem de parar de ler o livro e de o fechar, para que eu possa reunir todas as personagens e contar-lhes a nova história. Vejo o céu crescer e escurecer, quando Delilah fecha o livro. Respiro fundo e percorro com um dedo as frases que rabisquei na rocha.

Desço da parede rochosa da página 43 e começo a saltar os fossos entre os limites das páginas atravessando a Floresta Encantada e o prado dos unicórnios. Encontrarei *Frump* e pedir-lhe-ei ajuda. Ele é o único capaz de reunir as massas tão depressa quanto preciso e sei que posso contar com o seu apoio.

Mas primeiro, há mais uma pessoa que preciso de ver. Encontro a rainha Maureen no jardim das rosas, atrás do castelo, podando os seus amados arbustos. Durante um logo momento, deixo-me ficar afastado, observando o modo como ela ergue gentilmente a pesada cabeça de uma rosa e lhe afaga as pétalas. Ela nunca foi realmente a minha mãe, mas foi o mais próximo que tive de uma e vou sentir falta dessa ternura que lhe é tão intuitiva.

Inspirando fundo — é agora ou nunca —, tiro a camisa de dentro das calças, deixo-a pendurada sob a minha túnica, despenteio-me. Depois cambaleio até entrar no campo de visão da rainha.

— Oliver? — diz ela. — O que te aconteceu?

Deixo-me cair à sua frente, fingindo estar sem fôlego.

— A Criadora — arquejo. — Aquela que fez o nosso mundo? Ela invocou-me.

Os olhos dela arregalam-se.

— Ela invocou-te?

— Sim.



— Meu Deus.

— Eu sei.

Ela hesita.

— Foi por isso que começaste a desaparecer na praia?

— Exatamente — digo. — Ela enviou-me de volta com uma mensagem para todos os habitantes do reino. Aparentemente, a história que temos estado a viver não é a história *real*. É apenas parte de uma maior.

— Não sei se compreendo — diz a rainha Maureen.

— Tenho de partir — digo-lhe.

— Mas acabaste de chegar!

— Não... quer dizer, tenho de partir do *livro*. É assim o final na história maior.

Ela pensa sobre aquilo.

— Mas vais voltar, sempre que o livro for aberto?

Deus, espero que não. Será que Delilah *pensou* sequer nisso?

— É complicado, vou explicar a toda a gente, na praia. O *Frump* vai reunir todas as personagens.

— Então porque é que vieste falar comigo em privado?

— Porque — confesso — és uma das pessoas das quais sentirei mais falta.

Os olhos dela brilham com as lágrimas e abre os braços, para que eu possa avançar para o seu abraço. Aperto-a com força, tendo dificuldade em imaginar que esta será a última vez que o farei.

A rainha Maureen recua um pouco e olha-me nos olhos.

— Se alguma vez tivesse tido um filho de verdade, Oliver — diz ela —, teria desejado que fosse tal como tu.

Enquanto avançamos para a Praia da Eternidade, outros juntam-se nós, respondendo ao chamamento de *Frump*: as fadas esvoaçantes, que zumbem aos meus ouvidos e encham a minha cabeça de perguntas; os *trolls*, tropeçando a cada passo. Rapscurllio emerge do seu covil com um bordado na mão; Seraphima surge de roupão e chinelos.

As últimas a chegar são as sereias, que nadam até à costa e ficam deitadas nos baixios, o cabelo a flutuar atrás delas como capas coloridas.

— Porquê a pressa, *Frump*? — pergunta Marina.

Ao lado dos marinheiros, *Pyro* lança anéis de fumo que Orville afasta do rosto com a mão.

— Senhoras e senhores — anuncia *Frump*. — E criaturas míticas. Chamei-vos a todos aqui a pedido do príncipe Oliver, que tem um anúncio muito importante a fazer. — Ele abana a

cauda, passando-me a palavra. — Boa sorte, Ollie — diz baixinho, apenas para os meus ouvidos.

Levanto-me, subitamente nervoso.

— Talvez estejam todos um pouco confusos com o que aconteceu da última vez que o livro foi aberto — começo.

— Começaste a desaparecer! — diz o capitão Crabbe. — Todos reparámos!

— Sim, bem, também foi uma espécie de surpresa para mim — minto. — Estava a ser puxado para o Outro Mundo.

Um arquejo coletivo ergue-se por entre a multidão.

— Queres dizer — começa Sparks — a *audiência*?

— Ainda mais importante — respondo. — O Criador. A pessoa que sonhou o mundo em que vivemos.

— É um homem ou uma mulher? — pergunta Ondine.

— Uma mulher — respondo.

Ela sorri para as irmãs.

— Bem vos disse.

— É bela? Aposto que é bela — diz Ember com um suspiro.

Penso em Jessamyn Jacobs.

— Não reparei, para dizer a verdade. Estava demasiado ocupado a decorar o novo guião.

— Faço uma pausa para efeito dramático. — Aquele que devo partilhar convosco.

— Não compreendo — murmura Biggle. — Temos de memorizar novas falas?

— Bem, só algumas. — Olho para a multidão. — Ao que parece, toda a nossa história tem sido uma parte de uma história maior. A história *real* sobre um príncipe num conto de fadas...

— És tu! — arqueja Seraphima.

Forço um sorriso.

— Adivinhaste! Como estava a dizer: um príncipe num conto de fadas que está a tentar escapar.

— Do reino? — diz Scuttle, coçando a cabeça. — Não tenho a certeza de estar a perceber...

— Não, do livro. Para o Outro Mundo.

— Mas isso é impossível — insiste Orville. — *Este* foi o único mundo que nos foi dado.

— No entanto todos concordámos que alguém, algures, vivia num lugar e num tempo completamente diferentes quando escreveu este mundo para que o habitássemos, certo? — digo. — Afinal de contas, nunca a conhecemos e, no entanto, estamos todos aqui. Isso prova que *sempre* existiu um segundo mundo. O mundo onde se encontram todos aqueles que leem o livro, enquanto estão a ler.

Observo a multidão enquanto esta processa a minha teoria. *Frump*, avaliando as suas reações, interrompe o silêncio incómodo.

— Eu digo que deixemos o Oliver contar a nova história!

Os outros acenam. Mesmo aqueles que ainda se sentem relutantes em acreditar que não sabiam toda a verdade são atraídos pelo poder das palavras, pelo pensamento de que há uma nova história para ser contada.

— Aprovo a moção — diz a rainha Maureen.

Com os olhos de todos fixos em mim, esperando para conhecer o seu futuro, começo a falar.

— Só para que saibam, quando dizem «Era uma vez»... estão a mentir. Não era uma vez. Nem sequer são duas vezes. São centenas de vezes, uma e outra vez. Sempre que alguém abre as páginas deste livro velho e poeirento.

Quando termino, o silêncio é absoluto.

E depois, todos começam a bater palmas.

— Bravo! — uiva *Frump*. — Bravo!

Até as sereias estão um pouco chorosas.

— Parece que afinal nem *todos* os homens são lulas — murmura Kyrie.

Seraphima baixa os olhos para a areia entre os seus pés, confusa.

— Então durante todo este tempo, estive a apaixonar-me por *Frump*?

Aceno.

— Mas tinhas demasiado medo de o mostrar, porque não querias magoar os sentimentos do príncipe Oliver.

Seraphima sorri alegremente e estica-se para puxar *Frump* para o seu colo.

— Acho que sempre o soube — diz, timidamente.

— Há mais alguma pergunta? — inquiri.

Socks bate no chão com um dos seus cascos para chamar a minha atenção.

— Sim, *Socks*?

— Oliver, quando dizes que eu sou um poderoso corcel nesta nova versão... isso significa que poderei ser um pouco mais magro?

— És o mais belo cavalo do reino — digo. — És o cavalo que todos os outros cavalos aspiram ser.

Ele relincha e agita a crina, encantado.

Pyro ergue um braço atarracado.

— Só não estou certo... Qual é a minha *motivação*?

— Queres canalizar toda a dor e raiva que sentiste por teres sido erradamente visto como uma besta destrutiva e aplicá-la ao teu desempenho — sugiro.

O dragão dá um soluço.

— Posso trabalhar com isso.

— Ótimo! — Bato as palmas. — Então, se estamos todos prontos, porque é que não nos separamos e vamos ensaiar, para estarmos todos prontos, quando o livro se voltar a abrir...

— Só um momento. — Rapsclullio levanta-se, alto e ominoso, o cabelo preto caindo sobre a testa e lançando uma sombra sobre a cicatriz. — O que é que te acontece a *ti*, Oliver?

Sorrio.

— Bem, acho que deixo o livro e vivo feliz para sempre.

— Mas serás do mesmo tamanho no Outro Mundo que eras neste? — pergunta Ember. — Nesse caso serás tão pequeno como uma fada.

— Vais parecer-te com eles ou serás achatado? — entoa Walleye.

O meu estômago anda às voltas. Na verdade, não sei as respostas. Não saberei enquanto não virmos se isto funciona.

— Suponho que é tudo um mistério — responde. — Dir-vos-ei quando lá chegar.

Ouçó um suave latido e viro-me para descobrir *Frump* a aclarar a garganta.

— Podemos visitar-te? — pergunta baixinho.

Fixo o olhar do meu melhor amigo. Nem consigo imaginar que não voltarei a vê-lo.

— Não tenho a certeza — digo, com sinceridade. Ele baixa o focinho, dececionado, e eu avanço para lhe fazer uma festa entre as orelhas e o confortar, mas antes que consiga, Seraphima estende a mão e afaga-lhe as costas. Uma coisa eu sei: *Frump* ficará em boas mãos.

De súbito a areia começa a saltar e a girar, à medida que os limites da praia se curvam.

— Aos vossos lugares! — ladra *Frump*. — Todos!

Caio, página após página, estacando abruptamente contra o chão de pedra do castelo.

Ergo a cabeça a tempo de ver a rainha Maureen a chocar contra o trono com tanta força que a coroa sai disparada. *Frump* apanha-a entre os dentes como se fosse um *frisbee*.

– Majestade – diz, devolvendo-a.

A história começa como sempre, comigo a dizer à minha mãe que vou partir em busca do meu verdadeiro amor. A diferença é que, desta vez, o meu verdadeiro amor não está à minha espera na Praia da Eternidade. Está muito mais longe.

– Deseja-me sorte – murmuro baixinho, esperando que Delilah esteja a ouvir, e digo as minhas falas.

Durante a hora seguinte percorro as páginas: sendo atacado pelas fadas, caindo para o oceano para ser capturado pelas sereias, enganando os *trolls*. Sou raptado pelo capitão Crabbe, luto contra *Pyro* e visito Orville para descobrir a localização de Seraphima. As outras personagens também representam os seus papéis. Estou particularmente impressionado com *Socks*, que se apresenta subitamente como um corcel branco, que bate os cascos e resfolega. É como se a sua nova confiança tivesse sido suficiente para o fazer crescer quase trinta centímetros em altura. Pelo canto do olho, vejo Seraphima dirigir olhares apaixonados a *Frump* depois de cada uma das nossas cenas juntos.

A certa altura, como sempre, escalo a parede rochosa – mas aí, paro e faço um discurso.

Enquanto estava a escrever a nova história, Delilah percebeu que continuava a precisar de um lugar onde eu estivesse só, para que pudesse encontrar-me sempre numa determinada página, se necessário. Mas agora, em vez de trepar a parede rochosa, na página 43, falo sobre Delilah. Sobre a rapariga que, contra todas as probabilidades, reparou que sou real.

E depois, sem que me aperceba, estamos todos reunidos na última ilustração na Praia da Eternidade. Lá estou eu, com *Frump* ao meu lado, uma aliança presa à coleira. Lá está Seraphima, percorrendo o corredor de conchas esmagadas. Mas desta vez não beijo a noiva.

– Oponho-me – digo, pronunciando a minha nova fala.

O capitão Crabbe, que está a officiar o casamento, ergue os olhos.

– Não creio que te possas opor ao teu próprio casamento, filho.

– Posso, se este não for o meu verdadeiro amor – respondo.

– Também eu me oponho – anuncia Seraphima. – Estou apaixonada por outra pessoa. – Baixa os olhos para *Frump*. – Por outro ser.

Ela inclina-se e deposita um beijo no focinho ligeiramente húmido de *Frump*.

Há uma chuva de centelhas e, perante os nossos olhos, *Frump* transforma-se, de novo, num ser humano. Um ser humano vestido, desta vez. Quando Delilah escreveu a cena, assegurei-me de que assim era.

Frump tateia os braços e as pernas e dirige-me o mais largo dos sorrisos.

– O amor verdadeiro – diz – pode quebrar até a mais poderosa maldição.

O facto de *Frump* se ter transformado significa que o livro está a permitir algumas das alterações que fizemos. Só posso esperar que isso seja um sinal do que está para vir. Esta é a lacuna que temos de aproveitar: não estamos a mudar a história, estamos a acrescentar algo a ela. Não há nada a ser reparado, apenas algo mais a ser feito pelas suas personagens.

Pego na mão de Seraphima e pouso-a cuidadosamente na de *Frump*.

– Não gostaria que passasses ao lado de uma vida de amor mais do que tu gostarias que isso me acontecesse a mim – digo-lhe. – Todos merecem um final feliz... e o meu está algures fora destas páginas.



Li o último parágrafo de Delilah uma dúzia de vezes; sei-o de cor. Por isso começo a andar. Um pé à frente do outro, percorrendo a praia, ao longo da beira da água. As sereias acenam, mas não olho para elas. Tenho medo de que, ao fazê-lo, comece a sentir a falta de todos aqueles que terei de deixar para trás.

Aproximo-me da beira da ilustração, da parte onde as cores se fundem com o espaço em branco. Inspirando fundo, salto.

E bato com o rosto em algo duro, firme e inabalável.
Por um instante, tudo o que consigo ver são estrelas prateadas e espaço branco.
Sinto algo a lamber-me o rosto e ergo os olhos para *Frumpp*, que de novo assumiu a forma de um cão. Depois a voz de Seraphima flutua por cima de mim.
– Oliver? – diz ela. – Talvez este livro não te queira deixar partir.

Estamos na página 43. Bem, estamos em lados diferentes dela. Delilah pousou o livro contra a sua almofada e falamos na escuridão.

Uma vez que se tornou claro que o nosso plano mais recente também não ia funcionar, Delilah despediu-se educadamente de Edgar e levou o livro para o quarto de hóspedes. Ela conseguiu não chorar até estarmos sós, mas desde então que não para.

– Está tudo bem – tendo dizer-lhe, mentindo. – Não é assim tão mau.
– Tu odeias estar aí – soluça. – E eu não suporto estar aqui sem ti.
Estendo um braço para ela, tentando recordar-me da sensação de lhe segurar a mão, de percorrer as estradas do reino.
– Estarei aqui, sempre que precisares de mim – digo. – Acho que ficou bastante claro que não irei a lado nenhum.

Afinal, há algo ainda pior do que não estar com a pessoa que amamos quando estamos felizes: não sermos capazes de a confortar quando ela está triste.
– Delilah Eve McPhee – digo –, mesmo que nunca deixe estas páginas... faria tudo isto mil vezes, só para te poder conhecer.
– Oh, Oliver – suspira ela. – Também te amo.

Delilah adormece com o livro aberto, o que significa que posso olhar para ela. Poderão pensar que não há nada de muito interessante em ver alguém a dormir, mas isso provavelmente significa que nunca conheceram a rapariga dos vossos sonhos. A sua respiração agita uma madeixa de cabelo que lhe caiu à frente do rosto. Por vezes ela agarra a almofada e suspira.

Agora que sei que não poderei estar com ela para sempre, não quero desperdiçar os minutos que tenho. Por isso não fechei os olhos para descansar. Temo que, se o fizer, ela possa desaparecer.

É por isso que estou acordado quando a porta do quarto onde Delilah dorme se abre ligeiramente. Levanto-me de um salto, agarrando-me à parede rochosa como é suposto agarrar-me na página 43, quando o livro está aberto. Mas o rosto que espreita para mim é um rosto que reconheço.

– *Chiu* – diz Edgar e ergue cuidadosamente o conto de fadas das mãos adormecidas de Delilah.

Começo a entrar em pânico. E se ele veio destruir a história? Por sua própria admissão, nunca gostou da história. E se estiver com ciúmes e quiser Delilah para si mesmo? E se for sonâmbulo e me deitar fora com o lixo?

Mas em vez disso, Edgar leva-me para o seu próprio quarto e fecha a porta. Senta-se na

cama e dobra os joelhos, pousando o livro contra as pernas, para que eu o consiga ver enquanto fala comigo.

– Eu sei porque é que não funcionou – diz. – Não podes tirar uma personagem da história. Sempre que o livro voltar a ser aberto, esta regressará ao ponto de partida. Aquilo de que precisas, aquilo de que a *história* precisa, não é de uma escapatória, mas de uma reviravolta no final.

Abano a cabeça.

– Não vejo de que servirá, se significa que continuo aqui preso...

– Mas e se não fosses tu? – diz Edgar. – E se tivesses contado a história errada? E se, no final, todos descobrirem que, afinal, não passavas de um impostor?

– Não era um príncipe? – pergunto.

– Nem sequer és o Oliver – diz ele. – Apenas alguém que se parece, bem, muitíssimo com ele.

O choque deixa-me momentaneamente em silêncio.

– Farias isso? Por nós?

– Não, mas fá-lo-ia por mim – diz Edgar. – Nem fazes ideia de como somos realmente parecidos. Estamos ambos presos a mundos aos quais não pertencemos. Ambos perdemos os nossos pais. Ambos desejamos poder ser alguém que não somos. Trocaria de lugar contigo num abrir e fechar de olhos.

Porém, se aprendi alguma coisa, foi que dizer adeus às pessoas que amamos não é fácil. E quando desenhei Delilah no livro, ela estava desesperada para regressar para casa, para junto da mãe. Eu nunca tive mãe mas, se tivesse tido, não me imagino a deixá-la para trás, para sempre.

– E a tua mãe? – pergunto-lhe.

– Ela criou todas estas personagens. Estará a toda a minha volta. Além disso, ela sempre quis um filho como tu. E, afinal de contas, se eu te consigo ouvir, de certeza que tu *me* conseguirás ouvir. Se eu quiser sair, arranjarei maneira de to fazer saber. – Ele encolhe os ombros. – O que é que tens a perder, Oliver? Por uma vez, ficas com a rapariga certa e, por uma vez, poderei ser um herói.

Ele ergue uma pilha de papéis em que não tinha reparado antes. Só agora reparo em como os seus olhos estão vermelhos, em como Edgar parece cansado. O que quer que tenha estado a fazer, passou a noite acordado.

– Não sou grande escritor – diz ele –, mas esta é uma história que eu seria capaz de viver.

Quem me dera poder apertar-lhe a mão. Quem me dera poder agradecer-lhe convenientemente. Isto poderá não funcionar, mas vale a pena tentar. Erguendo o rosto aceno a Edgar.

– Bem – digo. – Vamos ouvi-la.

DELILAH

Quando acordo, não faço ideia de onde estou.

Os lençóis não são os da minha cama em casa; as paredes do quarto estão pintadas de uma cor diferente. Não consigo ouvir a minha mãe a cantar desafinada, enquanto frita o *bacon* no andar de baixo, na cozinha.

Depois, as recordações assaltam-me em torrente.

Ter fugido de casa.

Ficar de castigo até morrer.

Jessamyn Jacobs.

Edgar.

A história revista.

O falhanço é como um murro no estômago. Tudo aquilo que me espera, hoje, são quatro horas de *Em que diabo estavas tu a pensar?* da minha mãe, durante uma longa e dolorosa viagem de carro de regresso a casa, e a certeza de que encontrei, finalmente, alguém que compreende quem sou e gosta de mim por isso — apenas para constatar que não passa de uma criação da minha imaginação.

Tapo a cabeça com a coberta, desejando não ter acordado. Pelo menos nos meus sonhos posso estar com Oliver.

Oliver.

Tateio por baixo das almofadas, mas o livro desapareceu. Saltando da cama, olho para debaixo da sua estrutura e para cima da cómoda. Arranco os cobertores e os lençóis. Eu sei que adormeci com o livro nos braços. Sei que sim.

— Onde é que *ele* está? — murmuro, e nesse momento batem à porta.

Esta abre-se e Edgar surge do outro lado, com o livro na mão.

— Estás à procura disto? — pergunta, sorrindo.

— Sim! — Arranco-lho das mãos, furiosa. — Não devias roubar as coisas das outras pessoas.

— Bem, tecnicamente não é teu, pois não? Roubaste-o à biblioteca da escola.

— Sou a única pessoa que alguma vez o requisitou na... — Paro, semicerrando os olhos. —

Como é que *tu* sabes isso?

— Porque ouço — diz Edgar, aproximando-se. Tira-me o livro e pousa-o na cama, depois segura-me nas mãos. — Ouço tudo o que tu dizes, Delilah.

Ele olha-me como se conseguisse ver através de mim e isso é assustador, porque se trata de Edgar, afinal de contas — o Edgar, que se tranca no quarto a jogar computador o dia todo. Só que os seus olhos estão diferentes, não sei bem como descrevê-lo, mas parecem mais suaves. Mais sábios. E talvez um pouco espantados.

— Delilah — sussurra. — Sou *eu*.

— Claro que és tu, Edgar. Quem mais poderia ser?

— O Oliver. *Resultou*, Delilah. Resultou, de facto. — Ele sorri e por um momento quase acredito nele. A maneira como a sua boca se ergue de um dos lados. A maneira como a sua voz apresenta um ligeiríssimo toque de pronúncia britânica.

Mas *não* resultou. Eu vi com os meus próprios olhos. Dou um passo atrás, abanando a cabeça.

— Posso prová-lo — diz Edgar, e pega no livro. Segurando uma página com dois dedos, desliza a palma pela ponta afiada da folha, dando a si mesmo um corte de papel com pouco mais de dois centímetros.

— Para com isso! — Agarro-lhe na mão, mas é demasiado tarde. O livro volta a cair na cama, fechado, quando viro a palma da mão para ver a profundidade do corte.

Está a sangrar, mas o sangue não é vermelho.

É negro como tinta.





PÁGINA 60

Mergulhando na direção dos mares revoltos, o príncipe Oliver fechou os olhos e preparou-se para morrer. O vento e a espuma fustigavam-lhe o rosto; os farrapos do vestido de Seraphima voavam atrás dele como uma bandeira. Ouviu o grito de Rapsclullo e soube que o seu próprio momento de impacto estava a poucos segundos.

Enquanto caía, a corrente em redor do seu pescoço libertou-se, flutuando delicadamente para cima, sobre a sua cabeça. A bússola do pai. Oliver estendeu a mão, envolvendo firmemente o pequeno disco com os dedos, desejando nesse momento possuir nem que fosse um grama ou dois da bravura lendária do pai.

A dobradiça de cobre abriu e a agulha da bússola girou loucamente. Com o seu último suspiro na Terra, Oliver pensou na sua casa.

O mundo tornou-se, de súbito, ofuscantemente branco. Oliver encolheu-se, enquanto a sua visão regressava, lentamente.

Já não estava a cair. Não se encontrava feito em pedaços sobre as rochas afiadas e as ondas encapeladas. Em vez disso, estava inteiro e em segurança, envolto pelos braços de Seraphima.

E, nesse momento, Oliver compreendeu que a casa não é um lugar, mas antes as pessoas que nos amam.

O que significa, claro, que o príncipe Oliver e a rapariga que adorava viveram felizes para sempre.

OLIVER

Consigo perceber o instante em que ela passa a acreditar em mim, todo o seu rosto se altera, como o céu depois de uma tempestade, aberto às possibilidades.

– Mas o Edgar...? – diz ela.

– A ideia foi dele – conto-lhe. Desta feita, sou eu quem abre o livro. Parece estranho, como se, de súbito, me tivesse sido conferido um poder fenomenal.

A história abre-se na ilustração da última página. Todas as personagens estão reunidas na Praia da Eternidade, mas há algumas mudanças significativas. Por exemplo, Seraphima enverga uma armadura galáctica justa. Frump – agora humano – empunha um raio laser. E erguendo-se no meio da desordem está alguém que se parece muito com o príncipe Oliver, segurando uma espada numa mão e a cabeça cortada do poderoso Zorg na outra.

– *Que sorte tiveram em ter descoberto que o intruso que vivera entre eles nunca fora, na verdade, um príncipe real, mas sim um experiente soldado do futuro* – lê Delilah em voz alta. – *Depois de o último Galactóide do planeta Zugon ter sido despachado pelos guerrilheiros do reino, Edgar brandiu a sua espada e num só golpe poderoso derrubou o monstruoso Zorg.* «Vitória!», gritou.

Tenho quase a certeza de que tanto eu quanto Delilah vemos Edgar a piscar-nos o olho.

Gentilmente, fecho o livro, imaginando Frump a gritar «Corta!», enquanto todos sorriem e se felicitam uns aos outros por um trabalho bem feito.

– Engraçado – diz ela –, não era bem assim que me lembrava da história.

– Oh, a sério? – Entrelaço os dedos atrás das costas dela e puxo-a para mais perto. – Como é que te lembras dela?

– Algo assim – diz Delilah, e ergue-se em bicos de pés para me beijar.

Ela tem razão. É assim mesmo que o conto de fadas se devia desenrolar. Só que desta vez, quando olho de relance para cima, não vejo a palavra FIM escrita sobre a minha cabeça.

Acho que é porque isto é apenas o início.





Agradecimentos

Tal como é preciso todo um elenco de personagens nos bastidores para dar vida a um conto de fadas sempre que um leitor abre um livro, houve um grande número de pessoas que nos ajudaram a criar esta história. Gostaríamos de agradecer a todos na Emily Bestler Books e Simon Pulse, que ficaram tão entusiasmados com *Entre as Linhas* como nós: Kate Cetrulo, Caroline Porter, Judith Curr, Carolyn Reidy, David Brown, Ariele Fredman, Mellony Torres, Jon Anderson, Bethany Buck, Mara Anastas, Michael Strother, Lucille Rettino, Sooji Kim, Carolyn Swerdloff, Dawn Ryan, Lauren Firté, Jessica Handelman, Mike Rosamilia, Russel Gordon, Julie Doebler, Paul Chrichton, Nicole Russo, Michelle Fadlalla, Laura Antonacci, e Venessa Williams. Obrigada ainda a Camille McDuffie e Kathleen Carter Zrelak pela sua ajuda a espalhar a palavra!

Um agradecimento especial a Emily Bestler e Jen Klonsky, por nos terem ajudado a definir melhor o nosso mundo imaginário e por concordarem quando quisemos criar um produto um pouco «fora da caixa» para um romance destinado ao público jovem adulto. Neste mundo em constante mudança de romances eletrónicos, quisemos criar uma história que fosse uma recordação — uma história que pudesse ser passada aos filhos, devido à sua beleza e ao seu *design* — à semelhança do conto de fadas na história de Delilah. Tal como esses belíssimos livros de fotografia do virar do século com imagens a cores de Arthur Rackham, queríamos um romance capaz de tirar o fôlego ao leitor. Graças ao entusiástico apoio de Emily e de Jen, conseguimos isso mesmo.

Razão pela qual também temos de agradecer a Yvonne Gilbert, que deu vida ao nosso elegante príncipe, e a Scott M. Fischer, cujas silhuetas nos continuam a espantar. Muito simplesmente, deixaram-nos espantadas com a vossa visão e a vossa paixão por este projeto.

Obrigada, ainda, a Laura Goss, que nos encorajou a pegar na ideia de Sammy e a dar-lhe seguimento; e a Tim van Leer e Jane Picoult, que leram os primeiros rascunhos e riram nos momentos certos.

Por fim, queremos agradecer a todos os leitores dos livros de Jodi, que há anos lhe pedem uma

história que lhes permita apresentar a leitura aos filhos — alguns dos quais eram demasiado jovens para compreender as questões levantadas nos seus romances para adultos. Esperamos que gostem de partilhar este livro com os vossos filhos, tanto quanto nós gostámos de trabalhar em conjunto para o criar.